FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MARCOS DE AZEVEDO ACAYABA

TESE DE DOUTORAMENTO

PROJETO, PESQUISA, CONSTRUÇÃO.

VOL. III — PUBLICAÇÕES 1968 - 2001

SÃO PAULO
2004

FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

MARCOS DE AZEVEDO ACAYABA

TESE DE DOUTORAMENTO

PROJETO, PESQUISA, CONSTRUÇÃO.

VOL.III – PUBLICAÇÕES 1968 - 2001

SÃO PAULO
2004

Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Biblioteca
USP

SECRETARIA da Agricultura. *Jornal do Instituto de Arquitetos do Brasil*, São Paulo, dez. 1968. 1

CONCURSO para a Secretaria da Agricultura: 1º Prêmio. *Acrópole*, São Paulo, n.357, p.18-21, dez. 1968. 2-3

UM ESTUDO, Federação Paulista de Judô. *Folha de São Paulo*. São Paulo, 28 jun. 1971. Seção Artes, p.17.

EST-CE un signe de notre temps? *Architecture mouvement continuité*, Paris, n.23, p.28, nov. 1971.

HARAS Pindorama, todo novidade. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 5 abr. 1973. p.37.

SERGIO motiva a família e nasce o Haras Pindorama. *Turf e Fomento*, São Paulo, p.108-13, mar./abr. 1975.

COLÉGIO de Pesca traz novo conceito de escola. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.1429, p.6-8, 30 jun. 1975.

EM FORMA de elipse, ampla e original. *Casa Claúdia*, São Paulo, n.185, p.16-9, fev./mar. 1977. 4-5

LAREIRAS. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.267, p.94: 97, abr. 1977.

SEPLAN premia anteprojetos de escritórios regionais. *Arquiteto*, São Paulo, n.37, p.17, jul. 1977.

INTEGRAÇÃO da arquitetura com o exterior. *Casa Claúdia*, São Paulo, n.194, p.40, nov. 1977.

LAREIRAS. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.282, p.74, jul. 1978.

A NATUREZA como fator preponderante. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.282, p.84-9, jul. 1978. 6-8

ACAYABA, Marcos. Depoimento: construir, habitar, é ser, existir. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.283, p.114, ago. 1978. 9

PROJETO padrão para um lote de 12x30. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.284, p.116-20, set. 1978. 10-12

BANHEIROS. *Casa Vogue*, São Paulo, n.5, p.35, maio 1979.

PISCINAS que têm casas: aqui, todos os espaços debruçam-se sobre a piscina. *Casa Vogue*, São Paulo, n.7, p.136-8, jul. 1979. 13-14

OS MALZONI entre o mangalarga e o puro-sangue. *Hippus*, São Paulo, n.3, p.20-3, nov. 1979.

QUANDO a casa exótica é a mais racional. *City News*, São Paulo, 18 nov. 1979. p.44.

CENTRO Cultural Esportivo Aricanduva. *Projeto*, São Paulo, n.22, p.56-8, ago. 1980. 15-16

NA CIDADE, uma casa voltada para o sol. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.314, p.80-6, mar. 1981.

AQUI, o futuro do Anhangabaú. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 9 jun. 1981. p.26.

EM UM ANO e meio o novo Anhangabaú. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 10 jun. 1981.

OS PROJETOS de reurbanização do Anhangabaú, expostos no Masp. *Jornal da Tarde*, São Paulo, jun. 1981.

EIS O FUTURO. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 10 jun. 1981. p.13.

ANHANGABAÚ: uma conquista dos arquitetos e da população. *Projeto*, São Paulo, n.30, jun. 1981.

VALE do Anhangabaú: os critérios do julgamento na ata. *Jornal do IAB/SP*, São Paulo, n.8, jun. 1981.

MARTINO, Telmo. Espetáculo roubado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 ago. 1981.

UMA GALERIA em busca da atmosfera perdida. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1981.

QUEM. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, ago. 1981. Revista de Domingo, n.282.

GALERIA em novo estilo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 20 ago. 1981. 17

VALE do Anhangabaú. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.1755, p.20-1, 28 set. 1981. 18-21

EIN DACH-SCHÜTZEND wie die haut. *Architektur & Wohnen*, Hamburg, n.3, p.5-11; 58, sept. 1981. 22

ACAYABA, Marlene Milan; FICHER, Sylvia. BRAZIL. In: SANDERSON, Warren. *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture*. Connecticut, Greenwood Press, 1981. p.161. 23-24

FAÇA do escritório um ambiente muito agradável. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.325, p.90-1, fev. 1982.

MARCOS Acayaba: a economia dos custos. *Módulo*, São Paulo, n.71, p.42-4, jun. 1982. 25

MARTINO, Telmo. Arte final. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 27 ago. 1982.

"A CHORUS Line", o mais ousado projeto de Clark. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 out. 1982. Ilustrada, p.41.

CLARK produzirá "A chorus line" (e constrói um teatro faraônico). *Folha da Tarde*, São Paulo, 2 nov. 1982. Ilustrada, p.16.

CLARK Comunicações: TV não, teatro. *Senhor*, São Paulo, n.87, p.56-60, 17 nov. 1982.

RESIDÊNCIA do arquiteto. In: FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura Moderna Brasileira*. São Paulo, Projeto, 1982. p.60-1. 26

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.1837, p.17, 25 abr. 1983.

RESIDÊNCIA do arquiteto. In: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura Moderna Paulistana*. São Paulo, Pini, 1983. p.176. 27

MARCOS Acayaba. In: *Arquitetura Brasileira Atual*. São Paulo, Projeto, 1983. p.79; 124. 28

ARQUITETURA brasileira atual: edifícios culturais, esportivos e institucionais. *Projeto*, São Paulo, n.53, p.106-7, jul. 1983.

GALERIA São Paulo. *Boletim do Instituto de Arquitetos do Brasil*, São Paulo, set. 1983. 29-30

DEPOIMENTO: Marcos Acayaba. *Interview*, São Paulo, n.72, p.82, maio 1984.

UM REFÚGIO à beira-mar. *Playboy*, São Paulo, n.110, p.3; 64-7, set. 1984. 31-32

UM REFÚGIO à beira-mar. *Bom Dia*, São Conrado, n.91, p.1, set. 1984.

ZEIN, Ruth Verde. Residências brasileiras, depois do laboratório. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.49-52, mar. 1985. 33-34

RESIDÊNCIAS 1980, 1981, 1982. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.53-6, mar. 1985. 35-37

PAVILHÃO Pindorama. *Projeto*, São Paulo, n.75, p.43-6, abr. 1985.

ANTICIPAMOS los 13 premios otorgados. *Clarin*, Buenos Aires, 24 maio 1985. p.1.

UMA PREMIAÇÃO internacional para nossa arquitetura. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 6 jun. 1985. p.15.

BIENAL argentina premia dois arquitetos brasileiros. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 8 jun. 1985. p.21.

VITÓRIA brasileira na bienal da Argentina. *Jornal da Semana*, São Paulo, 9 jun. 1985.

ACAYABA, Marlene Milan. Dois arquitetos brasileiros premiados na bienal argentina. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 22 jun. 1985. Ilustrada, p.51.

SABBAG, Haifa Y. Prêmio da bienal de Buenos Aires para arquiteto brasileiro. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.1949, p.18-20, 17 jun. 1985.

SUGESTÕES e críticas para aperfeiçoar o evento. *Projeto*, São Paulo, n.77, p.47, jul. 1985.

ACAYABA, Marlene Milan. A premiação brasileira na bienal de Buenos Aires. *Projeto*, São Paulo, n.77, p.51-2, jul. 1985.

ESTICADA no pavilhão de jogos. *Playboy*, São Paulo, n.121, p.124-7, ago. 1985.

INTERIORES. *Around*, São Paulo, n.72, p.63, ago. 1985.

ACAYABA, Marlene Milan. A premiação brasileira na bienal de Buenos Aires. In: *Tendências Atuais da Arquitetura Brasileira. Vilanova Artigas 1915/1985.* São Paulo, Projeto, 1985. p.6-7. 38

ESPECIALISTAS discutem cor no projeto arquitetônico. *Projeto*, São Paulo, n.83, p.92-8, jan. 1986

SAMBA inaugurou mostra de Oiticica. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 fev. 1986. Ilustrada, p.35.

COLISEUM. *Projeto*, São Paulo, n.85, p.59, mar. 1986.

CAIXILHOS de aço: tendência atual. *Projeto*, São Paulo, n.85, mar. 1986. Suplemento/Esquadrias de aço: o que você deve conhecer sobre o produto, p.5.

GALERIA São Paulo, a partir de dois sobrados paulistanos. *Projeto*, São Paulo, n.88, p.60-1, jun. 1986. 39

O HOMEM - Marcos Acayaba. "Prancheta". *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.7, p.57-9, ago. 1986. 40-41

A BOA e simples arte de morar. *Status*, São Paulo, n.151, p.34-41, fev. 1987.

MUSEU das formas. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2034, p.6-10, 2 fev. 1987.

COUSIN, Jean Pierre. L'Apologie de la diversite. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, n.251, p.11-3, juin 1987.

PAVILLON Pindorama. *L'Architecture d'Aujourd'hui*, Paris, n.251, p.26-7, juin 1987. 42

MORAR diferente. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 14 jul. 1987. p.16.

RESIDÊNCIA Marcos Acayaba (1972-1975). In: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947-1975.* São Paulo, Projeto Editores, 1987. p.385-394. 43-47

ACAYABA. In: *Arquitetos Brasileiros*. São Paulo, Pini, out. 1987. p.22-3. 48

ZEIN, Ruth Verde. O futuro do passado, ou as tendências atuais. *Projeto*, São Paulo, n.104, p.87-114, out. 1987.

ARQUITETOS brasileiros em Paris. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.14, p.10, out./nov. 1987.

RESIDÊNCIA do arquiteto. *Bulletin d'Informations Architecturales*, Paris, Supplement n.116, p.14-5, nov. 1987. 49

LAR, doce lar: as casas que os arquitetos projetaram para si mesmos exibem mil e uma surpresas. *Veja São Paulo*, São Paulo, p.22-8, 24 fev. 1988.

O CENTRO de espetáculo C e DP II. *Jornal A Tribuna do Parque*, São Paulo, n.3, mar. 1988. p.4.

TRADIÇÃO: uma característica dos revestimentos externos. *Projeto*, São Paulo, n.110, p.156, maio 1988.

CASA em terreno urbano com 12m de frente. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.4, p.70-5, jun. 1988. 50-52

UMA EXPLOSÃO, com muita arte. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 9 ago. 1988. Artes e Espetáculos, p.20.

ACONTECE no fim de semana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 ago. 1988. Ilustrada, p.E-8.

ARQUITETOS brasileiros participam de exposição na Alemanha Ocidental. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 6 nov. 1988. Cidades, p.C-2.

RESIDÊNCIA no Morumbi. *Projeto*, São Paulo, n.117, p.D-25, dez. 1988.

RESIDÊNCIA no Morumbi. In: SEGAWA, Hugo. *Arquiteturas no Brasil/Anos 80*. São Paulo, Projeto, 1988. p.D-25.

ARQUITETOS brasileiros expõem na Europa. *Hoje na Construção*, São Paulo, p.1, 13 jan. 1989.

VENTILAÇÃO natural depende do projeto de arquitetura. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 fev. 1989. Imóveis, p.1-6.

ISHII, Sakae. Espaços vazios no paisagismo. *Projeto*, São Paulo, n.119, p.108-10, mar. 1989. ..... **53-54**

BIENAL internacional de arquitetura de Buenos Aires. *Projeto*, São Paulo, n.119, p.120-1, mar. 1989.

TEORIA e prática se misturam nas casas dos arquitetos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 abr. 1989. Imóveis, p.1-2.

A MARCA de cada um. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 abr. 1989. Revista d', p.29.

BOM gosto e harmonia dão o tom desse empreendimento exclusivo. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 25 jun. 1989. Imóveis, p.52.

BOM gosto e harmonia em 4 suítes e 4 vagas. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 2 jul. 1989. Imóveis, p.44.

GENTILEZA urbana. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 set. 1989. Revista d', p.3; 22-5.

O SÉCULO XXIV nas margens do rio Pinheiros. *Investigação São Paulo*, São Paulo, Galeria São Paulo, p.97-110, 1989. ..... **55-62**

ARQUITETURA das galerias. *Arte em São Paulo*, São Paulo, n.37, p.8-9, 1989.

TRALHAS urbanas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 set. 1989. Revista d', p.20-7.

ITALIANO defende recriação e ataca o funcionalismo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 7 nov. 1989. Ilustrada, p.F-10.

LINHAS retas em materiais aparentes. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.1, p.62-5, jan. 1990. ..... **63-64**

ESCULTURA ao sol. *Casa de Fazenda*, São Paulo, n.1, p.68-75, 1990. ..... **65-68**

CONSTRUTORA levanta centro empresarial com seis torres, "flat" e hotel 5 estrelas. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 11 fev. 1990. Imóveis, p.1-2.

CASA no Jardim Vitória-Régia. *Projeto*, São Paulo, n.134, p.65-7, maio 1990. ..... **69-70**

A INSPIRAÇÃO vem do oriente. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.7, p.66-73, jul. 1990.

REFLETINDO o azul do céu e do mar. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.8, p.40-53, ago. 1990. ..... **71-77**

TORRE São Paulo. São Paulo, *Método*. 1990.

PROJETO leva a personalização ao seu limite. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 2 set. 1990. Imóveis, p.1-4.

VOCÊ não vai encontrar um apartamento igual a esse em lugar nenhum. Nem no andar de cima. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 set. 1990. p.C-6-7.

UM EMPREENDIMENTO assinado por onze dos maiores arquitetos brasileiros com jardins de Burle Marx e engenharia da Método. Você tem dúvida de que vai valorizar? *Folha de São Paulo*, São Paulo, 21 set. 1990. p.A-9.

SONHO do Municipal é quase projeto. *Jornal da Cidade*, Bauru, 14 out. 1990. p.7.

ALGUNS dos maiores nomes da nossa arquitetura se reuniram para projetar um prédio. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 16 out. 1990. p.A-15.

TORRE São Paulo: projeto pluralista. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo. n.32, p.20-2, out./nov. 1990.

SURGE o pós paulistismo. *O Estado de São Paulo*. São Paulo. 13 dez. 1990. Cola-Caderno Vestibular. n.13, p.4-6.

A FILOSOFIA da Método. *Pequenas Empresas, Grandes Negócios*, São Paulo, n.23, p.20-2, dez. 1990.

EDIFÍCIOS-PONTE. In: *Projeto Tietê. Documento IAB/SP*. São Paulo, Pinl, dez. 1990. p.31. 78

OS VENCEDORES da premiação nacional 91. *Arquitetura-IAB 70 anos*, Rio de Janeiro, p.13-25, 1991. 79-82

PRÊMIO para casa na encosta. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 13 jan. 1991. p.7. 83

PASCOWITCH, Joyce. Entrelinhas. *Folha de São Paulo*. São Paulo. 18 jan. 1991. Ilustrada, p.E-2.

CASA em pirâmide vira atração em SP. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jan. 1991. Cidades, p.18. 84

OUSADIA em concreto: projetos cheios de inovação ganham prêmios. *Veja São Paulo*, São Paulo, p.8-9, 30 jan. 1991. 85

SEGAWA, Hugo. Pavilhão do Brasil em Sevilha: deu em vão. *Projeto*, São Paulo, n.138, p.34-9, fev. 1991.

EXPO 92: Projeto Brasileiro. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.34, p.15, fev./mar. 1991.

MOSTRA reúne obras de arquitetos que criam design e que pintam. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 26 mar. 1991. Ilustrada, p.5-3.

A POLÊMICA de Sevilha e os premiados no concurso do pavilhão do Brasil. *Projeto*, São Paulo, n.139, p.62-77, mar. 1991. 86

TENDÊNCIA "clean" deve atravessar a década. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 abr. 1991. Cotidiano, p.4-7.

SEJA precavido ao comprar terreno para construção. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 5 maio 1991. p.9-8.

PAVILHÃO do Brasil: abrindo o jogo. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.35, p.62-5, abr./maio 1991.

AZEVEDO, Ricardo Marques de. Futuro passado. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.35, p.76-9, abr./maio 1991.

DENTRO da casa, o sonho realizado. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 19 maio 1991. Suplemento Feminino, p.12-8.

LINHAS rústicas para a cidade. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.5, p.70-5, jun. 1991. 87-89

PRÉDIO-PONTE pode valorizar marginais. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 jul. 1991. Cidades, p.22. 90

ESTRUTURA em madeira: três partidos. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.36, p.27-33, jun./jul. 1991. 91-94

PAZ e harmonia brindam a natureza. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.7, p.2; 28-37, ago. 1991.

EDITORIA Caramelo. ACAYABA. (Entrevista c/ Arq. Marcos Acayaba). *Caramelo*, São Paulo, FAU USP, n.3, p.6-13, out. 1991. 95-100

SONHO possível: o Tietê salvo pela prancheta dos arquitetos. *Jornal da Tarde*, São Paulo, 29 out. 1991. p.32.

TRAÇO maior: o XIII Congresso Brasileiro de Arquitetos reúne 4,6 mil pessoas, premia profissionais expoentes e dá um show de atividades paralelas. *Construção São Paulo*, São Paulo, n. 2285, p.17-9, 25 nov. 1991. 101

RESIDÊNCIA Hugo Kovadloff. *Projeto*, São Paulo, n.147, p.54-7, nov. 1991. 102-103

A MADEIRA submetida a novas técnicas. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 15 jan. 1992. Construção, p.15.

MADEIRAS nas praias do Guarujá. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.40, p.14, fev./mar. 1992.

PASSARELA para o mar. ***Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.5, p.2; 36-49, maio 1992.** 104-110

ZURIQUE abre hoje festival sobre cultura brasileira. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 maio 1992. Ilustrada, p.4-8.

COZINHAS residenciais: projetos, opiniões e idéias. *Projeto*, São Paulo, n.152, p.80-4, maio 1992.

ARCHITEKTURFORUM, Neumarkt 15. *Brasil: Autoretrato/Brasilien: Selbstporträt.* Entdeckung Brasilien und Selbstentdeckung, Zurich, p.10, juni/juli 1992.

BRASILIEN-EIN architektonisches selbstporträt. *Neue Zuercher Zeitung*, Zurich, 10 juni 1992.

BRASILIANISCHE architektur. *Tages-Anzeiger*, Zurich, 11 juni 1992.

SPIEL mit formen und farben. *Buendner Zeitung*, Chur, 20 juni 1992.

BRASILEIROS em Zurique. *Projeto*, São Paulo, n.153, p.9, jun. 1992.

DESPOLUIÇÃO dará novo uso ao Tietê. *Shopping News*, São Paulo, 14 jun. 1992. Meio Ambiente, p.6.

PISCINAS residenciais: múltiplas opções em sistemas construtivos. *Projeto*, São Paulo, n.155, p.87-90, ago. 1992.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Residência em São Paulo. ***Architécti*, Lisboa, n.17, p.13-9, jan. 1993.** 111-114

VIDRO decora e controla ambiente na casa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 14 mar. 1993. Caderno de Negócios & Oportunidades, p.1.

ARCHITÉCTI. (Revista). *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.48, p.17, jun./jul. 1993.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Morada Paulista, revisitada. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.48, p.47, jun./jul. 1993.

INFORMÁTICA: a máquina de desenhar e o recurso de criação. *Projeto*, São Paulo, n.167, p.60-2, set. 1993.

OS PREMIADOS da 2ª BIA. *Projeto*, São Paulo, n.168, p.22, out. 1993.

CASAS do Brasil: arquitetura da construção. ***AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.50, p.40, out. 1993.** 115

PRÊMIO Vilanova Artigas. In: *Breve Histórico*. BAYEUX, Glória M.; THOMAZ, Dalva, coords. Casas de Artigas, São Paulo, Fundação Vilanova Artigas, 1993.

VIVIENDA unifamiliar en Jardim Vitória-Régia. In: BROWNE, E. et al. ***Casas Latinoamericanas/Latin American Houses*. México, Gustavo Gili, 1994. p.30-5.** 116-118

MARCOS Acayaba: en pendent/on a slope. ***Quaderns*, Barcelona, n.204, p.14-9, 1994.** 119-121

MARTELL, José M. Perez. Formes límit: formats limitats. *Quaderns*, Barcelona, n.204, p.30-9, 1994.

PUPPI, Lionello. La II biennale internazionale di architettura di São Paulo. ***Casabella*, Milano, n. 610, p.40-1, mar. 1994.** 122

IDENTIDADES a la deriva. *Arquitectura Viva*, Madrid, n.36, p.69, mayo/jun. 1994.

SANTOS, Cecília Rodrigues dos. Universidade Braz Cubas-Mogi das Cruzes: quando o concurso comanda o debate. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.54, p.74-8, jun./jul. 1994.

ZEIN, Ruth Verde. Da necessidade dos rótulos. *Projeto*, São Paulo, n.175, p.72-4, jun. 1994.

SEGAWA, Hugo. Voyeurismo: olhando a arquitetura. *Projeto*, São Paulo, n.176, p.64-71, jul. 1994.

SEGAWA, Hugo. Brasil em Frankfurt: a arquitetura brasileira na feira do livro. ***Projeto*, São Paulo, n.179, p.98, out. 1994.** 123

CONHEÇA as várias madeiras e seus múltiplos usos. *Design Interiores*, São Paulo, n.44, p.24-6, dez. 1994.

ARQUITETURA brasileira em Frankfurt. *AU-Arquitetura & Urbanismo*. São Paulo, n.59, p.37, abr./maio 1995.

PERFEITA sintonia. *Arquitetura & Construção*. São Paulo, n.5, p.34-43, maio 1995.

TENDÊNCIA. *Casa & Jardim*. São Paulo, n.491, p.26-8, dez. 1995.

ASSINATURA que vale a pena. *Vip Exame*, São Paulo, n.4, p.39, abr. 1996.

DESIGN. *Casa Vogue*, São Paulo, n.2, p.22, jun. 1996.

ARQUITETURA nas alturas. *Casa & Jardim*. São Paulo, n.497, p.80-3, jun. 1996.

SEGAWA, Hugo. As vertentes da invenção arquitetônica: arquiteturas da lógica, da beleza, onde nada sobra e nada falta. *Projeto-Design*, São Paulo, n.198, p.4; 28-39, jul. 1996. 124-129

BLOCOS vazados arejam a casa. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 24 nov. 1996. Caderno de Negócios & Oportunidades, p.N-1.

LIÇÕES da arquitetura. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2549, p.18, 16 dez. 1996.

ACAYABA, Marcos de A. In: *Dictionnaire de l'architecture du XXe siècle*. Paris, Hazan, 1996. p.6. 130

O VERÃO milionário nas supercasas do litoral paulista. *Veja São Paulo*, São Paulo, p.10-8, 8 jan. 1997.

FAZENDA Pindorama. In: PALMA, Alda (coord). *Casa de fazenda: 20 fazendas brasileiras em diversos estilos arquitetônicos*. São Paulo, Abril S.A., 1997. p.76-83.

SABBAG, Haifa Y. Casa Valentim, Blumenau-SC/Paisagem como projeto. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.69, p.12; 47-52, dez./jan. 1997. 131-133

HÉLIO Olga House. In: CERVER, Francisco Asensio. *Houses*. Barcelona, Arco, 1997. p.148-159. 134-139

WOLF, José. Rumo ao Mercosul: a " Made in Brazil" consolida sua importância regional e estabelece uma nova rota de crescimento. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2568, p.16-7, 28 abr. 1997.

ESTRANHOS na sala: roteiro transforma casas em atrações turísticas. *Veja São Paulo*, São Paulo, p.8-12, 6 ago. 1997. 140-141

BRAZIL: country focus. *World Architecture*, London, n.59, p.46-52, sept. 1997. 142-143

INSTANCIAS para el debate/XI bienal de arquitectura. *Vivienda/Decoracion*, Santiago, p.16-7, 18 oct. 1997. 144

SEGAWA, Hugo. Veroordeeld tot modernitelt: recente architectuur in Brazilië. *Archis*, Rotterdam, n.11, p.72-9, nov. 1997 145

BRASIL vence bienal de arquitetura. *Jornal da Tarde*. São Paulo, 17 nov. 1997. SP Variedades, p.2C.

BIENAL premia trabalhos de 3 brasileiros. *O Estado de São Paulo*. São Paulo, 19 nov. 1997. Geral, p.A-14.

3ª BIENAL divulga seus premiados. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 dez. 1997. Ilustrada, p.4-8.

PREMIAÇÃO na bienal. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2600, p.6, dez. 1997.

CASA Hélio Olga. in: CERVER, Francisco Asensio. *Casas*. Barcelona, Arco, 1997. p.148-159.

EXPOSIÇÃO geral apresenta um painel da produção atual e situa a 3ª Bienal de Arquitetura em seu tempo. *Projeto-Design*, São Paulo, n.215, p.4; 30-7, dez. 1997. 146-147

HÉLIO Olga House. In: CERVER, Francisco Asensio. *House Details*. Barcelona, Arco, 1997. p.88-99. 148-153

HÉLIO Olga House. In: LOBELLO, Marino. *Brasil território, povo, trabalho, cultura*. São Paulo, Prêmio, 1997. p.202.

MARCOS Acayaba: projetos. In: Fundação Bienal de São Paulo. *3ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo.* São Paulo, Instituto de Arquitetos do Brasil, 1997. p.306-8. 154-155

RESIDÊNCIA no Guarujá: grande prêmio da 3ª Bienal. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.75, p.28-35, dez./jan. 1998. 156-159

ÍNDICE 1977-1997. *Projeto-Design*. São Paulo, n.216, p.1, jan. 1998.

APENAS três pilares sustentam a casa. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.5, p.10; 42-9, maio 1998. 160-163

FACHADAS de mestres: 10 casas consagradas. *Reformar & Construir*, São Paulo, n.2, p.26-31, maio 1998.

EIN TURM am hang von São Paulo. *Häuser*, Rotterdam, p.30-3, mai 1998. 164-165

ARQUITETURA. *Casa & Jardim*, São Paulo, p.38, jun. 1998

CASA Torre. *Abitare*, Milano, n.374, p.218-9, giug. 1998. 166

HECTOR Vigliecca vence concurso para o novo edifício da Fapesp. *Projeto-Design*, São Paulo, n.222, p.70-1, jul. 1998.

CONCURSO público: visão de arquitetos. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.78, p.26, jun./jul. 1998. 167

ARQUITETURA. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.523, p.42, ago. 1998. 168

UMA NOTA só: mercado imobiliário ganha mais um empreendimento ao ritmo das vilas de alto padrão, no baixo do Morumbi. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2634, p.26-7, 3 ago. 1998.

BRAZIL: growth is spreading from Rio and São Paulo to a second tier of cities. *Architectural Record*, New York, n.9, p.96-9, sept. 1998. 169

CASA no Guarujá. In: *Arquitectura e Ingeniería Civil. I Bienal Iberoamericana 1998.* Madrid, Electa, 1998. p.14-5. 170

ABITARE. (Revista). *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.80, p.18, out./nov. 1998.

FAU faz 50 anos e comemora fora da FAU. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3 nov. 1998. Ilustrada, p.3-4. 171

EXPOSIÇÃO celebra os 50 anos de idéias da FAU. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 3 nov. 1998. Caderno 2, p.D-2.

ALBUQUERQUE, Beatriz. História de arquiteturas. *Revista Bravo*, São Paulo, n.14, p.132-5, nov. 1998.

SANTORO, Francesco. La "curiositá" strutturale di Marcos Acayaba, architetto brasiliano. *L'Architettura*, Roma, n.517/518, p.652-76, nov./dic. 1998. 172-184

AOS 50 ANOS, o núcleo da escola paulista de arquitetura é notável centro de ensino, pesquisa teórica e debates. *Projeto-Design*, São Paulo, n.228, p.42-93, jan./fev. 1999. 185-188

REGULAMENTO da premiação IAB/SP. *Projeto-Design*, São Paulo, n.229, p.10, mar. 1999.

JARDIM escultórico. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.532, p.98-101, maio 1999.

PAULISTAS em Londres. *Projeto-Design*, São Paulo, n.231, p.8, maio 1999.

HENSEL, Michael; KUBOKAWA, Rumi. Building Brazil. Part 2: 1964-1999. *AA Files*, London, The Architectural Association, n.38, p.52-8, spring 1999. 189

E EM JOÃO PESSOA... *Jornal do IAB-PE*, Recife, n.42, nov./dez. 1999. p.6.

SEGRE, Roberto. *Habitat Latino-Americano/Fogo e sombra, opulência e precariedade.* Porto Alegre, Faculdade Ritter dos Reis, 1999. p.54-5. (Cadernos de Arquitetura Ritter dos Reis, 1). 190

VOLUMES pesados, com aberturas desconcertantes, configuram modelo para corredores comerciais. *Projeto-Design*, São Paulo, n.238, p.38-43, dez. 1999. 191-193

LINHA de frente: profissionais discutem na Paraíba os novos caminhos da arquitetura. *Construção Norte/Nordeste*, São Paulo, n.319, dez. 1999.

CARDOSO, Paula. Tgi: a metonimia na conclusão do curso. *Caramelo*, São Paulo. FAU USP, n.10, p.92-103, 1999.

4ª BIENAL. Prêmios/Concurso internacional. *Projeto-Design*, São Paulo, n.239, p.46-7, jan. 2000.

SE ESSA PRAIA fosse minha. *Veja São Paulo*, São Paulo, p.12-7, 2 fev. 2000.

ENGENHARIA e arquitetura na Paraíba. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.88, p.21, fev./mar. 2000.

PARA o bem ou para o mal, a Torre Pluralista não saiu do papel. *Projeto-Design*, São Paulo, n.241, p.114, mar. 2000.

NOTA. *Jornal do IAB-PE*, Recife, n.43, abr./maio 2000. p.8.

GLUSBERG, Jorge. Marcos Acayaba_São Paulo. In: CONSTANTINOPOULOS, Vivian, ed. *10 x 10*. London, Phaidon, 20[illegible]. 468p. p.16-9; 413; 445. 194-198

PAVILHÃO do Parque Estadual de Ilhabela. Texto disponível na Internet: *http://www.ponto.org/2/projetos.html* [03. ago. 00] 199

ESPAÇO Pacaembu: um projeto pouco usual. Texto disponível na Internet: *http://www.tecto.com.br/projetos/g_geral.asp?id=100&pgfoto=1* [03. ago. [illegible]] 200

EXHIBITIONS/ BRAZIL STILL BUILDS IV: recent residential projects. 20 April to May 1999. Texto disponível na Internet: *http://www.aaschool.ac.uk/oldsite/braz4exh.htm* [03. ago. 00] 201

RESIDÊNCIA Marcos Acayaba: preservando a Mata Atlântica. Texto disponível na Internet: *http://www.tecto.com.br/projetos/g_geral.asp?id=122&pgfoto=1* [04. ago. 00] 202

RESIDÊNCIA em terreno de topografia acidentada. Texto disponível na Internet: *http://www.tecto.com.br/projetos/g_geral.asp?id=513&pgfoto=1* [16. ago. [illegible]] 203

KANATA 2[illegible]. *¡Oh!*, Cochabamba, n.72, p.24-6, 20 ago. 20[illegible]. 204-205

RAWSTHORN, Alice. Angle Poise. *Financial Times*, London, July 1st 2[illegible]. The Business, p.32-5. 206-207

ENVIRONMENTAL Awareness. In: MELHUISH, Claire. *Modern House 2*. London, Phaidon, 2000. 240p. p.23-5. 208-212

CASAS brasileiras mostram diversidade de tendências. Anos 90/Residências Unifamiliares. *Projeto-Design*, São Paulo, n.251, p.122-23, jan. 2001. 213

VANGUARDA natural. *Gazeta Mercantil*, São Paulo, 22, 23 e 24 jun. 2001. p.1. 214

MARCOS Acayaba: desafio e autenticidade. Texto disponível na Internet: *http://www.tecto.com.br/content.asp?sec=&contid=15778* [11. abr. 01]. 215

UMA CARREIRA, duas fases. Texto disponível na Internet: *http://www.tecto.com.br/content.asp?Trade=2&sec&contid=15778* [11. abr. 01]. 216

ACAYABA, Marcos. Residencia Olga. *The House Book*. London, Phaidon. 2[illegible]1. 512p. p.6. 217

JORNAL DO IAB

são paulo, dezembro|68

Sec. da AGRICULTURA

Com uma estrutura flexível, que propiciará seu aumento no futuro sem que se prejudique sua harmonia, foi identificado, a 11 de novembro, pelo Secretário da Agricultura/SP, Sr. Herbert Levy, o primeiro colocado no concurso de projetos para a futura sede de sua pasta.

Os premiados foram escolhidos, dentre 20 concorrentes, por um júri compôsto pelos arquitetos Henrique Mindlin, Paulo Mendes Rocha e Jean Maitrejean, engenheiro agrônomo Antonio Rodrigues Filho e Eng. civil Breno Simões Magro, sob a presidência do primeiro.

O primeiro lugar, premiado com NCr$ 20 mil, coube a uma jovem equipe de São Paulo, com idade média de 26 anos, composta pelos arquitetos Arnaldo A. Martino, José Guimarães Savoy de Castro, Paulo Júlio Valentino Bruna, Antônio, S. Benjamin e Jurandir Bueno Filho, com a colaboração de Ana Maria de Biase, Alfredo Tallat e Marcos Acayba.

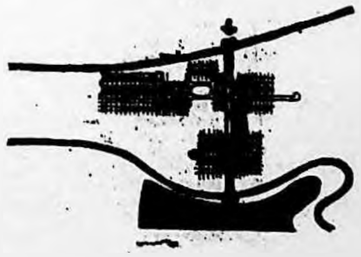
O conjunto será construído na Água Funda, entre os jardins Zoológico e Botânico, reunindo todos os departamentos da Secretaria em um terreno de 22 mil metros quadrados. O eixo do projeto é uma avenida central, que passa abaixo do nível do terreno, convergindo para uma grande praça todo o movimento do bloco, com restaurante, salões de conferências, etc. No mesmo local será construído o nôvo recinto de exposições, que irá substituir o do Parque Fernando Costa, na Água Branca.

O bloco de prédios será construído acima do nível do terreno, sôbre pilotis, e atenderá a três características básicas:

a) estrutura flexível, que atenderá a tôdas as funções da Secretaria e poderá sofrer alterações com o tempo;

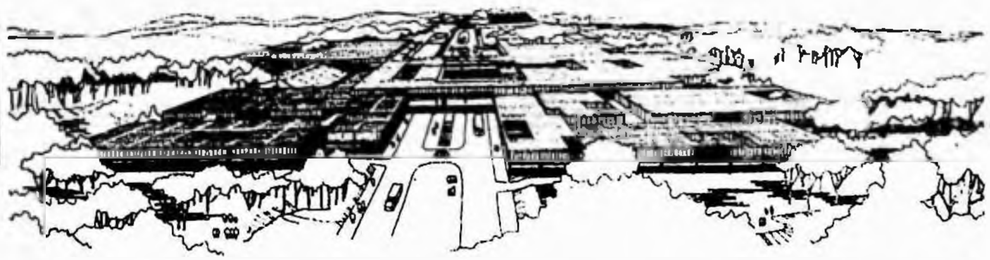
b) fluidez do sistema de circulação, tanto de pedestres como de veículos; o que foi enfatizado como elemento organizador; pela consideração de todos os componentes em uma linha horizontal.

Em segundo lugar, com um prêmio de NCr$ 15 mil, classificou-se o trabalho dos arquitetos Eduardo Luiz Paulo R.



CONCURSO para a Secretaria da Agricultura: 1º Prêmio. *Acrópole*, São Paulo, n.357, p.18-21, dez. 1968.

Concurso para a Secretaria da Agricultura 1º prêmio



projetos: Arnaldo A. Martino, Antonio S. Bergamin, José G. Savoy de Castro, Paulo Bruno, Jurandyr Bueno F., Ana Maria de Biasi, Alfredo Toolat e Marcos A. Tayata, arquitetos

Apresentamos abaixo excertos da ata do Júri do concurso de anteprojetos para a sede da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, integrado pelos arqs. Henrique Mindlin, Paulo Mendes da Rocha, Jan Maitrejean e engs. Antonio Rodrigues F. e Bruno Simões Magro, sôbre os 20 trabalhos apresentados. O concurso foi organizado pelo arq. Bernardo Castelo Branco, na qualidade de arq. consultor da Secretaria da Agricultura.

"Entre os projetos que foram submetidos à apreciação do Júri, desde logo impõe-se como candidato ao primeiro lugar o projeto "A". Parte êste projeto de elaborada e consequente proposta, na qual o conjunto é integrado por uma via principal de circulação, que corta transversalmente o terreno e se liga às Av. Miguel Estefno e Av. Projetada por trevos destinados não somente a ordenar os tráfegos de passagem e acesso, como também a vencer o desnível do terreno.

Realmente, o sistema viário proposto nesse projeto, é a nóve terreno onde se insiste o edifício, e sua estrutura básica. O desenho resultante lucido e claro, vem demonstrado na prancha de memorial, que é sem dúvida o melhor entre tôdos os que figuram neste concurso. O arquiteto propõe um sistema construtivo fácil e racional para o edifício que ocupa a área disponível, acompanhando com naturalidade a conformação do terreno, resultando uma solução desprentensiosa e discreta.

A perspectiva do conjunto não exprime, e até esconde as possibilidades de realização do desenho, em termos de volumetria, ambientação e caracterização. As qualidades reveladas na prancha já referida, assim como nas demais plantas, cortes e elevações, credenciam o projeto ao primeiro prêmio.

O projeto "E" (2.º prêmio) localizado principalmente no edifício da Secretaria, resolve com elegância e clareza o problema proposto, partindo de uma implantação clara para os acessos principais, resolvidos por meio de rampas. O edifício em si, concebido com intenção plástica muito acentuada, organiza as várias partes do programa de forma compacta, sem prejuízo das soluções contidas da plantas e assegurando espaços internos de grande beleza.

O conjunto, entretanto, não define o seu integração com a futura Parque de Exposições, que é sugerido como área praticamente autônoma, e dado o alto grau de definição do trabalho, não se pode deixar de observar a inadequação de certas soluções, tais como a implantação do parque infantil, das casas do Instituto de Zootecnia, ou ainda do estacionamento de veículos junto ao acesso principal.

O Júri decide outorgar o terceiro prêmio ao trabalho "D", pela coerência com que enfrenta o problema, com uma solução definida e clara observando uma grande flexibilidade na distribuição e na concatenação das diversas partes do programa. Infringindo deliberadàmente as restrições correspondentes à divisão do terreno em duas partes distintas, seu autor soube ultrapassar as limitações impostas, como cabe fazer em um concurso de arquitetura cuja finalidade é também abrir perspectivas insuspeitadas quando da elaboração do programa básico, forçosamente apriorístico e desconhecendo, por definição, das potencialidades reais do projeto.

As soluções das plantas são de grande beleza, resultante da excelente interpretação do seu destino. É êste projeto um dos que melhor contribuem, no conjunto examinado, para uma aproximação ao tema proposto.

O projeto "J" (4.º prêmio), baseado em esquema viário semelhante ao do projeto "A", propõe, igualmente, um sistema estrutural claro, concentrando o edifício da Secretaria em um bloco único. Busca a unidade no parte relativo ao Parque de Exposições, cobrindo com uma loje contínua grande parte de suas instalações. A integridade resultante, que também se manifesta na distribuição em planta do edifício da Secretaria, revela uma lúcida interpretação do programa.

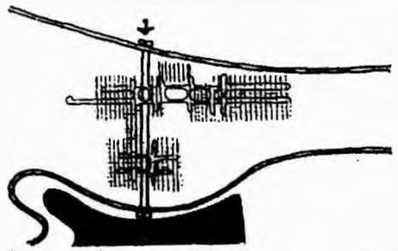
O projeto "N" (5.º prêmio), abordando com arrôjo a experiência de um partido original, procura integrar o conceito de pavilhões independentes ao de um espaço único, e exprime essa posição com intransigente coerência. O resultado, aparentemente brutal, decorre de próprio desenvolvimento lógico da idéia, em primeiro etapa, e, se não atinge a uma realização plenamente aceitável, indica de forma categórica as potencialidades do partido. A arbitrariedade com que são tratados certos elementos do Parque de Exposições não chega a invalidar o trabalho".

(Área total do terreno: 700.000 m²; área construída (no programa): ..... 60.000 m². O concurso foi feito para a sede da Secretaria da Agricultura do Estado de São Paulo, prevendo também um parque de exposição de animais).

Elevação e corte longitudinal gerais

Um eixo principal de acesso e equipamentos liga as duas avenidas. Uma trama construída a partir de uma grelha modulada distribui as diversas funções ao longo do eixo — a sede da Secretaria da Agricultura e o parque de exposições.

O desejo de não dar ao edifício da Secretaria da Agricultura caráter excessivamente monumental, pela utilização de grandes estruturas e de efeitos formais, mas de conferir-lhe uma estruturação de grande eficiência para o trabalho e a pesquisa, somada à intenção de dar ao mesmo beleza e dignidade, com simplicidade e clareza na composição dos espaços, orientaram o projeto.



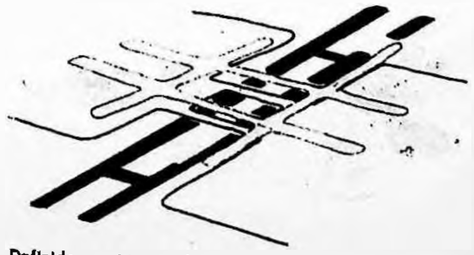
Também considerou-se o fato da estrutura administrativa da Secretaria da Agricultura estar vinculada à própria estrutura agrária do País, que se deseja em profundas reformas. Tornar-se-ia ocioso admitir o presente programa como o definitivo para a sua sede.

Fixar critérios claros de organização de espaços que permitam remanejamento de edifício em função dos novos programas, bem como a construção por etapas, pareceu-nos o mais importante. Posição extremamente racional, ampliando o conceito de planta livre para, de certa maneira, espaço livre.

À necessidade de aumentar a eficiência dos sistemas de equipamentos e o rendimento operacional da secretaria, levou a se adotar uma alta densidade de ocupação. Concentrou-se os diversos departamentos em um único edifício.

A limitação da construção em altura para smente 12 andares desaconselhou adotar-se solução verticalizada, que exigiria equipamento mecânico de transporte, com baixo rendimento.

A implantação do edifício desenvolve-se em poucos níveis, guardando uma relação de escala com a mata circundante e preservando grande parte da cobertura natural do terreno.

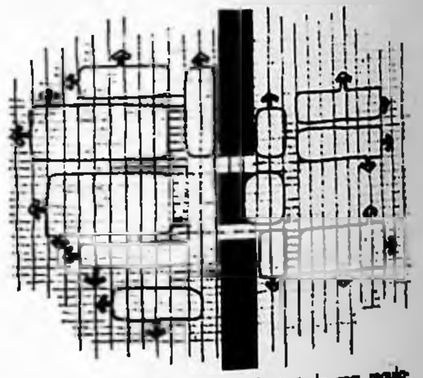


Definido o sistema de acesso pelo grande eixo mecânico equipado com garagens e oficinas, dutos hidráulicos, elétricos e de comunicações; passando sob a praça central onde estão os equipamentos de uso geral e de convívio tendo em continuidade o nível do terreno; a área sob pilotis sombreada, para estacionamentos, passeios, exposições; e, depois a vegetação de ...

Nesta praça central, ponto obrigatório de passagem, estão as escadas que dão acesso à circulação superior funcional que intercomunica os vários departamentos.

A concepção da sede da Secretaria obedecendo êstes critérios, assume grande liberdade de implantação.

O programa extremamente complexo encontrou fácil solução pela distribuição racional das áreas solicitadas estendendo-se pela grelha modular, guardando as relações de proximidade exigidas pelos contatos predominantes com os órgãos de coordenação e direção.

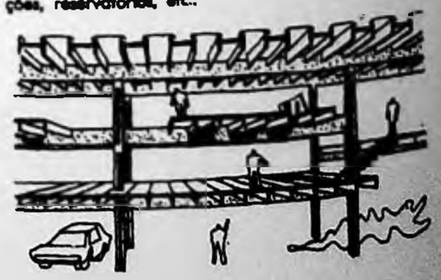


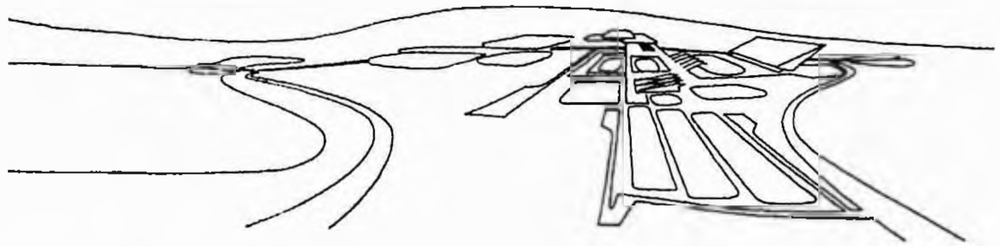
A estrutura de concreto armado tratada com regularidade de vãos e cargas, levou a se adotar um número muito reduzido de tipos de peças, propostas para um processo de pré-fabricação. O desenho para a estrutura realiza a malha construída, compondo os diversos espaços do edifício.

Uma modulação vertical orienta a posição das lajes em 3 níveis, mais pilotis, e eventuais subsolos. Cobre a estrutura uma grelha iluminante composta por vigas-calhas, painéis nervurados de perfil "H" e placas transparentes.

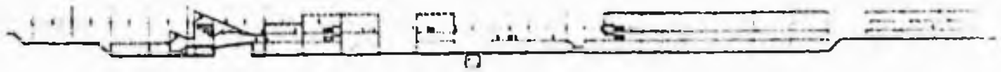
As vigas mestras da estrutura dos pavimentos contém os estojos dos equipamentos hidráulicos, elétricos e de comunicação que servem os vários níveis de utilização, tanto pelo fôrro como por sob as placas de piso.

Êstes dutos, por meio de prumadas verticais por por de módulos, se ligam com o duto visitável no grande eixo onde estão os equipamentos centrais — subestações, reservatórios, etc..

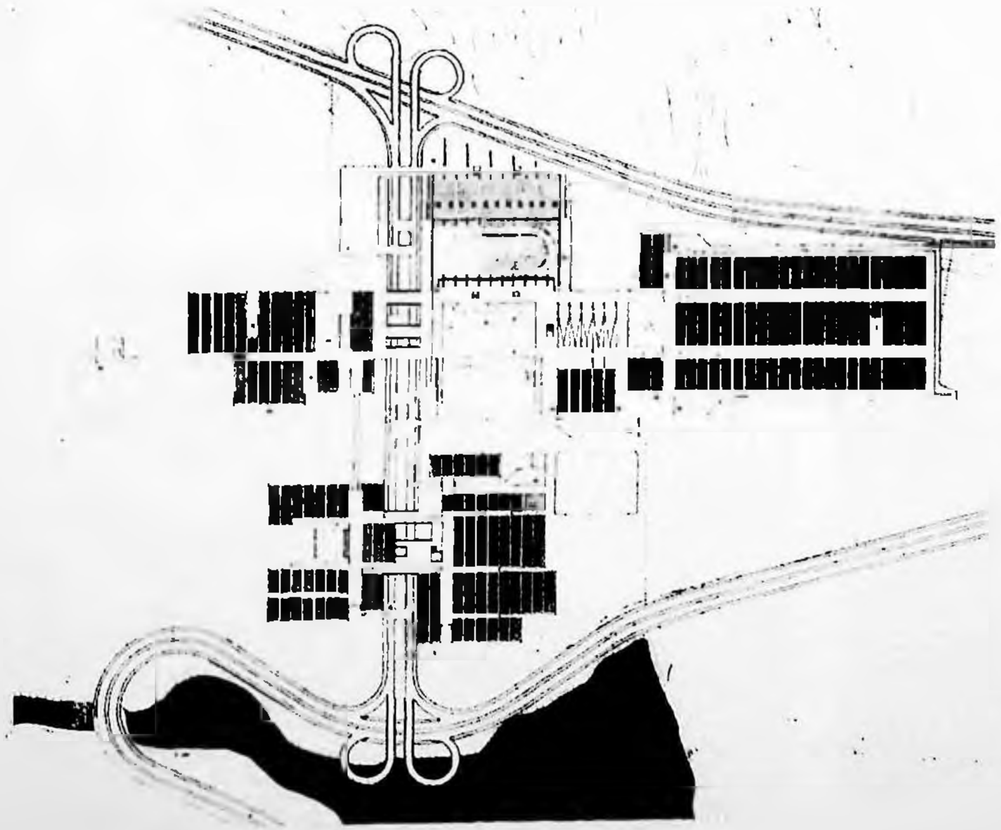


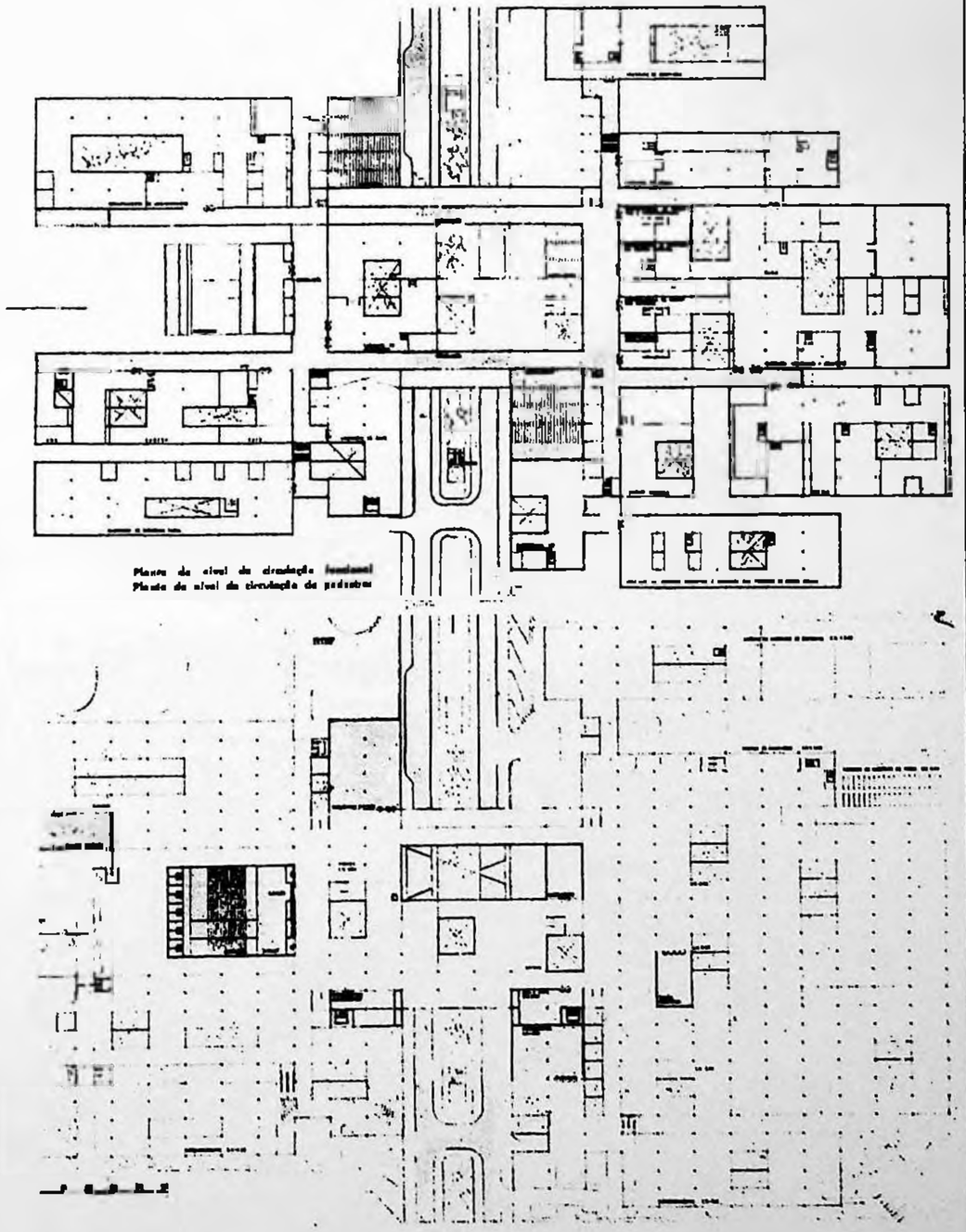


Perspectiva esquemática e corte longitudinal



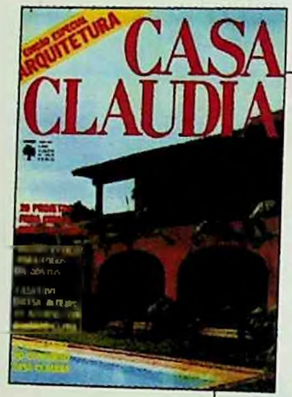
Planta de situação: 1 - Estábulos para 5.000 bovinos; 2 - pista de festejo e desfile; 3 - pista para julgamento; 4 - pista coberta; 5 - arquibancadas para 40 000 pessoas; 6 - escritório, administração, sem etc.; 7 - depósito de forragem e rações, almoxarifado; 8 - depósito de carne; 9 - alojamento para 800 peões; 10 - restaurantes; 11 - churrasqueira; 12 - pavilhões de produtos industriais; 13 - pavilhões de produtos de origem animal; 14 - residências; 15 - estacionamentos; 16 - portarias; 17 - Secretaria da Agricultura





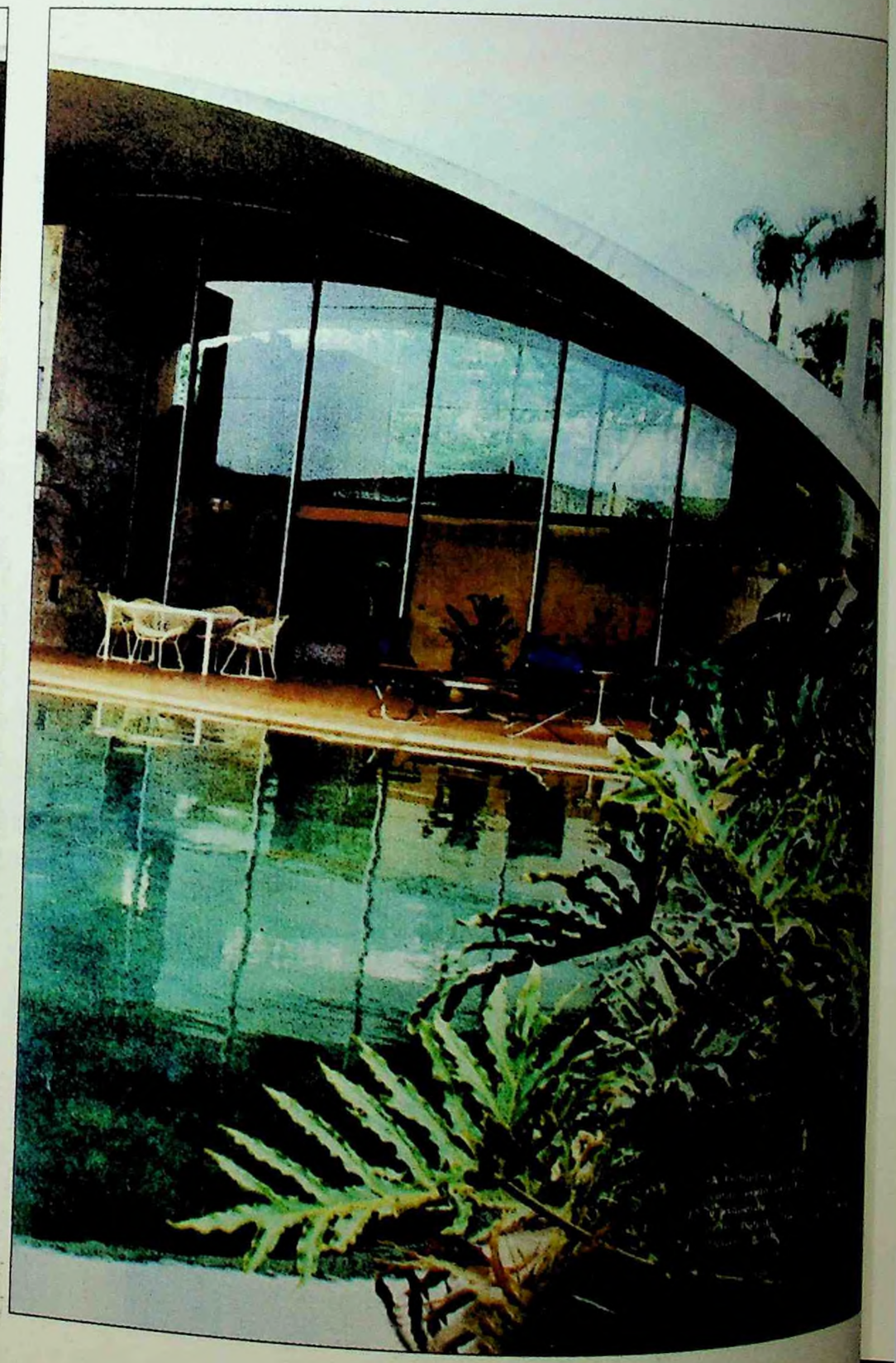
Planta do nível da circulação funcional
Planta do nível da circulação de pedestres

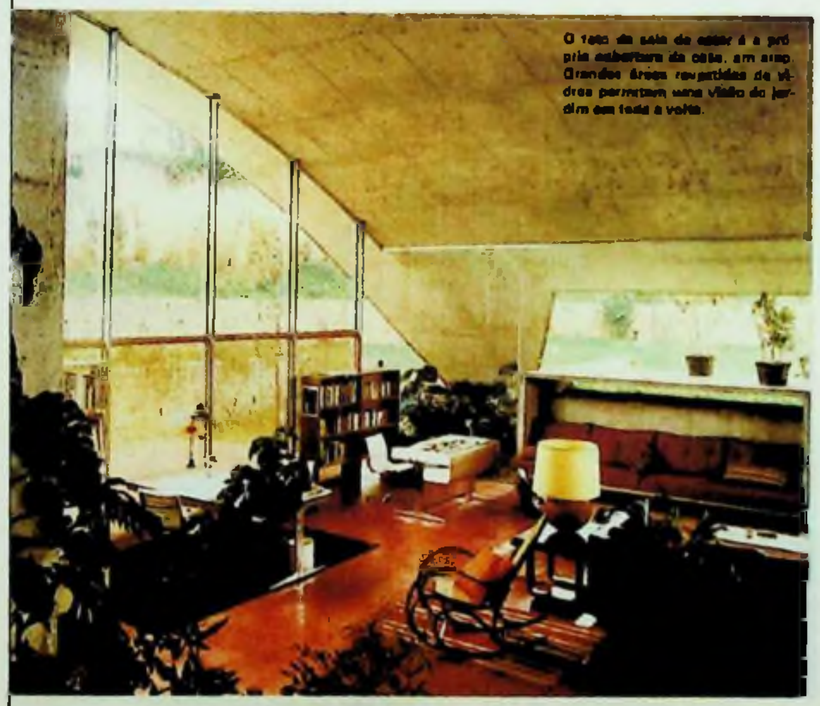
EM FORMA de elipse, ampla e original. *Casa Cláudia*, São Paulo, n.185, p.16-9, fev./mar. 1977.



EM FORMA DE ELIPSE, AMPLA E ORIGINAL

Num terreno grande como este, a preocupação do projeto [illegible] de que todo espaço disponível fosse parte da [illegible]





O teto da sala de estar é a própria cobertura da casa, em arco. Grandes áreas revestidas de vidros permitem uma visão do jardim em toda a volta.

DE TODOS OS PONTOS, VÊ-SE O JARDIM

Partindo da preocupação de integrar a casa com o espaço que a circunda, o arquiteto Marcos de Azevedo Acayaba criou em São Paulo um projeto de linhas modernas e funcionais.

O declive original do terreno foi trabalhado em três níveis, permitindo melhor distribuição dos espaços, sem isolá-los visualmente.

Do nível superior, onde estão situados os dormitórios e terraços laterais, desce-se para a sala e a varanda da piscina, que ficam num nível intermediário. No pavimento inferior estão a sala de jantar, as áreas de serviço e o estacionamento para automóveis.

Foi feita uma cobertura única para a casa, em forma de casca arqueada, com 270 m². Ela abriga todos os espaços internos, apoiada apenas nas quatro extremidades do jardim. Esta solução garantiu a visibilidade a toda a volta, para o exterior.

Atravessando o espaço coberto pelo arco, há uma laje linear que sustenta os espaços dos dormitórios e abriga a parte de serviço e o estacionamento. Na área central, estão as duas torres de concreto, onde ficam os banheiros. São os únicos lugares necessariamente fechados.

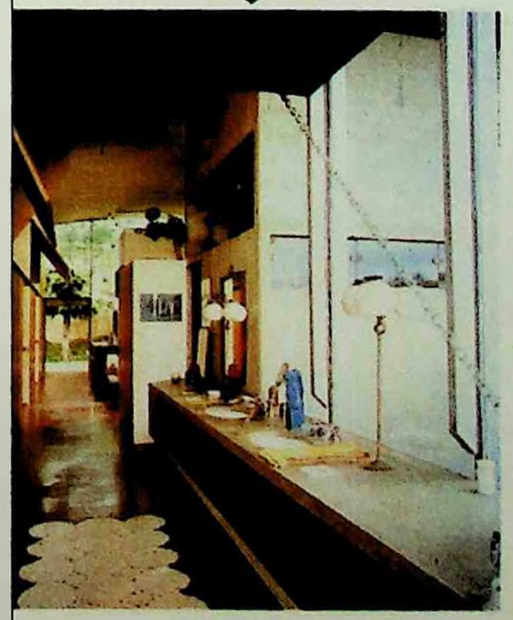
Os materiais empregados na construção estão em seu estado natural, sem revestimentos: concreto à vista, caixilhos sem tratamento, pisos em ladrilhos de cimento vermelhos, arrimos de pedra bruta e painéis em madeira ou em chapas de cimento-amianto.

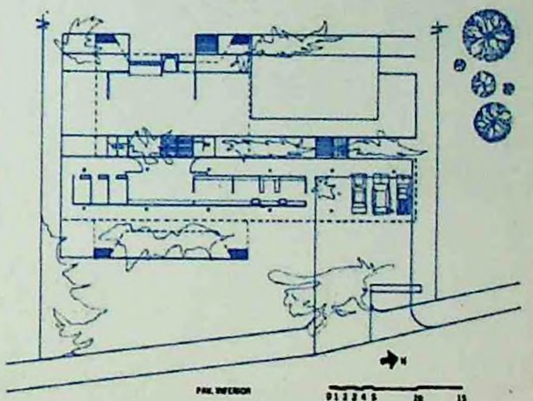
Entretanto, é a presença do jardim junto aos espaços internos, aliado à continuidade dos pisos e aos amplos espaços envidraçados, que acentua a integração do interior com o exterior.

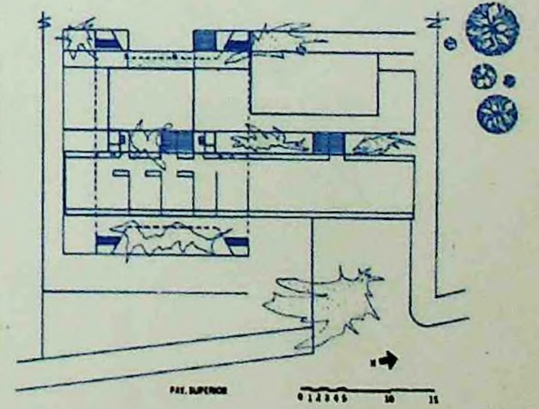
◀ Um dos banheiros se abre para o jardim por meio de uma porta de ferro basculante, permitindo que as áreas íntimas se integrem com o exterior da casa.

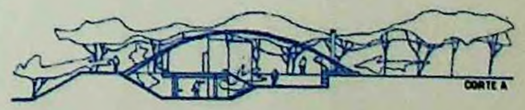
Todos os quartos têm comunicação com o resto da casa, através de portas de correr. Aqui, no lugar de camas, são utilizados colchões colocados sobre o piso.

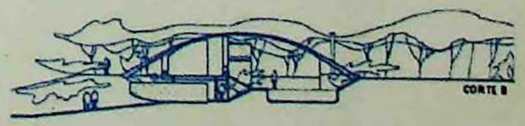
Este corredor, no nível superior, tem, do lado esquerdo os quartos e do direito uma bancada onde estão as pias. Os banheiros são embutidos num bloco fechado.

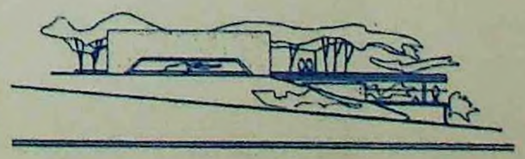








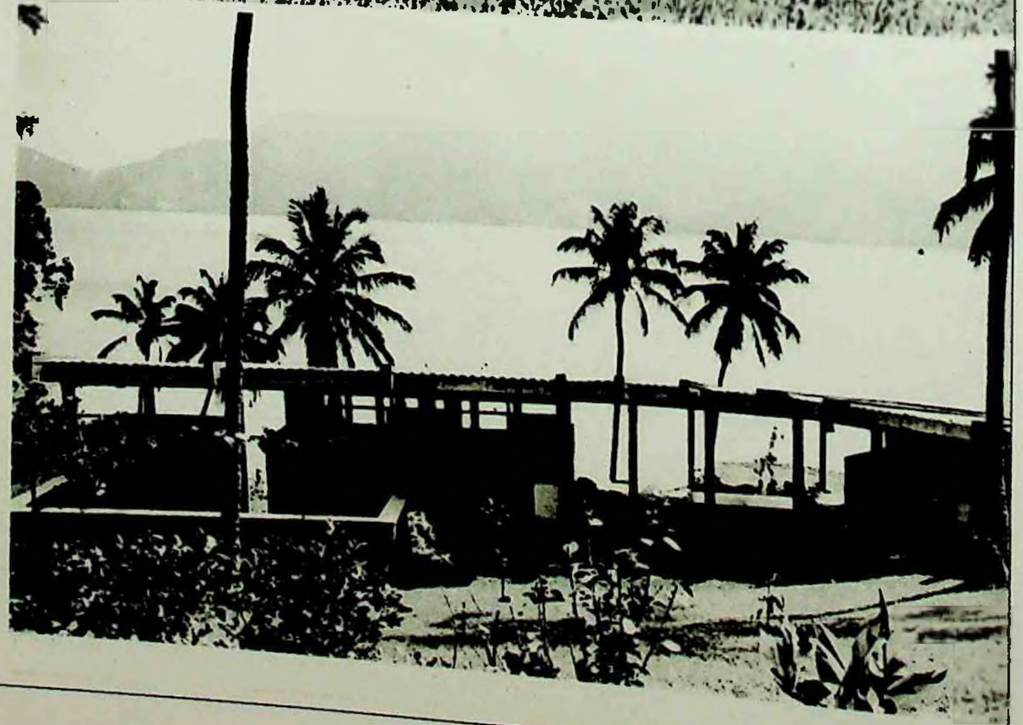




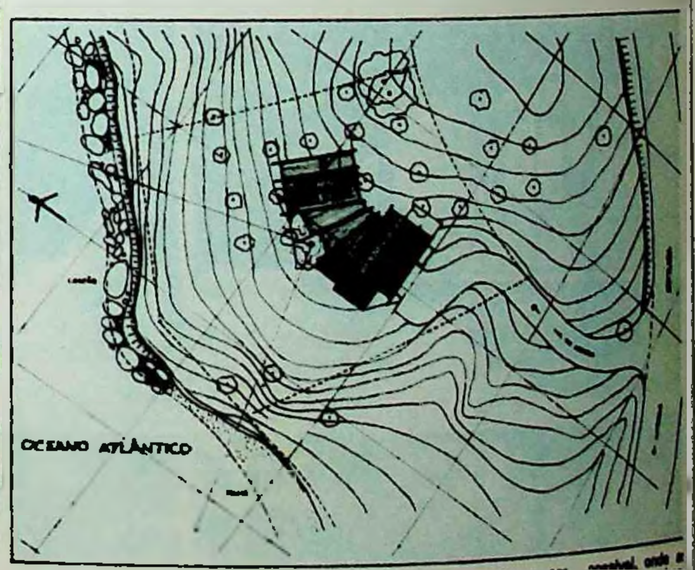
A NATUREZA como fator preponderante. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.282, p.84-9, jul. 1978.

QUITETURA

Arq. Marcos de Azevedo Acayba



A NATUREZA COMO FATOR PREPONDERANTE



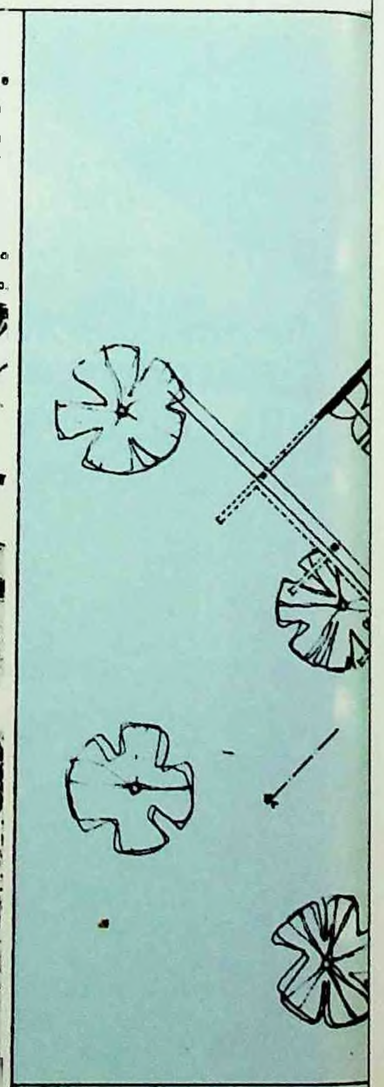
Procurando tirar o melhor partido possível da situação topográfica, da vegetação existente e do magnífico panorama, o arquiteto Marcos de Azevedo Acayaba é o autor do projeto dessa residência, em Ilha Bela, no litoral Paulista. Colaborou ainda, no trabalho, o arquiteto Fernando D. Stickel. O lote, com 2.702 m², faz parte de um condomínio, onde se evitou a presença de muros ou vedações. Considerando esse fato, Marcos elaborou o projeto tentando, tanto na conformação da casa como na definição das vias de acesso, manter uma integração com as demais residências existentes. A construção exigiu poucos trabalhos de movimentação da terra, uma vez que foram acompanhadas as curvas de nível, o que pode ser visto na planta de implantação. Note também o ângulo de visão da praia que tem um observador, colocado na parte central da casa; esse mesmo local, por ser um espaço sem vedações, permite, no sentido oposto, que se avistem os morros e a vegetação da parte posterior do terreno. O sentido de preservação da natureza foi um elemento realmente fundamental em toda a concepção do projeto: abrindo-se numa forma que se assemelha a um leque, a composição dos volumes acompanha a modulação definida pela plantação de palmeiras. O acesso ao mar também foi resolvido com base nos elementos naturais: um caminho, com o menor solive [illegible] mensível, onde as árvores e pequenas pirâmides desenho. Construída em concreto, alvenaria madeira, a casa apresenta duas possibilidades de penetração. Uma dá no sentido transversal; pela da praia, chegando escadaria que [illegible] ao pátio [illegible] por sua vez, [illegible] uma passagem até o outro [illegible] do terreno. A [illegible] circulação [illegible] na escadaria [illegible] uma [illegible] frontal.

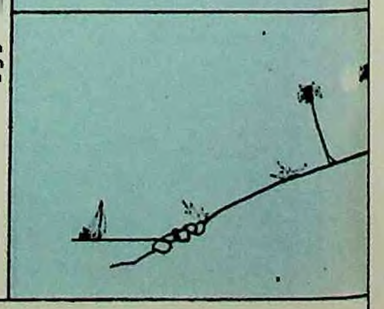
os endereços estão na t-jé 108

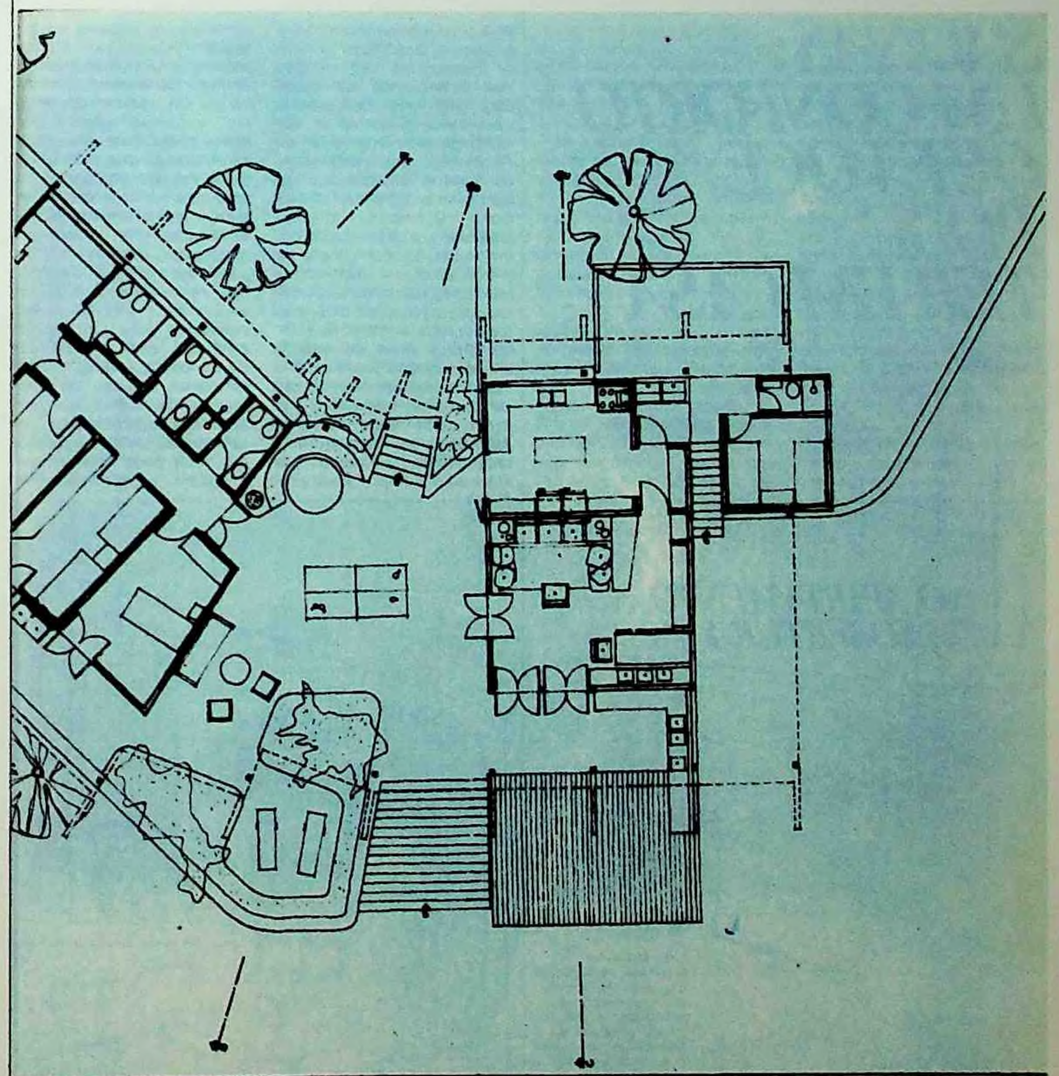
Áreas bem definidas

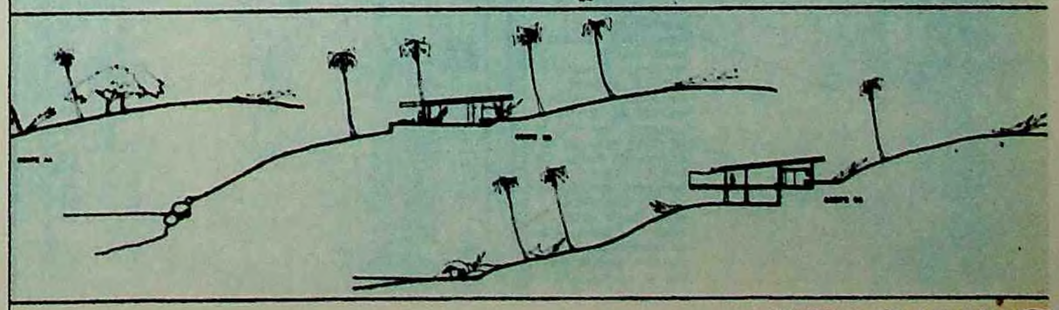
Veja aqui, na planta baixa, como foi elaborada a distribuição dos ambientes. Nitidamente, a casa divide-se em dois blocos, interligados pelo galpão central, um local agradável para churrascos, jogos, etc. À esquerda deste alpendrado, situa-se a área íntima, organizada a partir de uma larga galeria. No primeiro dormitório, note-se a possibilidade de uma distribuição bastante livre do mobiliário; nos dois seguintes, o espaço já foi previsto para comportar, em cada um, dois beliches e um armário baixo, ao longo de toda a parede. O quarto de casal é a peça maior, servido de uma saleta, saída lateral independente e um espaço maior de varanda, o que lhe confere mais privacidade. Todos os dormitórios abrem-se para o terraço, através de portas venezianas, recurso que dá, a cada cômodo, uma saída para o jardim e a praia, sem a necessidade de uma circulação pelo interior da casa. No outro lado da galeria, localizam-se os banheiros, peças compactas e completas; o último deles atua também como lavabo para servir ao galpão. No segundo bloco, à direita do alpendrado,

está a área social e a de serviços. A cozinha, bastante ampla, liga-se imediatamente a três ambientes: ao galpão, o "living" e à área de serviços, da qual na escada leva ao abrigo de carros, colocado no nível inferior. O "living" é relativamente amplo, uma vez que a pressupõe um ao limitado, pois, atende-se de uma sala de praia, normalmente a vivência maior se dá nos espaços abertos. Algumas peças do mobiliário já foram previstas no projeto: estante para bar e livros, sofá e mesas de apoio em tijolos. Junto à janela lateral, desfrutando de uma bela vista externa, a mesa para refeições. As demais peças são soltas: almofadões, banquetas, poltronas, etc. No terraço, um banco de concreto em "L"; um toldo de enrolar pode descer verticalmente, "fechando" o terraço, ou prender-se na borda do "deck", fazendo um baldaquim. Observando os cortes, veja com se deu a implantação da casa, em relação à situação topográfica. O terreno está situado numa escarpa acentuada, com 17 metros de desnível entre o ponto mais elevado do lote e o plano mais baixo, junto ao costão e as pedras que margeiam o canal. A construção da via principal de acesso, que liga à estrada, acompanhou a curva de nível, acabando por formar um corte onde se localizou a construção. Assim, obteve-se, num terreno acidentado, uma casa térrea, onde apenas o abrigo de carros fica num nível inferior, sob a sala e o terraço.







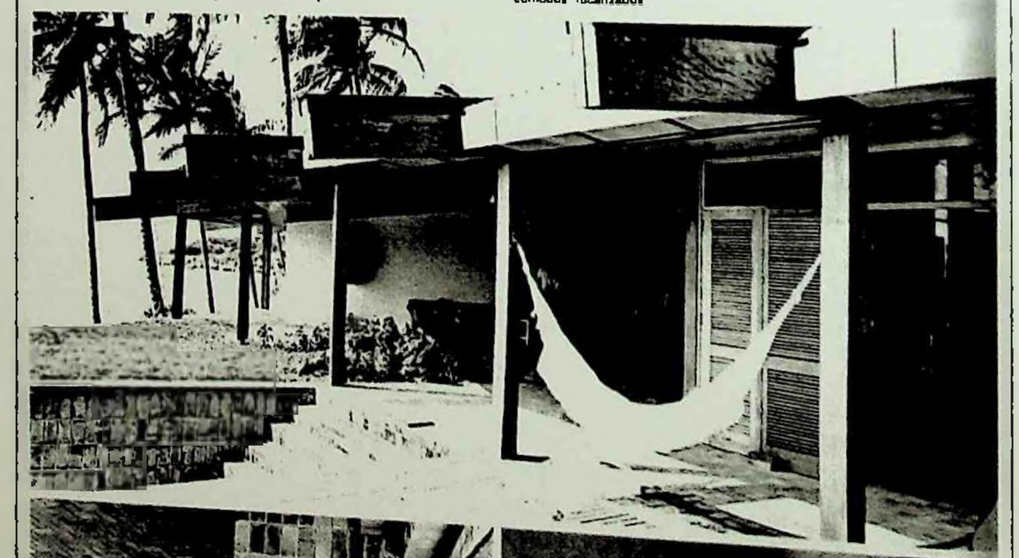


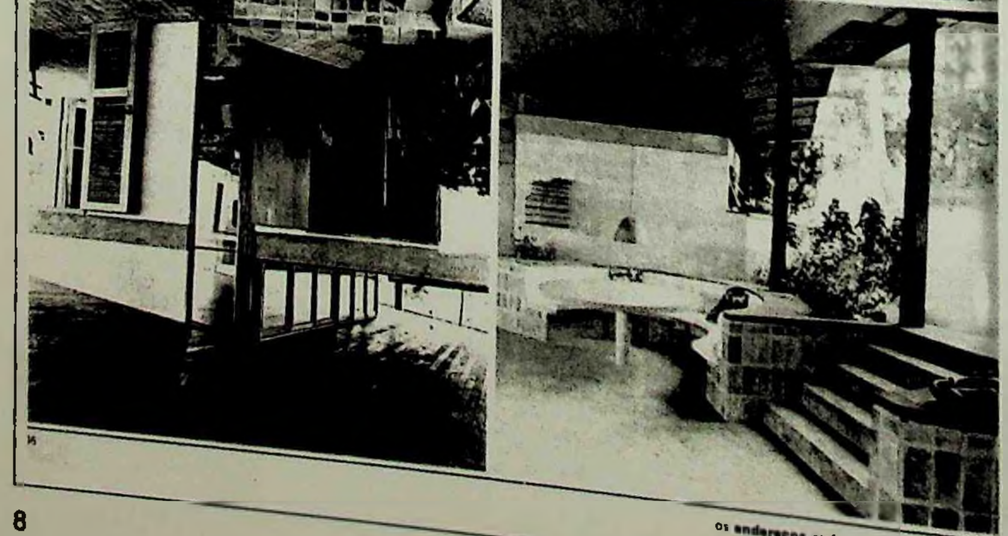
os endereços estão na pág. 105

Tijolos naturais aparentes

A muralha de arrimo, em tijolo natural, desenvolve-se continuamente, em alturas variadas, fazendo todo o plano da casa e seguindo até a estrada. Atinge sua maior altura exatamente na fachada, para sustentar um belvedere gramado, feito num prolongamento do galpão central. Do lado direito da escadaria de acesso, a presença de um deck, em madeira, projetado em balanço.

Quanto aos materiais, destacam-se as vigas e pilares em peroba, que sustentam a cobertura em telhas de amianto. As alvenarias e pisos são todos em tijolo a vista, ora naturais, ora pintados de branco. A maioria das portas são do tipo venezianas, em madeira, assim como as esquadrias de janelas. Os forros internos são de tábuas de mogno natural, encaixados no sistema "macho e fêmea". Localizados entre o forro e a cobertura, os arremates em telado de cobre representam uma solução prática para o isolamento térmico da casa; o vento que circula nesse espaço não permite o aquecimento excessivo dos ambientes. Observe ainda que a cobertura inclinada mantém uma distância com a laje que cobre os cômodos localizados na parte posterior da casa — banheiros e cozinha — o que favorece a existência de janelas que, além de cumprirem sua função de ventilação e iluminação, representam mais uma possibilidade para que se descortine o panorama. Veja, nas fotos, alguns dos detalhes aqui mencionados: o galpão central, à direita do qual a sala abre-se para o terraço e o deck. No alpendrado, vê-se o contraste das alvenarias pintadas de branco, com os tijolos naturais do piso, o forro de madeira e as várias aberturas em vidro. Outro ponto interessante é o recanto de refeições feito no galpão, mesa redonda em concreto e banco de tijolos.





os endereços estão na pág. 108

ACAYABA, Marcos. Depoimento: construir, habitar, é ser, existir. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.283, p.114, ago. 1978.

DEPOIMENTO Arq. Marcos de Azevedo Acayaba

CONSTRUIR, HABITAR, É SER, EXISTIR

"Os móveis de concreto, na verdade, são... imóveis". Assim começava o único depoimento que já fiz, ou que já dei. O repórter do "Jornal da Tarde", naquela tarde de agosto de 1976, ficou entre surpreso e divertido, pois a matéria que preparava para a seção "Modo de Vida" reunia depoimentos de alguns arquitetos sobre os "móveis" de concreto. E sua apologia, é claro, já havia sido feita pelos colegas até então entrevistados: desde o baixo custo, até o caráter personalizado desses móveis de concreto. Baixo custo..., pode ser, desde que sempre fosse possível a produção em série e, possível fosse que, com o progresso tecnológico, reduzido seu peso, esses objetos imóveis tornassem-se verdadeiramente móveis. Agora, caráter personalizado... (personalidade seria ou, nada mais que bom-gosto vigente?).
Diante disso tudo, procurava contrapor a necessidade da mobilidade e da ação na habitação. Na verdade, penso que habitar é uma atividade e, por isso mesmo, se dá no tempo. Se hoje assim sou, assim vivo, minha casa a isso deve corresponder. Amanhã...? O homem necessariamente constrói, caracteriza como sua própria extensão, a partir de si mesmo, o meio em que vive. Parte da natureza, ou melhor, do processo natural, seu ente supremo, o homem dela (natureza) se destaca porque, no seu próprio processo vital, a transforma necessariamente. É por necessidade que constrói, organiza seu ambiente, que então, sobre si mesmo, se reflete e o recria no tempo, continuamente. Construir, habitar é ser, existir. Heidegger, o grande filósofo alemão do nosso século, nos mostra no ensaio "Construir, habitar, pensar", mencionado pelo professor Artigas em texto publicado em 1969, a identidade, no alemão arcaico, entre construir, habitar e ser (construir = bauen; sou = bin). E então, o homem "era porque habitava sua construção". E, ainda, como ser, existir, abrigam a idéia de tempo, igualmente o fazem habitar e construir. Assim, a atividade contínua de habitar é a de construir, refazer, reapropriar, adequar/decorar, sempre. É atividade, trabalho a que se não pode escapar. E isto opõe-se à idéia da "decoração" estática, com móveis de concreto ou não, que cristaliza um determinado momento, um gosto e que, por ater-se exclusivamente a critérios da moda, só quando da obsolescência sistemática e mudanças programadas desta, permite a transformação no habitar/existir que, na verdade, o tempo impõe continuamente.
É, portanto, a partir destas idéias, e porque não dizer deste ideal, que procuramos orientar nossos projetos de habitação e também dos demais edifícios, no sentido de permitir sempre, sem maiores obstáculos ou limites, a atividade habitar, que hoje se dá na cidade como existir social.
O processo de criação e evolução das cidades que coincide, faz parte mesmo do da própria sociedade, vem obrigando a estrutura urbana a transformar-se e, em seu interior, a forma e a utilização das edificações. É ao que assistimos em São Paulo onde, por exemplo, um número incontável de residências que correspondiam, enquanto tal, a um determinado modo de vida, a uma época, a uma sociedade, abrigam hoje escolas, hospitais, estabelecimentos comerciais ou de serviços. E porque, pela organização e conformação dos seus espaços, essas casas tiveram de sofrer adaptações para os novos usos, perderam definitivamente sua identidade, sua personalidade, como também os perderam os lugares da cidade que caracterizavam.
Entendemos assim que, quanto mais genéricos forem os espaços construídos, tanto mais possível a transformação e, por conseguinte, a habitação como atividade. É esta atividade, trabalho, o que lhes dará sempre, no tempo, o caráter, suas necessárias especificidades.
E isso, pode-se afirmar, vai desde o plano do indivíduo, a família e seu espaço próprio, a casa, até à sociedade, a Cidade.

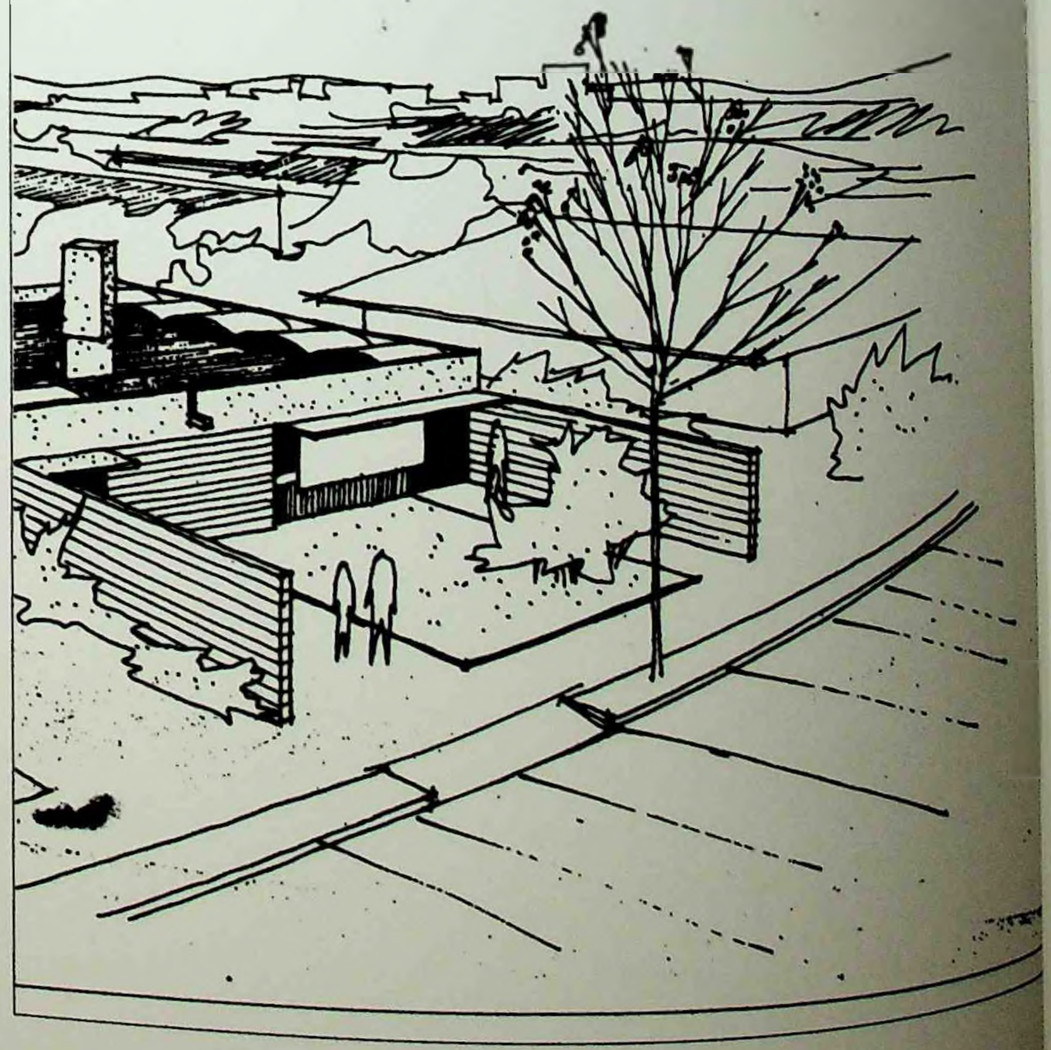
PROJETO padrão para lote de 12x30. *Casa & Jardim*, São Paulo, n.284, p.116-20, set. 1978.

2

A CASA TÉRREA, SIMPLES E PRÁTICA

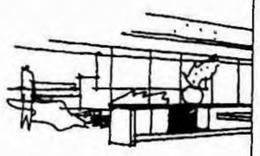
Para o mesmo terreno, uma residência térrea, projetada pelo arquiteto Marcos de Azevedo Acayaba, com a colaboração de Anselmo Turazzi. O partido adotado teve como fundamento o máximo de economia. Colocando como hipótese de trabalho as necessidades básicas de uma família de, no mínimo, 4 pessoas, tudo foi resolvido numa construção de apenas 120 m². Entretanto, vale observar que, tratando-se de uma obra inteiramente modulada, pode-se prever algumas alterações no projeto, aumentando-se ou diminuindo-se o número de cômodos. A versão, apresentada aqui, representa a proposta básica do arquiteto, que sugere, inclusive, seu aproveitamento para grupos residenciais. Tendo em vista as características do lote e a situação urbana, a solução dada foi a de interiorização, ou seja, praticamente toda vedada externamente, a casa é voltada para seu interior, garantindo maior privacidade a seus moradores.

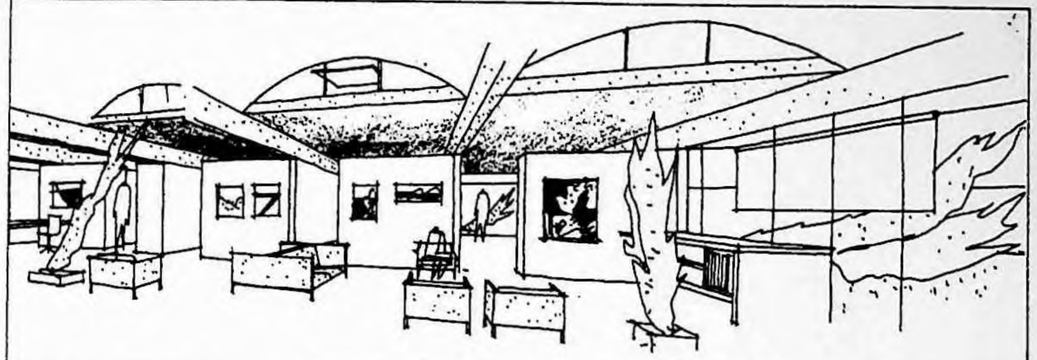
Todos esses itens da proposta já ficam bem nítidos na própria fachada. A cobertura atinge o terreno de lado a lado, apoiando-se nos muros divisórios; nas duas laterais, uma seqüência de pequenas abóbadas, executadas com vigas de concreto intercaladas por tijolos de vidro, elementos que favorecem a iluminação natural dos interiores. Já a ventilação é feita através de aberturas basculantes. Esse pergulado cobre as duas zonas previstas como alternativas de penetração, fechadas por portão de madeira: pela esquerda, faz-se o acesso à área de cozinha e serviços e pela direita, à ala social. Pequenas coberturas em balanço protegem as entradas e também a única janela, onde um toldo de enrolar evita a insolação excessiva. Entre essas duas seqüências de abóbadas, a laje é plana, sobressaindo dela a torre hidráulica. Um detalhe a destacar é o sistema de impermeabilização: a água usada para a cura do concreto é mantida sobre a laje, sendo constantemente reabastecida pela coleta-d'água; esse recurso forçoso também um perfeito isolamento térmico à casa, mantendo a temperatura dos interiores constante e amena. As paredes são construídas em blocos de concreto, mantidos em seu aspecto natural, assim como todos os [illegible]



2 continuação

Reduzindo ao mínimo a subdivisão da área





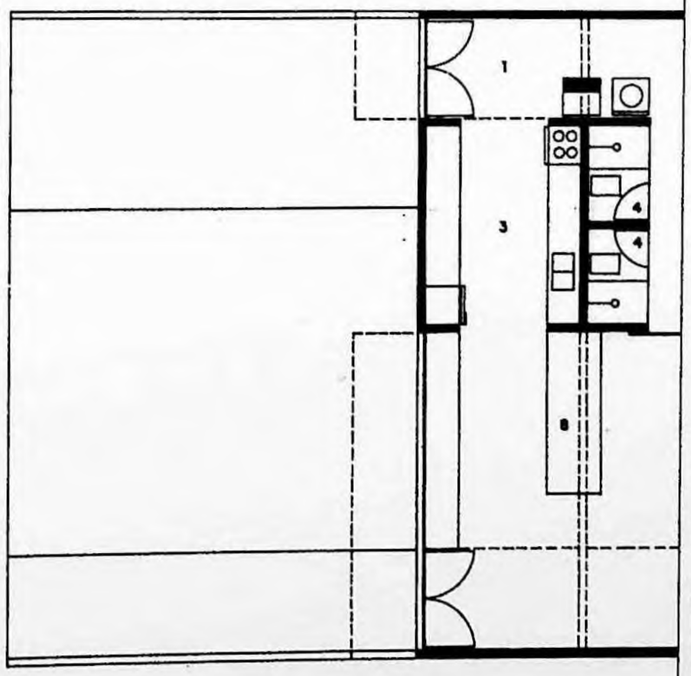
Veja na planta baixa, e na perspectiva como foi resolvido internamente o espaço. A área total da construção foi mantida quase que inteiramente livre, com as vedações apenas indispensáveis. Os elementos que suprem as necessidades básicas — higiene e alimentação — foram concentrados num conjunto compacto que forma o núcleo da casa. Assim, cozinha, serviços e banheiros são cômodos contíguos, separados por uma parede hidráulica, isto é, onde estão localizados todos os encanamentos, com a caixa d'água situada exatamente acima dessa área. A concentração dos equipamentos hidráulicos resulta não só em economia de material, como também facilita as tarefas de manutenção e reparo. Marcos procurou evitar a multiplicação e dispersão dos banheiros, optando por uma área de uso múltiplo, que pode ser ocupada, ao mesmo tempo, por até 4 pessoas; um espaço maior reúne os lavatórios e os armários de rouparia; dos outros cômodos fechados englobam, cada um, box e bacia. Logo após os banheiros estão dispostos os três dormitórios, compondo um bloco estruturado a partir da organização linear dos espaços mais íntimos. Todo o restante da área é praticamente livre, resultando num living de 6x15 metros, onde estão previstos apenas três elementos construídos em alvenaria, abaixo da janela frontal, uma peça a ser utilizada como bufê e aparador; logo à entrada da cozinha, a mesa de refeições e junto a janela que dá para os fundos, mais um armário/estante.

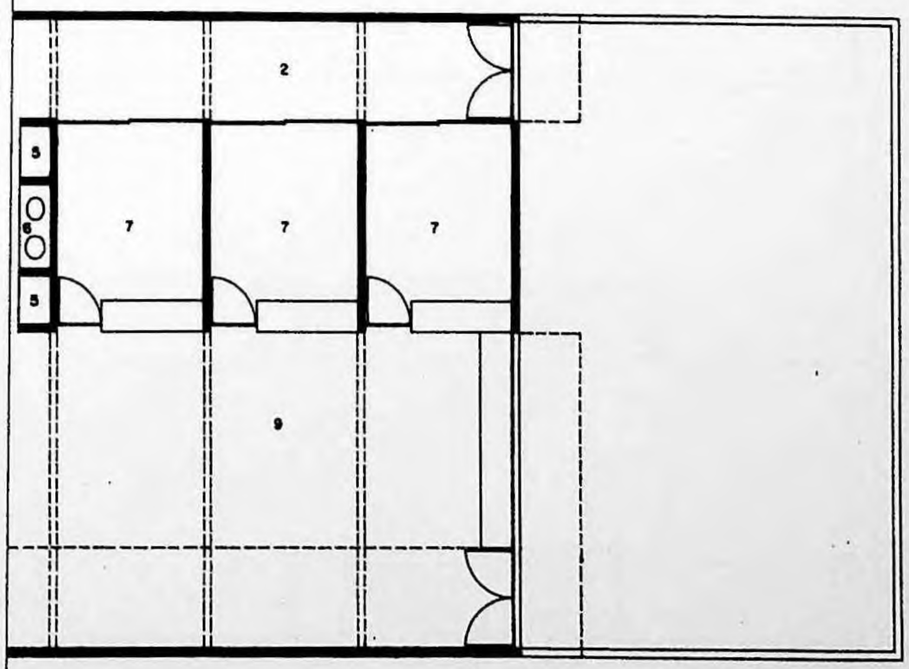
A excessão desses componentes fixos, a ambientação do estar pode ser feita segundo as necessidades ou preferências dos usuários.

As portas e paredes divisionárias foram reduzidas ao mínimo. A cozinha é aberta nos dois lados (para a sala e para o setor de serviços), fazendo a circulação mais direta, sem obstáculos; um bom sistema de exaustão de fumaça e gorduras é indispensável.

Já a separação dos quartos com a sala é feita a partir dos armários; do outro lado, o arquiteto sugere o emprego de um elemento bem leve, como uma cortina ou, no máximo, portas de madeira. Assim, a área situada sob o pergolado pode fazer parte do ambiente.

O living é todo aberto e seu limite à direita é o próprio muro lateral; dessa forma, tem-se incorporada à sala toda a zona situada sob as abóbadas, onde a iluminação e insolação, filtradas pelos tijolos de vidro, criam uma atmosfera própria para o cultivo de plantas.





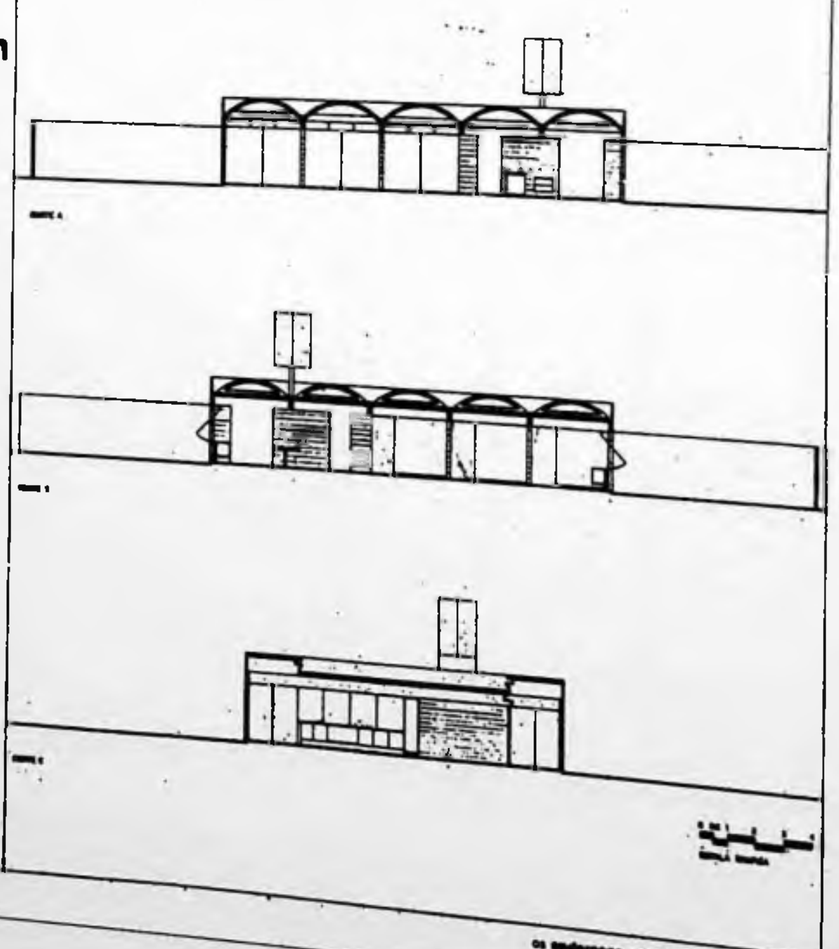
1 LAVANDERIA · 2 CIRCULAÇÃO/ESTUDOS · 3 COZINHA · 4 WC · 5 ROUPARIA · 6 LAVATORIO · 7 QUARTO · 8 JANTAR · 9 ESTAR

0 0,5 1 2 3 4M
ESCALA GRAFICA

2 continuação

Veja nos três cortes os detalhes internos da construção.
O primeiro, A, deixa bem claro, a disposição linear dos dormitórios, seguidos do conjunto que reúne banheiros, cozinha e equipamentos de serviços, animado pela caixa-d'água.
A modulação observada em toda a obra tem por base unidades de 3 m²; se o proprietário tiver necessidade de, por exemplo, um abrigo para automóveis, dependências para empregada ou mais um dormitório, basta acrescentar o módulo correspondente, mantendo apenas como limite da área construída os recuos exigidos por lei. No projeto apresentado aqui, a casa foi implantada no centro do terreno, isto é, mantendo espaços livres iguais, tanto na frente como nos fundos, o que dá margem à existência de uma boa área para jardins e, até mesmo, a construção de uma pequena piscina. O corte B mostra uma vista longitudinal da sala. Sobre os dois armários de alvenaria, janelas de vidro temperado, fixadas sem caixilho. Nas paredes limítrofes e divisionárias, feitas com blocos de concreto, estão localizados também os pilares de sustentação. Com relação ao aspecto construtivo, é proposto aqui um sistema prático e econômico: sobre cada parede são colocadas tábuas de 30 cm, eliminando-se, assim, a necessidade de preparo de formas especiais. Colocadas de lado a lado, essas tábuas servem de apoio para as peças pré-fabricadas da laje de cobertura; dessa maneira, todo o trabalho de concretagem pode ser feito de uma só vez. O caráter de máxima simplificação é um dado constante em todas as etapas do projeto. Na escolha dos materiais de acabamento, Marcos sugere a menor diversidade possível. Todos os elementos de madeira — portas, portões, etc. — são de cedro; o piso é o mesmo em todos os ambientes, feito com ladrilho hidráulico, na medida de 20 x 20 cm. Também usado nas paredes dos banheiros, esse elemento, além de sua resistência e durabilidade, contribuirá com seu colorido, dando mais vida aos ambientes, no contraste com o concreto aparente. O corte C foi realizado no sentido latitudinal da construção, mostrando os dois portões de entrada, o móvel sob a janela frontal e o armário divisório entre o quarto e a sala. Na cobertura, a laje plana e os dois pergulados onde as abóbadas têm pequenas aberturas basculantes para ventilação das áreas internas.

Os módulos permitem várias opções



os endereços estão na pág. 130

PISCINAS QUE TÊM CASAS

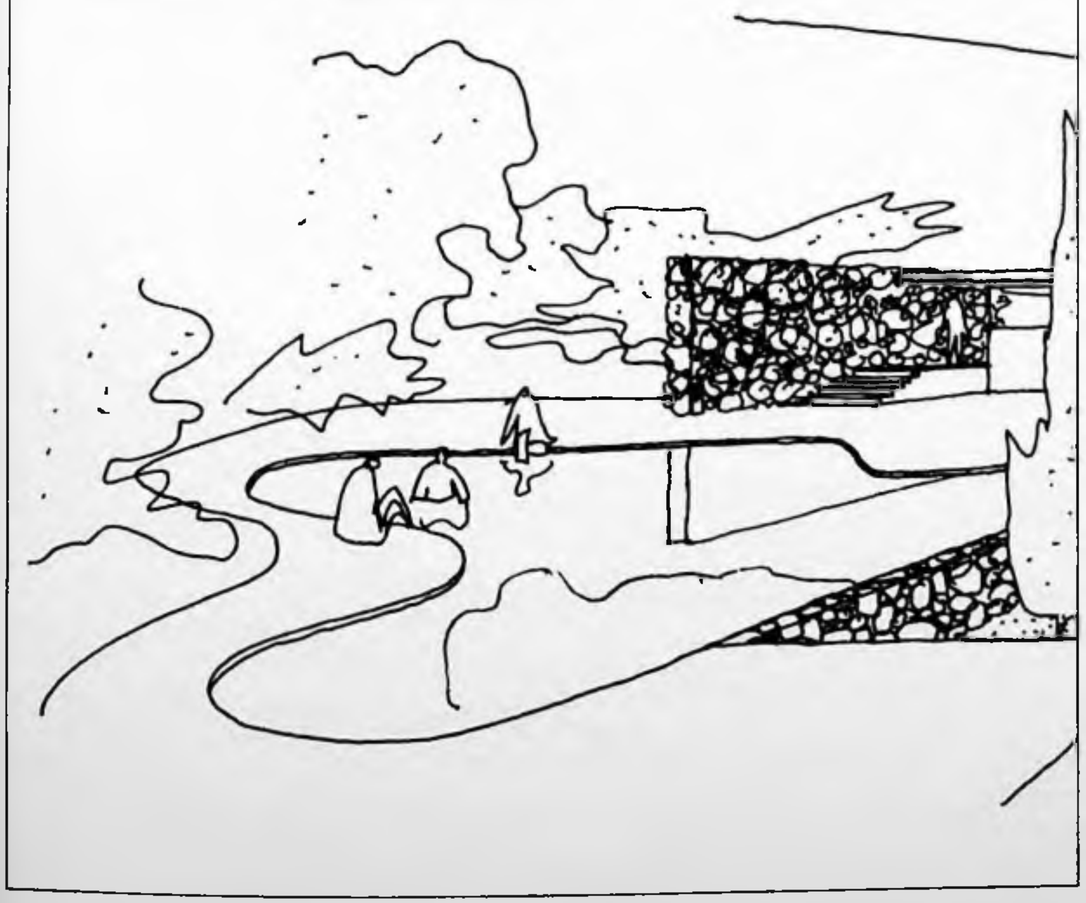
AQUI, TODOS OS ESPAÇOS DEBRUÇAM-SE SOBRE A PISCINA.

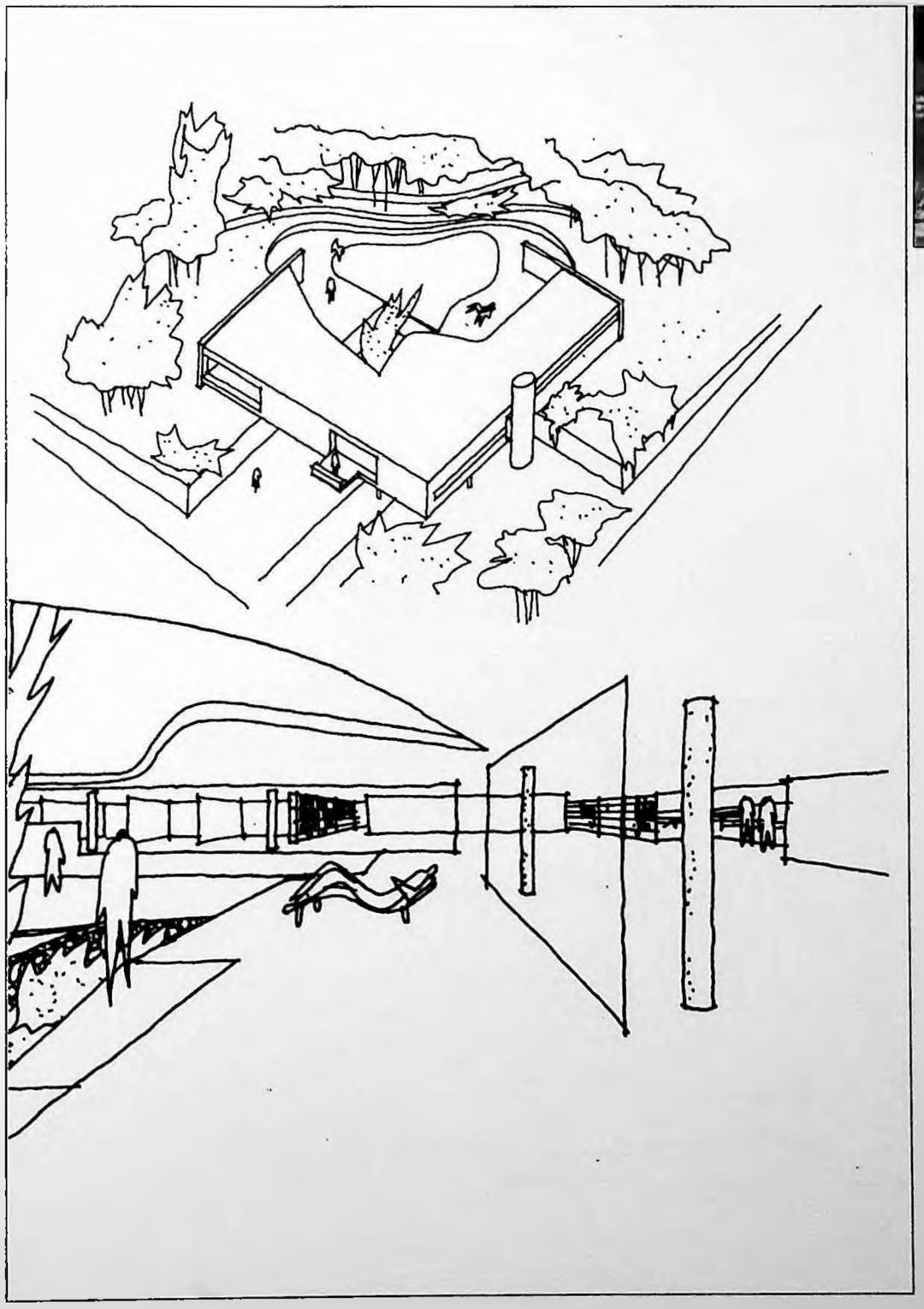
Este projeto, do arquiteto Marcos de Azevedo Acayaba, mostra os cuidados tomados para fazer da piscina o ponto principal do conjunto e protegê-la dos ventos e da vista das ruas.

A casa situa-se num amplo terreno de esquina com suave aclive, na diagonal, para o fundo, na direção sul-norte. Estas características fizeram que optássemos pela implantação da casa a cavaleiro das ruas, com os espaços de vivência voltados para o interior, com a melhor orientação.

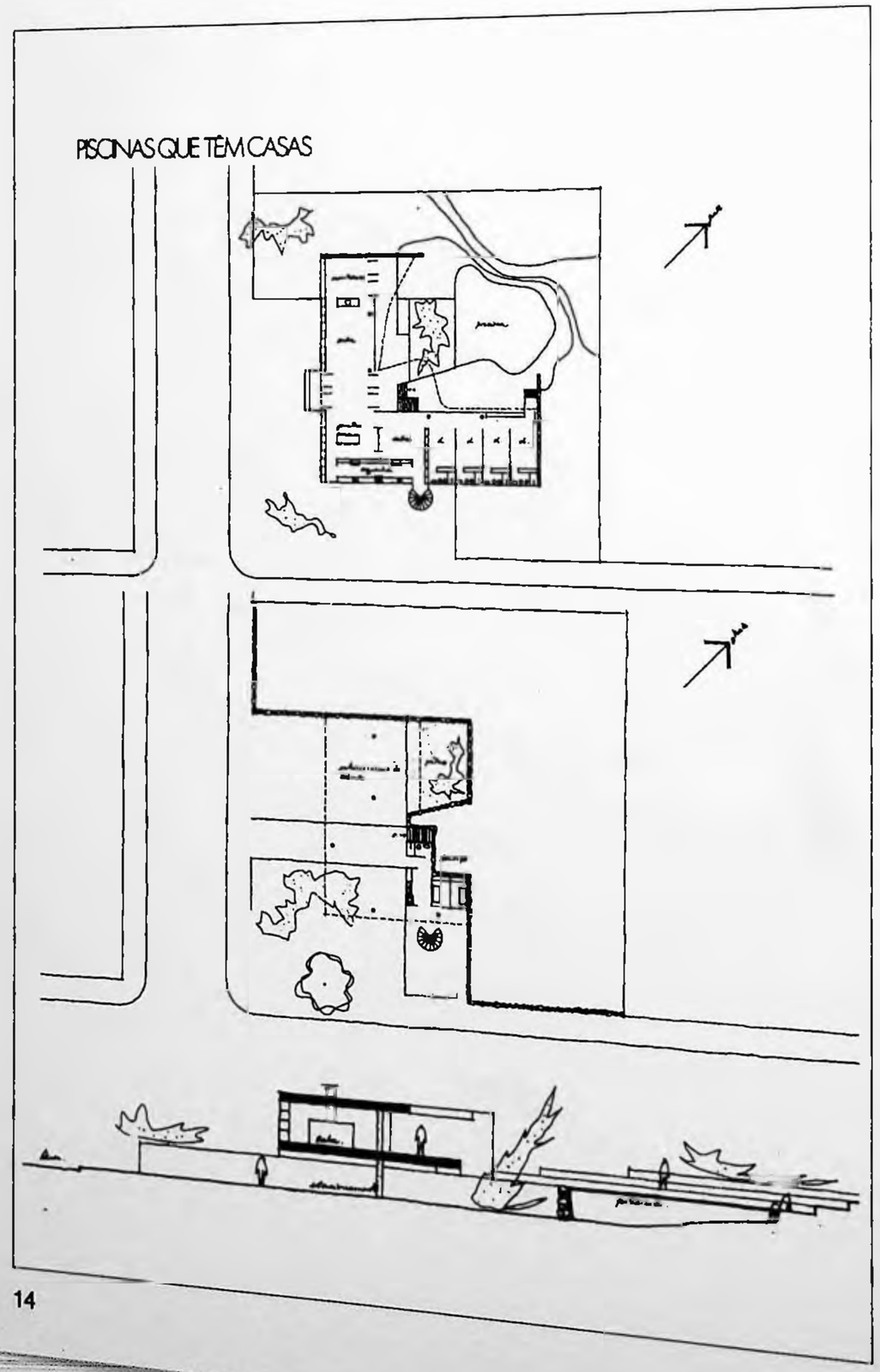
O extenso programa foi organizado na planta em "L": as salas voltadas para nordeste recebem, no inverno, o sol da manhã e ficam aquecidas para o uso diurno; os dormitórios com a orientação noroeste recebem o sol da tarde, retendo o calor para a noite. No verão, os beirais, variados, cujo desenho singular valoriza o espaço do pátio, fazem a sombra necessária sobre as aberturas e terraços.
Todos os espaços da casa debruçam-se sobre a piscina, o ponto principal do conjunto, e desfrutam da paisagem por ela criada.

O volume construído da casa protege, assim, a área da *piscina* da vista das ruas bem como dos ventos frios do sul.





PISCINAS que têm casas: aqui, todos os espaços debruçam-se sobre a piscina. *Casa Vogue*, São Paulo, n.7, p.136-8, jul. 1979.



quitetura,
ifissão de arquiteto

presentantes de algumas associações de nicos de nível médio têm se movimenta- com certa desenvoltura, na área federal ando obter para a categoria atribuições ficas de arquitetos, engenheiros e nomos. Na área da construção, preten- assumir a responsabilidade técnica do ito e execução de obras com até 80, 120 200 metros quadrados (as áreas têm sido adas na base da barganha).

deração Nacional dos Arquitetos, o Ins- to dos Arquitetos do Brasil, os Sindica- s de Arquitetos e entidades de classe de nheiros e agrônomos já se manifesta- sobre a ilegalidade e absurdo da pre- ão. Elaboraram estudos, protestos e ar- pados mas o assunto não morreu. É pre- portanto que a campanha continue, e mue com uma participação cada vez r dos arquitetos, para que não sejamos surpreendidos com um decreto que a dar a estes profissionais atribuições ficas de técnicos de nível universitá- ente num momento em que o país está se utilizando de todo o potencial dade nas áreas de arquitetura, enge- ria e agronomia. Como disse o arquiteto ro de Almeida, candidato à presidên- do Sindicato dos Arquitetos de São Pau- ria o mesmo que mandar enfermeiros consultas ou atender a pacientes que ssem até 38 graus de febre... VW.

ário

Capa
O arquiteto foi contratado para projetar ábala Índia, o IAB da Bahia ameaçado terroristas, artistas querem maior per- ção no MAM, a crise na Universidade Paraíba. Em notícias, um panorama do ensino no país. Págs. 4 a 12.

ólo Industrial
perspectivas de desenvolvimento do de- o Industrial, um simpósio promovido Núcleo de Desenvolvimento Industrial. Pág. 14.

Obras
Breve apanhado das principais resolu- s do V Encontro Nacional de Sindicatos quitetos. A partir do próximo número, principais trabalhos apresentados. Pág. 59.

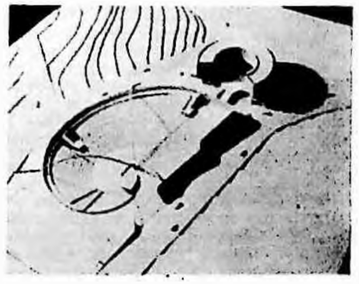
Perspectivas arquitetônicas
Análise dos impactos das usinas atômi- na arquitetura, num artigo de Euclydes Pág. 18 e 21.

Pólo petroquímico
Conceito ganha espaço nos projetos da in- a petrolífera e petroquímica e evita de- s ecológicos. Um artigo de Walter Maf- Pág. 23 e 27.

Projetos Industriais
O pólo petroquímico do sul vai tomando forma nos projetos de Fayet e equipe, a nova fábrica da Brasitemp, de Walter Maffei/IESA. Na Belzer, uma deficiência do terreno acabou por determinar um partido interessante, com o uso de estruturas leves. Págs. 29 a 46.

Premiações IAB/Rio e Brasilit
Neste número prosseguimos com a publicação dos projetos premiados no concurso promovido pela Brasilit e na mostra do IAB/Rio. Págs. 47 e seguintes.

Um novo espaço cultural
Marcos Acayaba propõe um novo espaço cultural para São Paulo, com cobertura espacial e espaços móveis. Págs. 56 e 58.



Suplemento técnico
No ST Projeto, o Sindico de informações de [illegible] mais: o Aço na Arquitetura e o crescimento dos pré-moldados. Págs. 61 e seguintes.

Livros
A partir deste número, uma nova seção para você acompanhar o movimento editorial de arquitetura e um novo serviço da *Projeto*. Págs. 76, 77 e 79.

Habitação
Uma proposta para o debate de nossa política habitacional. Págs. 60.

projeto
arquitetura, planejamento
desenho industrial construção

Editor:
Vicente Wissenbach

Diretor Responsável:
Fábio Penteado

Supervisor gráfico:
Vivaldo Tsukumo

Redação:
Silvia Penteado,
Cláudio L. Pinto,
Valéria C. Salles

Arte/Produção:
Elena Tumolo,
Paulo Caruso.

Arquitetos/Consultores/Colaboradores:
Alfredo Brito,
Abrão Sanovicz,
Bernardo Kiepfer,
Cesar Bergstron Lourenço,
Helena Afanasiel,
Luis Paulo Conde (RJ),
Maria Aparecida de Luca,
Sérgio Taperman,
Sranio Ferreira (RJ).

Colaboradores:
Cecília Pires
Wanda Frias Pinto (Paris),
Fran Augusti,
Gilney Rampazzo.

Correspondentes:
Álvaro Hardy F.º (BH),
Amasado Branco (BA),
Eduardo Serra (RJ),
Luciano Guimarães (CE),
César Augusto Campos da Silva (PE),
André Tamoyuki Abe,
Sandra Barreda,
Helio [illegible] Gomes (ES).

Publicidade:
Adail Rodrigues da Motta, Luis Carlos Ornaga, Rita de Castro Sobral (assistente)

Salvador - BA:
Antonio Dias dos Santos
Rua Santos Dumont, 21, 1.º andar
Telefone: 243-0785

Projeto/arquitetura, planejamento, desenho industrial, construção, é uma publicação da Projeto Editores Associados Ltda., dirigida a arquitetos, engenheiros civis, construtores, órgãos públicos, empresas de planejamento e faculdades de arquitetura.

Redação, administração e publicidade:
Rua Cinderela, 62
01453 São Paulo SP
Tel.: 813-0848 e 813-0878

Fotolitos:
Ponto Reproduções Gráficas Ltda.

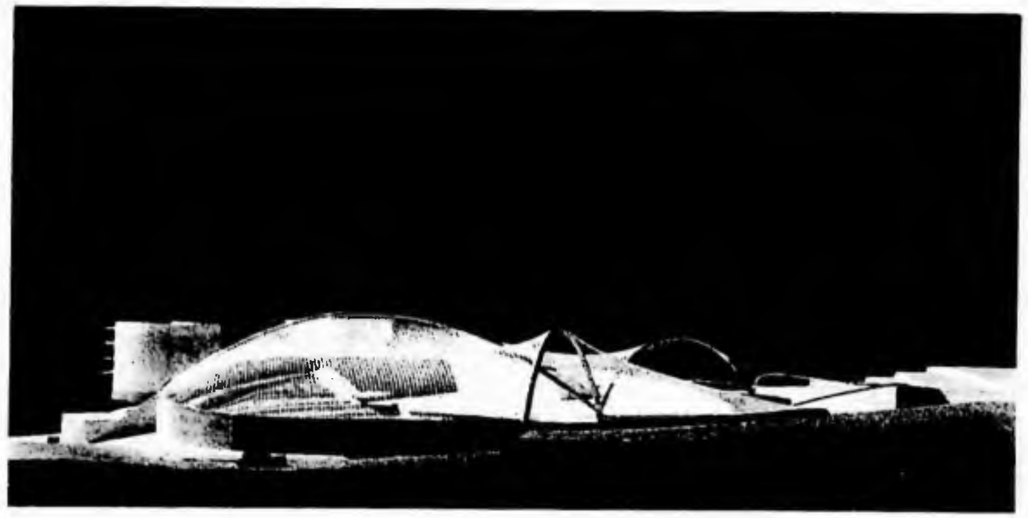
Composição:
Linotipadora Godoy Ltda.

Impressão e acabamento:
CLY

Capa:
Vivaldo Tsukumo

Centro Cultural Esportivo Aricanduva

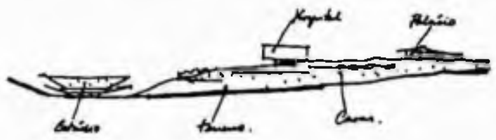
Arq. Marcos Acayaba
Colaboração: Anselmo Turazzi e Carlos Augusto Carvalho
Fotografia Jorge Hirata



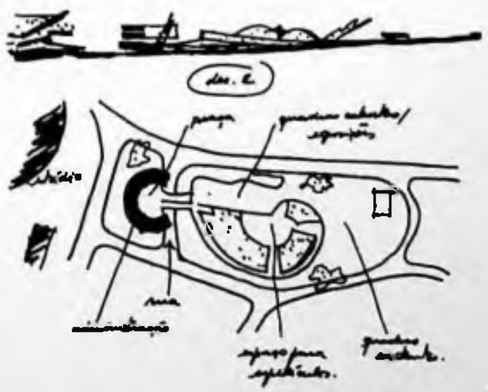
O Centro Cultural Esportivo vai-se implantar no Morumbi junto ao Estádio, o palácio do Governo e o Hospital Albert Einstein, conjunto de edifícios públicos significativos que conferem ao local importância no contexto metropolitano. O terreno com área de 20.000 m² e proporção alongada fica no fundo do vale posterior ao Palácio que desce suavemente circundado por casas até desembocar no vale maior com o estádio.

O programa que nos foi proposto previa a construção de um conjunto integrado de espaço para espetáculos esportivos, musicais e teatrais para cerca de 8.000 espectadores, dois cinemas de 300 lugares, um teatro de bolso também de 300 lugares, edifício de administração com áreas comerciais no térreo e duas quadras de tênis cobertas que complementariam o conjunto de quadras existentes.

Nosso projeto procura adequar-se à geografia do local organizando o programa de forma compacta ao longo do terreno: junto às quadras de tênis existentes na parte mais alta, usando a declividade natural para construir as arquibancadas; o volume que abriga o espaço para espetáculos nasce do chão, eleva-se progressivamente até confrontar-se com o edifício administrativo em ferradura, formando uma praça interior elevada com bares e cafés debruçada sobre as ruas circundantes e sobre a rua interna de acesso dos veículos. Ao longo desta, uma outra praça, coberta, dá acesso aos cinemas e ao teatro de bolso, e, do lado oposto, ao espaço para espetáculos. Tudo isto, no propósito de criar ambiente adequado ao convívio, clima



Desenho 1

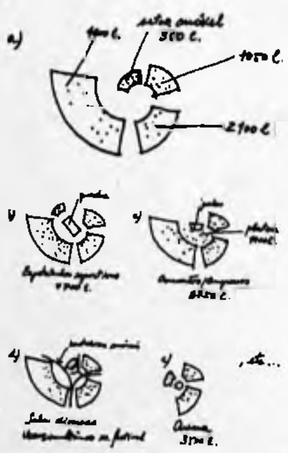


Desenho 2

CENTRO Cultural Esportivo Aricanduva. *Projeto*, São Paulo, n.22, p.56-8, ago. 1980.

urbano, quase sempre ausente nos bairros residenciais. Assim, o volume mais alto, do edifício administrativo, relaciona-se no porte com o estádio, enquanto que acima, na vizinhança das casas, funcionará basicamente o clube de tênis existente.

O desenho do espaço para espetáculos resulta da sua adequação aos diversos usos propostos. Evolução da organização circular, simétrica, boa para espetáculos esportivos mas com problemas acústicos nos espetáculos musicais e difícil adaptação aos demais usos, o desenho espiral de setores crescentes, além de bem abrigar o espetáculo esportivo, sugere a subdivisão e o uso variado do espaço em diversos eventos.

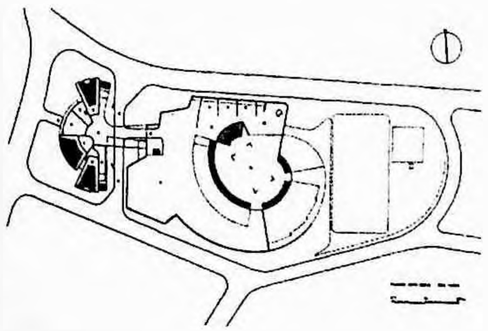


Desenho 3

O espaço para espetáculos será coberto por membrane tracionada na espiral periférica e três arcos de treliça metálica triangular; galerias para equipamentos de luz, som etc. A forma resultante cria no conjunto e nos setores, quando isolados, as condições acústicas que evitam reverberação e reforçam o som para os lugares mais afastados.

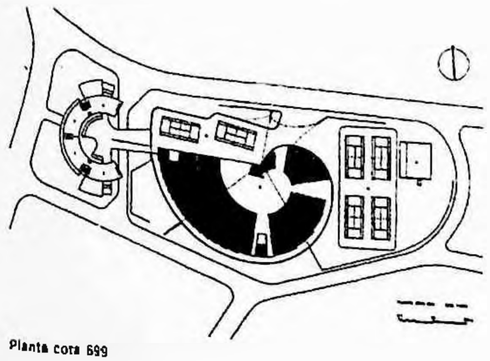
Desenho 4

Terreno: 20.000 m².
Área construída: 15.400 m².
Garagem (850 v.): 19.500 m².



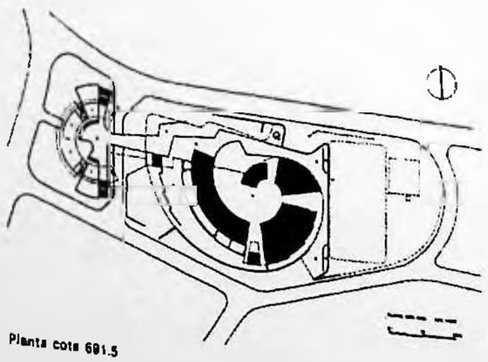
Planta cota 686.5

1 Teatro 300 lug
2 Cinema 300 lug
3 Foyer
4 Marquise
5 Rua interna
6 Acesso garagem
7 Garagem
8 Oficina
9 Camarins
10 Bastidor
11 Espaço para espet. quadra



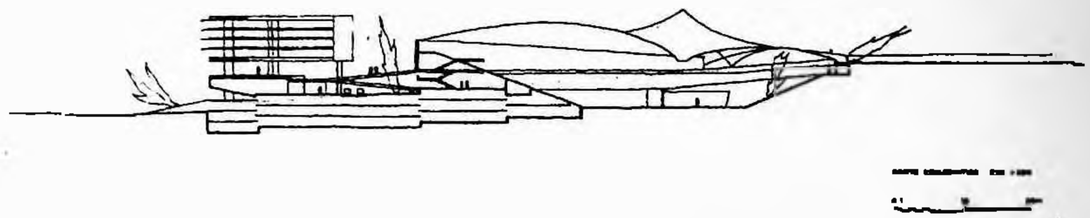
Planta cota 699

1 Escritórios
2 Quadras cobertas apoios etc
3 Espaço para espetáculos
4 Quadras descobertas existentes
5 Edifício existente

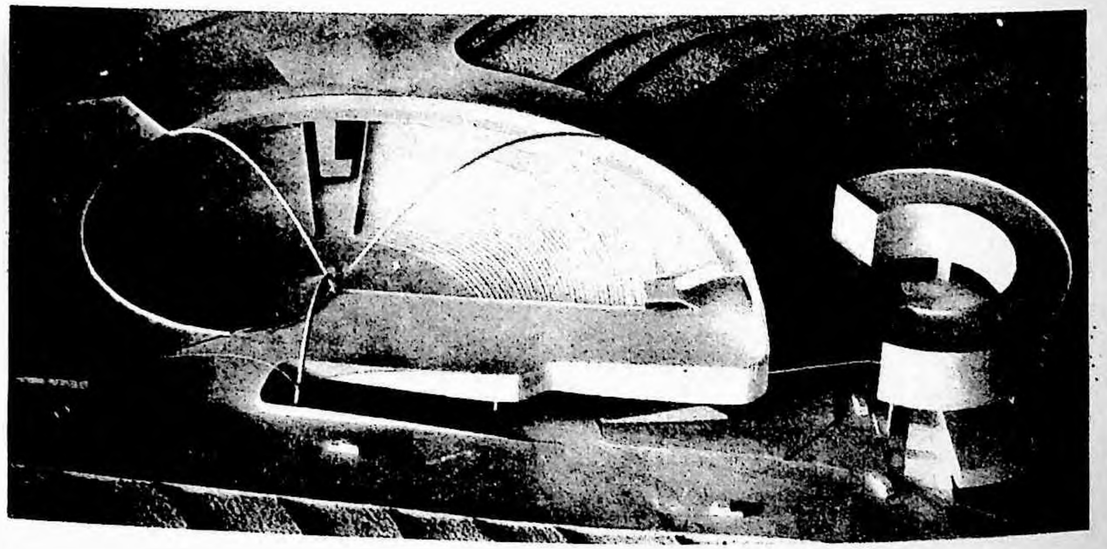


Planta cota 691.5

1. Loja/bar/restaurante
2. Hall escritório
3. Praça
4. Marquise
5. Hall
6. Foyer
7. Espaço para espetáculos
8. Acesso camarins



Corte Esquemático



VALE DO ANHANGABAÚ

o outro lado e a atual passagem inferior. Mais tarde, o fluxo será deslocado para as passagens abertas e se executará a faixa oposta ao Correio. Em todas as etapas, o público fará uso de passarelas provisórias com estruturas tubulares.

Assegurados ao pedestre os caminhos independentes dos veículos, o projeto prevê a implantação de uma estrutura de animação nos grandes espaços livres. A implantação do equipamento urbano pode ser feita gradativamente. O ajardinamento e mesmo a plantação de inúmeras árvores de grande porte, serão definidos em função das alternativas visuais e retomada de circulação. Os edifícios tombados e de valor histórico deverão ser valorizados.

Para manter a segurança do local, deverá ser implantado um sistema de vigilância em pontos estratégicos e intercomunicados, complementado por um policiamento de elite, erradicando assim a violência desta área.

Aqui, uma profunda alteração no uso do solo

O projeto dos arqs. Marcos Acayaba, Julio Katinsky e Edgar Dente distingue-se dos demais por estabelecer, com clareza, uma nova disciplina para a circulação no Centro, aliada a uma nova ocupação do solo. "Nossa premissa básica era propor uma profunda alteração no uso do solo", afirma o arq. Edgar Dente. Para recuperar a área do Centro é fundamental criar mecanismo para atrair capital para a área: e no projeto isto está claramente sugerido, com a implantação de uma empresa de economia mista.

Os arquitetos consideraram que as intervenções realizadas no Centro, nos últimos 40 anos, foram intervenções setoriais, "que eventualmente resolveram situações de emergência, mas não impediram, como um todo, o lento desaparecimento das áreas servidas por estas melhorias". Outra constatação foi da ocupação abusiva de áreas públicas para a instalação de serviços urbanos — como a pça. da Sé, pça. da República, largo São Francisco, pça. Roosevelt.

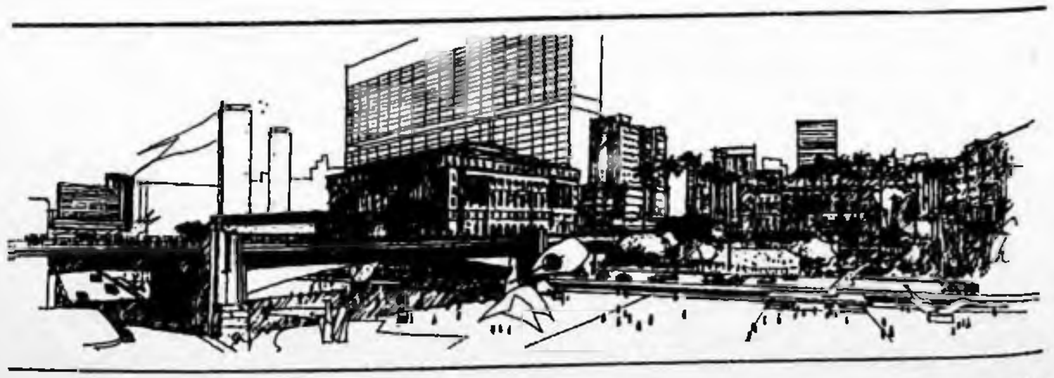
Apesar da cidade ter encontrado em outros locais (como a av. Paulista, por exemplo), áreas mais adequadas para seu reequipamento, "existe uma vontade permanente de revivor o centro histórico: restauração e revitalização de edifícios, obras de arte e logradouros, ampliação de ruas exclusivas de pedestres etc.".

REMANEJAMENTO DA ESTRUTURA FUNDIÁRIA

Assim, o plano de reurbanização do Anhangabaú da equipe de Marcos Acayaba indica os caminhos para o projeto do "uma nova cidade". Os limites da área de intervenção ficam assim definidos: as áreas lindeiras ao Anhangabaú e compreendidas entre os ramos sul e norte, ou seja, rua São Luiz a partir da pça. Dom José Gaspar, rua Maria Paula, viaduto Brigadeiro Luiz Antônio; rua Cristóvão Colombo, largo São Francisco, ruas Senador Paulo Egídio e José Bonifácio até a rua São Bento. Pela rua São Bento até a av. São João. Desta até a rua João Briccola, caminhando-se até a ladeira Porto Geral. Desta, até a av. Senador Queiroz. Por esta última até a av. Cásper Líbero, indo até a rua Antonio Godoy, incluindo o largo Paissandu e av. São João. Por esta avenida até a rua Conselheiro Crispiniano. Daqui, até a 7 de Abril e por esta rua no trecho compreendido entre a rua Conselheiro Crispiniano e a pça. Dom José Gaspar, que, ligando-se à rua São Luiz, fecha o perímetro considerado.

É dentro desses limites que serão definidos os novos índices de ocupação e a nova estrutura viária. O vale do Anhangabaú passaria a se constituir em um elemento estrutural da rótula. Assim, tanto o trânsito local, individual, quanto a estação central das linhas diametrais, interligam-se através da rótula e Anhangabaú, "absorvendo e tornando mais fluente o eixo norte-sul constituído pelas av. Tiradentes, Prestes Maia, Anhangabaú, 9 de Julho e 23 de Maio".

Através do prolongamento da atual rua Genebra e rua Santo Antônio, a equipe estabeleceu as ligações da rótula, na altura da rua Maria Paula com o vale, sendo a ligação norte feita com a av. Senador Queiroz. "Entretanto, para que o sistema viário possa conviver com o pedestre, impõe-se que o trânsito mecanizado seja afastado para as laterais, recuperando-se o centro da área para o usufruto dos habitantes em suas manifestações cotidianas e especiais". O tráfego lateral seria desenvolvido em dois níveis: na cota 730 correriam os ônibus e seus pontos de embarque e desembarque, equipados com serviços urbanos essenciais, bem como locais de comércio e administração. O número total de paradas simultâneas foi estimado em 59, "o que garantiria um atendimento a mais de 300 mil passageiros/h". Ao nível da cota 738 estariam as pistas que ligam a rótula com o eixo norte-sul.



Finalmente, através de um viaduto, seria feita a ligação direta da av. 9 de Julho com a av. 23 de Maio. Um sistema de pistas elevadas e semi-enterradas seria desenvolvido da estação Anhangabaú do metrô até a estação São Bento. Daí, após o viaduto Santa Ifigênia, retornariam à superfície e se desenvolveriam ou sob a av. Senador Queiroz ou ligando-se a ela. Todo o centro do Anhangabaú (cota 734,5) passaria a ser de domínio de pedestres, "onde tanto podem se dirigir para a estação central, quanto através de passarelas sob as pistas elevadas, ganhar as margens. Liga-se também naturalmente o vale com o anfiteatro onde se localiza a Câmara dos Vereadores".

As áreas anteriormente delimitadas, num total de 80 ha, sofreriam um remanejamento dos lotes de maneira a reagrupá-los, permitindo o estabelecimento do coeficiente de aproveitamento igual a 15 vezes a superfície dos novos lotes. A taxa de ocupação seria de 30% acima da cota de 9 m do nível do chão, com 40% da área total reservada para habitação, sendo o restante dedicado a usos diversificados.

Os edifícios de valor histórico e artístico reconhecidos seriam incorporados à massa construída, tornando possível, dessa maneira, a sua reabilitação. O mesmo aconteceria com edifícios ainda não relacionados, mas que pelo trabalho dos estudiosos venham a ser identificados. O setor B — composto das quadras limitadas pelas ruas Formosa, Conselheiro Crispiniano, 7 de Abril, pça. do Correio e av. São João de um lado, e rua São Bento, av. São João e rua José Bonifácio, de outro — foi escolhido como área prioritária de intervenção nas áreas lindeiras. Este setor totaliza 400 mil m² de áreas comerciais e cerca de 1 milhão de m² de áreas de escritórios e habitação.

Os recursos para este plano não seriam captados indiscriminadamente através dos instrumentos tradicionais, mas através de uma empresa de economia mista, com todo o perímetro declarado de utilidade pública e com o privilégio exclusivo de remanejar a área com os índices anteriormente descritos. "Os proprietários dos lotes individuais poderiam incorporar seus edifícios ao capital da firma pelo preço atual de mercado ou seriam reembolsados na mesma proporção. Poderiam associar-se também, nesse empreendimento, empresários particulares", explica Edgar Dente.

Nas áreas do setor C, a equipe propôs que fosse estudado o retorno de serviços públicos e a constituição de suporte para a Universidade Municipal, "cujos institutos de pesquisa existentes já caracterizam seu embrião: Biblioteca Municipal, Arquivo Municipal".

EIN DACH-SCHÜTZEND wie die haut. *Architektur & Wohnen*, Hamburg, n.3, p.5-11; 58, sept. 1981.

1
ASPEKTE DES WOHNENS

Liebe Leser, die Freude der Menschen, wertbeständige Möbel und Objekte zu sammeln und sie in individueller Art in ihrer Wohnung aufzustellen, nimmt zu.
Wenn ich häufig von jungen Menschen angesprochen werde, die sich in unserer schwierigen Zeit auf einen Beruf vorbereiten möchten, ist es mir ein besonderes Anliegen, sie auf die Freude zu verweisen, die aus schöpferischem Gestalten erwächst.
Aus diesem Grund liegt mir ein Artikel in diesem Heft ganz besonders am Herzen. Es ist die Reportage über den englischen Möbelmacher John Makepeace, der in einem Schloß ein Internat für „Kunsthandwerk in Holz" gegründet hat. Mir scheint das eine Ausbildungsgrundlage für gestalterisch und handwerklich interessierte junge Menschen zu sein.
Den Weg des selbständigen, schöpferischen Schaffens sind auch der bekannte brasilianische Gartenarchitekt Roberto Burle Marx und die Bewohner des New Yorker Milieus von SoHo gegangen, die wir Ihnen mit besonderer Freude vorstellen.
Ihre

Christa von Bartelmann

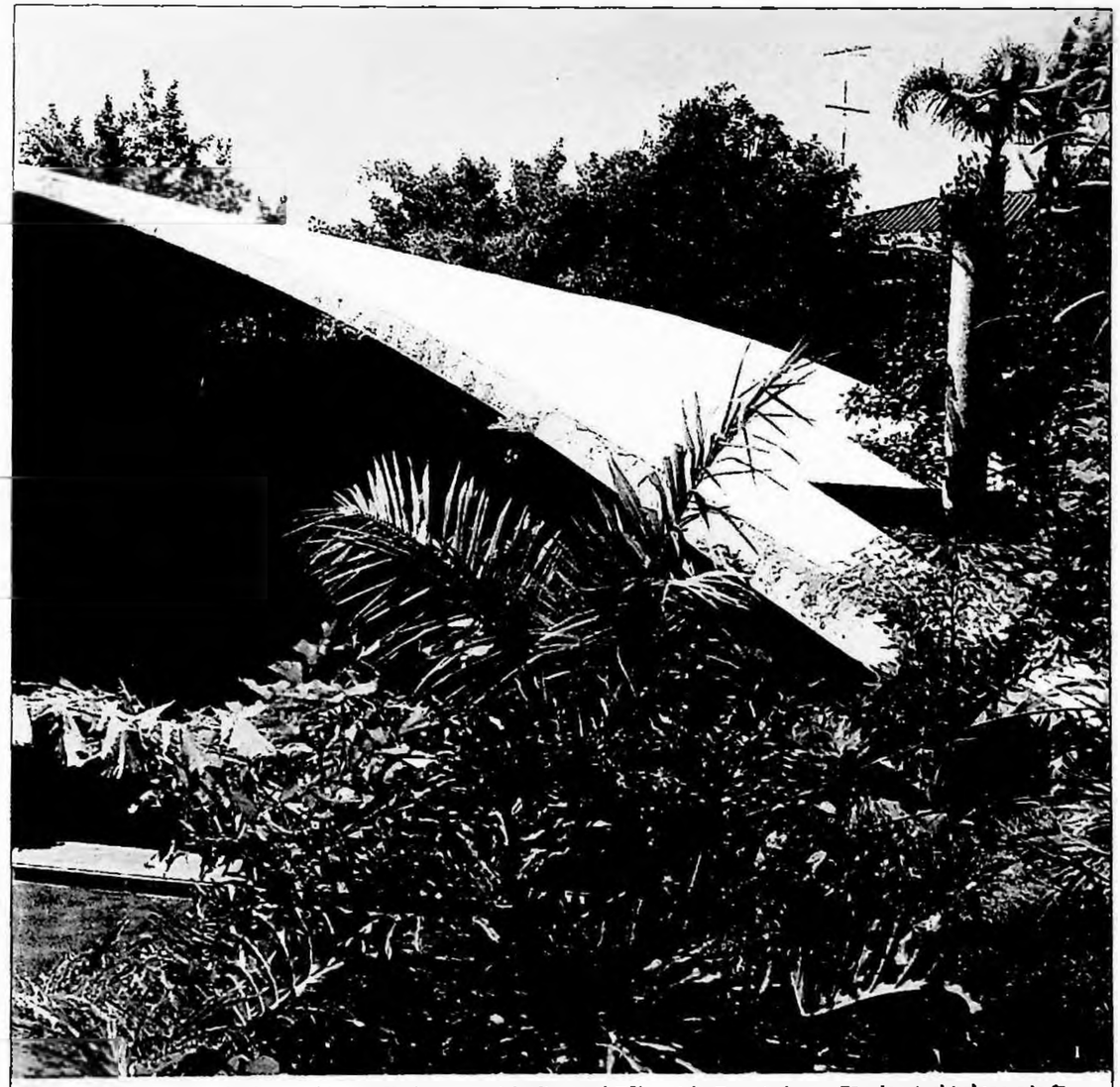
Der Architekt **Marcos Acayaba:** „Für mich bedeutet Wohnen Aktivität". Dieser Satz gefiel der Redaktion so gut, daß wir ihn unseren Lesern als „Motto" weitergeben möchten. Wie Acayaba selbst wohnt, lesen Sie auf den Seiten 6 bis 11.
Dr. Vera Graaf, unsere Mitarbeiterin in New York, stellte mit uns den Beitrag „Wohnen in SoHo" zusammen, der ein Beispiel für dynamisches Wohnen von heute ist.
James Stirling, weltbekannter Architekt aus England, plant, baut und lehrt nun auch in Deutschland. In der Regel führen seine Bauten immer zu heftigen Diskussionen, da er stets ungewöhnliche Bau-Ideen verwirklicht – a & w besuchte ihn in seinem Büro in London.

Ein Gewölbe aus Beton gab dem Haus das Gesicht:

EIN DACH – SCHÜTZEND WIE DIE HAUT

Der Architekt Marcos Acayaba baute dieses Haus in einem Außenbezirk von Sao Paulo, er nutzte dabei die Vorteile eines alles überspannenden Daches für eine offene und freie Grundrißgestaltung.

ARCHITEKT: MARCOS ACAYABA, TEXT UND PHOTOS: CHRISTOPH BÖRKLE

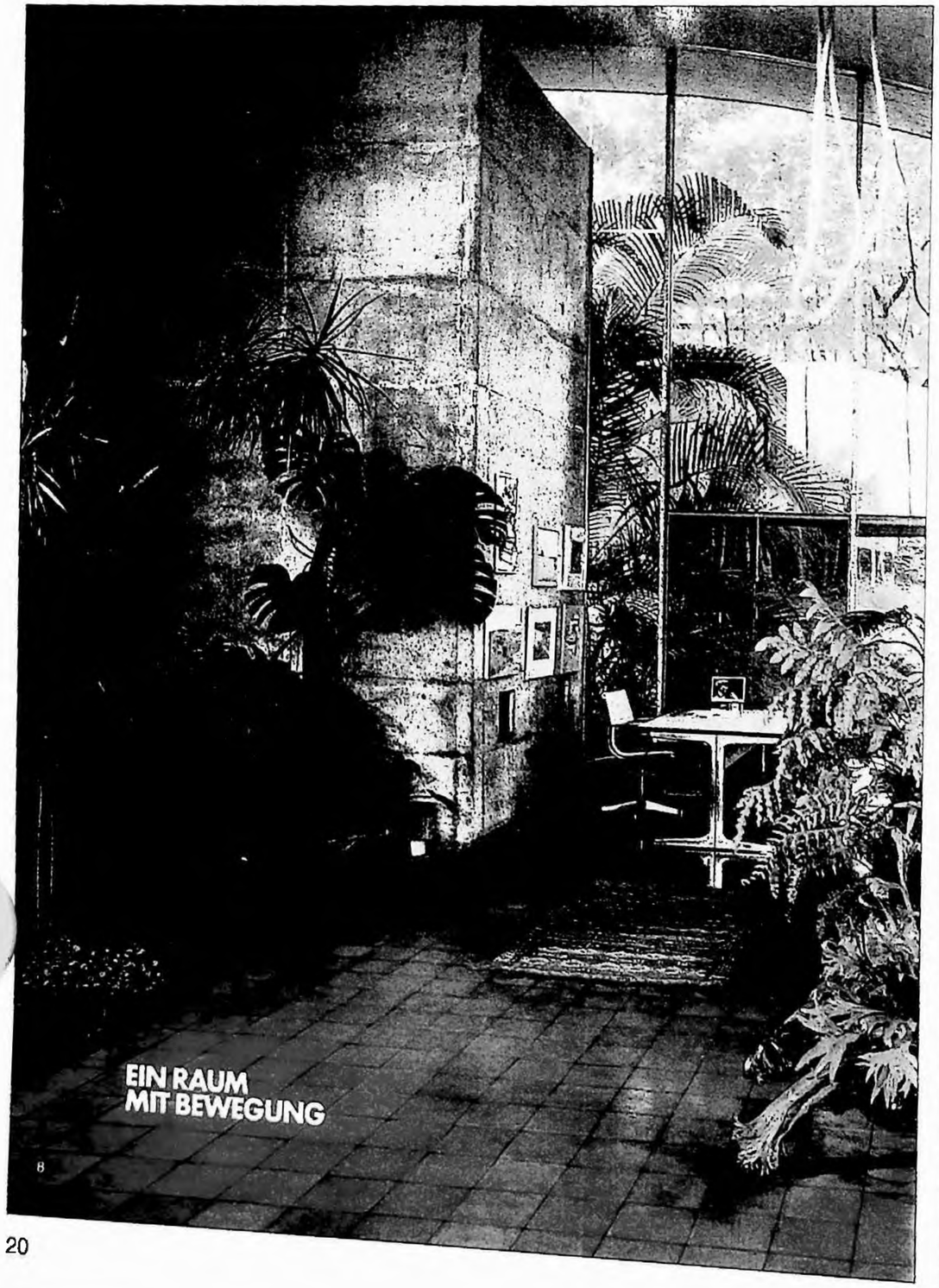


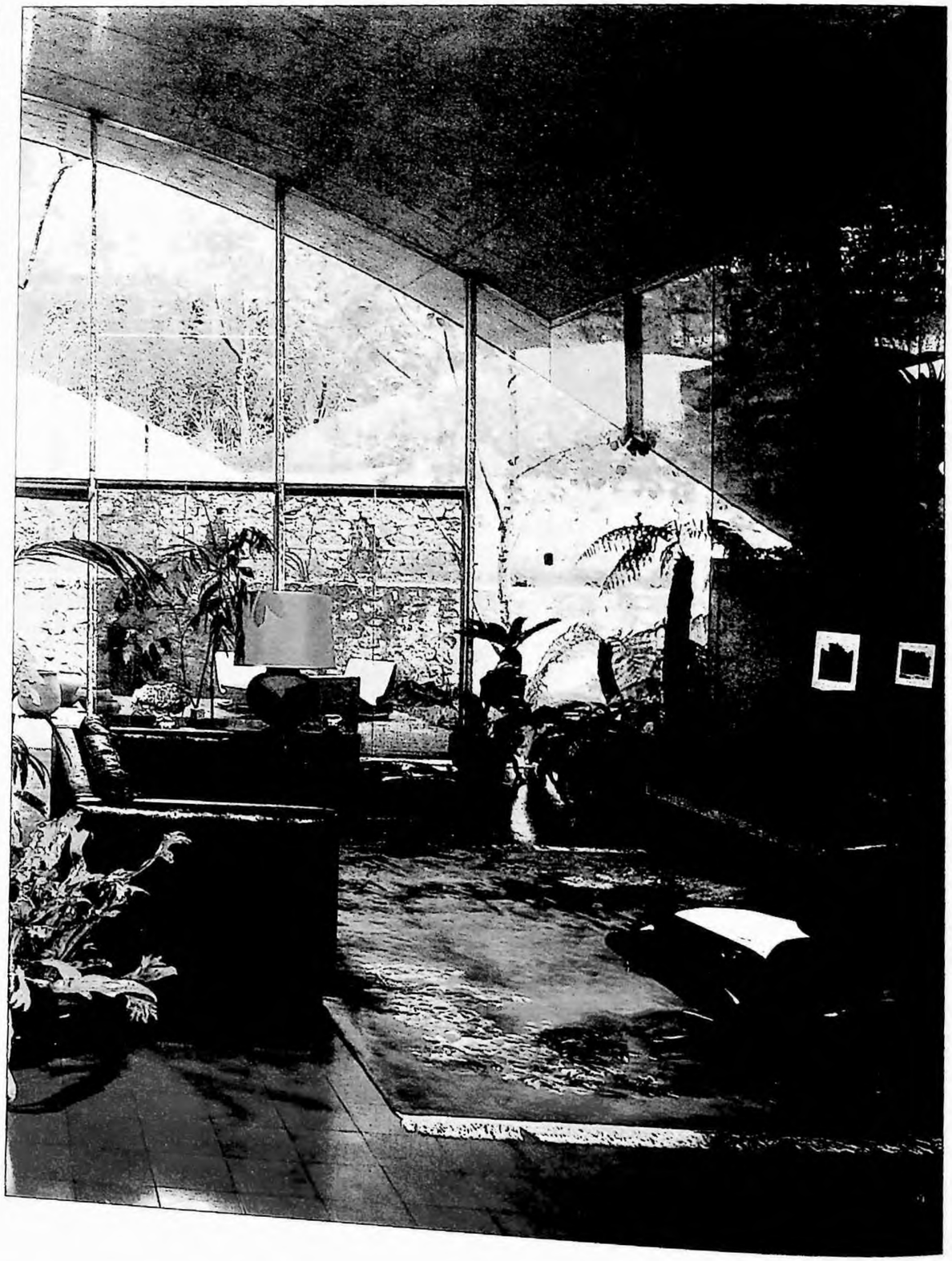
Für mich bedeutet Wohnen Aktivität, sagt der Architekt Marcos Acayaba. Um aktiv zu sein, braucht man Raum. Für das Wohnen bedeutet das Grundrisse, in denen man gestalten, verändern und sich bewegen kann, in denen man Jahreszeiten und wechselnde Lichtverhältnisse empfindet. Ein Programm, das aus den Jahren des Bauhauses stammen könnte. Und so entspricht die Konstruktionsweise dieses Hauses einem Prinzip, das der Architekt Marcel Breuer schon in den 50er Jahren entwarf, um eine völlig freie Grundrißgestaltung zu ermöglichen: das freitragende Spannbetondach.

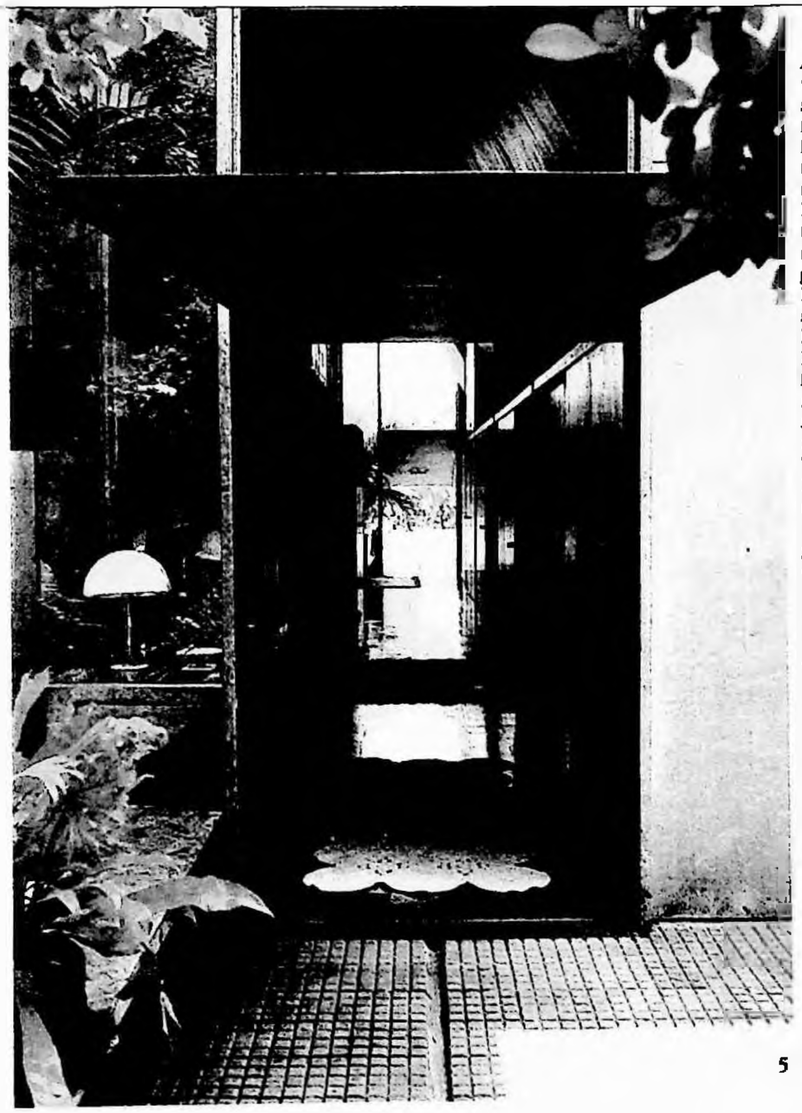
Technische Zonen, Schlaf- und Nebenräume sind funktional zueinander angeordnet – im oberen Stockwerk Schlafräume, unten Küche und Eßbereich. Dazwischen eine Ebene für die große Wohnhalle, die sich nach allen Seiten öffnet und die anderen Bereiche miteinander verbindet. Diese drei Ebenen werden von der großen Dachschale überspannt. Sie ruht nur auf den vier Eckpunkten, ermöglicht eine Rundum-Aussicht von 360 Grad und verbindet damit den Innenraum mit Garten und Swimmingpool (**Bild 1**).

„Für den Architekten wie für den Bewohner muß das Einfamilienhaus heute die Chance bieten, eine neue Lebensform zu finden", sagt Acayaba, und er hat es für sich selbst erprobt. Dies dokumentiert sich besonders in der großen Wohnhalle (**Bild auf der nächsten Doppelseite**, Sicht vom Swimmingpool). Man spürt die Atmosphäre des umschließenden Daches. Dies bestimmt den

EIN DACH-SCHÜTZEND wie die haut. *Architektur & Wohnen*, Hamburg, n.3, p.5-11; 58, sept. 1981.







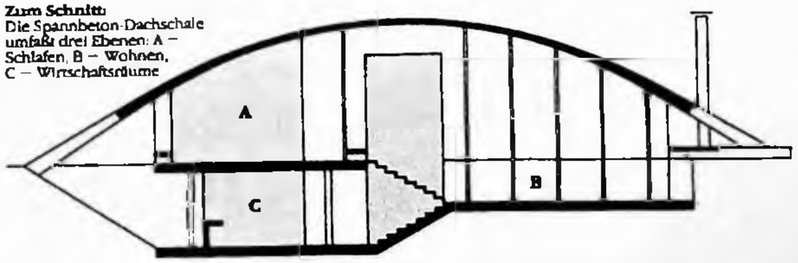
5

Ausdruck der Architektur und läßt das Material der Ausstattung und der Möblierung fast zur Nebensache werden. Der in den Raum gestellte Betonblock birgt die Badezimmer. Er hat keine tragende Funktion; um das auch optisch zu betonen, reicht er nicht ganz bis zum Dach. Die großen Glasflächen sind mit Rollos gegen die Sonne abzuschirmen. Dahinter liegt der kleine Gartenhof mit großen Kübelpflanzen. Links im Bild führt die Treppe in die um eine halbe Geschoßhöhe versetzten Schlaf- und Waschräume, daneben führt die Treppe nach unten (**Bild 4**). Hier finden wir die Küche mit dem Eßplatz aus Stahlrohrmöbeln und einem langen Küchentresen (**Bild 4**, darin links die Treppe nach oben). Die Fensterfront der Küche hat Marcos Acayaba hinter die tragenden Stützen gelegt (**Bild 3**) und erhält so Wirtschaftsräume, die immer geschützt im kühlen Schatten liegen.

Die beiden Hauseingänge befinden sich ebenfalls hier im Untergeschoß, doch hat auch die Ebene der Schlafräume (**Bild 5**) zwei Ausgänge. Die Türen haben ihren Drehpunkt in der Horizontalen und sorgen so für bessere Ventilation. (Weitere Informationen und die Grundrisse auf Seite 58)

DREI ETAGEN UNTER DEM GEWÖLBE

Zum Schnitt:
Die Spannbeton-Dachschale umfaßt drei Ebenen: A – Schlafen, B – Wohnen, C – Wirtschaftsräume



ACAYABA, Marlene Milan; FICHER, Sylvia. BRAZIL. In: SANDERSON, Warren. *International Handbook of Contemporary Developments in Architecture.* Connecticut, Greenwood Press, 1981. p.161.

12
BRAZIL

MARLENE MILAN ACAYABA
and SYLVIA FICHER

The Early Development of Modern Architecture

Brazilian architecture subsisted within the framework of colonialism until the assimilation of Rationalists architecture, mainly the work of Le Corbusier, made possible the coexistence of two contradictory aspirations—the overcoming of cultural dependence and the raising of Brazilian art and architecture to an equivalence with the most advanced European levels. Le Corbusier's ideas, with their somewhat oversimplified Cartesian rigor and prophetic enthusiasm, fulfilled the need for an architectural theory that could be adapted to Brazilian underdevelopment, while fostering independent creativity. Other theories, such as the central European Functionalism of Gropius and Hilberseimer, required technical standards not available in the country, while Frank Lloyd Wright's organicism, identifiable with the existing rural structure of Brazil, could not provide a theoretical background for urban development.

The expression *Rationalist architecture* finally came to have an ample and flexible meaning among Brazilian architects: it would be, succinctly, the architecture espoused by Gropius, Mies van der Rohe, Le Corbusier, and Oud. One could add that, besides the characteristics noted by Hitchcock and Philip Johnson in *The International Style*,[1] Brazilian architects gave preference, during the early days of modern Brazilian architecture, to clearly outlined geometric forms, to a distinction between structure and cladding allowing more freedom in the internal management of space, to the insistent use of *pilotis*, to wide glass screens instead of traditional windows, and to the integration of architecture with the other plastic arts, applied decoration being replaced by murals, glazed tile panels, and sculpture.

Although the influence of the European pioneers of the modern movement was felt in the São Paulo avant-garde as early as the early 1920s, the first modern building in Brazil, designed in 1927 by the architect Gregory Warchavchik, had only a moderate local repercussion.[2] The Modern Movement came to affect Rio de Janeiro as a consequence of the young architect Lucio Costa's personal contact with Le Corbusier in 1929. Costa, appointed dean of the Institute of Fine Arts[3] in 1930, reformed the school's curriculum, till then centered on a Brazilian colonial revival, giving it a Rationalist orientation; the experiment, however, lasted for less than one year.[4] Nevertheless, European theories and projects of the period were the main influence on a group of architects known as the Brazilian Modern pioneers—Attílio Correa de Lima, Eduardo Affonso Reidy, Ernani Vasconcelos, Jorge Moreira, Marcelo and Milton Roberto, Oscar Niemeyer, Paulo Antunes Ribeiro, and Raphael Galvão—who soon started their own lines of research. For instance, Attílio Correa de Lima's 1933 plan for Goiania, the new capital of the State of Goiás,[5] clearly shows his awareness of the climate of argument that prevailed since 1928, as a consequence of the International Congresses of Modern Architecture (CIAM).[6] Within the same context, in 1936 Marcelo and Milton Roberto won the competition for the ABI Building,[7] and in 1937 presented their successful design for the Santos Dumont Airport in Rio.[8]

The invaluable assistance of Dr. Paolo Vanzolini of the Museu de Zoologia, Universidade de São Paulo, with the English translation as well as his patient and careful reading of this chapter are most gratefully acknowledged by the authors.

such as the boathouse of the Santa Paula Yacht Club [1960][41] he develops further the idea of a concrete grid within which the space is organized independently of the structure in accordance with the needs of the program. Both in São Paulo and other areas, architects were influenced by his preference for dynamic balances, for daring structures, and especially for unfaced concrete.

Paulo Mendes da Rocha, in his first designs in collaboration with João Eduardo de Gennaro, adopted formalist solutions, as for instance in his gymnasium of the Club Paulistano in 1961, which displays a sense of pure form and a quality of aerial lightness.[42] Soon after, he turned toward the use of solid concrete walls, with emphasis on internal space rather than outward shape, showing the impact of Artigas's work even among practicing professionals. For the Butantan homes [1964] he arranged all the living areas on a single floor and enclosed them in a mass of exposed, untreated concrete in the manner of *architecture brut*.[43] Mendes da Rocha's design for the Brazilian pavilion at the Osaka Fair in 1970 well embodies the principles of São Paulo architecture at the time.[44] The project comprises a lightly posed rigidly geometrical roof with many skylights which is worked into uneven undulations. Extending beyond, the projection of the roof integrates the pavilion with the ensemble of the fair. The covering is supported by two large prestressed concrete beams, each on two props but with different spans. Three of these props consist only of artificial rubber cushions on rises of the ground; the fourth one is made of two perpendicular round arches. A ramp gives access to the pavilion that comprises an auditorium, offices, restrooms, and so forth, all below ground level. His art museum at the University of São Paulo, designed in 1975 and unhappily not built as yet, follows much the same principles.[45]

Architect Joaquim Guedes in his early works experimented with different alternatives for the definition of space. For the Cunha Lima home [1958] he employed a reinforced concrete structure with large superimposed concrete slabs supported by four central thin pillars and concrete brackets.[46] The lot being narrow, the house is disposed lengthwise, its linear character emphasized by windowless brick side walls. The house is cantilevered over the slope of the back of the lot; the facade, turned towards the valley, is protected only by a *brise-soleil* and the several levels are joined by a graceful flying staircase. In the Itabira courthouse [1958] Guedes works with the interplay of individualized and clearly defined volumes sitting directly on the ground.[47] Oblique lines are emphasized, as are irregularly shaped windows and heavy walls reminiscent of Scandinavian trends. In his later projects, as the Dalton Toledo's [1963] and Sergio Ferreira Leite's [1963] residences, Guedes shows his interest in the exploration of technical alternatives employing concrete and brick vaults.[48] In recent years he has turned to town planning and is now working on large-scale projects for the new cities of Carajás in the State of Pará and Caraíbe in the State of Bahia.

Most striking of the projects of architect Carlos Millan are the Morumbi [1960] and the Roberto Millan [1961] homes; the former in a single-level, parallelepiped, elevated upon thin pillars; the latter characterized by a central void around which various functions are developed.[49] The Harmonia Tennis Club designed by Fabio Penteado in 1960, is a very large spatial umbrella, housing all social areas with terraces that create a broad visual field, from the main hall through the building and beyond to the swimming pool.[50] On the facades of the clubhouse Penteado used large panels of colored canvas, an original device for protection from the sun.

Improvisations upon the age-old idea of vaulting have been recurrent in the fairly recent work of several of São Paulo's architects. Sergio Ferro and Rodrigo Lefevre have always sought constructive solutions leading to mass production and cost reduction. For the Cotia house [1965], they proposed a barrel vault sitting directly on the foundations, easily built through the use of precast curved members of concrete filled with bricks.[51] The unencumbered space is divided by plywood partitions; the bedrooms were projected with built-in beds. The great simplicity of the finishing does not harm the project's artistic value. The concern with the integration of his house [1971] with the gardens around it, led architect Marcos Acayaba to place a 270-square-meter parabolic shell over the terraced lot sheltering the internal spaces that open fully towards the outside.[52] Architect Eduardo Longo has devoted himself since 1974 to the construction of spheric houses where all elements, including furniture and bathrooms, were molded by hand in lightweight concrete and coated with epoxy resin (fig. 12.4).[53] This prototype house, with an area of about 100 square meters, has three floors joined by a central staircase and is a model which can be industrially produced.

The urban environment has also been a concern of São Paulo's architects. The Fifth Avenida office building [1959] by Pedro Paulo de Melo Saraiva and Miguel Juliano, for instance, presented a new orientation in the utilization of the urban lot.[54] The principal volume is set perpendicularly to the street, the Paulista Avenue, keeping the building from touching neighbors. In the space freed in this way, a breezeway *porte-cochère* for vehicular entrance crosses a

MARCOS Acayaba: a economia dos custos. *Módulo*, São Paulo, n.71, p.42-4, jun. 1982.

Marcos Acayaba:

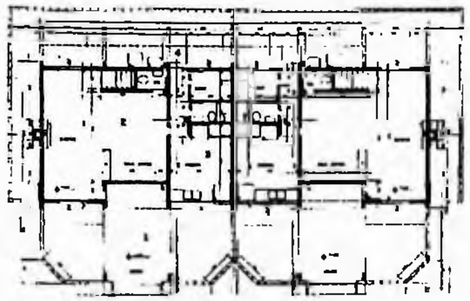
a economia dos custos

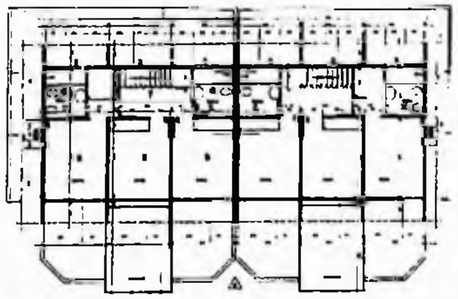
O conjunto de residências no Alto da Boa Vista e a sede da Fazenda Pindorama (São Paulo) são duas experiências isoladas em que procuramos desenvolver um sistema construtivo valendo-nos da linha industrial de peças e blocos de concreto. A racionalização no uso dos componentes permitiu a construção em concreto armado sem uso de formas e consumo de madeira.
As peças que alojam a estrutura foram assentadas sobre escoramento que, sem entrar em contato com o concreto, foi sendo reaproveitado sucessivamente na obra.

CONJUNTO DE RESIDÊNCIAS NO ALTO DA BOA VISTA (1972/73)

Colaboradores: Mariana Milan Acayaba
Martha Dora Hueck
Estrutura: Aloilo G.A. Netto
Instalações: Antonio Garcia Martinez
Olavo Motta Campos
Construção: Hamilton Glueck

No Conjunto do Alto da Boa Vista procuramos uma alternativa para a ocupação do lote urbano na construção de *sobrados*. Com a divisão usual do lote, os *sobrados* são estreitos e muito longos, com excessiva área de circulação e problemas de insolação e ventilação. Nosso lote (500m^2), de esquina, foi dividido transversalmente em 4 áreas de 125m^2. Os 2 pilares de sobrados geminados, com "muita frente e pouco fundo", superam as desvantagens apontadas: descontados os recuos obrigatórios, o corpo construído tem boa insolação nas fachadas frente e fundo, ventilação cruzada e a área exclusiva para circulação é mínima. Na construção racionalizada em série usamos alvenaria armada de blocos de concreto e lajes pré-fabricadas de concreto e tijolos cerâmicos (tipo *preí*) diretamente apoiadas nas cintas de amarração fundidas nas peças *verga* em "M". Nos vãos livres, as lajes *preí* foram apoiadas e fundidas conjuntamente com as vigas, por sua vez alojadas no conjunto de peças *verga* e lajotas, ambas assentadas em fiadas sobre caibros com o devido cimbramento.





1. abrigo. 2. sala. 3. cozinha. 4. serviço. 5. dormitórios. 6. banheiros. 7. circulação.

SEDE DA FAZENDA PINDORAMA SÃO PAULO (1974/75)

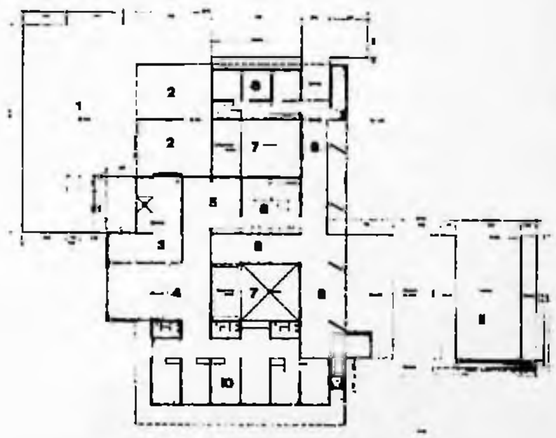
Arquitetos: Augusto Livio Malzoni
Marcos Acayaba
Estrutura: Tadeschi e Ogata
Instalações: Eurico F. Marques
Construção: Cangia

A sede da Fazenda Pindorama foi construída sobre uma suave lombada com vista para a paisagem em todas as direções.

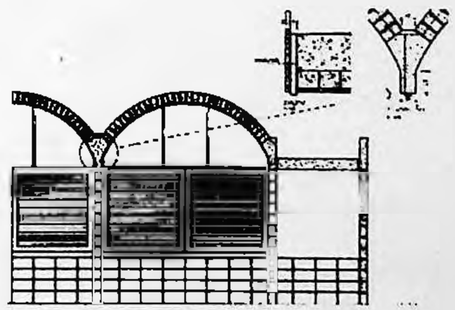
Essa condição nos levou à construção horizontal onde o programa se organiza em torno de 2 pátios internos, verdadeiras "salas ao ar livre", protegidas dos ventos, com o desfrute da paisagem e a necessária característica acolhedora diante da mesma.

A cobertura, em abóbodas, foi apoiada nas paredes de alvenaria armada, ou em perfis "I" de aço, onde os volumes de alvenaria seriam incômodos obstáculos visuais.

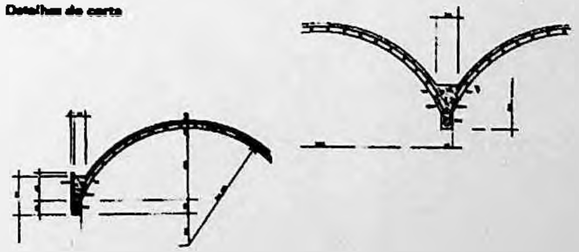
Na obra, genericamente, foram usados como escoramento das abóbodas, conjuntos solidários compostos por 2 jambotas travadas entre si, apoiados sobre caibros corridos e nivelados por cunhas. Blocos de concreto de 20x20x7cm foram assentados sobre ripas pregadas a cada 20cm nas jambotas. As vigas que vencem os vãos livres e suportam os balanços foram alojadas em conjunto de peças verga e lajotas. Nas testeiras das abóbodas foram também usadas lajotas de concreto de 20x10x4cm. As vigas foram fundidas ao mesmo tempo em que se fazia o capeamento das abóbodas. A "desforma" se fez com a remoção das cunhas.
O escoramento, sem ter entrado em contato com o concreto, pôde ser sucessivamente reaproveitado.
Assim, para o conjunto da obra, o escoramento previsto foi o correspondente a 15% da superfície coberta.



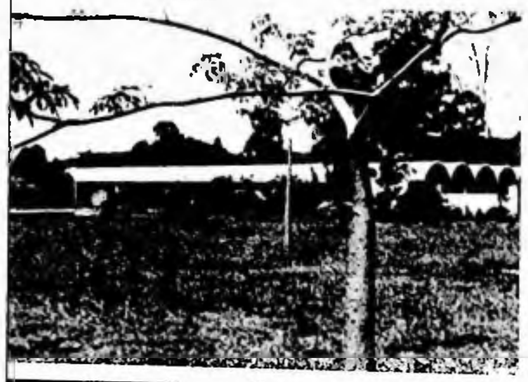
1. estacionamento. 2. garagem. 3. alpendre. 4. estar. 5. jantar. 6. cozinha. 7. pátios. 8. serviço. 9. terraços. 10. dormitórios. 11. piscina.

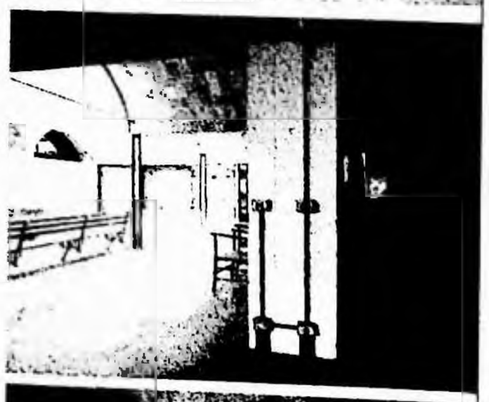


Detalhes de corte

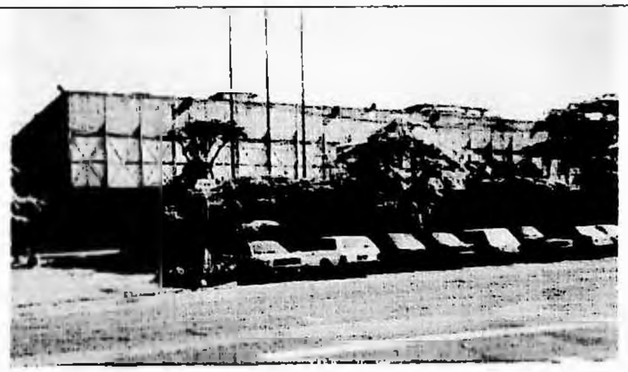


Fazenda Pindorama





RESIDÊNCIA do Arquiteto. In: FICHER, Sylvia; ACAYABA, Marlene Milan. *Arquitetura Moderna Brasileira.* São Paulo, Projeto, 1982. p.60-1.

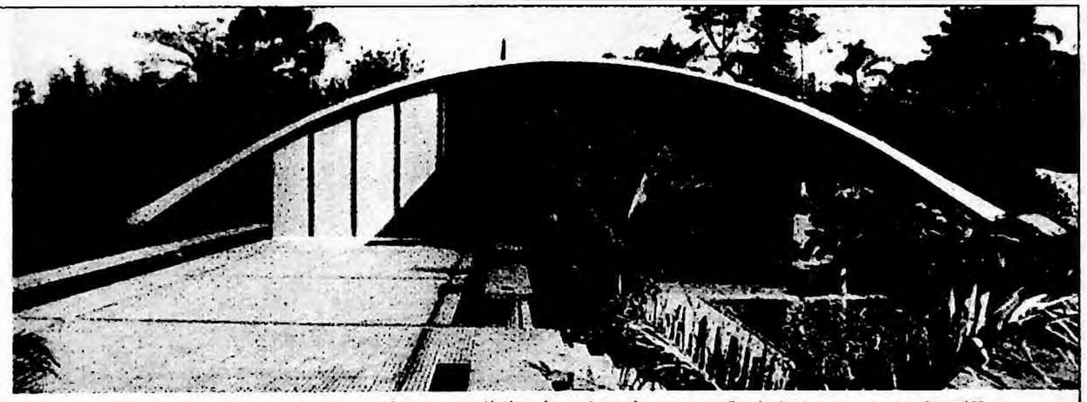


81. Fabio Penteado e Alfredo Paesani. *Sede Social do Clube Harmonia de Tênis.* São Paulo.

A Sociedade Harmonia de Tênis (1960),[53] do arquiteto Fabio Penteado, é uma grande cobertura abrigando as áreas de estar cujo piso foi tratado em patamares, possibilitando a visão ampla desde os salões até a piscina. As fachadas do edifício foram protegidas do sol e da vista externa por grandes painéis de lona colorida.

Variações em torno do uso de abóbadas são recorrentes no trabalho recente de arquitetos paulistas. Sérgio Ferro e Rodrigo Lefèvre buscaram sempre em seus trabalhos desenvolver soluções construtivas que permitissem a industrialização e barateamento da construção. Para a residência de Cotia (1965)[54] propuseram uma abóbada semicircular apoiada diretamente sobre as fundações e que pôde ser rapidamente executada graças ao emprego de vigas curvas de concreto pré-fabricadas e preenchidas com tijolos. O espaço interno foi definido por divisórias de madeira e os dormitórios projetados com camas fixas de tijolo. A grande simplicidade de acabamento não diminui

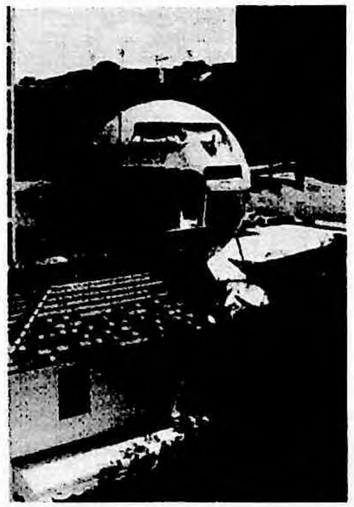
82. Sergio Ferro. *Residência Bernardo Ister.* Cotia.



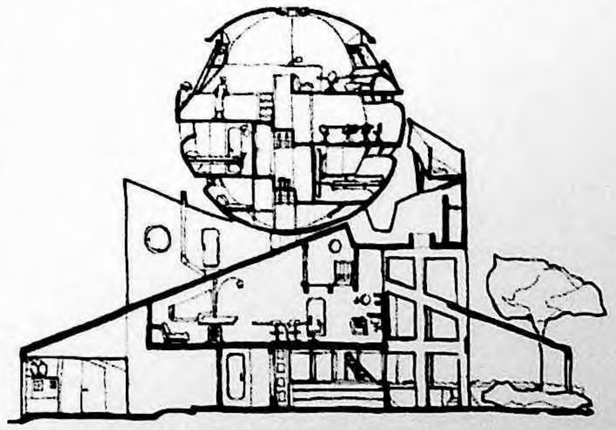
83. Marcos Acayaba. *Residência do arquiteto.* São Paulo.

84. Eduardo Longo. *Residência do arquiteto.* São Paulo.

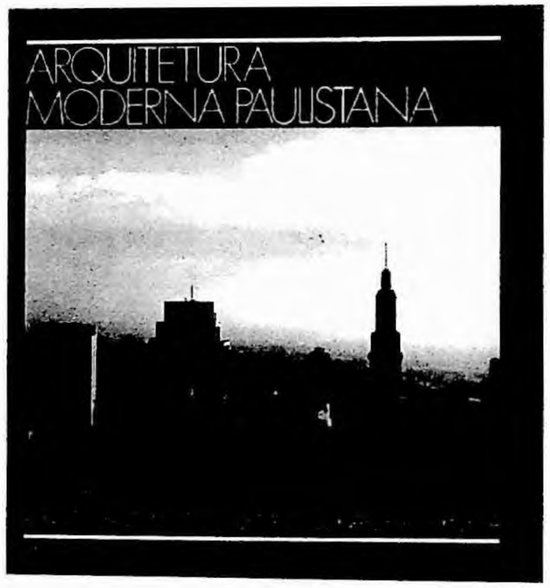
85. *Residência Eduardo Longo:* corte.



o interesse artístico do projeto. A preocupação de integrar sua casa (1971)[55] com o espaço que a circunda levou o arquiteto Marcos Acayaba a cobrir o terreno trabalhado em patamares com uma casca parabólica de 270 m². Esta cobertura única apoiada nas quatro extremidades abriga os espaços internos que se abrem totalmente para o exterior. O arquiteto Eduardo Longo, a partir de 1974, dedicou-se inteiramente à construção de uma residência esférica[56] onde todos os elementos, inclusive móveis e banheiros, foram moldados artesanalmente em ferro-cimento e revestidos com epóxi. A casa, com cerca de 100 m² de área, tem três pisos unidos por uma escada central e foi concebida como um protótipo para ser produzido industrialmente.



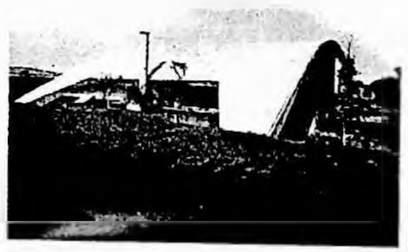
RESIDÊNCIA do Arquiteto. In: XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos; CORONA, Eduardo. *Arquitetura Moderna Paulistana*. São Paulo, Pini, 1983. p.176.



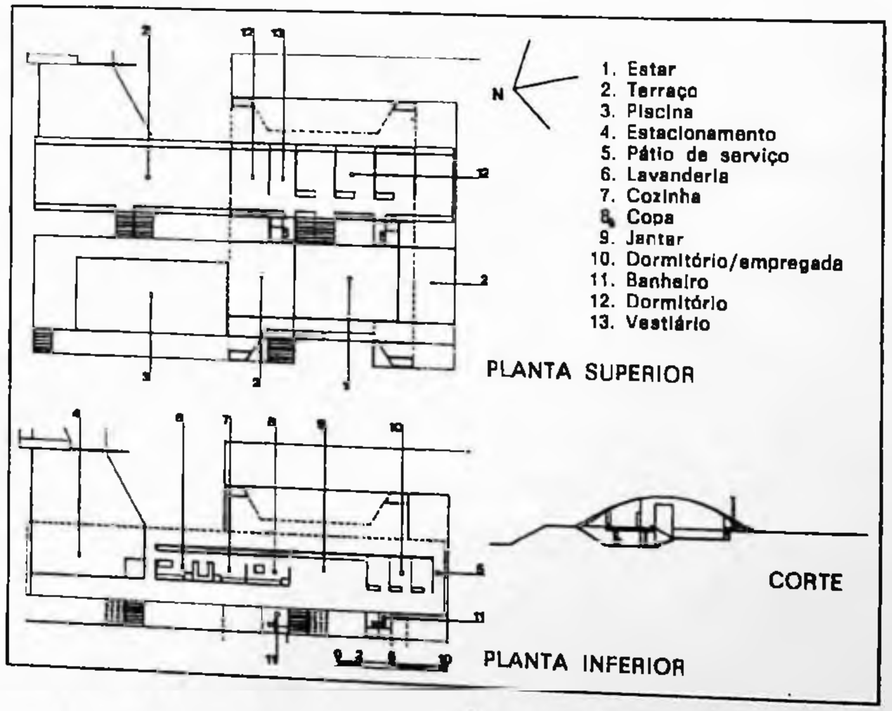
RESIDÊNCIA DO ARQUITETO / 1973

RUA DAS MAGNÓLIAS, 70 / CIDADE JARDIM
ARQUITETO: MARCOS DE AZEVEDO ACAYABA

176

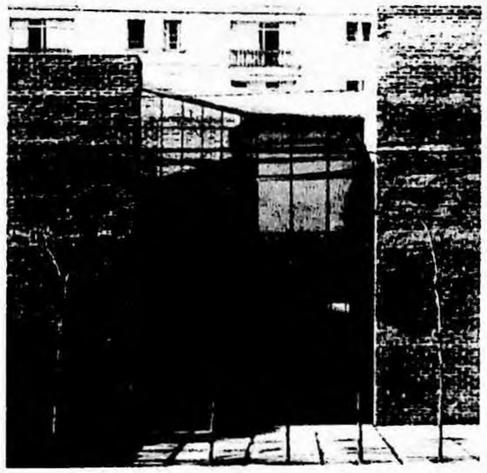


A inclinação original do grande lote de 2.150 m² foi corretamente aproveitada, permitindo 3 níveis. No mais baixo situam-se o abrigo de carros, as áreas de serviço, cozinha e sala de refeições: no intermediário, todo o setor de estar: "living-room", na parte protegida e piscina no jardim, acolhendo o nível mais elevado os dormitórios. A cobertura dessas áreas habitacionais foi conseguida através de dois expedientes: piso inferior sob uma laje plana e os demais situados embaixo de um grande teto parabólico de 4 apoios. Com isso, o arquiteto conseguiu um bom efeito visual, onde fica bem patente a função "protetora" da laje curva, exemplo relativamente raro de partido que abriga englobadamente dependências da moradia, à semelhança da obra de n.º 126, solução frequente em programas de uso coletivo, mas considerada, por um condicionamento psicossocial, como não "apropriada" para residências.



Marcos Acayaba

Formou-se em 1969 pela Universidade de São Paulo. Tem 39 anos. É profissional autônomo com escritório em São Paulo. Foi professor na FAUUSP de 1972 a 1976. Recebeu o 1.º prêmio nos concursos de anteprojetos para os escritórios regionais de planejamento de Bauru, Marília e Araçatuba e 1.º menção honrosa no Concurso Nacional de Anteprojetos para Reurbanização do Anhangabaú.

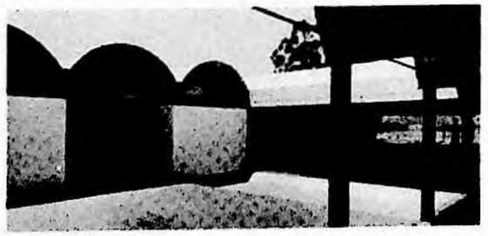


Galeria São Paulo
1980/81

Residência Marcos Acayaba
São Paulo
1972/73

Sede da Fazenda Pindorama
Jundiaí/São Paulo
1974/76
Co-autor Augusto Livio Malzoni

Residência Jander Kou
São Paulo
1981/83



Manoel Coelho *Parque Centenário* (Criciúma, SC): co-autores, Márcia Kaiko Ono e Marea Homar Iwanqui; colaboradores, Denir Gonçalves Martins, Neuza Freitas, Luís Alberto Chico, Flávio Monastier e Silvio Parucker.

Marcello Fragelli *Estação Ponte Pequena do Metrô* (São Paulo, SP); *Prédio Jerônimo Ometto, Indústrias Piraquê* (Rio de Janeiro, RJ): colaboradores, David Costa Lopes e Álvaro Macedo Neto.

Marcílio M. Ferreira e Takaoka Takada *Blocos de Apartamentos em Superquadras* (Brasília, DF).

Marco Antonio Arautenia *Casa na Pampulha* (Belo Horizonte, MG); *Casa 1* (Belo Horizonte, MG); *Casa 2* (Belo Horizonte, MG); *Casa 3* (Búzios, RJ).

Marco Antonio Coelho *Centro de Atividades do Sesc/Tijuca* (Rio de Janeiro, RJ): co-autores, Sergio Jamel, Maria de Lourdes Freitas e Angela Tâmega Menezes; colaboradora, Sheila Dain; paisagismo, Roberto Burle Marx; *Unidades de Habitação e Comércio do Pólo Turístico do Brasul* (Angra dos Reis, RJ): co-autor, Luiz Fernando Franco; coordenação, Eleonora F. Souza e Elizabeth Rodrigues; equipe, Anatucia S. Cardoso, Elvira B. Viveiros, Fernando P. Luz e Oscar F. Fontes; *Hotel Porto Marina Brasul* (Angra dos Reis, RJ): co-autor, Luiz Fernando Franco; coordenação, Eleonora F. Souza e Elizabeth Rodrigues; equipe, Anatucia S. Cardoso, Elvira B. Viveiros, Fernando P. Luz, Marianita Coimbra, Márcio Cravo Moreira, Oscar F. Fontes, Onaldo Luís Machado, Márcia Souto Soares e Roberto Nascimento.

Marco Aurélio Ferreira *Áreas e Equipamentos para o Parque das Mangabeiras* (Belo Horizonte, MG); *Habitação Multifamiliar Vertical* (Belo Horizonte, MG); *Centro Federal Tecnológico de Minas Gerais* (Belo Horizonte, MG): projeto em equipe; *Sede do Departamento de Águas e Energia Elétrica do Estado de Minas Gerais* (Belo Horizonte, MG).

Marcos Acayaba *Galeria São Paulo* (São Paulo, SP): em equipe com Luís Paulo Barevelli, Satoshi Ishii, Reinaldo Cabral e Plínio Toledo Piza; *Residência do Arquiteto* (São Paulo, SP): colaboração e paisagismo, Mariana Milan Acayaba; *Sede da Fazenda Pindorama* (Jundiaí, SP): co-autor, Augusto Livio Malzoni; *Residência Jander Kou* (São Paulo, SP): colaborador, Emílio I. Tachibana.

Marcus Vinicius Meyer e Márcia Pinto de Barros *Escritórios Centrais da Açominas* (Ouro Branco, MG); *Edifício-sede do Banco de Desenvolvimento de Minas Gerais* (Belo Horizonte, MG): co-autores, Humberto José Serpa e William Abdalla; *Viaduto do Barreiro* (Belo Horizonte, MG): Marcus Vinicius Meyer; *Escritórios da Mesbla* (Belo Horizonte, MG); *Edifício do Centro de Processamento de Dados e Engenharia Industrial da Açominas* (Ouro Branco, MG); *Centro Administrativo do Estado do Piauí* (Teresina, PI): co-autor, Raul de Lagos Clerc; *Fábrica de Parafusos das Indústrias Michelotto-Mitto* (Contagem, MG): Marcus Vinicius Meyer.

Marília Bent'Anna de Almeida *Estúdio de Som* (São Paulo, SP); *Residência Stutman* (São Paulo, SP); *Residência Hersberg* (São Paulo, SP).

Mário Alakio Melo *Terminal Rodoviário* (Maceió, AL): co-autores, Leonardo Bittencourt e Eduardo Assumpção; *Residência Teotônio Vilela Filho* (Junqueiro, AL).

Mário Cavlquel *Projeto para um Restaurante na Barra da Tijuca* (Rio de Janeiro, RJ); *Concurso de Anteprojetos para Terminal de Ônibus* (Florianópolis, SC): colaboradora, Sílvia Azevedo; *Concurso de Anteprojetos para os Edifícios da Prefeitura, Câmara de Vereadores e Serviço Assistencial* (Florianópolis, SC): co-autor, Juan Carlos Di Filippo; colaboradora, Sílvia Azevedo; *Concurso de Anteprojetos para Centro de Convenções, Feiras e Exposições* (Salvador, BA): co-autores, José A. Erquicia, Juan Carlos Di Filippo, Ruben Sarti e Paul Jablon; colaboradora, Sílvia Azevedo; *Concurso de Anteprojetos para Edificações do Porto de Aratu* (BA): co-autores, José A. Erquicia, Juan Carlos Di Filippo, Ruben Sarti e Paul Jablon; colaboradora, Sílvia Azevedo; *Concurso de Anteprojetos para o Edifício-sede da Terrafoto* (São Paulo, SP): co-autores, Vera Lúcia R. Cardim e Hermano Freitas Filho; colaboradoras, Sílvia Azevedo e Maria José Senna.

Mariana Yurgel, Lúcio Gomes Machado e Eduardo de Jesus Rodrigues *Agência Banespa Perdizes* (São Paulo, SP): co-autor, Nestor Goulart Reis Filho; *Unidade de Recepção da Febem* (São Paulo, SP).

Mauricio Spina *Agência Imobiliária* (São Paulo); *Agência Bancária numa Indústria* (Guarulhos, SP).

Maslin Bussatchi *Residência em Ponta Negra* (Maricá, RJ): colaboradora, Carlos Tolentino, Didier Dominique e Hélio Abramides; *Residência no Tucuruvi* (São Paulo, SP): colaboradoras, Carlos Tolentino, Diana Malzoni, Nelson T. Yamaga e Carlos Sanaoja; *Residência na Lapa* (São Paulo, SP): co-autor, Carlos Tolentino.

Miguel Juliano *Escola Senac* (Ribeirão Preto, SP): paisagismo, Suali Suchodolski e L. Fiaschi; *Residência do Arquiteto* (São Paulo, SP): paisagismo, Suali Suchodolski; *Edifício Sharp* (São Paulo, SP): paisagismo, Suali Suchodolski; *Edifício-sede do Centro Técnico Nacional da Fundacentro* (São Paulo, SP): paisagismo, Suali Suchodolski; *Edifício de Apartamentos* (São Paulo, SP): paisagismo, Suali Suchodolski.

Murilo Viana Domingues, Marcelo Dias Menezes, Francisco J. Judas y Marubena, Eduardo Barbosa de Oliveira e João Di Genaro *Agência do Banco Itaú* (Franca, SP): Murilo Viana Domingues; *Agência do Banco Itaú na Praça Panamericana* (São Paulo, SP): Marcelo Dias Menezes e Francisco Javier Judas y Marubena; *Agência do Banco Itaú* (Porto Alegre, RS): Eduardo Barbosa de Oliveira.

Nelson Serra e Neves *Projeto Morada Nova* (Morada Nova, CE): colaboradores, José Alberto de Almeida e Ebba Martins Ferreira.

Paulo Bastos *Sede Social, Berçário/Escola Maternal e Plataforma Infantil do Clube Paineiras do Morumby* (São Paulo, SP).

Paulo Bierrenal e João Marchiaro *Pavilhão de Exposições da Festa Nacional da Uva* (Caxias do Sul, RS): co-autores, Rubens Artur Baldissarotto e Antonio Fernando Filippini; *Edifícios de Salas de Aula* (Caxias do Sul, RS); *Ala de Condomínio Horizontal* (Caxias do Sul, RS); *Residência Unifamiliar* (Caxias do Sul, RS).

Paulo Sérgio Souza e Silva *Acesso à Estação Anhangabaú do Metrô* (São Paulo, SP): elevação e perspectivas, Valdendro Kasting.

Pedro Cury e Angela Maria A. Cury *Conjunto Habitacional São Judas Tadeu* (Salto, SP); *Residência Familiar; Escola Senai* (Santo André, SP); *Residência Familiar* (São Carlos, SP).

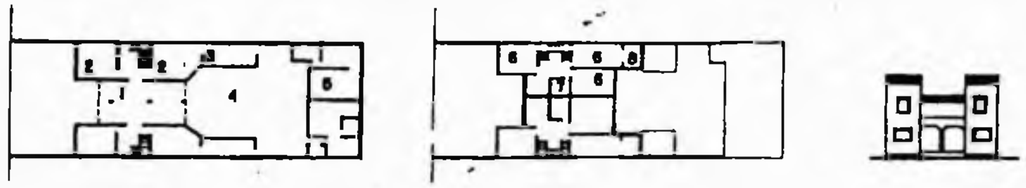
INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL DEPARTAMENTO DE SÃO PAULO

CURSO: CULTURA

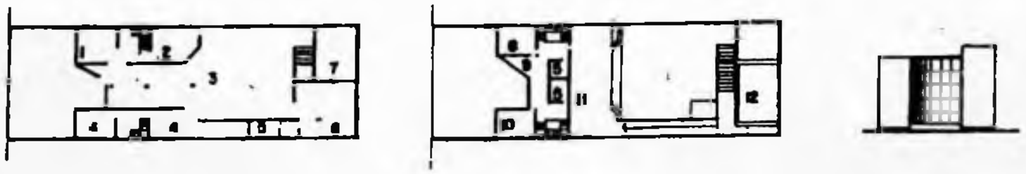
SETEMBRO 1983

MARCOS ACAYABA

GALERIA SÃO PAULO



SITUAÇÃO ENCONTRADA: Térreo- 1. Garagem 2.Sala 3.Cozinha 4.Quintal 5.Edícula Piso Superior- 6. Dormitório 7. Banheiro 8. Terraço Descoberto.



SITUAÇÃO PROJETADA: Térreo- 1.Secretaria 2.Administração 3. Galeria 4. Depósito 5. Banheiro 6.Bar 7.Jardim Piso Superior- 8.Escritório 9.Vitrine 10.Reuniões 11. Mezzanino 12.Terraço Descoberto.

O projeto, desenvolvido pela equipe Marcos Acayaba, Luis Paulo Baravelli, Sakae Ishii, Reinaldo Cabral e Plínio Toledo Piza durante os anos de 1980 e 1981, procurou integrar definitivamente as 2 casas reformadas em um edifício adequado às funções culturais propostas e, portanto diferenciado na paisagem da rua. Os pequenos espaços originais das casas foram destinados à administração e ao acervo, exceto os dormitórios dos fundos que foram transformados em mezzanino da galeria. Os quintais se tornaram espaços para uso público, cobertos por persianas móveis industrializadas, e as edículas foram projetadas para conter o bar e o terraço das esculturas. O percurso por este conjunto de espaços permite a visão das obras de arte de ângulos variados e diversas distancias.

UM REFÚGIO à beira-mar. *Playboy*, São Paulo, n.110, p.3; 64-7, set. 1984.

ENTRE NÓS

Resumindo uma rica filosofia de vida, o professor universitário, sociólogo e senador pelo PMDB **Fernando Henrique Cardoso** observa, na entrevista deste mês, que todo militante em tempo integral é um chato: "Ninguém aguenta um sujeito que fica passando abaixo-assinado o dia inteiro", diz Fernando Henrique. "Vocês têm que fazer amor, jogar futebol e ouvir música."

Nós concordamos com essa filosofia em gênero, número e grau. Tanto é assim que, para esta edição de PLAYBOY, deslocamos os nossos repórteres para os mais diversos *fronts* de interesse do homem — incluindo política, esporte, música e sexo. **Miriam Leitão** acompanhou Fernando Henrique Cardoso durante sessenta dias em São Paulo, Santos e Curitiba, para uma grande entrevista de mais de sete horas gravadas. Com o seu charme característico, o jovem senador fala de exílio, das propostas do seu partido, dos novos nomes da política — e até de questões controvertidas como infidelidade conjugal, drogas, etc.

No esporte, o jornalista **Carlos Alberto Luppi** e o editor **Pedro Cavalcanti** exploraram o mundo e o submundo do turfe. No Jockey Club carioca, Luppi conseguiu confissões — com todos os nomes e datas — envolvendo casos de doping, suborno e páreos combinados. Em São Paulo, Pedro Cavalcanti percorreu os bastidores do Jockey Club paulista para contar as histórias de paixão pelas apostas e pelos cavalos. As ilustrações das duas reportagens são de **Héctor Gómez**.

No indispensável capítulo das mulheres, começamos por mais uma reportagem exclusiva. Nosso editor no Rio, **Léo Borges Ramos**, passou uma noite na Ilha da Fantasia — uma ilha de verdade na lagoa da Tijuca, onde funciona o clube erótico mais luxuoso do país. Embora seja um clube masculino, o maior encanto da Ilha da Fantasia são, naturalmente, as suas garotas.

Ainda com exclusividade, publicamos o ensaio fotográfico com a atriz **Sônia Braga** que está conquistando os EUA. Ela foi fotografada por **Richard Fegley** para a edição americana de PLAYBOY. Além de Sônia, estão nesta edição **Vera Fischer**, **Bruna Lombardi**, **Angelina Muniz** e outras estrelas, que participam de um concurso muito especial. Qual delas tem os pés mais sensuais? A decisão final só depende do seu voto. E, como se isso não bastasse, apresentamos um ensaio com as garotas brasileiras que fazem os anúncios de lingerie (sem lingerie) e **Terry Moore**, uma das viúvas — e melhor herança — do milionário excêntrico Howard Hughes. E mais:

Edeson Coelho, diretor da MPM no Rio, que já foi "tudo em propaganda — fora camelô e homem-sanduíche", relembra as histórias mais divertidas que viu em sua brilhante carreira. E nos trouxe até uma foto histórica, em que aparece, à esquerda, aos 4 anos de idade, quando "apresentava" com seus irmãos uma campanha da Colgate. A ilustração do seu artigo é de **Ziraldo**. **Danio Braga**, *sommelier* profissional e proprietário do restaurante Enotria, no Rio, comenta, na "Doce Vida", o fim da *nouvelle cuisine*.

Hans Donner, o criador do "plim-plim" da Rede Globo, conta para a repórter **Olímpia Ciabattari** os segredos das aberturas e vinhetas dos programas que revolucionaram a linguagem visual da TV brasileira. **Ray Bradbury**, o mestre da ficção científica, faz uma incursão no mundo da educação militar com o conto *É uma Ordem*. Já o crítico musical **Zuza Homem de Mello** analisa os resultados do VI Prêmio Playboy de Música Popular Brasileira, que **Osmar** ilustrou.

Mostrando que um assunto sério pode ser tratado com muito bom humor, o advogado e diretor-responsável da Editora Abril, **Edgard de Silvio Faria**, analisa o novo Código Penal Brasileiro. E, já que com talento tudo se resolve, o arquiteto paulista **Marcos Acayaba** dá um presente para os leitores de PLAYBOY: o projeto de uma casa de praia que pode ser construída pelo preço de um automóvel médio.

Até outubro.

Fernando Henrique Cardoso e Miriam Leitão

Edgard de Silvio Faria

Pedro Cavalcanti

Héctor Gómez

Carlos Alberto Luppi

Ziraldo

Richard Fegley

Marcos Acayaba

Zuza Homem de Mello

Léo Borges Ramos

Edeson Coelho: o garoto da esquerda, nos velhos tempos. E o homem de hoje.

Osmar

Olímpia Ciabattari

Ray Bradbury

Danio Braga

UM REFÚGIO À BEIRA-MA

Um projeto simples e com muito charme (pelo preço de um carro médio)

Projeto MARCOS ACAYABA

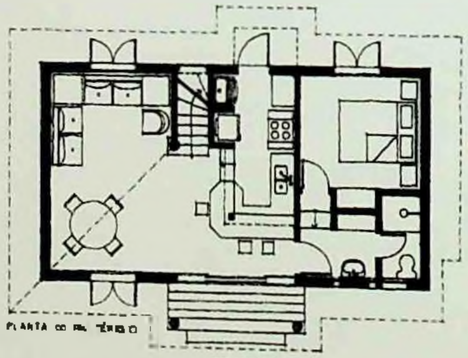
Vista de longe, quase escondida pela vegetação tropical ao pé do paredão da serra do Mar. Vista de frente, com a acolhedora janela do mezanino. Ou na intimidade da sacada que abre para as montanhas. Protegida dos olhares dos raros pescadores que habitam essa praia semideserta do litoral entre Rio de Janeiro e São Paulo. Uma casa que parece ter nascido da paisagem.

Por apenas Cr$ 15 milhões — preço de um automóvel médio zero km — você pode realizar o sonho de uma casa de praia, com bar e tudo. Esse é o preço da construção desse projeto do arquiteto paulista Marcos Acayaba. São apenas 70 metros quadrados. Uma casa pequena, mas com charme e muito espaço útil, comunicação fácil, e que acomoda com conforto seis pessoas. A característica básica do projeto é a simplicidade, o que exige um excelente arquiteto, pois em arquitetura a simplicidade é o segredo maior. E mais prático, segundo Acayaba, levar torneiras, portas, batentes e outras peças industrializadas do Rio e de São Paulo. E deixar de lado detalhes complicados. Os caiçaras são bons mestres de obras e operários criativos, mas antipatizam com ângulos retos e ignoram acabamentos sofisticados. Como a construção demora cerca de seis meses e a fiscalização é problemática, por causa da distância, a solução ideal é aproveitar o material de construção disponível segundo o talento e as tradições artesanais da mão-de-obra local.

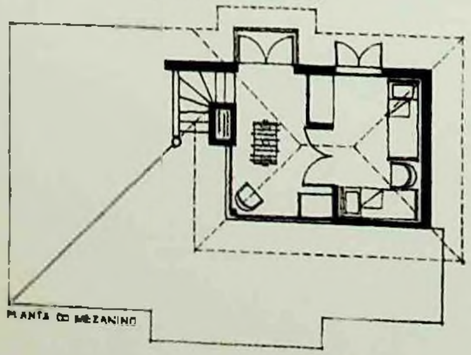
UM REFÚGIO à beira-mar. *Playboy*, São Paulo, n.110, p.3; 64-7, set. 1984.

SIMPLICIDADE, COM MUITA CLASSE

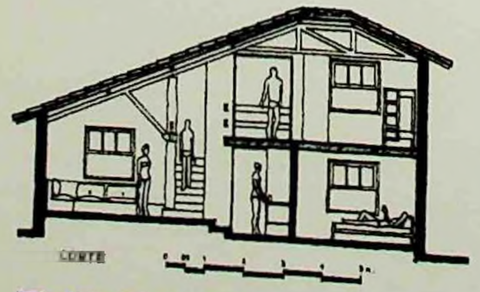
Esse projeto inclui tudo o que é necessário para a vida descontraída de beira de praia. Logo na entrada, a sala com o bar, que serve tanto para os aperitivos quanto para a preparação de refeições ligeiras e se comunica diretamente com a cozinha. À direita, um banheiro e o quarto de casal. Uma escada de madeira leva ao mezanino, com vista para a sala — e a um segundo quarto. Com um mínimo de divisões, a vida transcorre num único ambiente de funções variadas, onde enquanto você prepara um drinque no bar, sua garota cuida do jantar e os convidados tomam sol lá fora. Com um telhado simples, sem forro, a casa respira bem melhor.



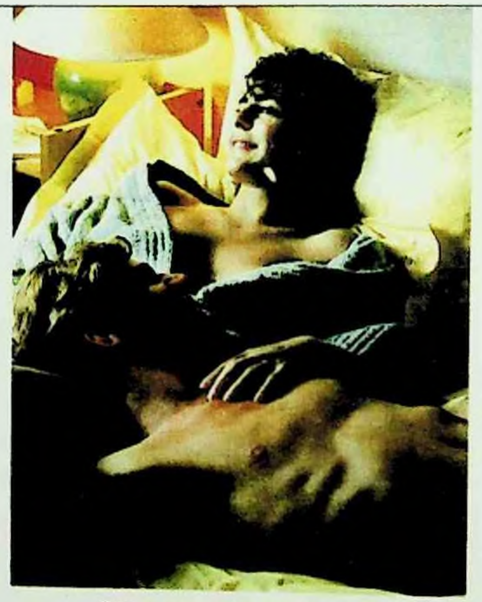
PLANTA DO PRIMEIRO



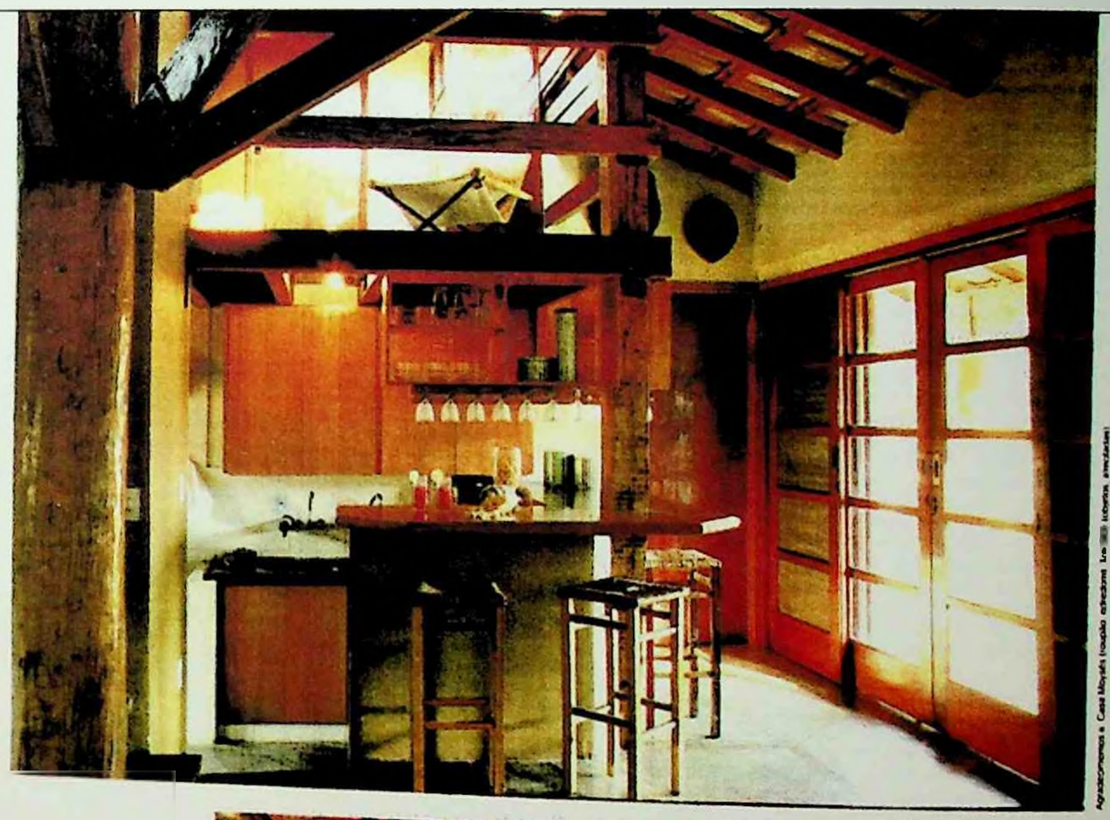
PLANTA DO MEZANINO



CORTE



Outra vantagem deste projeto é que ele foi desenhado pensando no dia em que aparecer tempo, dinheiro e disposição para uma construção maior. Basta conservar o núcleo primitivo e transformar o terreno da frente num pátio, que será ladeado à esquerda e à direita por mais dois quartos e uma sala maior. Ainda sobrará espaço na frente para um galpão para automóveis e barcos. Com isso, a sua casa terá 136 metros quadrados, numa divisão tão harmônica quanto o projeto inicial. E o investimento será cada vez melhor. A valorização é certa, sem contar que você pode alugar a sua casa em fins de semana ou na temporada, quando estiver a fim de outras viagens.

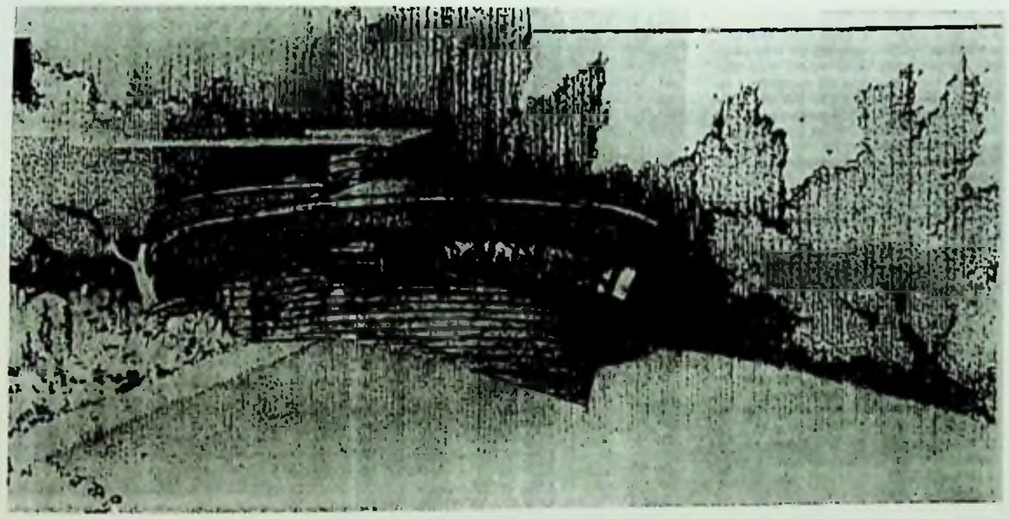


Os móveis são extremamente funcionais — o que não exclui o bom gosto. E o material de construção, especialmente selecionado para exigir um mínimo de manutenção. Afinal, ninguém vem à praia para trabalhar. Os pilares são de pinho tratado, o bar, de mogno, e o chão, simplesmente, de cimento encerado.

ZEIN, Ruth Verde. Residências brasileiras, depois do laboratório. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.49-52, mar. 1985.

Residências brasileiras, depois do laboratório

Texto
Ruth Verde Zein



Residência Mão Con Frank Lloyd Wright.

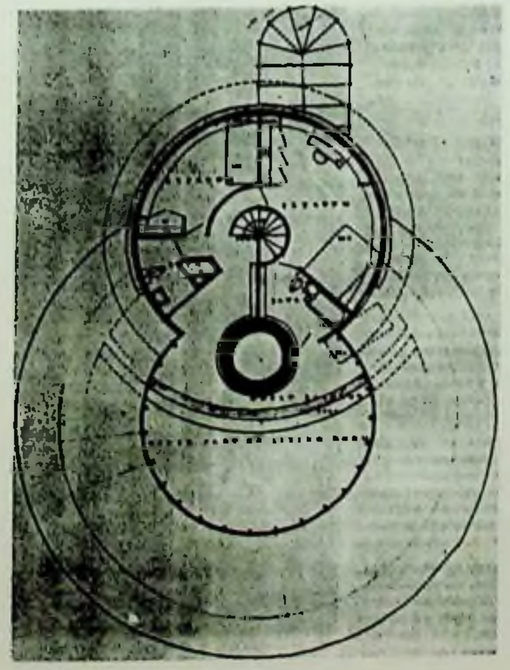
É ainda muito comum ouvir-se que o projeto de casa é o grande laboratório do arquiteto. Essa frase tem dois significados básicos, complementares: as casas servem de exercício, em ponto pequeno, de projetos mais complexos, a conquistar; e têm um caráter experimental, permitindo ao arquiteto avaliar hipóteses e testar sua utopia.

A ampliação do campo de trabalho do arquiteto brasileiro, nas últimas décadas, tornou um tanto sem efeito a necessidade de exercitar o talento, "por enquanto", nas residências. Em aeroportos e hidrelétricas, subestações e viadutos, hospitais e indústrias, não há como faltar a presença do arquiteto. De fato, pode-se perceber já nos últimos dez anos uma gradual diminuição nos projetos de casas que avancem inovações tecnológicas ou propostas de industrialização, assumindo-se a residência, individual, classe média/burguesa, na sua dimensão real de objeto de ourivesaria arquitetônica.

Mudaram também as utopias. De sociais, grandiloqüentes e genéricas, passam a ecológicas, self-made, contextuais. E, muito importante, o caráter estetizante da arquitetura moderna deixou de subjazer implícito, disfarçado em modelo ou em solução evidente, para tornar-se - às vezes até com certo exagero - consciente de si mesmo, explícito, discursivo.

Do ponto de vista da prática profissional, as casas são um programa demasiado cheio de problemas (na relação arquiteto/cliente) para interessar aos escritórios, de médios a grandes. Os arquitetos novos treinam sua prática justamente nesses escritórios e não mais, com a mesma frequência de antes, no projeto de casas.

Nem laboratório, nem primeira obra, o que é agora o projeto de residências?



"Raízes brasileiras do universo"

Esse é um verso de Moacyr Félix, citado pelo professor Vilanova Artigas, exprimindo uma preocupação sempre presente em nossa arquitetura, embora a maneira como ela compareça tenha variado grandemente, no tempo. Aliás, fomos hollywoodianamente "descobertos", nos idos da Segunda Guerra, graças à nossa *originalidade* na maneira de abordar os temas da arquitetura racionalista, principalmente pela figura notável de Oscar Niemeyer.

Isso, e despeito das acusações de internacionalismo que marcaram o início da arquitetura moderna brasileira. Argumento esse de grande persistência, periodicamente retomado, em que pesem as mudanças de contexto dos últimos cinqüenta anos. Como a pecha de "brutalista" dada a certa arquitetura paulista (que depois incorporou o título, como o fizeram os impressionistas), ou como as recentes discussões sobre o colonialismo cultural do chamado pós-moderno.

Mas qual a maneira de "sanear" o que seja nacional e popular num país como o nosso, fruto de imigrações as mais diversas, onde camadas culturais antes se superpõem do que se encadeiam, onde as coisas *do reino* sempre foram mais valorizadas que as coisas *da terra*? Em uma nação cujo ano 1, como queria Oswald de Andrade, seria o da deglutição do bispo Sardinha, marcando assim para sempre a antropofagia que nos é inerente?

Mesmo que nossas raízes não sejam evidentes, não significa que não existam, parafraseando Cristián Fernández. Se são de espécie superficial, ao menos se espalham por uma grande área, e estão também na base de nossa arquitetura.

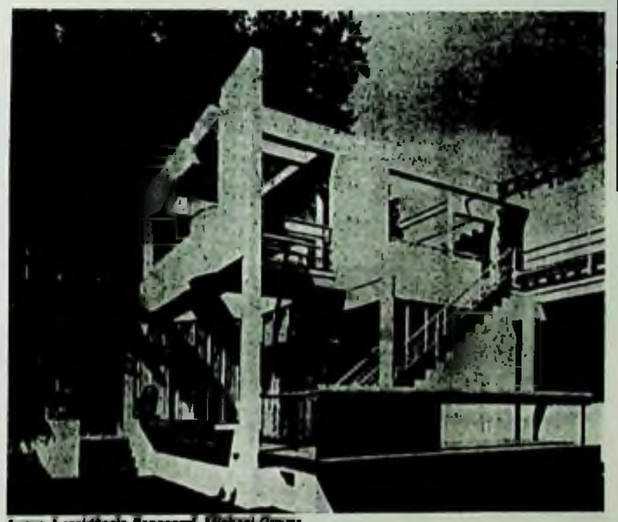
Um panorama arquitetônico

Por terem um programa relativamente simples, que pouco difere geograficamente, por comparecerem em todas as regiões, em ambientes rurais e urbanos, por serem feitas por arquitetos novos e experientes, as casas podem oferecer, num dado momento, uma ampla visão, em corte horizontal, de a quantas anda nossa arquitetura, ou melhor, por onde estão a florescer as suas raízes. As residências ainda são um laboratório - mas para a incipiente teorização dessa arquitetura.

Da amostragem reunida aqui e na exposição da Arquitetura Brasileira Atual, alguns itens gerais podem ser vislumbrados. Primeiro, a diversidade, ou, como quisem alguns, a perda de unidade (se é que essa existiu); segundo, os contextos regionais; terceiro, a identidade cultural.

A diversidade não é apenas de materiais e técnicas, mas de tendências, que são permeáveis, pouco estanques entre si, podendo ser melhor definidas como diferentes ênfases: nos aspectos sociais/urbanos, na expressividade estética, na atualidade semântica, na adequação ambiental...

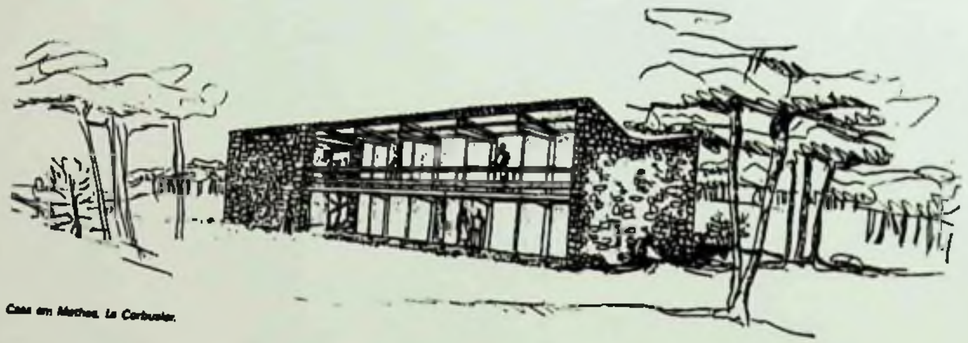
Os contextos regionais, reunindo manifestações culturais assemelhadas, podem ser entendidos de maneira aberta. Ou seja: as grandes cidades formariam uma "região", onde o lote, e suas imposições urbanísticas, impera; há os trabalhos do norte/centro-oeste, valorizando as madeiras



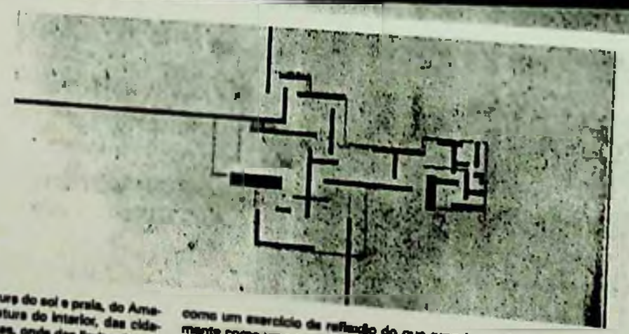
Anexo à residência Benacerraf, Michael Graves.

Casa de campo Brown, Califórnia, Richard Neutra.

ZEIN, Ruth Verde. Residências brasileiras, depois do laboratório. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.49-52, mar. 1985.



Casa em Meches. Le Corbusier.



Projeto de casa de campo em tijolo. Mies van der Rohe.

brasileiras; a arquitetura do sol e praia, do Amapé ao Chuí; a arquitetura do interior, das cidades médias e pequenas, onde das limitações se extrai a criatividade; os mineiros quase são um caso à parte, não fossem alguns gaúchos e peulistas que vão pela mesma música; o concreto aparente, do Ceará e São Paulo, poderia ser também uma "região"...

Mas o mais surpreendente (e bela) é constatar, de permeio a todas essas categorias e subcategorias, e apesar das grandes diferenças regionais, os traços comuns de brasilidade. Na inalienância com a simplicidade (ou no não refinamento), na atitude bem-humorada (ou não alzuda) e na maleabilidade das propostas (ou não coerência); ou, ainda, jeitinho).

Uma das leituras possíveis

A seguir, coloco uma proposta de leitura dos projetos e obras apresentados nesta edição, mais como um exercício de reflexão do que propriamente como uma teorização. Qualquer classificação tem a tendência de eliminar os ruídos que atrapalhariam o plano geral da melodia; entretanto, procurarei trabalhar com acordes dissonantes, embora elaborando temas.

A dica partiu dos trabalhos do arquiteto Marcos Acayaba: três residências, realizadas em três anos consecutivos e recentes, cada uma com estilo, intenções e técnicas diferentes. Além das pertinentes considerações do autor, registradas no memorial apresentado, pode-se complementar alguns outros raciocínios.

A liberdade de criação, só identificada como permissão, valorização de diversidade, adequação contextual, faz supor uma profunda crise de totalidade e um questionamento da pureza autoritária e unívoca da modernidade. O apelo à liberdade costuma caracterizar os momentos de transição, como o renascimento e as vanguardas modernas. Mas, diferentemente destas, não se está hoje realmente à procura do novo, enquanto inauguração da verdade, mas fazendo-se um balanço crítico do repertório arquitetônico deste século.

Isso comparece, de maneira em geral não panfletária, em todas as obras aqui apresentadas; assim, parando, como exemplo, do trabalho de Acayaba, podemos assinalar vários rumos possíveis de criação, todos coexistindo simultaneamente. A sistematização aqui apresentada, inclusive, não tem valor além da, nesta limitada oportunidade, ajudar a discutir as tendências atuais de nossa arquitetura.

Urbanidade, inovação, simplicidade

Na residência de Acayaba de 1980, as palavras e conceitos-chave são urbanidade, contemporaneidade, composição. Partindo de dados preexistentes, configurados pelo contexto urbano,

pelas técnicas mais representativas de nossa modernidade, já estruturadas num repertório de modos, formas e atitudes, o arquiteto elabora, trabalha, propõe. Sua busca é interior, contida, disciplinada; a razão e o equilíbrio são seus paradigmas.

Nessas preocupações podem ser englobadas outras obras, segundo duas vertentes. A primeira enfatiza a técnica, o apuro, a correção, o profissionalismo, como as residências na Chácara Flora e em quatro níveis, de Königsberger e Vannucchi, a residência com pinheiros nativos, de Manoel Coelho, a rica em detalhes, de Rubens Gil de Camillo, a localizada em encosta de vale e a voltada para o interior, de Carlos Bratke, e as situadas em morro da península e na praia da Enseada, de Alfred Talaat. A segunda vertente ressalta o reconhecimento da tradição como subsídio para o presente, caso da residência entre a cidade e o campo, de Edson Mahfuz, da que recria fachada urbana, de Bruno Padovano, da aberta ao mar e ao verde, de Rogério Betaglilesi e equipe, e da residência pós-Brasília, de Sylvio de Podestá.

Cada uma delas - e são todas obras plasticamente muito diferentes entre si - vai explorar um setor do universo, seja nas relações da cor, textura, volumetria, seja na referenciação semântica de outras arquiteturas (a obra de Artigas; o neoclássico na leitura pós-moderna; o moderno niemeyeriano; o popular/periferia etc.), ou mesmo nas relações com o entorno, entendido sempre como caótico, sem ordenação, ou necessitando de controle, pois não é natureza, mas paisagem.

Na residência de Acayaba de 1981, as palavras e conceitos-chave são inovação, pesquisa, tecnologia. Representa a busca do novo, na melhor tradição da vanguarda moderna, da qual extrai seu impulso criativo. Seu aspecto utópico está, no entanto, traduzido para uma realidade atual menos triunfante, mais modesta, assim, o caráter de modelo atemporal e aespacial (utopia = em parte alguma), característico das vanguardas, fica referenciado à situação geográfica e social dada. O arquiteto cria, descobre, avança; sua busca é artística, voltada para o futuro, confiante.

Pode-se incluir aí, com certas variações, outras obras: a residência "bola", nova proposta, de Eduardo Longo; em "asa delta", de Arnaldo Black e José Angi Júnior; em paralelogramo metálico, de Carlos Bratke; em madeira e concreto, de Rubens Gil de Camillo; e a residência *high-tech* "petropi", de Éolo Maia.

A pesquisa com técnicas atuais - seja em madeira, concreto, aço, argamassa armada - é o traço de união desses trabalhos. Todos têm uma excelente percepção de sítio, incorporado à arquitetura pelas visuais, que são dominadas ou afastadas criteriosamente, mas sem fundir-se com a construção, que procura ser em contraponto com seu entorno.

Na residência de Acayaba de 1982, as palavras e conceitos-chave são simplicidade, ambiente, técnicas tradicionais. A consciência ecológica, o equilíbrio com a natureza, a recuperação do saber fazer humano estão associados com sentimentos de caráter subjetivo, psicológico, intuitivo. A construção deseja ser natureza recriada pelo arquiteto, vivida pelo usuário, apreciada pelo observador. A busca de equilíbrio e entendimento, a postura do aprendiz são seus paradigmas.

Embora essas preocupações compareçam, em maior ou menor grau, em outras obras já mencionadas (como os trabalhos de Éolo Maia e Sylvio de Podestá), estão mais fortemente presentes nas residências em tijolo e campo, da equipe do Brasil Arquitetura, nas três de Luís Otávio Chaves, nas de Pepe Asbum e na residência franco-brasileira de Vitório Caldanelli. Incluíria também as obras de André Behmint, nas quais apuro construtivo, reconhecimento e atualização das técnicas tradicionais do tijolo de barro, inovação espacial e formal bem poderiam resumir, num só exemplo, quase todas as características aqui mencionadas, nessas três fictícias categorias de análise.

Casa Salvador. Salvador, Gerd Rinaldi

RESIDÊNCIAS 1980, 1981, 1982. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.53-6, mar. 1985.

Residências 1980, 1981, 1982

Projeto
Marcos Acayuba

São Paulo, Barueri, São Sebastião, SP

Três residências, que ensejam uma reflexão sobre a experiência que representam e o virtual caminho que indicam. Em situações geográficas diversas, com recursos materiais e humanos específicos, atendendo a programas peculiares, a disparidade na linguagem dessas obras reflete a diversidade do nosso construir, num mesmo momento coexistem técnicas rudimentares, velhas de séculos, com a sofisticação e o apuro tecnológico.

O respeito pelas condições específicas de cada projeto, a adequação à tecnologia e à geografia local e a interpretação crítica do programa impuseram, à prática profissional, a ausência de um "estilo próprio". Trata-se, antes de mais nada, de identificar a vocação de cada obra, o que ela mesmo quer, pode e deve ser.

Por outro lado, é evidente a liberdade da ausência de estilo: o artista não pode nunca ser escravo de uma maneira, de uma reputação, de um estilo. Matisse mencionava, a esse propósito, que artistas japoneses, a certos momentos de sua vida, mudavam de nome para resgatar sua liberdade original. Fernando Pessoa valia-se dos heterônimos.

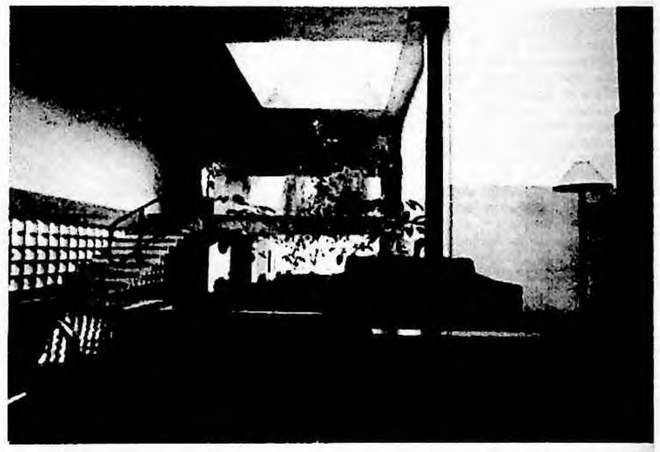
A liberdade no projetar é, de resto, garantida pela formidável capacidade dos operários brasileiros de aprender, improvisar e criar o novo no seu fazer. É nessa sabedoria que devemos buscar as referências e fundamentar nossa linguagem, que será tanto mais brasileira quanto mais livre e quando, despida de preconceitos e modismos importados, aprofundar suas raízes no saber de quem constrói, na cultura popular.

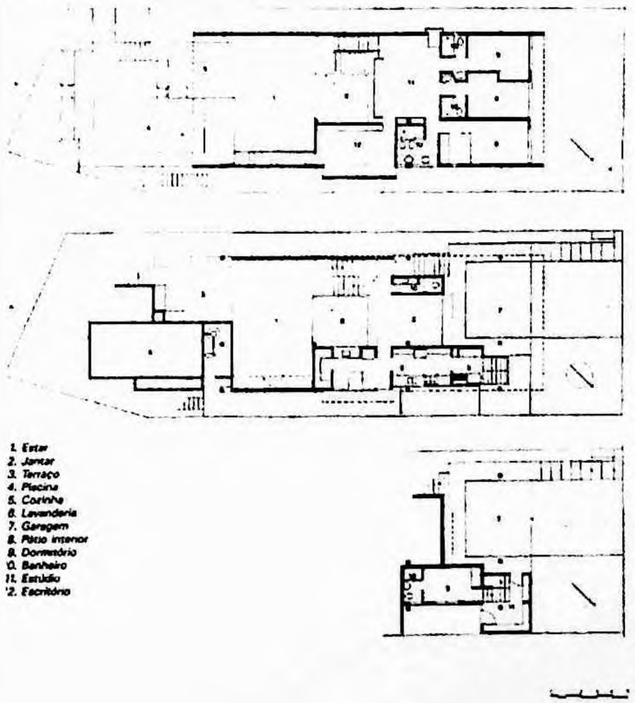
Residência em Paúba, 1982

Residência no Morumbi, 1980

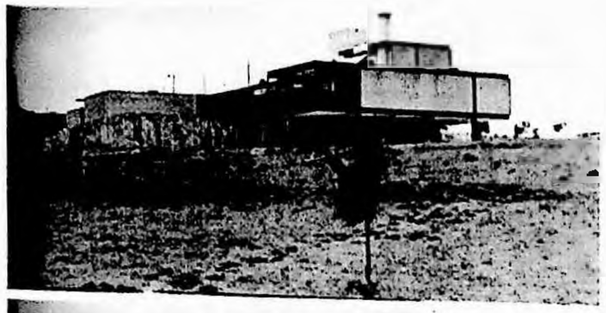
Residência em Alphaville, 1983

O projeto da casa no bairro do Morumbi, em São Paulo (1980), em lote urbano típico com forte active para os fundos, atém-se ao consagrado modelo da arquitetura paulista, de Artigas. O terreno foi trabalhado em pequenos desníveis, organizando três planos interligados num pátio interior. A estrutura é de concreto armado, num volume regular fechado para os recuos laterais.

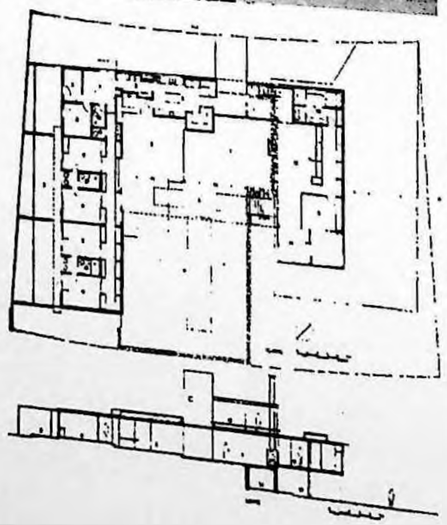


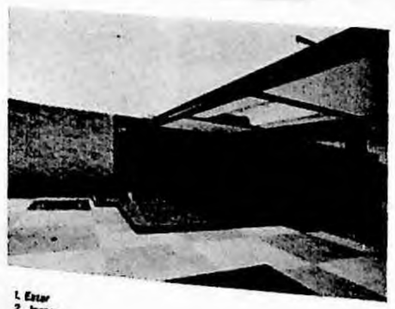


RESIDÊNCIAS 1980, 1981, 1982. *Projeto*, São Paulo, n.73, p.53-6, mar. 1985.



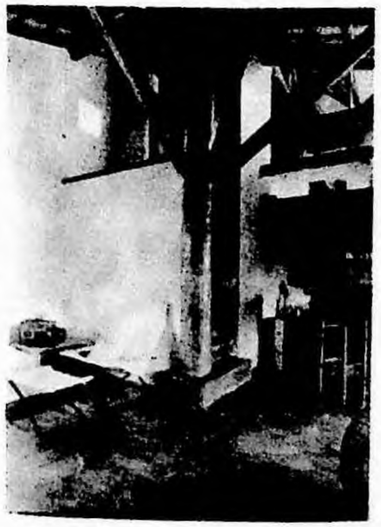
Na casa do loteamento Alphaville, em Barueri (1981), o volume regular é rompido com a finalidade de envolver um pátio descoberto elevado e protegido do vento sul, para nele ser ambientada a vida de casa diante da imensidão da paisagem de um bairro quase deserto. O desenho em U da planta atende a modulação de 80 cm x 80 cm, organizando o programa em duas alas opostas, com a sala ao meio, voltada para o pátio, e o serviço, voltado para a rua. As lajes planas pré-fabricadas apóiam-se ora nas alvenarias, ora em pilares e vigas de aço, onde vãos maiores se fizeram necessários.



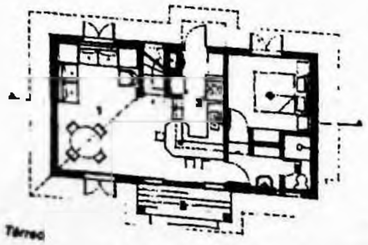


1. Estar
2. Jantar
3. Terraço
4. Pátio
5. Cozinha
6. Lavanderia
7. Sótão
8. Dormitório de empregada
9. Dormitório
10. Banheiro
11. Escritório
12. Sala íntima
13. Sala de jogos/terraço
14. Oficina/depósito
15. Garagem

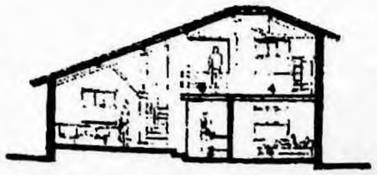
Na praia de Paúba, São Sebastião, no litoral de São Paulo (1982), o programa proposto de uma casa de caseiro, a ser usada até a construção da casa definitiva, foi transformado em um projeto em etapas, organizadas em torno de um pátio central de 10 m x 10 m. A primeira etapa é a casa do caseiro, com programa completo de residência, de 70 m², cujo desenho respeita a geometria elementar e a deliberada ausência de detalhes da maneira de fazer do caiçara, construída com simples alvenarias portantes revestidas e coloridas, pilares e estrutura do telhado em madeira.



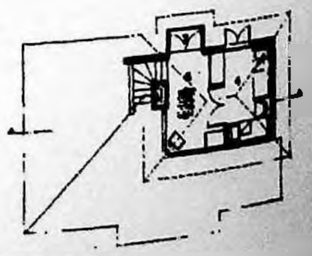
1. Sala
2. Cozinha
3. Terraço
4. Dormitório
5. Banheiro
6. Mezanino



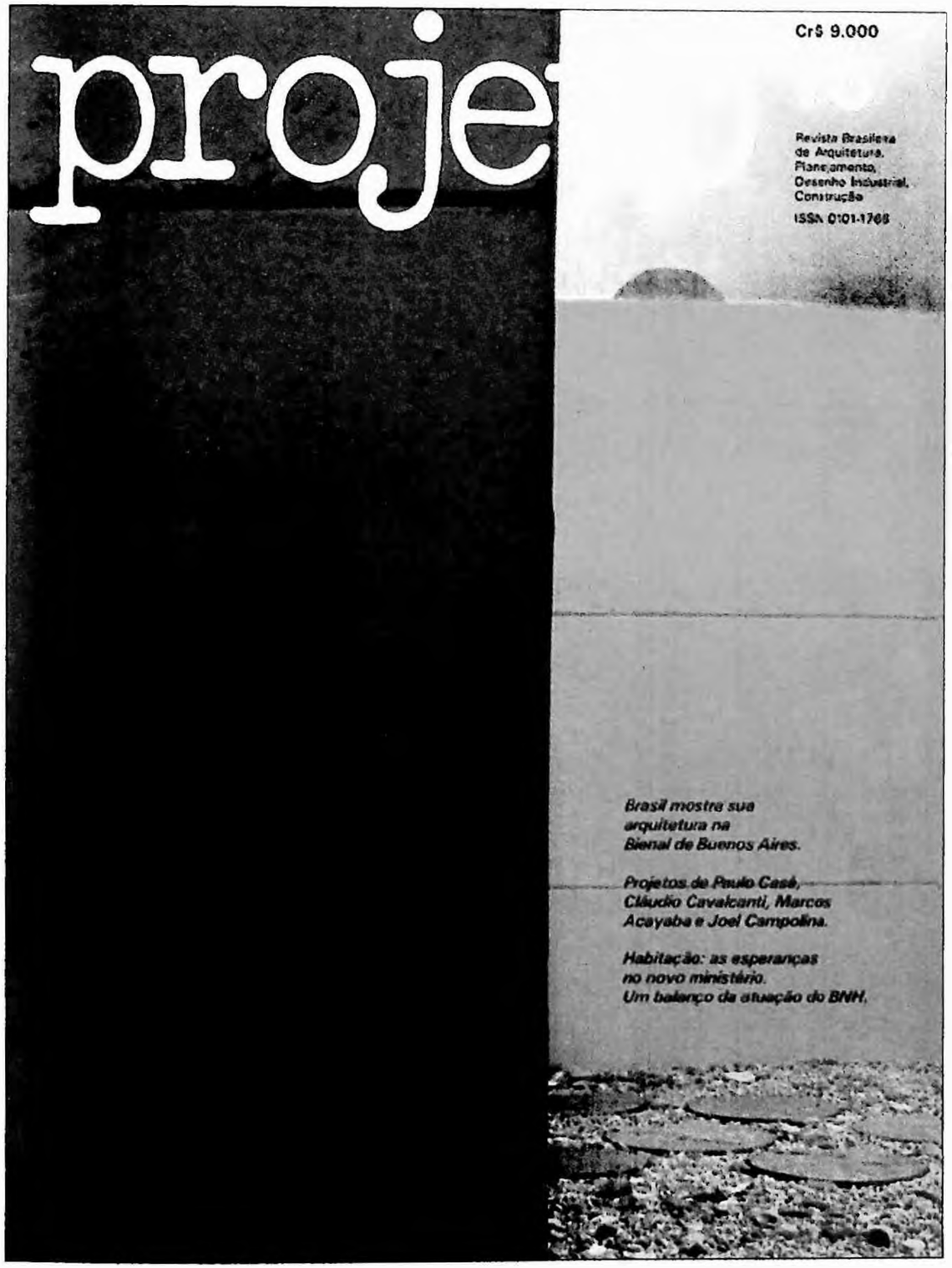
Térreo



Corte



Pavimento superior



Sumário

74

Cuidados com o desenho dos interiores e com os procedimentos de conservação de energia são duas características importantes do projeto de Cláudio Cavalcanti para o edifício da IBM em Belo Horizonte.

63

Ensaio & Pesquisa traz um texto em que o arquiteto chileno Enrique Browne questiona a especialização na cidade funcional, e outro no qual o arquiteto do Rio Grande do Sul Günter Weimer trata das construções da ilha de Itaparica, na Bahia, que guardam grandes semelhanças com as encontradas ainda hoje na Costa do Marfim.

Edifício Ana Augusta, São José do Rio Preto, SP. Miguel Juliano

47

Considerações bem temperadas e questões relevantes do atual cenário da arquitetura brasileira são desenvolvidas por Ruth Verde Zein em seu texto, concluindo que a diversidade é a única afirmação genérica possível sobre essa produção.

43

Marcos Acayaba usa cores, formas e espaços não só para bem abrigar como para revelar a finalidade de cada uma das partes do pavilhão de jogos da fazenda Pindorama.

79

As expectativas das Cohabs quanto ao novo Ministério do Desenvolvimento Urbano e Meio Ambiente (pág. 40) e extenso trabalho sobre os vinte anos do BNH, desenvolvido pelo IAB/RJ, precedido de uma interpretação do arquiteto Aliomar Baleeiro Filho do projeto do banco e seu estado atual.

Jornal Projeto 16

Neste número, uma pequena homenagem ao arquiteto Eurico Prado Lopes, falecido recentemente em desastre de automóvel, a abertura de um espaço para os estudantes, através do ENEA, e a posse de Telmo Magadan na EBTU.

Carta do Leitor 12
Boletim FNA 22
Patrimônio 36
XXII Premiação IAB/RJ 72
Urbanismo 92

Suplemento Técnico Projeto
Informática
Informe Técnico Philips
Jornal da Eucatex
Pisos
Informipiac
SIM
Mercado
Guia Projeto

10

PAVILHÃO Pindorama. *Projeto*, São Paulo, n.75, p.43-6, abr. 1985.

Pavilhão Pindorama

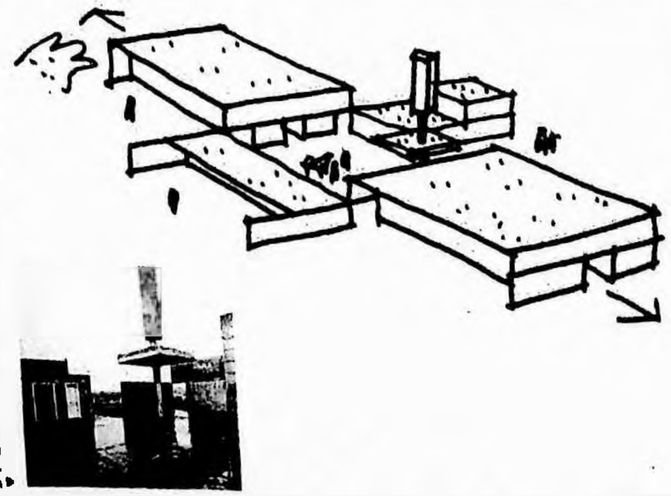
Projeto
Marcos Acayaba

Cabreúva, SP

Em Cabreúva, Estado de São Paulo, foram realizadas na Fazenda Pindorama três obras em três momentos distintos. Recém-formados, Augusto Malzoni, Cristina Pisa e eu projetamos em 1969 o haras: um conjunto de edificações que iriam abrigar uma criação de cavalos puro-sangues. Foi adotado um partido "urbanístico": as construções previstas implantadas em torno de um pátio, onde os cavalos seriam tratados protegidos dos fortes ventos da região, núcleo de onde se desenvolveriam posteriormente novas cocheiras (desenho 1).

Em 1974, Augusto e eu desenhamos a casa-sede da fazenda no alto de uma suave lombada com vista para a paisagem em todas as direções. Essa condição nos levou a uma construção horizontal onde o programa se organizou em torno de dois pátios internos, verdadeiras "salas ao ar livre", protegidos dos ventos, com o desfrute da paisagem e o necessário caráter acolhedor diante da mesma. Além disso, nesse projeto foi determinante a escolha de um rigoroso sistema construtivo: abóbadas de blocos de concreto apoiadas em paredes de alvenaria armada igualmente de blocos (desenho 2).

O Pavilhão Pindorama é uma construção anexa à casa-sede. O local escolhido e seu programa destinado ao lazer indicaram uma atitude nova, mais livre e, já no próprio projeto, até lúdica. A ▶



obra deveria a um tempo: sugerir seu uso ao estimular a fantasia e ganhar o caráter de escultura ao ser livre liberta da disciplina imposta pelos programas dos projetos anteriores.

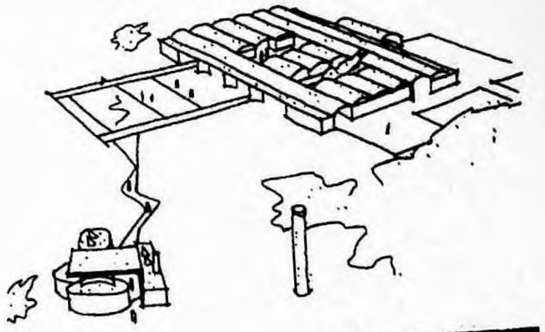
Inicialmente, foi procurada em vão a forma pura que abrigasse naturalmente as funções propostas e se inserisse positivamente naquela paisagem. Polígonos regulares ou mesmo a planta circular, ainda que levassem a volumes sugestivos, conferiam aos espaços sacrifícios geométricos e comprometiam as funções propostas.

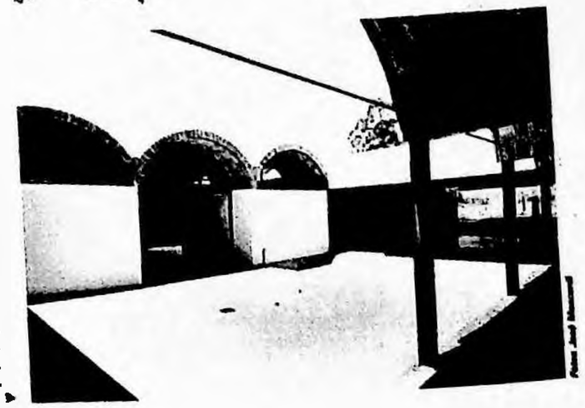
O caminho oposto, de organizar criteriosamente o programa e, de dentro para fora, sem geometria preestabelecida, chegar a uma construção onde a forma decorre do arranjo funcional, da circulação, da orientação ou do sistema construtivo, também não apontou a solução livre desejada.

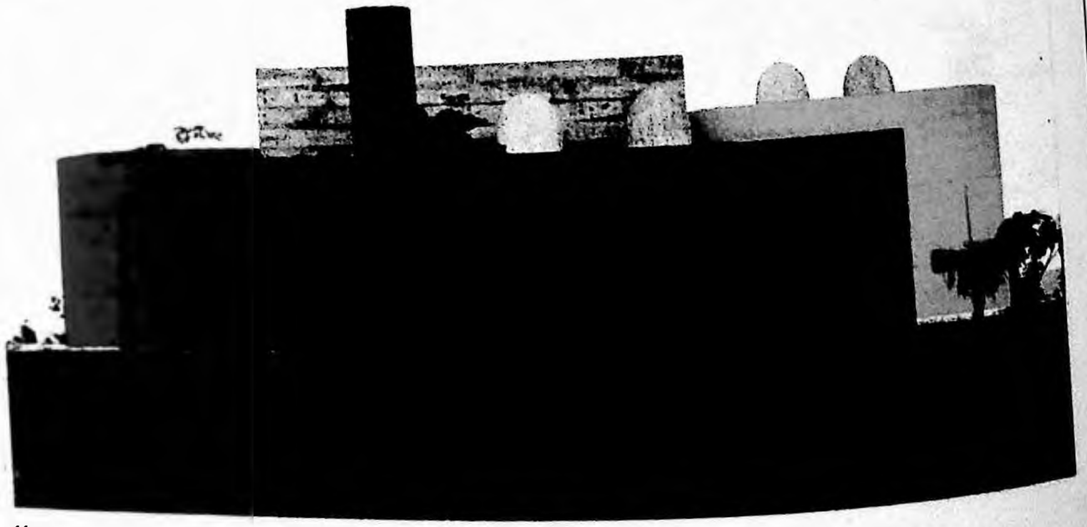
Então, formas e procedimentos conhecidos foram descartados para que, a partir de uma explosão original, se dessa livre expressão a cada parte específica do programa.

Com as cores primárias empregadas como matéria-prima na construção das superfícies, cada espaço/volume foi concebido em separado para bem abrigar e ao mesmo tempo revelar a atividade que ali se daria: superelipse amarela = snooker; elipse vermelha = vídeo-som; prisma azul = sauna; parábola vazada = carteado. Em seguida, foram transformados em pequenos modelos coloridos de armar. As regras do jogo: qualidade plástica do conjunto, orientação, vista para a paisagem e proteção contra os ventos.

O modelo mostrou que a circulação se faria livremente num espaço até então imprevisto, vácuo resultante da explosão original a ser ocupado por múltiplas funções: banquete, tênis de mesa, bailes etc.







ACAYABA, Marlene Milan. A premiação brasileira na bienal de Buenos Aires. In: *Tendências Atuais da Arquitetura Brasileira. Vilanova Artigas 1915/1985.* São Paulo, Projeto, 1985. p.6-7.

A premiação brasileira na Bienal de Buenos Aires

Texto
Marlene Milan Acayaba

Há pouco, através da Bienal de Buenos Aires, aconteceu na cidade portenha um encontro internacional de arquitetura. A diversidade, aí, teve papel preponderante. Hoje, a obra de arquitetura tem cor e nacionalidade. E, se ela mantém um caráter universal, quando comparada revela o específico de cada lugar: aquilo que é importante e original na tradição e experiência de cada povo.

Dois brasileiros, ou melhor, duas atitudes brasileiras, se destacaram nessa confrontação. O prêmio maior - Universidade de Buenos Aires - coube a Severiano Porto. O outro - Cubo de Bronze BA/85 - a Marcos Acayaba. Enquanto o primeiro foi concedido a uma filosofia, o segundo privilegiou a beleza.

A história de Severiano passa pelo exílio. Nascido em Uberlândia, formado no Rio de Janeiro, num certo momento deixa a capital e seu jeito de projetar. Descobre a Amazônia. Lá, sente necessidade de criar uma arquitetura vinculada à ecologia: ao ambiente, a situações naturais e sócio-culturais próprias. Enfim, uma arquitetura consciente de sua originalidade, ou seja, de sua identidade. Dessa forma, trabalha com o caboclo, incorporando em cada projeto sua habilidade e intimidade no manuseio das madeiras de região.

Marcos foi aluno de Vilanova Artigas. Formado nos anos 60, aprendeu a pensar a arquitetura não como expressão pessoal do artista, mas como parte de um projeto social. O programa abordado a partir de princípios gerais era, em seguida, adaptado à situação real. Concebido do genérico participar, o projeto não se restringiu ao edifício, mas incluía a cidade. Era modelo ordenador da sociedade. No Pavilhão Pindorama, obra enviada à Bienal, Marcos assume a arquitetura como fato artístico. Poeticamente, recria a experiência anterior.

Severiano Porto e Marcos Acayaba, respectivamente premiados dos prêmios Universidade de Buenos Aires e Cubo de Bronze BA/85.

Pavilhão Pindorama, em Cotochia, SP, de Marcos Acayaba.

Nos projetos antigos, o espaço único determinado pela cobertura abrigava, genericamente, as diversas funções. Agora, atividades específicas acontecem em volumes diferenciados e o espaço comum resulta do seu arranjo. Arquitetura não é mais fruto de um paradigma, mas decorre de uma dedução lógica. A tudo isso se associa a cor, não como décor, mas como elemento essencial na construção do volume.

Por que esses brasileiros foram premiados na Bienal Internacional de Arquitetura? E de que maneira seus trabalhos se inscrevem na tradição e experiência do nosso povo?

A América Latina de hoje inaugura a formulação do que somos e temos sido. Agora que pouco a pouco a democracia ganha terreno nesses países, o desejo de se reconhecer numa tradição viva é cada vez mais forte. Desse modo, recuperar o passado significa construir o presente. Pois, ao buscar as tradições, termina-se por reinventá-las.

Se no primeiro momento devem ser procuradas na Europa as raízes da arquitetura aqui produzida, no segundo tempo ela vem se processando através de relações simbióticas entre culturas estrangeiras e cultura latino-americana.

No Brasil, da conciliação entre os princípios do Movimento Moderno e a herança nativa, nasceu uma arquitetura mais livre.

Já na Colômbia, por exemplo, o resultado foi outro. A exposição História da Arquitetura da Colômbia, preparada para a Bienal, mostra essa diferença. No início são as construções indígenas, a arquitetura colonial e a arquitetura acadêmica diversa da nossa. No meio do percurso chega Le Corbusier - "o profeta da nova arquitetura". Aí, a arquitetura da Colômbia se identifica à do Brasil. Mas, após sucessivos processos de aculturação, é na obra de Rogelio Salmona que o caráter colombiano se manifesta. Autor de uma arquitetura austera onde cada parede procura representar uma civilização que começa com os índios e que se afirma.

O evento de Buenos Aires, a cidade mais cosmopolita do continente, valorizou através de um júri internacional os seguintes aspectos da arquitetura: a dicotomia entre o moderno e a herança nativa e, a partir daí, sua capacidade de identificar uma cultura.

Vicente Wissenbach, editor da revista Projeto, foi convidado como crítico a fazer parte do júri formado quase exclusivamente de arquitetos. Na avaliação do júri, o trabalho de Severiano, embora fascinante a todos, foi considerado primitivo por alguns. Vicente provou o contrário. Argumentou, através dos projetos de outros brasileiros, que a obra de Severiano não se limita ao hotel que ora concorria. Apresentou-o como um arquiteto capaz de produzir nas mais variadas circunstâncias, empregando desde os materiais industriais até os mais rudimentares. Expôs, assim, não o pensar de um primitivo, mas de um pluralista. Demonstrou que não se trata de projetar desta ou daquela, nem desta e daquela forma.

Certa vez, Lúcio Costa fez a seguinte afirmação sobre nosso arquiteto: "Se ele for bem formado, com sentimento de brasileiro, natural, sem afetação (mas que é bom brasileiro tá imbuído do simples, seja nordestino, paulista, nordestino, carioca), evidentemente a tradição que der aos programas será uma solução inteligente e com o correr do tempo se tornará nativa".

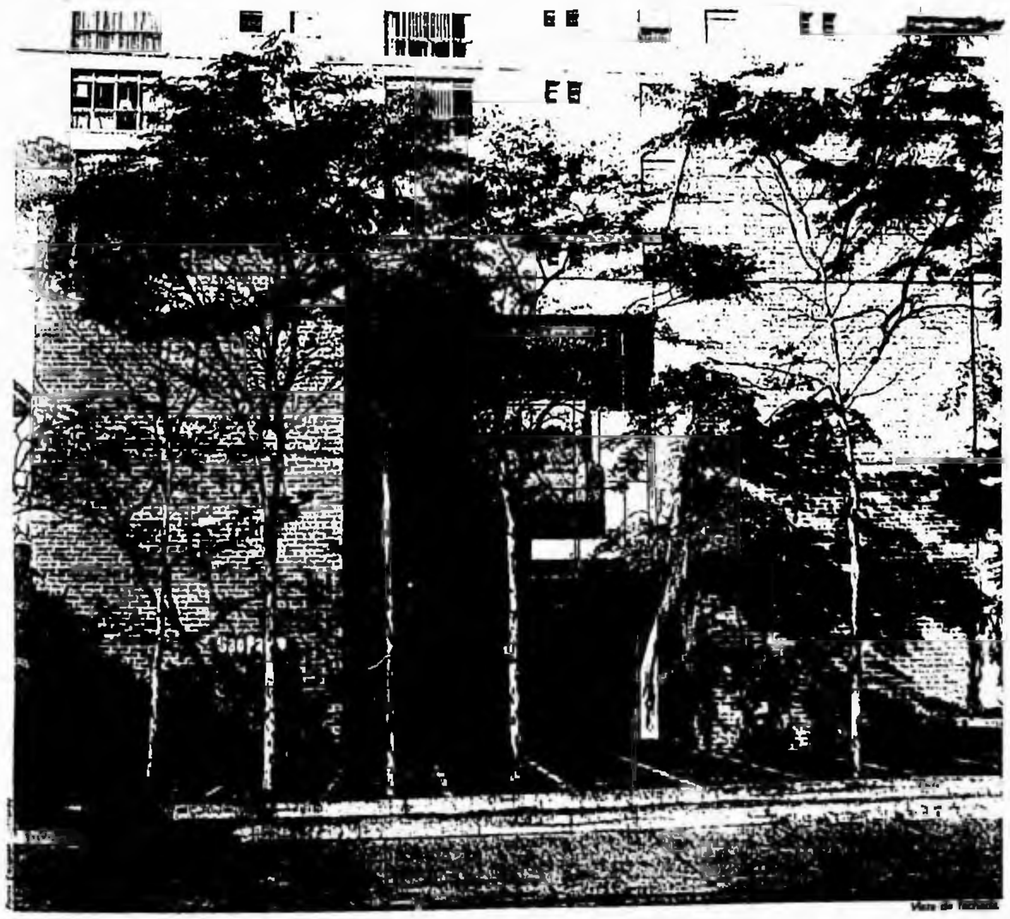
Pousada na Ilha de Silves, Amazonas, de Severiano Porto.

GALERIA São Paulo, a partir de dois sobrados paulistanos. *Projeto*, São Paulo, n.88, p.60-1, jun. 1986.

Galeria São Paulo, a partir de dois sobrados paulistanos

Projeto
Marcos Acayaba

São Paulo, SP

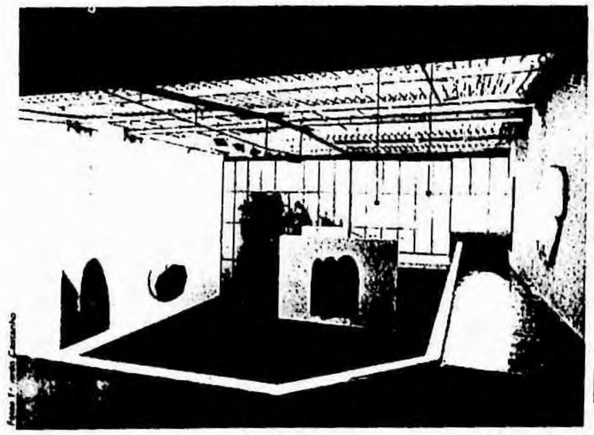


Vista de fachada

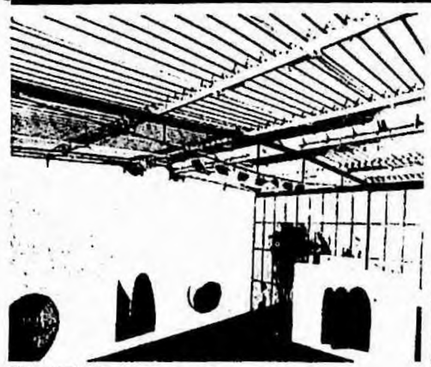
Situada em rua limítrofe entre os bairros residenciais dos Jardins e zona intensamente comercial, a galeria é uma reforma, para adaptação aos novos usos resultantes da transformação do caráter da região. Ocupando dois sobrados integrantes de um conjunto de quatro casas geminadas, anteriormente já utilizadas por uma clínica médica sem alteração significativa de sua estrutura espacial, o projeto procurou integrar definitivamente as casas às funções culturais propostas, diferenciando-se da paisagem da rua.

A área construída existente a ser reaproveitada já atingia o limite permitido pelo zoneamento do local. Os pequenos espaços das casas originais foram destinados às funções administrativas e de acervo, com exceção dos dormitórios voltados para o quintal, abertos e transformados em mezaninos do espaço principal da galeria. Este resultou da cobertura do quintal existente com persianas móveis industrializadas, de uso corrente em abrigos de autos nos recuos frontais dos sobrados paulistanos. A edícula ao fundo foi destinada a bar e ao terraço de esculturas, também voltado para o espaço central, atendendo-se assim todo o programa da galeria.

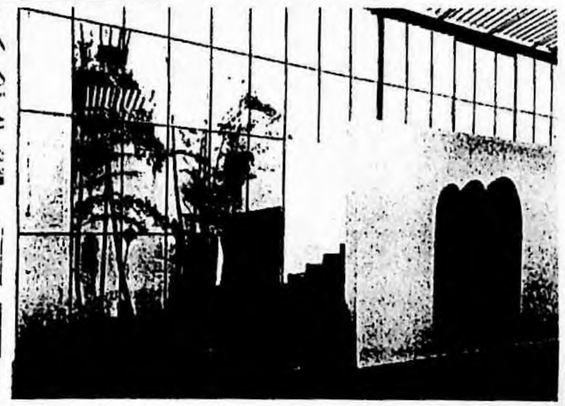
Criou-se portanto um percurso que começa na rua, passa pela "piscinha" de esculturas no recuo de frente, penetra no edifício através da primeira galeria, dando acesso às áreas de administração ao lado. Adiante atinge-se o espaço principal e após percorrê-lo, sobe-se ao nível do terraço de esculturas; depois, pela rampa, percorrendo de novo o espaço central, chega-se ao mezanino. O conjunto de espaços assim estruturado permite a visão das obras de arte segundo distâncias diversas e ângulos variados, ou sua ocupação como anfiteatro para até duzentas pessoas, com boa acústica obtida através do ajuste variado da reflexão e absorção do som na cobertura.



Passarela e mezanino

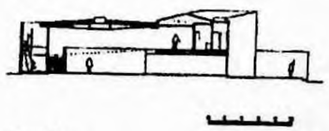


Pátio central com exposição de Luiz Paulo Baravelli.

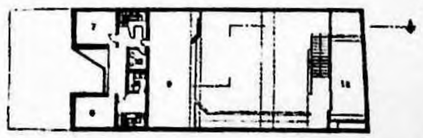


Equipe técnica
Projeto: arquiteto Marcos Acayaba; *Artista plástico:* Luiz Paulo Baravelli; *Paisagistas:* Sakae Ishii, Reinaldo Cabral, Plínio Toledo Piza.

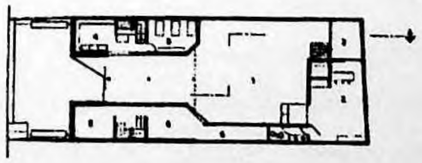
Ficha técnica
Galeria São Paulo, São Paulo, SP; *Área do terreno:* 390 m²; *Área construída:* 460 m²; *Data de projeto:* dezembro/80; *Data de execução da obra:* agosto/81.



Corte AA



Pavimento superior



Pavimento térreo

GALE

O HOMEM - Marcos Acayaba. "Prancheta". *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.7, p.57-9, ago. 1986.

Se você inverter 86, acabará caindo em 68. E, sem dúvida, perguntará: quais as semelhanças, diferenças e avanços entre épocas aparentemente tão distintas? Para essa avaliação cultural, política e urbanística, a *AU* reuniu vários personagens desse período

nesta edição

abertura 14

RIO
Rose Marie Muraro 17
Zuenir Ventura 20
Fernando Gabeira 22
Nina Rabha 26
Alfredo Brito 29

FLUXOS & REFLUXOS
Fernando Henrique 32

ESPAÇO DE SOBRA/ Sérgio Teperman 35

Ciro Marcondes Filho 38

A CABEÇA
Carlos Guilherme Mota 41
Jon Maitrejean 44
Zé Celso 46
Lina Bo Bardi 50

O HOMEM
José Dirceu 55
Marcos Acayaba 57

A CIDADE
Benício Schmidt 61
Maurício Nogueira Batista 63
Antonio Octavio Cintra 65
Jorge Francisconi 67
Milton Santos 69

ESPAÇO & CRÍTICA/ Miguel Pereira 73

ESPECIAL/ Mario Schenberg 77

AMÉRICA LATINA/ Roberto Segre 84

ESPAÇO ABERTO 89

Capa: 68/86, acrílico sobre tela, Negretros

Marcos Acayaba

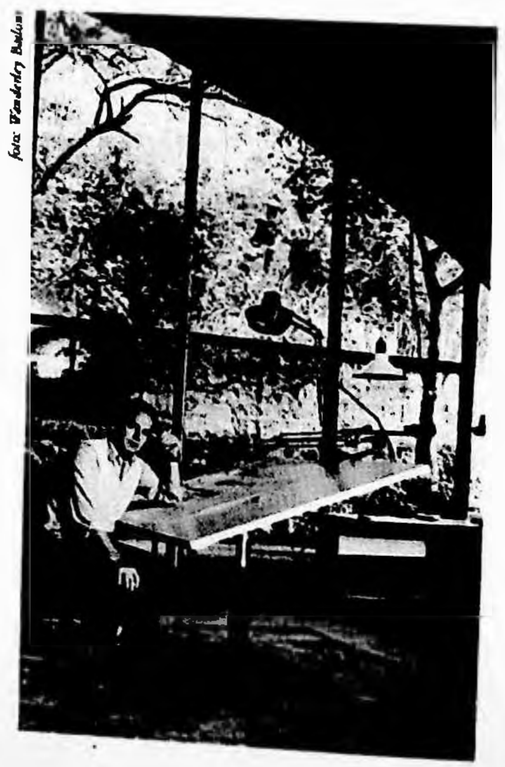
prancheta

Nas lições aprendidas na FAU, o encontro definitivo com o mestre Artigas. Da infância, lembranças do Ibirapuera, o fascínio por Niemeyer e a certeza de que um dia seria o arquiteto Marcos de Azevedo Acayaba.

Operário da prancheta, como se define, ele traz consigo postulados da Escola Paulista: a preocupação com questões técnicas a nível do desenho, da estrutura, do projeto de instalações, conforto ambiental...

Hoje, no ateliê que se estende por sua sala de estar, lembra para *Lívia Álvares Pedreira* que Artigas instigava nos alunos as maiores fantasias e jamais impôs sua estética pessoal. E revive sua experiência de estudante no tumultuado final dos anos 60.

foto: Wanderley Badins



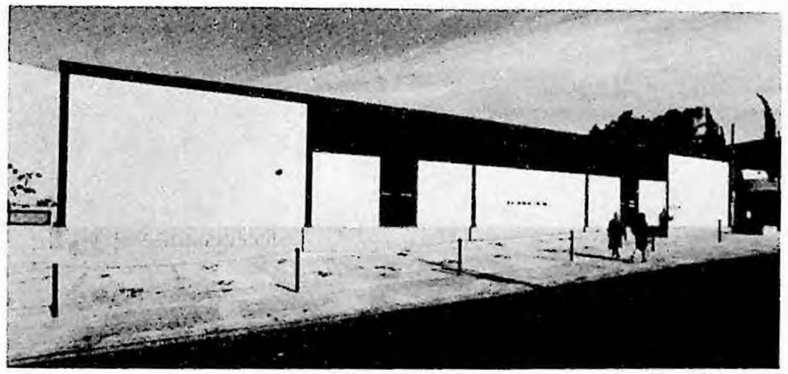
68 "nesse momento, a FAU tinha um papel de vanguarda. Era um centro produtor e difusor de cultura como formulou o Artigas. Essas propostas não foram alteradas com o golpe de 64 mas depois, em 68, quando vivíamos um clima de radicalização política. Ano de atividades políticas intensas, mantínhamos a crença de que nossa produção era importante e significativa no plano político. Isso impunha muito trabalho em todas as áreas: produção de objetos, peças gráficas, oficina, as discussões sobre urbanismo espacial, rebatendo as teses da Carta de Atenas. Assim, a escola pretendia formar um homem universal, participante dos problemas do país cuja ação iria aparecer posteriormente quando a vida profissional. O fundamental é que a gente acreditava no poder de transformação da Arquitetura. Em 68, as idéias estavam colocadas assim: antes da Arquitetura transformar a realidade e atender as necessidades da sociedade temos que mudar o político. Idéias como essa levaram a um racha na escola. De certa forma, antecipamos o maio de 68 quando, em abril, paralisamos as atividades e instaurmos o fórum de debates a exemplo daquele realizado em 62. Nesse fórum a briga entre os arquitetos apareceu publicamente. Logo depois, vários professores foram cassados, entre eles o Artigas e colegas foram presos. Foi meu último ano na Escola e quem estava a fim de continuar a fazer Arquitetura fez ser profissional".

Mas não foi fácil ser profissional nos anos seguintes, observa Acayaba. A Arquitetura passou por uma série de injunções políticas e econômicas que desviavam os profissionais das lições aprendidas. Muitos sucumbiram e apostaram no milagre econômico e surgem os grandes escritórios de Arquitetura.

Abandonando as ilusões de ter um desses escritórios, Acayaba hoje não só formula seus projetos mas faz croquis, maquetes, perspectivas, desenho técnico de execução. Rebate assim teses correntes nos anos 70, a especialização do profissional.

70 "enquanto as artes de modo geral foram silenciadas, a conjuntura para nós veio com a concentração de riquezas. Os novos clientes dos arquitetos passaram a ser uma fatia da classe média que enriquecia e as redes bancárias. Por outro lado, os órgãos do governo concentraram as obras de infra-estrutura, as chamadas obras faraônicas, no período Médici. Estava aberto um certo espaço para o engaro, imposto o esquecimento de toda evolução que caracterizava a Arquitetura brasileira, com os programas adequados à realidade nacional e ao contexto político-social do momento. Tudo isso levava a um desenho correto nas décadas de 50 e 60. Qualquer edifício encomendado, seja a residência individual ou a agência bancária, era o momento de fazer o grande vão, o concreto... Como se dá a censura? Primeiro se encorraja nesse sentido e paralelamente a maior parcela da produção ficou concentrada em grandes empresas que começavam a surgir, como as empresas de construção e os grandes escritórios de Arquitetura. Somente esses conseguem pegar os projetos das grandes obras de infra-estrutura do governo. Até essa época o sis-

O HOMEM - Marcos Acayaba. "Prancheta". *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.7, p.57-9, ago. 1986.



agência Banespa, SP

quiteto era amparado por uma legislação que o amparava enquanto profissional liberal. No início da década de 70 essas leis mudam e os editais de concorrência trazem normas que transformam o profissional em empresário, alguns nasceram para isso mesmo e deram certo. Outros entraram pelo maior cano".

Depois de viver algum tempo "na luta para equilibrar contas" e constatar que a década de 70 não abria espaço para o trabalho individual, Acayaba tem uma experiência de trabalho em Paris e começa os anos 80 retomando aquilo que fazia na escola. Ou seja, assumindo o projeto desde sua concepção até o final, a obra.

"80 levei alguns anos fazendo quase que só casas para uma clientela de conhecidos e parentes. Fiz e ganhei três concursos dos raros que apareceram nesta época. Concursos que não passaram do papel e tinham a conotação de propaganda política. Em 82, fui convidado a projetar um apartamento dentro de um prédio do século XVIII e fui para Paris detalhar o projeto com os materiais de lá, conversar com empreiteiros. Foi uma experiência quase que de voltar à época da escola, de fazer não só o projeto mas trabalhar na oficina. Percebi então a necessidade de fechar o escritório e eu mesmo desenhar os projetos. Com isso tenho produzido mais e ganhado mais dinheiro".

No balanço de quase duas décadas, Marcos Acayaba concentra sua preocupação com a racionalização da construção mas dá vôos altos ao partir para experiências com novas técnicas e materiais. "Cada projeto abre a possibilidade de fazer um ensaio, uma experiência e uma reflexão", garante.

Tornar cada trabalho uma experiência própria, uma investigação do real, é mais que a herança do professor Artigas, também a possibilidade de realizar uma arquitetura mais pessoal. Agora, manuseia com intimidade não só o concreto mas a estrutura metálica, a madeira, a cerâmica.

Na procura de novas linguagens, técnicas e materiais, Acayaba acredita que a arquitetura de residências aparece como campo aberto à experimentação. Cita um projeto de quatro casas, no Alto da Boa Vista, SP, onde explorou as possibilidades do bloco de concreto.

Esse ensaio de racionalização da obra, ainda que em escala limitada, foi exaustivamente desenhado e pensado. O arquiteto quis explorar as possibilidades do bloco de concreto em termos de encaixe e modulação já que pretendia usar com liberdade essa alternativa à fôrma de concreto. Segundo lembra, a experiência além de dar certo rendeu um relativo resultado financeiro.

A necessidade de investigar e aprofundar suas buscas conduzem ao encontro com a arquitetura japonesa. "Uma coisa surpreendente para mim", observa para falar de dois projetos que está fazendo agora. "São ensaios que têm muita racionalização, estrutura de aço, elementos pré-fabricados e uma série de atitudes tomadas no projeto insinuam a semelhança com a arquitetura japonesa tradicional".

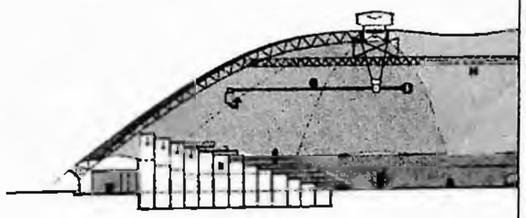
Embora dominada por muito tempo pela vertente européia, a cultura

residência, Alto da Boa Vista, SP

brasileira é um lugar onde cruza de tudo, arremata o arquiteto, lembrando, por exemplo, que a arquitetura japonesa é uma vertente muito forte em São Paulo e acaba se tornando uma possibilidade de trabalho.

Na aldeia global, o arquiteto retoma Frank Lloyd Wright e garante que cada profissional possui sua própria gramática e o exílio nada mais é do que a necessidade de organizar a história da arte. Defende, como Matisse, que cada artista seja livre para fazer o que o momento determina e lembra outra lição dos japoneses. No momento em que os artistas japoneses atingiam um certo prestígio, mudavam de nome para resgatar a liberdade original.

O encontro com outras culturas entranhadas na chamada cultura nacional conduz à reflexão sobre seu próprio trabalho e sua atitude frente a Arquitetura. Que ele resume: "Não somos mais que agentes num processo, numa realidade cósmica que vai desde a menor partícula da matéria até o universo como um todo".

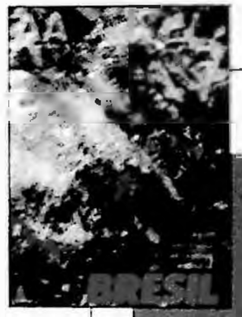


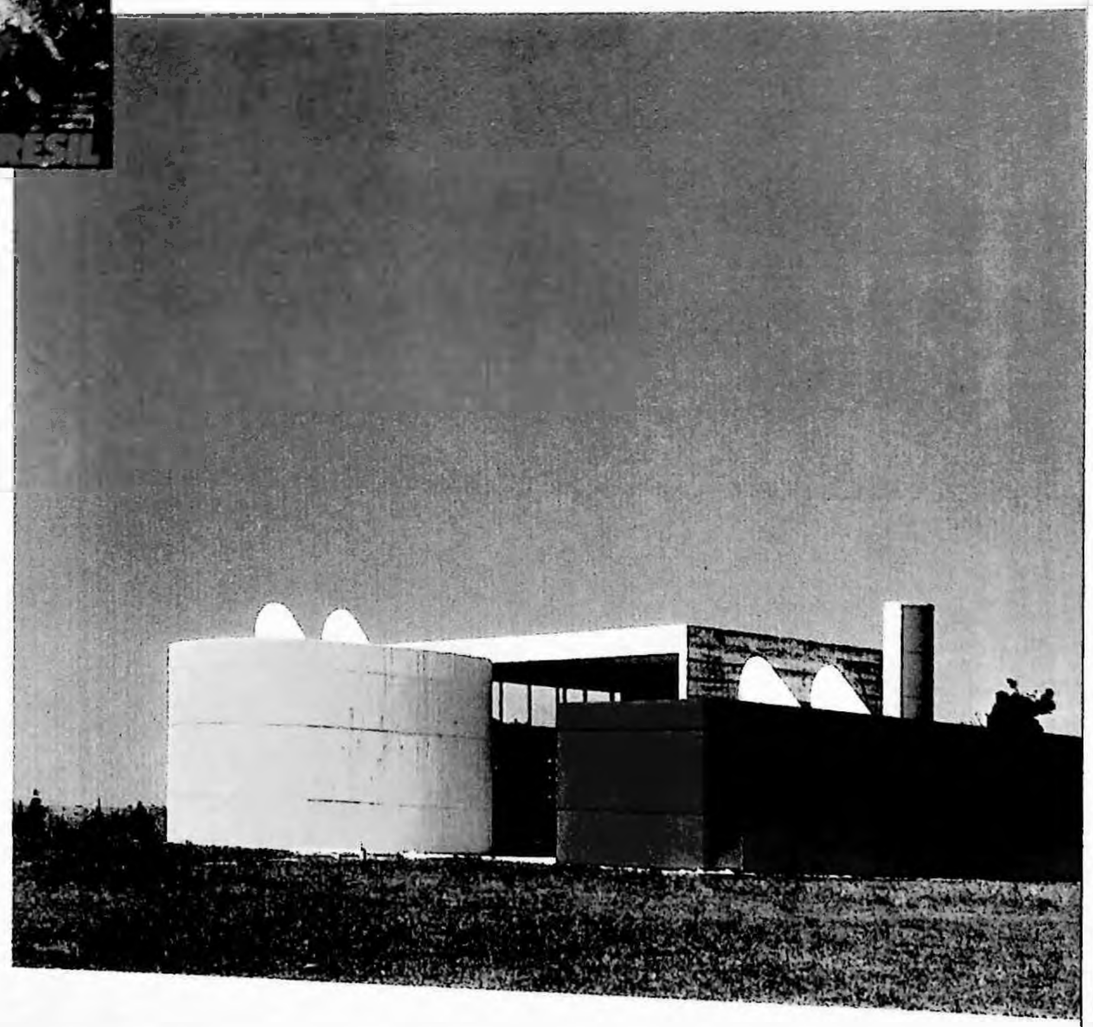
Sem muros

Nesta casa, na Cidade Jardim (SP), o arquiteto explora as potencialidades da topografia natural do terreno, propondo um desenho que arremata influências de Niemeyer e Artigas. O primeiro está presente na proposta dos grandes espaços e do teto parabólico de quatro apoios, quando a laje curva pousa suavemente no solo oferecendo um agradável efeito de integração com a paisagem. Já os basculantes, as portas de correr no interior da casa insinuam a maneira de integrar espaços proposta por Artigas. Espaço sem barreiras ou hierarquias sociais que eventualmente é casa assim como poderia ser uma oficina, comenta Marcos Acayaba. Um de seus primeiros projetos (1972) e hoje sua residência, traduz os ideais do autor de que em outra sociedade o homem teria liberdade de manejar seus espaços como moradia ou local de trabalho.

Coliseum

Espaço para espetáculos e atividades esportivas, o *Coliseum* vai acomodar cerca de 7 mil pessoas em anfiteatro para shows diversos e 6 mil em arena para jogos esportivos. Utilizando avançada tecnologia o espaço pode ser constantemente atualizado em função da atividade que vai abrigar. A flexibilidade, a rapidez na transformação e sua adequação aos usos propostos assim como a simplicidade e economia de meios na construção orientam o desenho do Coliseum. Sua cobertura, resultante da combinação de duas cúpulas — semelhantes a um guarda-chuva —, abriga de um lado da quadra central uma arquibancada metálica fixa para 4 mil pessoas. Do lado oposto, a "arquibancada móvel/palco" é um conjunto de plataformas levantadiças com apoios pantográficos e hidráulicos. A área central da quadra poderá eventualmente conter dois palcos para anfiteatros opostos de 2 mil e 4 mil lugares, respectivamente.



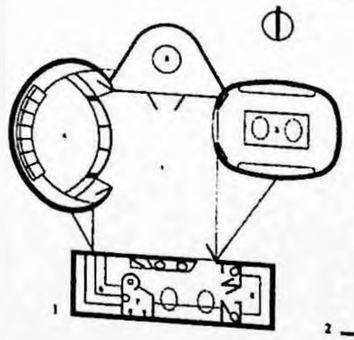


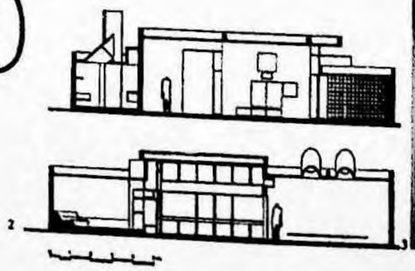
PAVILLON PINDORAMA
MARCOS ACAYABA

Ce petit bâtiment, à destination ludique, est une annexe d'une ferme d'élevage de la région de São Paulo. Sa forme devait en suggérer sa fonction, toute entière tournée vers les loisirs, et représenter une sculpture en plein air.
Plusieurs figures furent étudiées — polygones réguliers, cercles — puis l'architecte décida de traiter chaque espace différemment selon son usage et dans des couleurs primaires : c'est ainsi que le billard américain est installé dans une ellipse jaune, la salle de musique et vidéo dans une ellipse rouge, le sauna dans un prisme bleu et les jeux de carte dans un volume délimité par une parabole. Un modèle réduit de ces différentes formes fut réalisé et assemblé en tenant compte de l'orientation, du panorama sur la campagne et de la protection contre les vents. Cet assemblage révéla alors un espace central inattendu, un patio en forme de parallélépipède, regroupant les circulations et assurant diverses fonctions telles que terrain de basket, salle de ping-pong ou piste de danse.

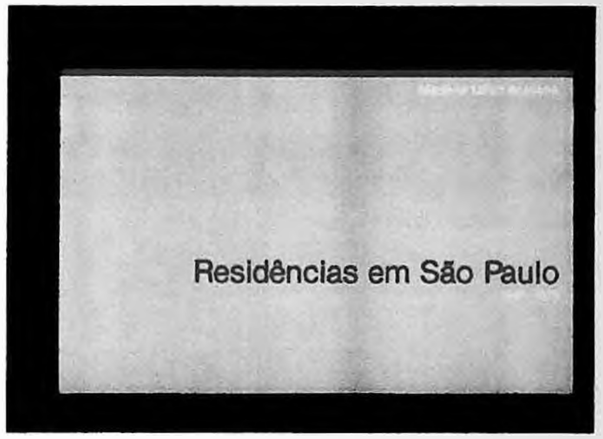
Région de São Paulo.
Architecte : Marcos Acayaba

1. Rez-de-chaussée : 1. Patio. 2. Jeux de cartes. 3. Billard. 4. Salle vidéo. 5. Sauna sec. 6. Sauna humide. 7. Douches.
2. Coupes longitudinale et transversale.
3. Vue du sauna. Les banquettes de repos sont moulées sur la chaise longue de Le Corbusier. Echelle : 1/250e.



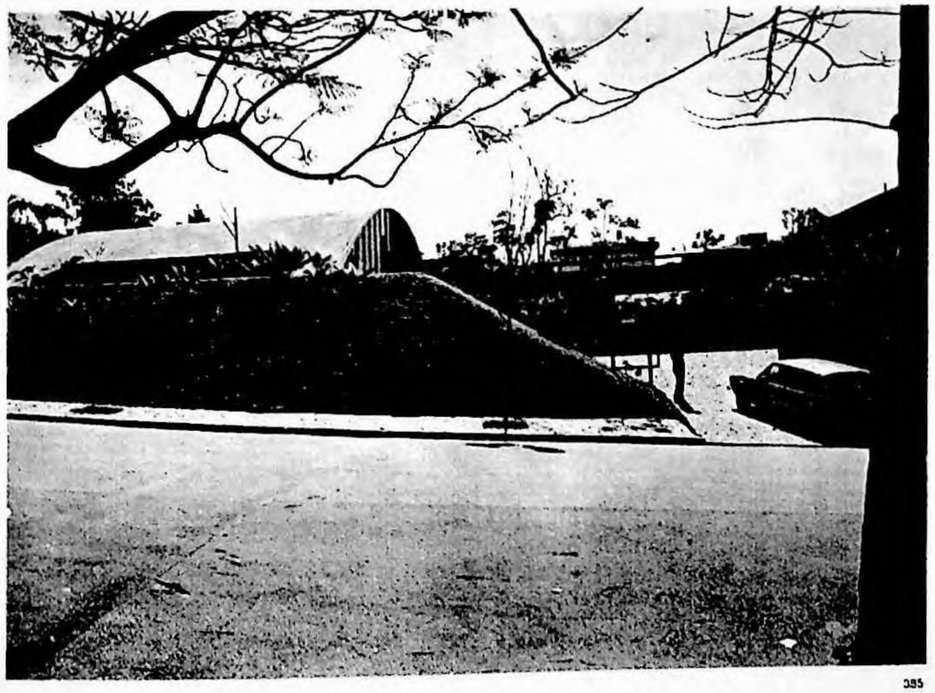


RESIDÊNCIA Marcos Acayaba (1972-1975). In: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947-1975.* São Paulo, Projeto Editores, 1987. p.385-394.

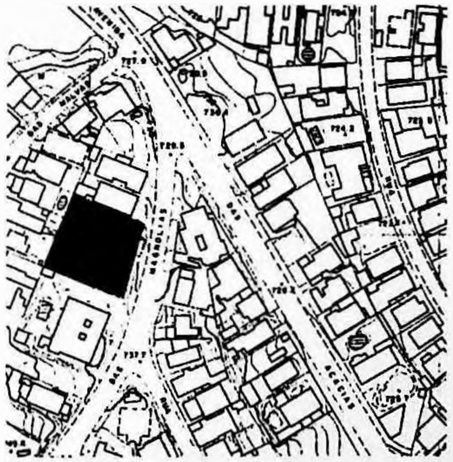


Residência Marcos Acayaba
1972-1975

Arquiteto Marcos Acayaba



Fachada para rua



Planta de situação

Obra	Residência Marcos Acayaba
Arquiteto	Marcos Acayaba
Local	Avenida das Magnólias, 70, Cidade Jardim
Ano do projeto	1972
Publicação	Casa Cláudia n.º 165, fevereiro-março 1976, p.16-19
Proprietário	Marcos e Marlene Acayaba
Composição familiar	1 casal e 2 filhos
Estrutura	Ugo Tadeschi e Yukio Ogata
Instalações	Antônio Garcia Marques e Olavo Motta Campos
Paisagismo	Marlene Acayaba
Construção	Campla
Período construção	1972-1975
Área terreno	2 150,00 m²
Área ocupada	467,00 m²
% ocupação	21,72
Área construída	791,49 m²
Área útil	391,88 m²

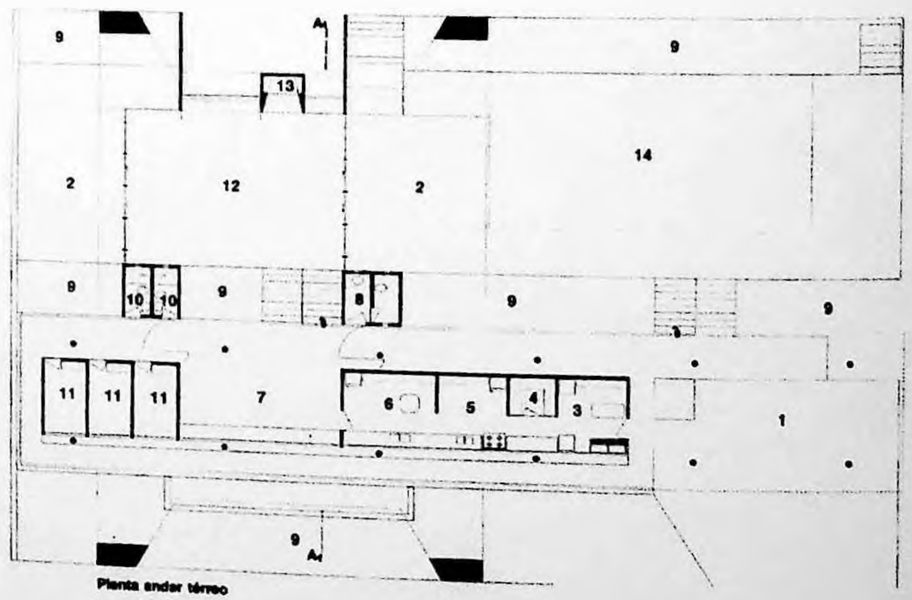
RESIDÊNCIA Marcos Acayaba (1972-1975). In: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947-1975.* São Paulo, Projeto Editores, 1987. p.385-394.

Programa	Componentes	Area	% área construída
Social	Sala de jantar		
	Lavabo		
	Jardim Interno		
	Escada		
	Estar/estúdio	140,80 m²	17,78
	Vestiário		
	Laboratório fotográfico	51,00 m²	6,45
Total		191,80 m²	24,23
Serviço	Copa		
	Cozinha		
	Despensa		
	Lavandeira		
	3 dormitórios empregada		
	2 banheiros empregada	71,69 m²	9,06
Íntimo	4 dormitórios		
	2 banheiros		
	Closet	128,20 m²	16,19
Externo	Abrigo de autos		
	Terraço coberto		
	Projeções		
	Piscina	399,80 m²	50,52
Orientação			
Dormitórios	Face leste		
Sala	Face norte e oeste		

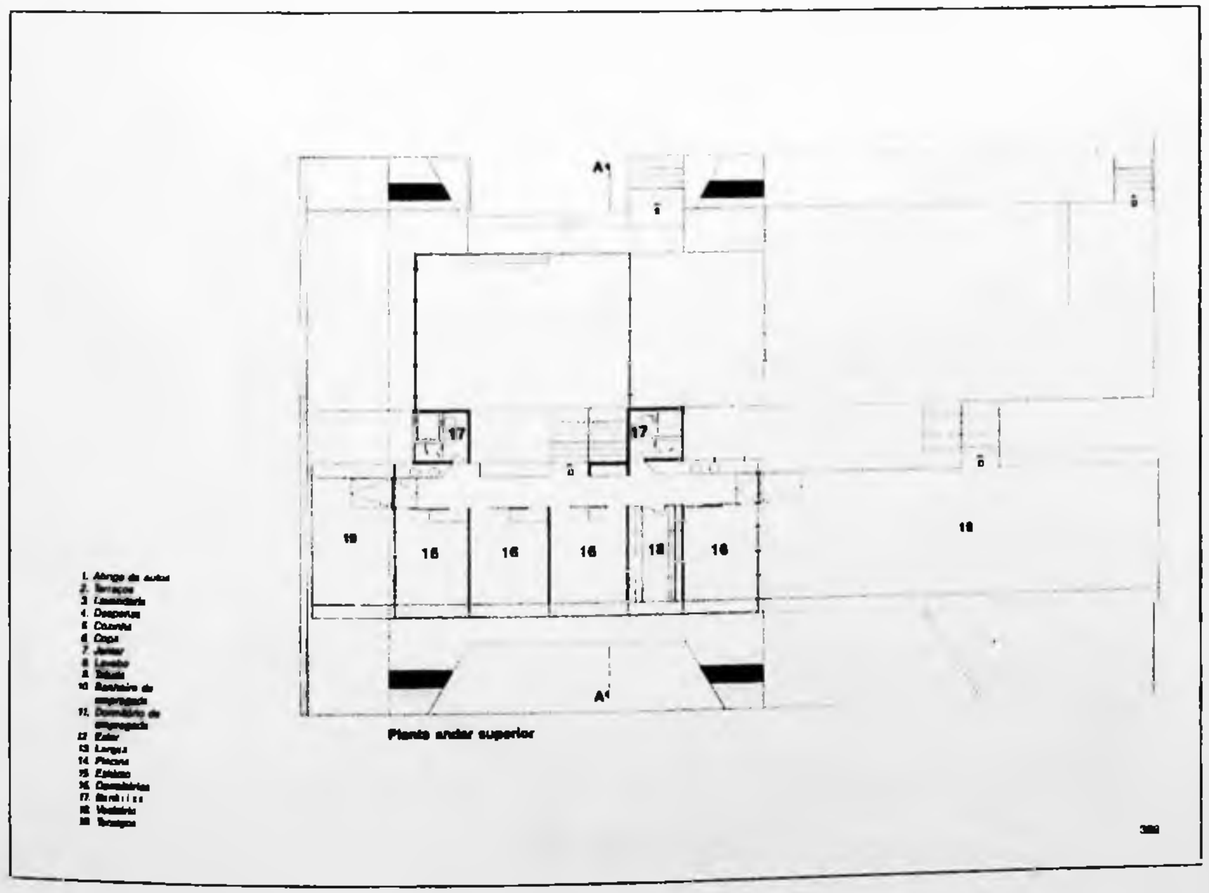
O terreno grande teve sua doação original trabalhado em três níveis ensejando uma melhor distribuição dos espaços sem isolá-los visualmente. A cobertura, casca de concreto em arco com as extremidades apoiadas no jardim, abriga os espaços internos garantindo a vista em toda a volta. Atravessando o espaço coberto pelo arco, meio-nível acima da sala/estúdio e da piscina, uma laje plana linear sustenta os dormitórios e cobre os serviços e o estacionamento. Na área central, no desnível, duas torres de concreto apóiam as caixas d'água e contêm banheiros em dois níveis (dormitórios e serviços).

No nível superior, os dormitórios alinhados separam-se da circulação através de bandeiras basculantes e portas corrediças de madeira. Nas extremidades da circulação, portas basculantes de ferro comunicam a área íntima com o exterior. Deste nível, se desce para a sala/estúdio, onde um volume de concreto composto de sofá, lareira e estante define o ambiente de estar. Neste piso, a continuidade do ladrilho hidráulico interna e externamente integra a sala com a varanda e a piscina. No nível inferior, o bloco dos serviços e o bloco dos empregados definem os espaços abertos do estacionamento e da sala de jantar.

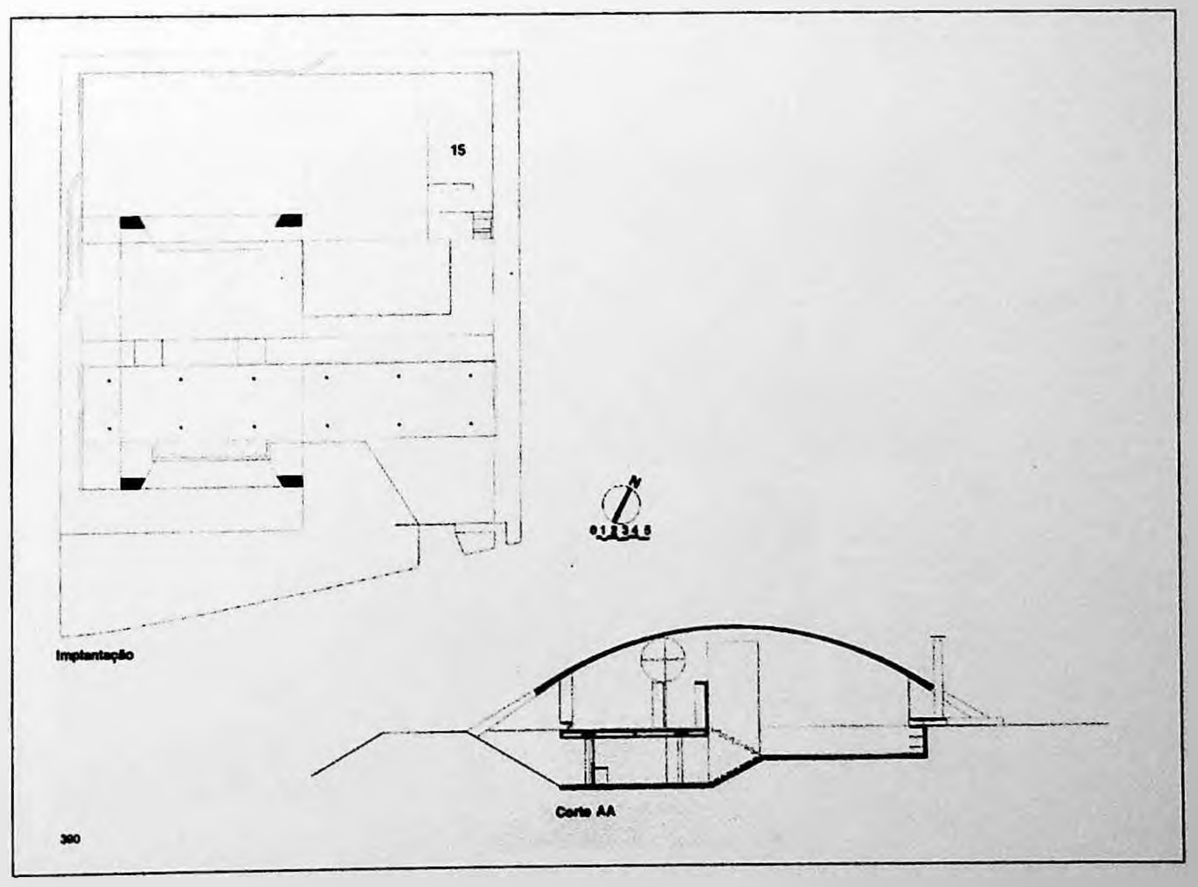
A cobertura é um arco de concreto armado com isolamento de poliuretano, apoiada nas extremidades no terreno e atirantada nas sapatas de fundação. A laje plana nervurada de concreto armado tipo "caixão perdido" é sustentada por doze pilares cilíndricos igualmente espaçados. As paredes externas são integradas no que seria a membrana envoltória da casa. Assim, à semelhança das partes envidraçadas, as paredes feitas com painéis duplos de fibrocimento são montadas nos caixilhos de chapas de aço galvanizado.



Planta andar térreo



Planta andar superior



Implantação

Corte AA

RESIDÊNCIA Marcos Acayaba (1972-1975). In: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947-1975.* São Paulo, Projeto Editores, 1987. p.385-394.

Materiais empregados

Estrutura	Concreto armado
Cobertura	Arco de concreto armado com isolamento de poliuretano
Lajo	Nervurado de concreto armado tipo "caixão perdido"
Alvenaria	Concreto celular-pumex
Torres hidráulicas	Concreto armado
Arrimo	Pedra
Escadas	Concreto armado
Divisórias	Madeira
Vedações	Chapas cupiaúdo/brocimento
Vidros	Temperados
Caixilhos	Aço galvanizado Ferro pintado
Revestimentos	Concreto aparente Látex branco Epoxi branco (banheiros, lavabo, copa, cozinha, despensa, lavanderia, vestiário, laboratório fotográfico) Concreto aparente pintado com Epoxi incolor (piscina)
Pisos	Pais elepipedo (entrada, abrigo de autos) Ladrilho hidráulico gretado vermelho (lase junto a piscina) Ladrilho hidráulico liso vermelho (salas, copa, cozinha, despensa, lavanderia, terraços, vestiário, laboratório fotográfico) Carpete (dormitórios, dormitórios empregada) Epóxi branco (vestiário, laboratório fotográfico)

Fachada da piscina

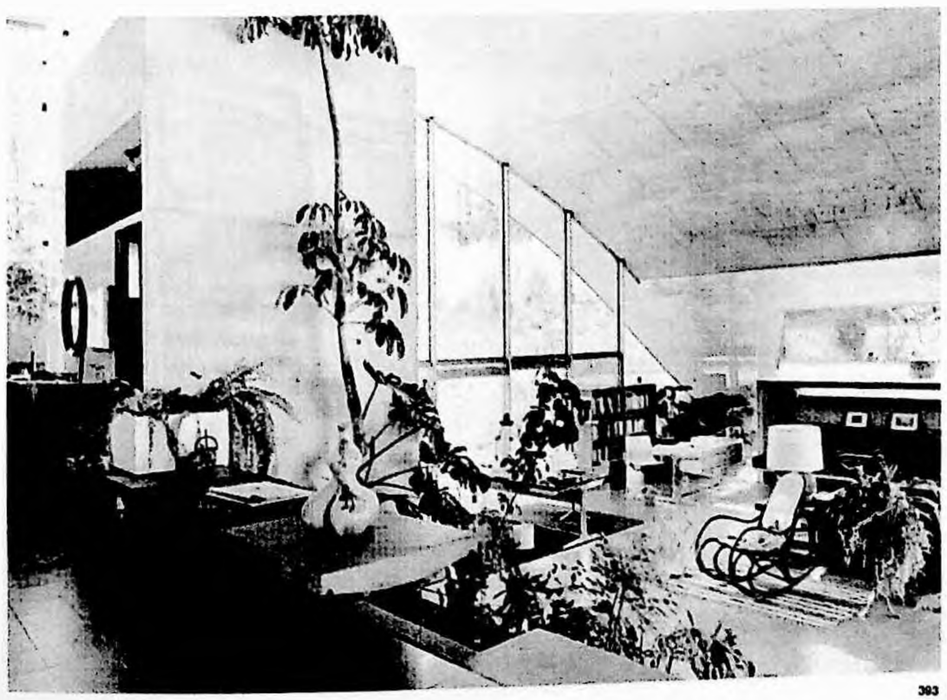
Fachada da piscina

Fachada dos fundos

Fachada do jardim

Estar

RESIDÊNCIA Marcos Acayaba (1972-1975). In: ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo: 1947-1975.* São Paulo, Projeto Editores, 1987. p.385-394.



Estar

Circulação dos dormitórios

Dormitório

Jardim interno

ACAYABA. In: *Arquitetos Brasileiros*. São Paulo, Pini, out. 1987. p.22-3.

arquitetos brasileiros

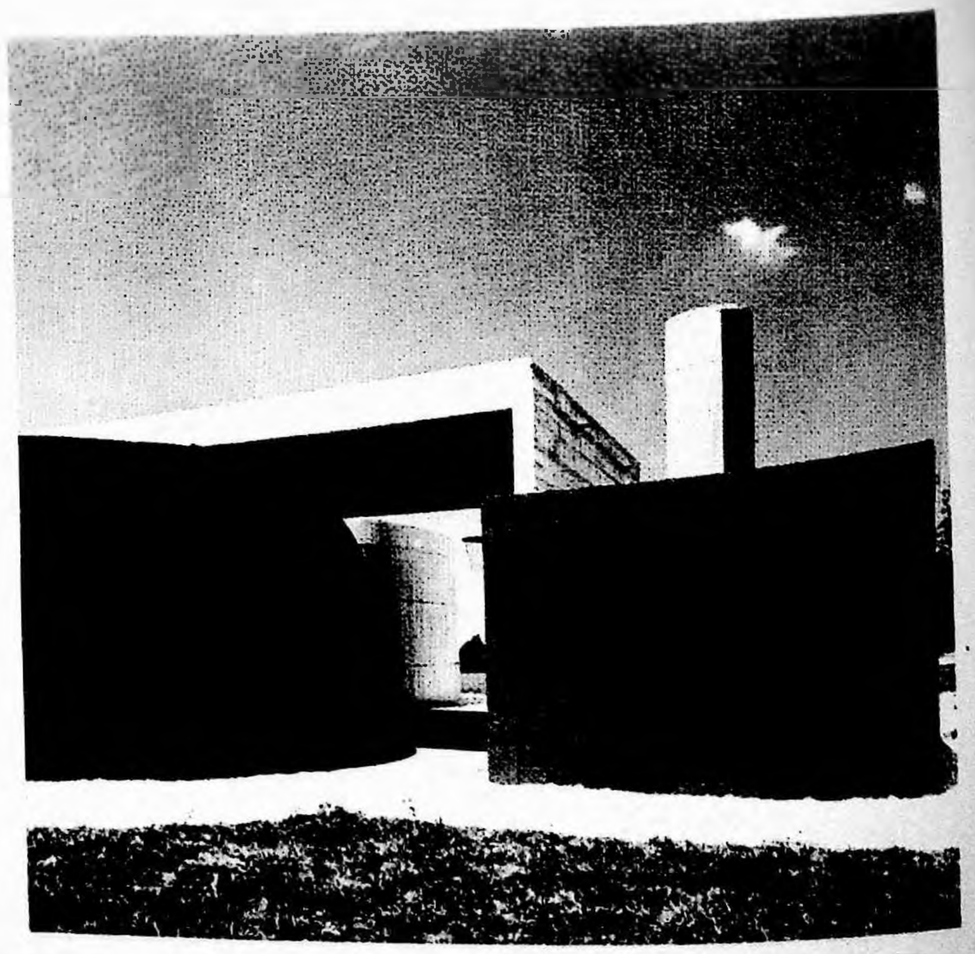
Acayaba

Creio no processo. Processo cósmico, espaço-tempo.
Da menor partícula da matéria ao universo como um todo está presente o espírito. A nós, homens, a parte desse todo capaz de sua compreensão, cabe o dever de, na ação, trabalho, a nossa parte no processo, zelar pela manutenção de sua harmonia, contribuir para a elevação do espírito.
Nossa capacidade de compreensão e da ação consciente sobre o processo não nos coloca, entretanto, em posição superior à matéria, hierarquicamente. O mesmo respeito que merece o trabalho dos homens na transformação da matéria cabe ao trabalho desta. É o seu trabalho que a realiza como parte do processo como a nós mesmos. É uma relação de igual para igual com a matéria. Não temos, portanto, o direito de, ao transformar a matéria, retirando-a de sua situação natural onde historicamente exerce seu papel no todo, trabalhando, condená-la a uma situação ociosa, diminuída em sua espiritualidade. Desperdício. Perda irreparável para o processo.
Toda a matéria usada em um artefato qualquer deve contribuir, trabalhando para a criação de um novo espírito, o do artefato. Este espírito, mais complexo, incorpora o espírito da matéria, o dos homens que o conceberam e realizaram, da sociedade e do tempo em que foi produzido, enriquece e às vezes faz avançar o processo.
Creio na beleza. Na manifestação visível do espírito elevado de um artefato qualquer: objeto ou edifício onde toda a matéria incorporada tem existência espiritual plena porque trabalha, onde nada sobra, onde nada falta. Espírito imortal.

Je crois au processus de création. Un processus cosmique, inscrit dans l'espace-temps.
Dans la moindre particule de matière aussi bien que dans l'univers comme un tout, l'esprit est partout présent. A nous hommes, qui sommes la parcelle de ce Tout douée de compréhension, il incombe de veiller au maintien de l'harmonie, de contribuer à l'élévation de l'esprit, par notre action, notre travail, qui constitue notre participation au processus global. Nous ne sommes cependant pas supérieurs à la matière, notre capacité de compréhension et d'action consciente ne nous place pas au sommet d'une hiérarchie. La matière travaille, elle aussi, à sa propre transformation, et elle mérite le respect que nous accordons au travail humain. Notre relation à la matière est un rapport d'égal à égal. Nous n'avons donc pas le droit, dans notre action sur la matière, lorsque nous la retirons de sa situation naturelle, où elle exerce par son travail, son rôle historique dans un Tout, de la condamner à n'être qu'une présence passive, en lui ôtant ainsi toute spiritualité. C'est du gâchis. C'est une perte irréparable dans le processus.
Toute la matière utilisée dans une oeuvre doit contribuer, par son travail, à la création d'un nouvel esprit, celui de l'oeuvre elle-même. Cet esprit, plus complexe, embrasse celui de la matière, celui des hommes qui ont conçu et réalisé l'oeuvre, celui de la société, de l'époque à laquelle l'oeuvre a été produite, tout cela enrichit le processus, le fait avancer, parfois. Je crois en la beauté. C'est la manifestation de l'esprit dans l'oeuvre, qu'il s'agisse d'un objet ou d'un bâtiment où toute la matière incorporée a la plénitude de l'existence spirituelle, parce qu'elle travaille. Rien ne manque, rien n'est en trop. Esprit immortel.

I believe in process. Cosmic process, space-time. From the smallest particle of matter to the universe as a whole, spirit is present. For us, human beings, besides the understanding of this totality, it is our duty to, by means of action, that is, work - our part in this process - be responsible for maintaining its harmony, and contribute towards the elevation of spirit. Our ability to comprehend and to act consciously upon the process does not situate us, hierarchically, in a position superior to that of matter. The same respect that the work of human beings deserves in the transformation of matter, applies to the work of the latter itself. It is its work that produces it as part of the process, in the same way as it does with us. It is an equal relationship with matter. We do not have, therefore, in transforming matter, the right to condemn it to an idle condition, diminished in its spirituality, withdrawing it from its natural situation in which it historically performs its function in the developed whole. Waste. Irreparable loss for the process. Every bit of matter used in any artifact must contribute, by means of work towards the creation of a new spirit, that of the artifact itself. This more complex spirit incorporates the spirit of matter, of the men who conceived and created it, of society and the times in which it was produced, enriching and at times making the process advance.
I believe in beauty. In the visible manifestation of the elevated spirit of any artifact: an object or building in which all the incorporated matter has full spiritual existence because it is working, where nothing is leftover. Where nothing is missing. Immortal spirit.

Marcos de Azevedo Acayaba
1944, São Paulo, São Paulo, Brasil
1969, Arquiteto FAU/USP - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo



RESIDÊNCIA do arquiteto. *Bulletin d'Informations Architecturales,* Paris, Supplement n.116, p.14-5, nov. 1987.

DU VIDE TOTAL À UNE NOUVELLE CENTRALITÉ : L'AVENUE BERRINI

En moins de dix ans, les habitants de São Paulo ont vu surgir entre la « marginale » du Pinheiros (cf. p. 20) et l'avenue Santo Amaro un des plus surprenants ensemble d'immeubles de bureaux, bâti avec la rapidité et l'apparente aisance d'un décor de cinéma, par la Société Bratke et Collet, avec un unique architecte, Carlos Bratke. Terrains bon marché, bien desservis par des axes de circulation rapide, possibilité d'expansion, absence d'immeubles en hauteur mais législation suffisamment souple qui en permettait la réalisation : telles étaient les conditions qu'offrait le secteur de l'avenue Luiz Carlos Berrini.

Entre 1975 et 1987 ont été construites 37 tours à usage de bureaux, de 12 à 15 étages en moyenne, soit plus de 300 000 mètres carrés de surface bâtie. La Berrini est devenue aujourd'hui avec l'avenue Paulista et l'avenue Faria Lima, un des centres d'attraction d'activités tertiaires les plus dynamiques. Pourtant cette petite cité linéaire réservée aux « bureaucrates » ne s'arrête pas là : le projet de Bratke & Collet prévoit la construction de quarante nouveaux immeubles pendant les prochaines années...

Carlos Bratke est un des rares architectes brésiliens, avec Oscar Niemeyer à Brasilia, à construire autant d'immeubles à proximité les uns des autres, façonnant ainsi un paysage urbain. Bâtie au coup par coup, sans aucun plan global, la Berrini n'a jamais suscité l'attention des pouvoirs publics qui continuent à ignorer les effets à moyen et long termes de cette densification subite sur les réseaux d'infrastructure (eau, électricité, égouts, téléphone, etc.), comme les populations et activités qui y étaient installées auparavant. Aujourd'hui encore, comme à la fin du XIXe siècle, ce sont les entrepreneurs qui orientent la croissance de la ville. Les investisseurs savent qu'avant que les conséquences néfastes de cette absence de planification ne viennent compromettre leur stratégie, un autre quartier sera la cible de nouveaux investissements et source de profits...

(1) Directeur des services d'architecture, des promenades, voiries et du plan de Paris. Grâce aux innombrables projets d'urbanisme et d'architecture qu'il avait réalisés à Paris — notamment pour les différentes expositions universelles — Bouvard était connu en Amérique Latine où il avait déjà établi, en 1905, un plan pour Buenos Aires.

Jardim America en 1921

Contrastes de morphologies : les « alamedas » et le Jardim América

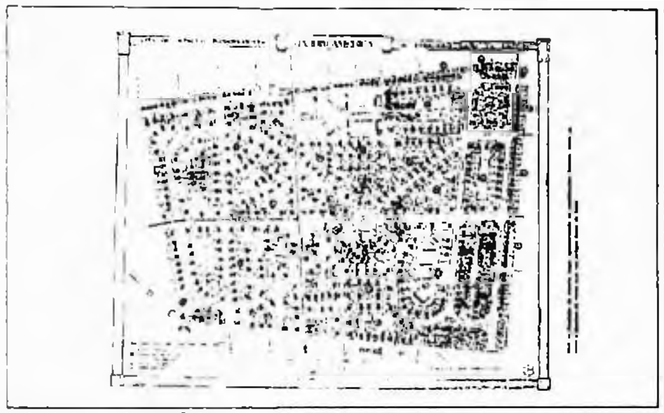
Villa au Pacaembu

Villa au Pacaembu

LES QUARTIERS JARDINS

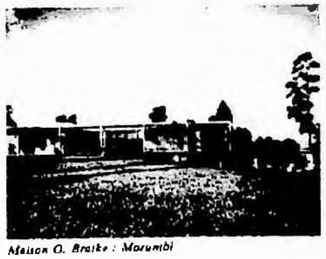
L'expérience des « cités-jardins » fut introduite au Brésil par l'entreprise « City of São Paulo Improvements and Freehold Land Company Limited » fondée à Londres le 25 septembre 1911, et dont l'objectif primordial était la commercialisation des biens immobiliers dans la capitale *paulista*. La « City », démarre ses activités à São Paulo début 1912 avec un patrimoine initial d'environ douze mille hectares de terres situées au Sud-Ouest du centre de l'agglomération. Ce fut la première et la plus grande entreprise de transactions immobilières de l'Amérique du Sud. Edouard Fontaine de Lavelaye, banquier français ayant des intérêts au Brésil, et son ami et conseiller Joseph Antoine Bouvard sont à l'origine de l'affaire. Le premier rachète à différents propriétaires locaux les terrains en question, les négocie avec un groupe d'actionnaires qu'il a constitué, parmi lesquels Lord Balfour of Burleich, Président de la City, de la Banque d'Ecosse et de la São Paulo Railway Co, M. Campos Salles, ex-Président de la République et Sénateur de São Paulo, et d'autres politiciens et banquiers brésiliens, anglais et français. Profitant des renseignements récoltés lors des études urbanistiques sur São Paulo qui lui avaient été commandées par la Municipalité (cf. p. 9), Bouvard prévoit les formes d'évolution de la ville et les choix d'investissement les plus intéressants.

Dans son diagnostic de l'agglomération, il remarque qu'il n'existe pas de grands investissements publics ou privés visant à canaliser l'expansion urbaine. Dans ce contexte, toute entreprise contrôlant à la fois le lotissement des terrains, leur commercialisation et la mise en place d'infrastructures de base, comme ce fut le cas de la « City » par la suite, avait un grand avenir devant elle. Les considérations de Bouvard furent entendues et la compagnie, dont il devint lui-même vice-président, lui confia la direction des démarches préparatoires à l'urbanisation


Jardim América par Unwin et Parker

Pacaembu : barbarie au cœur de la métropole

Maison Acayaba : Morumbi


Maison O. Bratke : Morumbi

de ses propriétés.

Les responsables des premiers projets de lotissements de la « City » sont les mêmes architectes qui quelques années auparavant avaient collaboré avec Ebenezer Howard à la réalisation en Angleterre de la *garden-city* de Lechtworth (1903), c'est-à-dire, Raymond Unwin et Barry Parker. Ils font ensemble le plan de *Jardim America* (1915), puis Parker tout seul, ceux de *Alto da Lapa* (1917) et de *Bela Aliança* (1919). D'autres urbanistes locaux, comme Hippolyto Pujol, prennent le relai et réalisent dans le même esprit et toujours pour la « City », Jardim Europa, Pacembu, Alto de Pinheiros, etc. Néanmoins, le contenu social sous-jacent à la morphologie des villes-jardins anglaises (priorité accordée à l'habitat ouvrier et à l'organisation communautaire qu'elles étaient censées stimuler) n'a pas été retenu. A São Paulo, au contraire, les lotissements de la « City » sont destinés à un tout autre public : la haute bourgeoisie *paulista* fuyant l'amalgame social et les nuisances des quartiers traditionnels. Des idées fortes qui ont présidé à la conception des cités-jardins on a surtout conservé celles qui exaltaient les bienfaits de la nature et l'atmosphère champêtre. Intimité, calme, hygiène et confort moderne étaient les thèmes préférés de la publicité pour les quartiers-jardins de São Paulo.

Au-delà du simple
urbanistes de la « Ci
cahier des charges d
nélité typologique et
quartier, allant mêm
ques maisons modèl
de la parcelle, l'acqu
pecter son indivisibil
grumme résidentiel u
tout autre, d'implan
maison en milieu de
limitée à R + 1. D
assurait au propri
réseaux d'eau, gaz,
phone et de transpor
tion appartenait à l'
prise du même grou
L'influence de ce typ
sidérable. En effet,
ville, les zones urbar
très aisément reconn
une singularité dans
ture avec le damier tr
la première phase d'
Le tracé sinueux de l
à rendre difficile tou
étrangère au quartie
pu empêcher que l
moins rectilignes pré
du temps de véritables couloirs de passage, du fait même de la localisation assez centrale d'une bonne partie de ces lotissements.

De nos jours, la « City » continue d'exercer son activité mais elle ne dicte plus les modèles d'urbanisation. Construire dans ces quartiers-jardins signifie cependant continuer à respecter les normes contractuelles originales, car la législation municipale a intégré toutes les restrictions d'occupation imposées par la Compagnie, ne les appliquant pourtant nulle part ailleurs. Cette continuité et ce caractère d'exception qui ont survécu à tous les changements législatifs que la ville a connus, font que ces quartiers-jardins apparaissent comme de véritables oasis de verdure et de quiétude en plein cœur de la métropole actuelle. Considérés comme des poumons indispensables à l'équilibre écologique, certains sont actuellement classés patrimoine historique.

Tout au long de leur existence, ils ont été de véritables chantiers d'expérimentation et d'invention architecturale dans le domaine de l'habitat. Cela explique en partie que l'« école d'architecture *paulista* » ait fait des programmes résidentiels uni-familiaux une vraie spécialité locale. La plus célèbre de ces maisons reste peut-être la *Casa Modernista* de la rue Itapolis, projetée par l'architecte Gregori Warchavchik, et qui fut la première réalisation de l'architecture moderne brésilienne (1).

L'idée de jouer sur l'image bucolique des villes-jardins a été reprise par d'autres promoteurs immobiliers, qui ajoutent couramment au nom de leurs lotissements le qualificatif de « jardin » ou « parc », même si leur tracé ne correspond souvent plus du tout à la même réalité typologique ou d'infrastructures. Cette pratique symbolique contribue seulement à la reproduction, dans les classes les moins aisées, du rêve individualiste de la « ville verte et pavillonnaire », extrêmement présent dans la réalité *paulista* mais en complète contradiction avec l'utopie howardienne.

(1) « L'école paulista » dont le principal chef de file fut Vilanova Artigas (1915-1986) s'est illustrée pendant les années cinquante et soixante, dans la production d'une architecture influencée par le « brutalisme » corbuséen. Sa spécificité en ce qui concerne les parti architecturaux réalisent tant à la valorisation des systèmes structurels mis à profit dans le développement des « plans libres ». Du point de vue du rapport à l'espace urbain, cette architecture n'est très bien accommodée à l'esprit intimiste des « quartiers-jardins » avec un souci très évident de tourner les espaces intérieurs sur eux-mêmes, coupés du contact avec la rue.

CASA EM TERRENO URBANO COM 12 M² DE FRENTE

Tirando máximo proveito de um terreno bastante estreito, o sobrado está voltado para os fundos, onde fica a face Norte. O vão central, formado pelo estar com pé-direito duplo e domus no teto, define a distribuição racional nos dois pavimentos da construção.

REPORTAGEM: GRAÇA VIEIRA / FOTOS: LUIZ ROBERTO PEREIRA

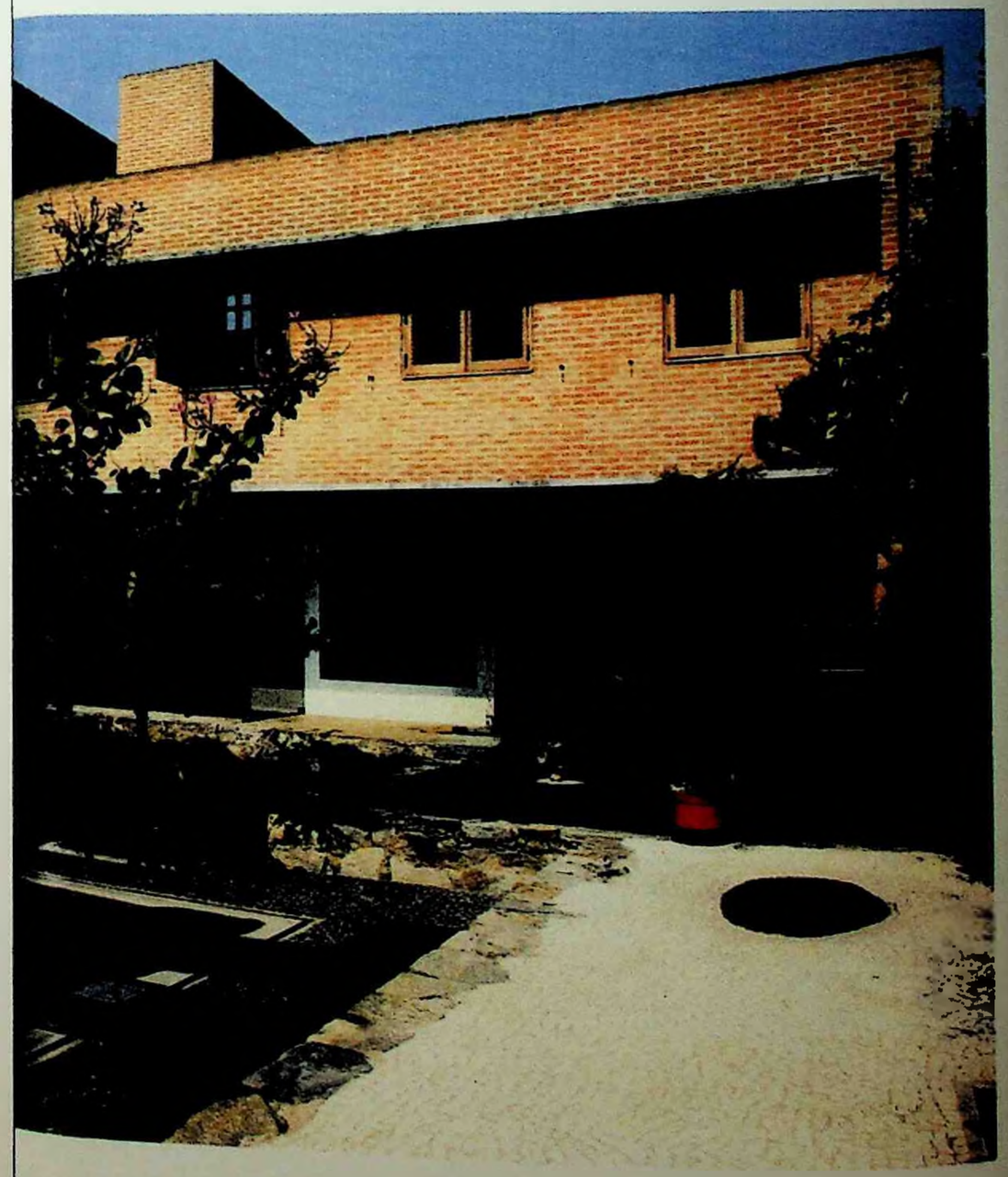
Ocupando um terreno estreito, com 408 m², em São Paulo, SP, este sobrado ganha face norte voltando o setor social para os fundos, obtendo maior isolamento e insolação.

Com acesso por uma rampa junto à garagem, o living concentra jantar, jardim de inverno e escritório. O pé-direito duplo (com domus) do estar comanda a circulação no térreo, unindo os ambientes e, no superior, formando o mezanino.

O lavabo que serve estes ambientes tem ligação com o exterior, abriga uma

1. *Tijolo e concreto aparentes dominam a fachada de linhas retas, com destaque para os portões com tábuas em diagonal.*

2. *Mosaico português para o piso em torno da piscina; mureta de pedras para marcar o desnível do jardim.*



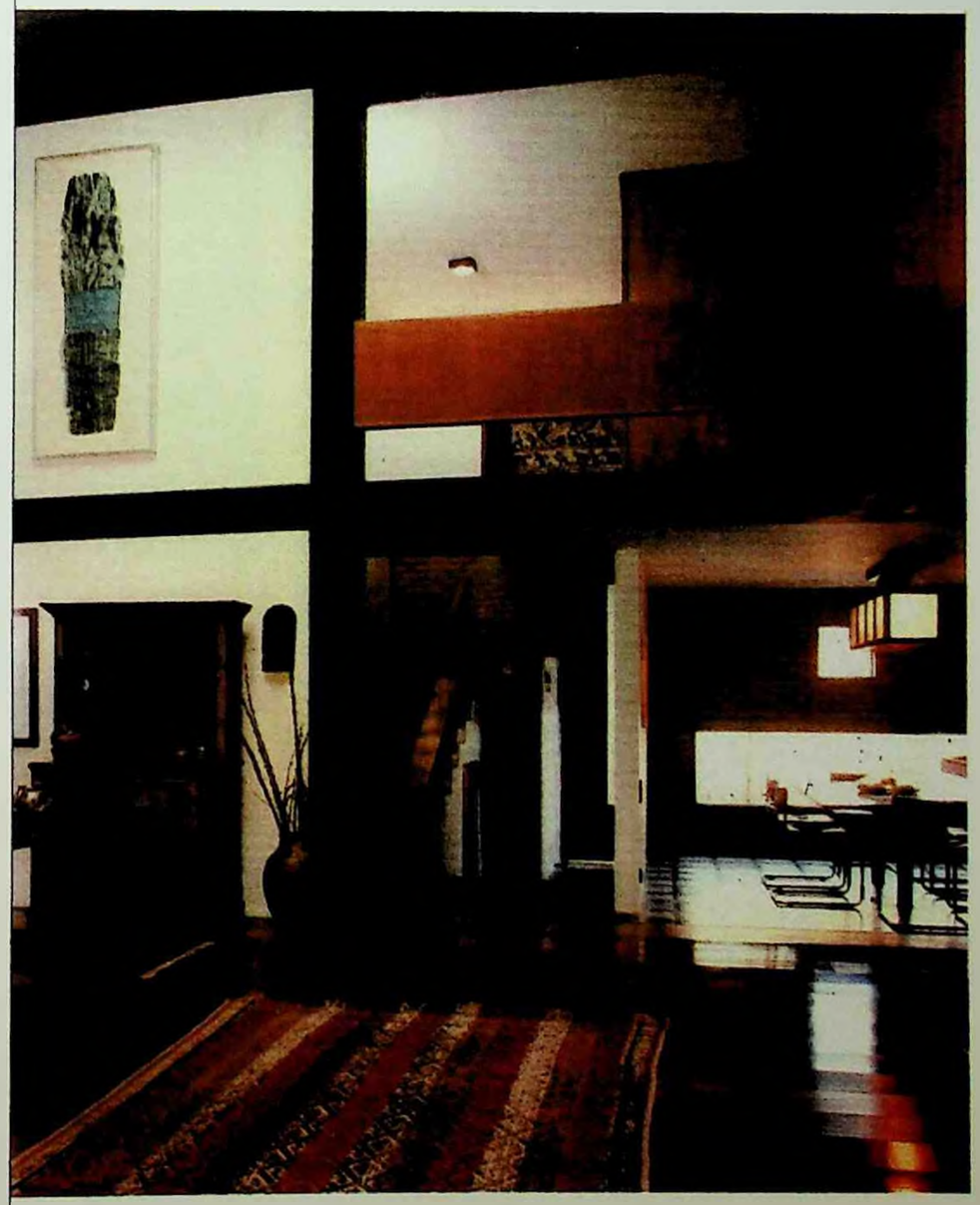
pequena sauna e é utilizado como vestiário para a área de lazer, com piscina e churrasqueira.

No pavimento superior a distribuição é definida pela passarela em torno do vão do estar. Assim, a partir da escada social, ordenam-se a saleta íntima, o

1. *No estar, piso de tábuas corridas e paredes ora brancas, ora revestidas com laminado ou tijolo aparente.*

2. *No bar, madeira e concreto em plena harmonia com os detalhes em latão dourado. Nas vigas aparentes, aço pintado.*

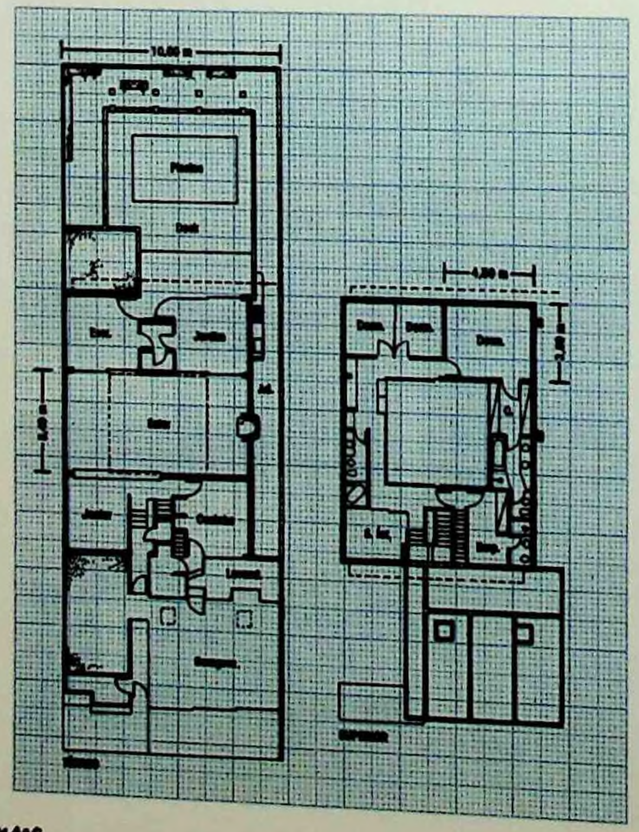
3. *Painéis corrediços de madeira atuam como portas no andar superior; no térreo, os ambientes se interligam livremente.*



banheiro que serve aos dois dormitórios e a suíte com closet. As dependências de empregada — quarto e banheiro — ocupam o mesmo piso, separadas do restante por uma porta e pela escada de serviço.

1. *Madeira no acabamento do teto em torno do domus, com aberturas para ventilação. Madeira também na mureta de proteção.*

Arquitetura: *Marcos Acayaba*
Construção: *Nelson Vitorino*
Paisagismo: *Sakae Ishii e Reynaldo Cabral*



ISHII, Sakae. Espaços vazios no paisagismo. *Projeto*, São Paulo, n.119, p.108-10, mar. 1989.

Espaços vazios no paisagismo

Texto
Sakae Ishii

Fotos
Arnaldo Pappalardo

Pátio da outra da Galeria de Arte São Paulo, na rua Estados Unidos, São Paulo. Na página anterior, pátio interno da mesma galeria.

Há mais conforto e sentido no vazio que no cheio. Uma pessoa primitiva quer coisas - o estágio seguinte é querer tempo e espaço, querer o silêncio.

Silêncio, intervalo, vazio são âncoras e, paradas, fazem o corpo repousar e a mente trabalhar. Servem também para criar distâncias entre as coisas, tornando-as mais nítidas ao olhar.

Seria bom o paisagismo criar essa nitidez.

Um bom projeto de paisagismo pode ser descrito, ou melhor, transmitido pelo rádio e compreendido por um ouvinte.

Não importa que sejam praças ou um pátio interno ou uma calçada, principalmente se pensarmos o paisagismo como essencialmente uma arte de imagem global.

Em contrapartida a essa imagem global, o paisagismo deve ser expressivamente pessoal; o paisagismo depende mais do universo do paisagista do que da paisagem.

A paisagem natural não é abstrata, mas o paisagismo como expressão humana nasce de abstrações e é essencialmente abstrato, mesmo que fale da noite, do dia, da luz, das sombras, do cheiro, das estrelas, dos vestígios, das ruínas, das perdas, das flores, das cores, das pedras inertes, das escalas, das proporções, do peso, das chuvas, dos ventos.

Na maioria dos "jardins", o homem tentou se lembrar da paisagem e não simplesmente copiá-la e, na tentativa de lembrar, inventou uma paisagem que é sua visão de mundo. Hoje, na arquitetura de edifícios como na de paisagem, a função é fazer gentilezas com as pessoas; a visão de mundo pessoal do arquiteto deve vir permeada de memórias, de vazios, de silêncio para que possa ser social, aglutinando numa só massa quem faz, com que faz, para quem faz.

É feliz o paisagismo onde há uma integração entre o paisagista e o arquiteto. Marcos Acayaba é o arquiteto das duas edificações aqui mostradas. Um dos trabalhos é de 1981 (Galeria de Arte São Paulo) e o outro de 1985 (residência em São Paulo). Apesar de serem obras com funções bem diferentes, elas se realizaram e convivem numa mesma cidade, frutos de um consenso sobre vazios, conforto, tempo, espaço, gentilezas.

ISHII, Sakae. Espaços vazios no paisagismo. *Projeto*, São Paulo, n.119, p.108-10, mar. 1989.

Pátio interno e jardim de estar de uma residência no bairro Jardim Europa, São Paulo

Equipe técnica
Projeto de paisagismo: Sakae Ishii, Reinaldo Cabral
Projeto de arquitetura: Marcos Acayaba

Ficha técnica
Galeria São Paulo
Local: São Paulo, SP
Data do projeto: 1980
Data de execução: 1981
Área do terreno: 390 m²
Área de paisagismo: 70 m².

Ficha técnica
Residência no Jardim Europa
Local: São Paulo, SP
Data do projeto: 1983/84
Data de execução: 1985
Área do terreno: 408 m².
Área de paisagismo: 180 m².

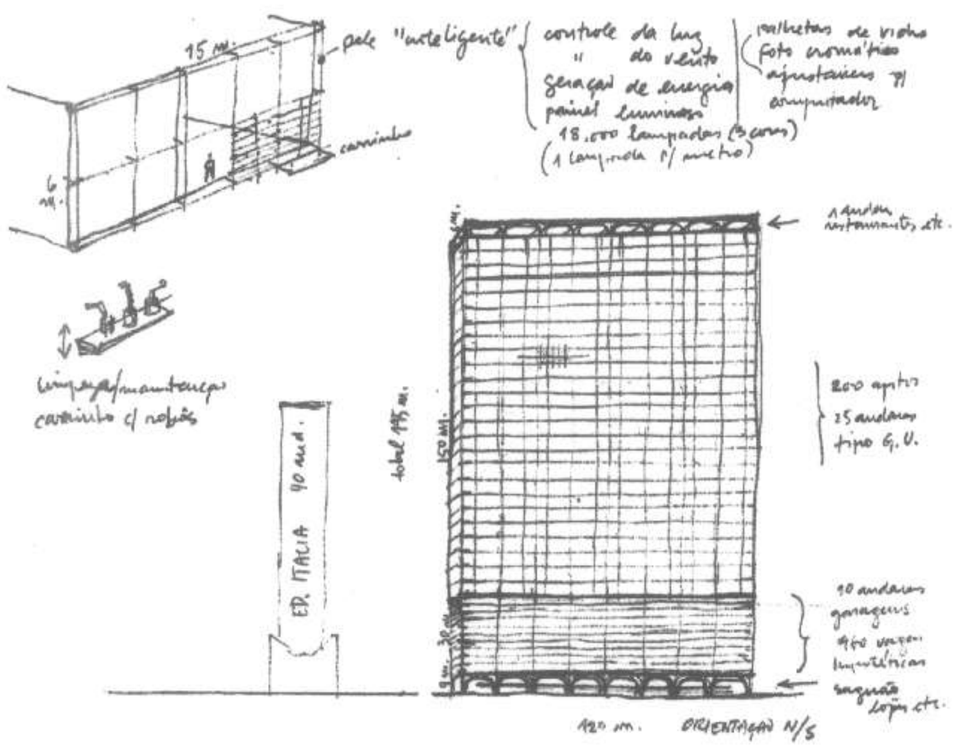
O SÉCULO XXIV nas margens do rio Pinheiros. *Investigação São Paulo*, São Paulo, Galeria São Paulo, p.97-110, 1989.

O SÉCULO XXIV NAS MARGENS DO RIO PINHEIROS

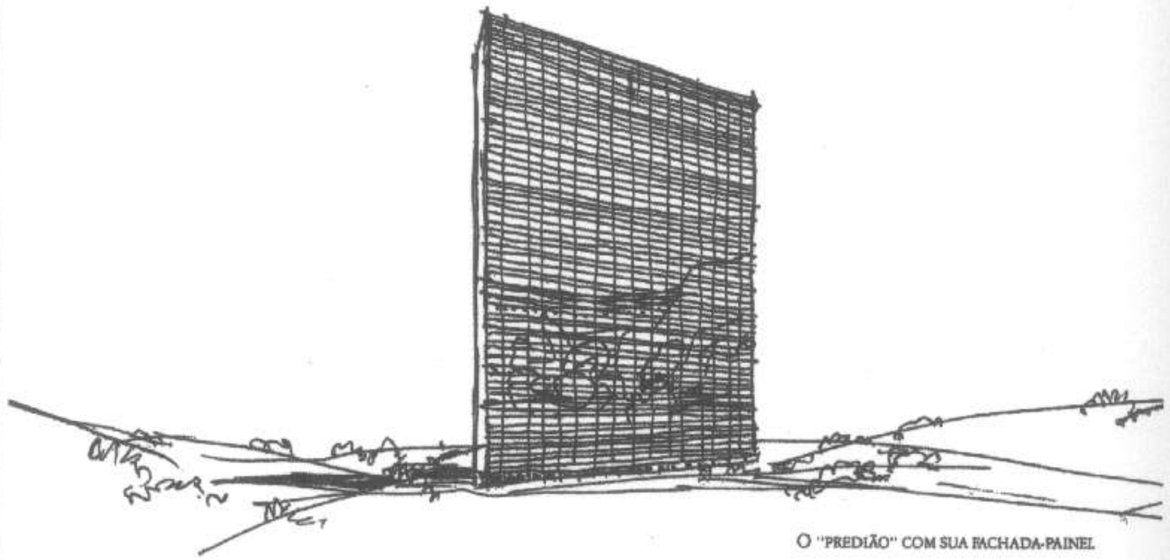
Marcos Acayaba diz que naquele momento o grupo foi lançado para o futuro, um futuro do tipo *Jornada nas Estrelas*. Todos estavam debruçados sobre a planta topográfica do loteamento e discutiam os efeitos da pulverização que seria provocada pelo retalhamento da área em exatos duzentos lotes. Birunga analisava as conseqüências de uma dispersão quase inevitável. Cada morador do loteamento acabaria vivendo isoladamente em sua casa, em que pesem os "apelos" que pudessem ser utilizados para uma vida comunitária. Sobre a planta do loteamento havia uma caixinha de fita cassete. A partir da visão da caixinha plástica bem no centro do loteamento, Acayaba começa a conjecturar sobre a construção de um edifício exatamente naquele ponto, uma idéia que invertia todo o processo. Em vez da dispersão, a máxima concentração.

A possibilidade de se repetir no loteamento a solução do projeto "predinho" — no caso, vários "predinhos" — havia sido examinada. Poderia resultar em uma espécie de conjunto habitacional de classe média alta. A idéia do "predião" (expressão usada por Acayaba) tinha a atração das soluções radicais. Ela entusiasma o grupo. No ato, Acayaba elabora as escalas. Para receber a população dos duzentos lotes e mais os serviços normais desse tipo de condomínio, o "predião" deveria ter cerca de quinze metros de largura, sessenta de comprimento e 240 de altura, o equivalente a setenta andares. "Na escala, dava mais ou menos a altura de duas caixinhas de fita cassete colocadas uma sobre a outra na vertical", lembra Acayaba.

A partir daí seria inevitável que se incendiasse a discussão sobre a viabilidade técnica de uma proposta que parecia delirante para muitos no próprio grupo. Carmela Gross, de saída, ape-



lidou o prédio de "edifício século XXIV". Regina Boni simplesmente achou aquilo "um horror", uma coisa assustadora. Baravelli assume o papel de advogado de defesa da idéia e das fantasias que vão se juntando em torno dela. Diz que viver ali seria uma aventura. Ele próprio sugere um revestimento especialíssimo para o edifício, uma espécie de "pele" administrada por um computador central, e que reagiria à variação do calor e da luz. No calor, os vidros externos abrir-se-iam automaticamente. Na luz, funcionariam como uma lente fotocromática. Baravelli e Acayaba asseguram que no Japão já existe tecnologia capaz de viabilizar essas propostas.



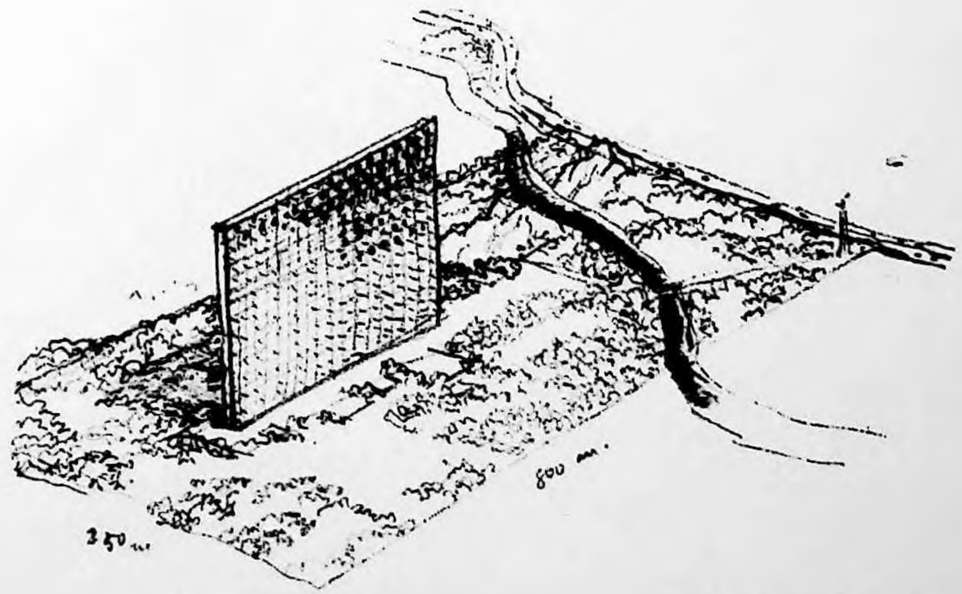
O "PREDIÃO" COM SUA FACHADA-PAINEL

A idéia do "predião" evolui. Ele cresce. Seria uma verdadeira cidade, com correios, cinemas, teatros, shopping, biblioteca. Acayaba refaz os cálculos. O "predião" alcança cem, 103 andares. Os últimos talvez devessem ser pressurizados. Os elevadores seriam iguais aos do World Trade Center. Alguém pergunta se do último andar daria para ver o mar. Regina Boni continua repetindo que aquilo era uma loucura. Acayaba e Baravelli insistem que é possível fazer. Os japoneses e os canadenses já fizeram. Baravelli garante que não é nada tão desproporcional. Seria um Shopping Center Norte de pé. Surge a idéia de um fantástico painel luminoso ocupando toda a fachada. Um milhão de pontos, formando desenhos ou transmitindo mensagens...

O "edifício século XXIV" era um claro desvio na trajetória que o próprio grupo se determinara de evitar sofisticações, não invadir o território da utopia e buscar sistematicamente a simplicidade. Mas era quase impossível deixar de mexer com esse brinquedo que por circunstâncias quase fortuitas o próprio grupo inventara. Ele permitia a criação de enredos dignos de uma combinação de *Blade Runner* e Steven Spielberg.

Além de tudo havia a "justificativa" de que uma proposta radical como aquela resolveria de maneira também definitiva o problema da preservação da área do loteamento, sua paisagem e vegetação. Os "investigadores" talvez se sentissem inclusive meio frustrados por não terem, até aquela altura, apresentado à Método soluções pirotécnicas ou modelitos de alta-costura tecnológica. Apesar da postura impecável da empresa, que em momento algum tentou induzir o grupo nesta ou naquela direção, havia sempre a sensação de que os patrocinadores do Grupo de Investigação São Paulo esperavam algo mais espetacular. Carmela Gross lembra que o grupo às vezes reagia como se a Método estivesse esperando mais um desses edifícios inteligentes. E "os investigadores" vieram com uma proposta de um morador inteligente.

Em várias reuniões eles haviam sustentado longas discussões em torno de um possível descompasso entre os seus objetivos e do patrocinador, que inclusive providenciara uma palestra sobre tecnologia aplicada à habitação.



O EDIFÍCIO RODEADO POR UM BOSQUE

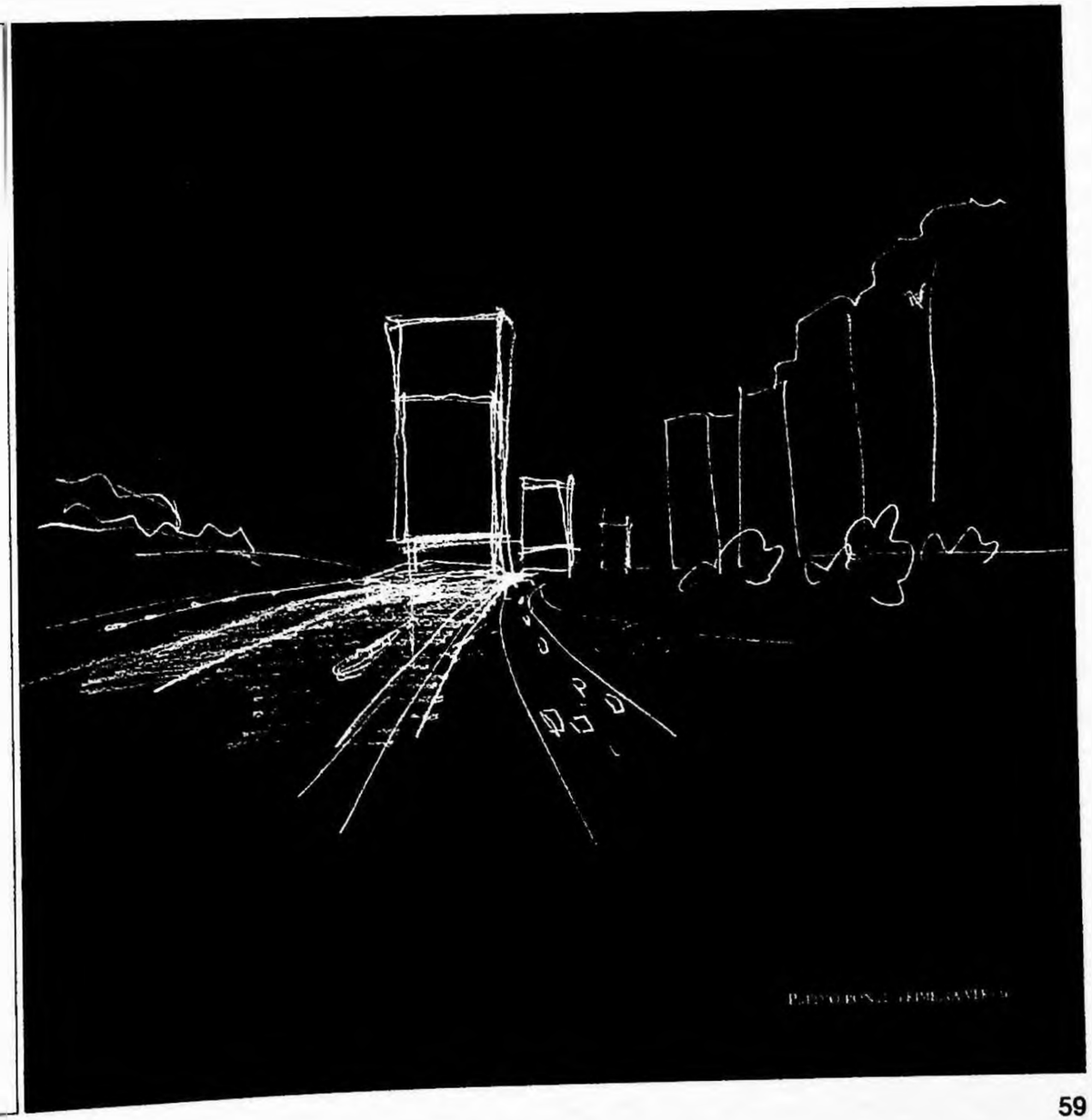
O SÉCULO XXIV nas margens do rio Pinheiros. *Investigação São Paulo*, São Paulo, Galeria São Paulo, p.97-110, 1989.

O "edifício século XXIV" era uma oportunidade para o grupo de responder ao que eles imaginavam ser uma delicada solicitação da empresa. "Se eles queriam *high-tech* iam ter algo high-tecníssimo", lembra brincando Carmela Gross.

Com uma certa surpresa o grupo descobriu que a Método não queria. A empresa não se entusiasmou com o "predião" e solicitou que o grupo voltasse a lidar com o projeto do loteamento numa leitura mais pragmática. O abortado projeto do "edifício século XXIV" serviria no entanto como fonte de inspiração para uma nova discussão. Acayaba, um entusiasta do "predião", propôs que se estudasse a viabilidade de estruturas como aquela, ou similares, serem instaladas sobre os rios Pinheiros e Tietê, na forma de prédios-pontes.

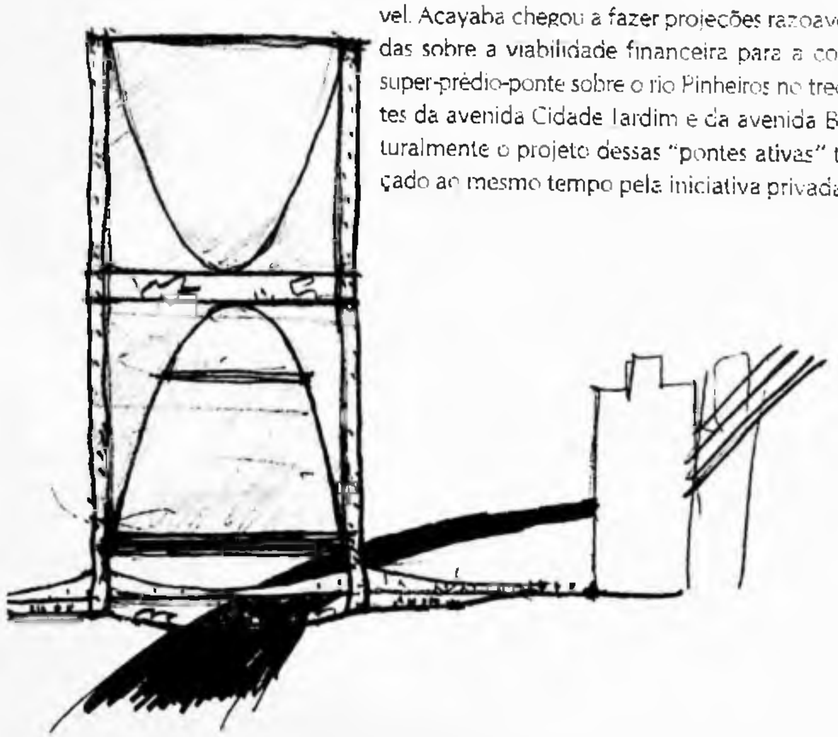
A concepção do prédio-ponte não é nova. Na verdade, remonta à Idade Média, período em que as pontes tinham uma função ativa, servindo como ruas comerciais ou mesmo residenciais; Le Pont Neuf em Paris, Rialto em Veneza e Ponte Vecchio em Florença abrigaram no passado os mercados mais importantes dessas cidades. A partir dos anos 20, em Paris, Londres, Chicago e numa série de outras cidades surgiram projetos de prédios-pontes. Em 1960, foi apresentada a maquete de uma verdadeira cidade-ponte sobre o rio Hudson, compreendendo a ponte propriamente dita na forma de uma estrutura tubular, e mais uma variedade de tipos de habitação que, segundo o projeto (o qual não seria executado, evidentemente), poderiam abrigar perto de cem mil pessoas.

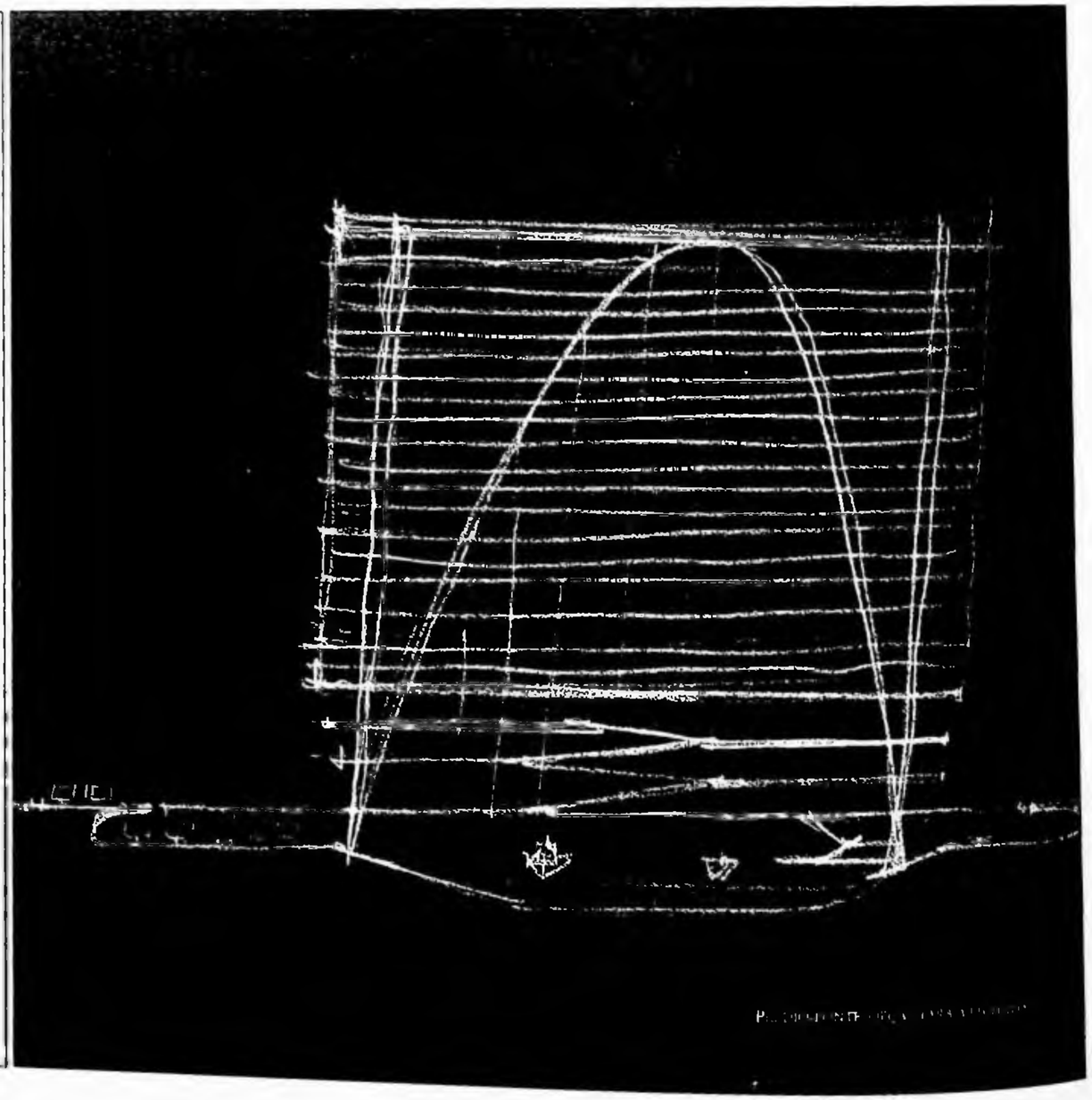
No caso de São Paulo os prédios-pontes cumpririam uma função ao mesmo tempo habitacional e/ou comercial e se integrariam à malha viária colaborando para a solução daquele



O SÉCULO XXIV nas margens do rio Pinheiros. *Investigação São Paulo*, São Paulo, Galeria São Paulo, p.97-110, 1989.

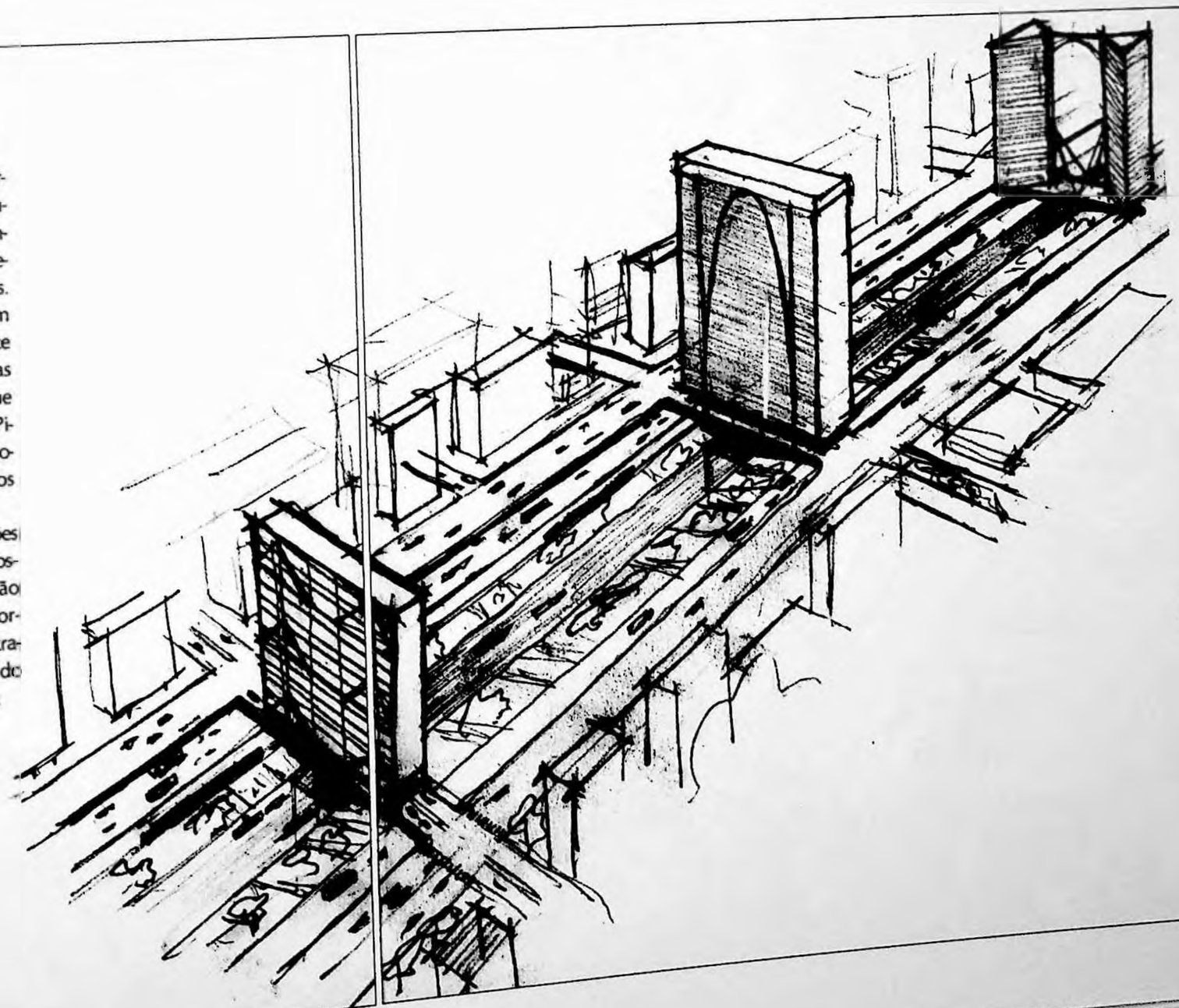
que já é um problema urbano dos mais graves da cidade: o do trânsito na região das avenidas marginais. A idéia desses prédios-pontes não chegou a receber detalhamento em forma de projeto. De qualquer forma, o grupo pôde discutir não apenas a questão viária mas também o problema — crucial para São Paulo — da reabilitação dos super-poluídos rios que cortam a cidade. Discutiu-se também o aspecto investimento. Se um consórcio de construtoras assumisse a idéia e comercializasse esses edifícios o custo da ponte em si se diluiria e seria assimilável. Acayaba chegou a fazer projeções razoavelmente detalhadas sobre a viabilidade financeira para a construção de um super-prédio-ponte sobre o rio Pinheiros no trecho entre as pontes da avenida Cidade Jardim e da avenida Bandeirantes. Naturalmente o projeto dessas "pontes ativas" teria de ser abraçado ao mesmo tempo pela iniciativa privada, pela Prefeitura





e pelo Estado. Inclusive, os terrenos a serem utilizados já pertencem ao Estado e foram desapropriados quando da construção das avenidas marginais. O projeto exigiria necessariamente maciços investimentos para a reurbanização de largos trechos hoje deteriorados nas margens dos rios Tietê e Pinheiros. A construção das avenidas marginais, na época considerada um feito da engenharia e do planejamento urbano, praticamente estrangulou quarenta quilômetros de rio dentro da cidade. Nas suas análises, o Grupo de Investigação São Paulo concluiu que os prédios-pontes talvez sejam a única esperança de que o Pinheiros e o Tietê voltem a ser utilizados enquanto rios e não como hoje em dia quando não passam de receptores de esgotos e de detritos industriais.

O Estado e a sociedade só terão interesse em investir milhões e milhões de dólares na limpeza dos rios no dia em que for possível alguém chegar até sua margem e molhar a mão. Isso não é possível não exatamente por causa da poluição. Apenas porque antes de chegar ao rio o cidadão será atropelado ao atravessar a avenida. A construção das marginais, que tem servido como propaganda política, foi um crime contra São Paulo.



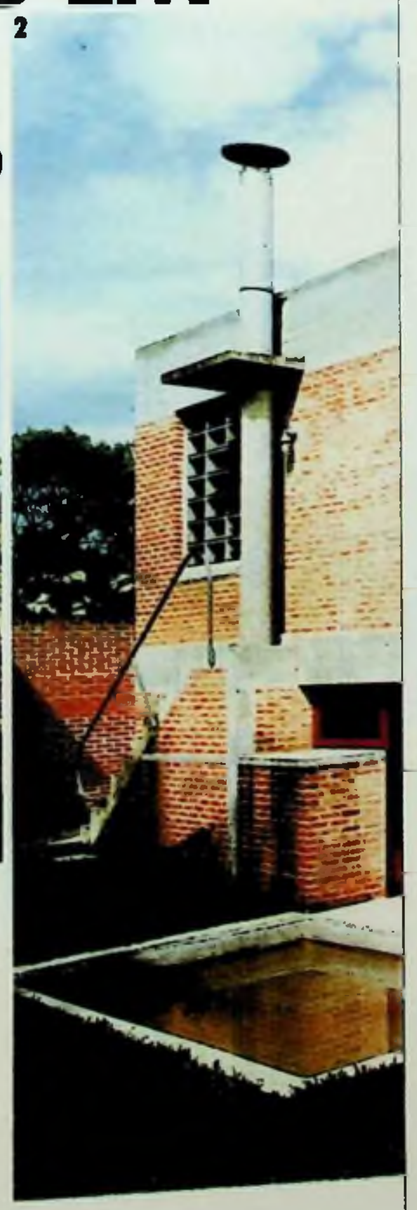
Enquanto o tijolo e o concreto aparentes conferem um certo despojamento, o rigor das linhas retas dá personalidade a esta construção.

LINHAS RETAS EM MATERIAIS APARENTES

REPORTAGEM: MARIA CONCEIÇÃO WENZEL/FOTOS: RICARDO BREDA

1

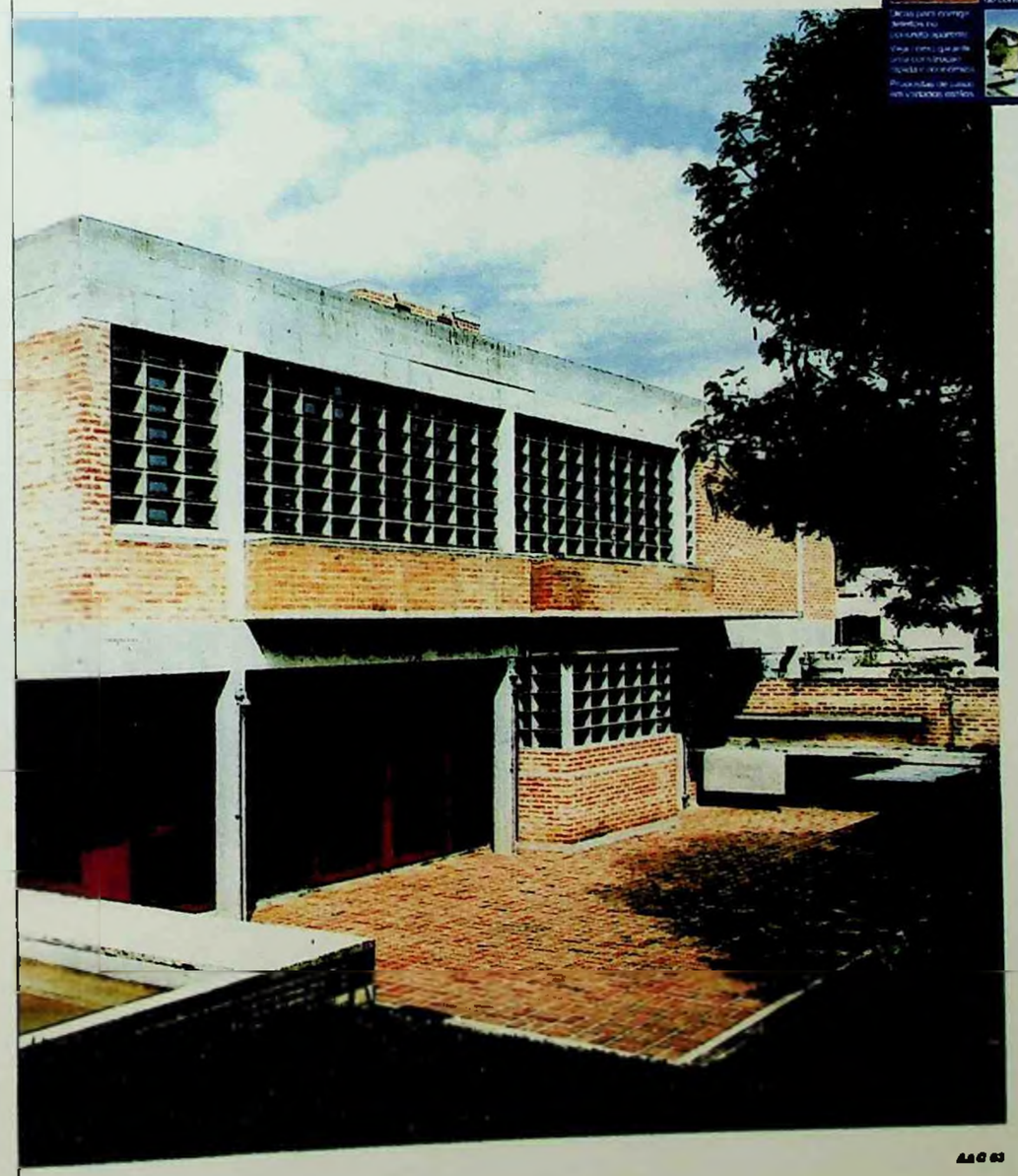
2

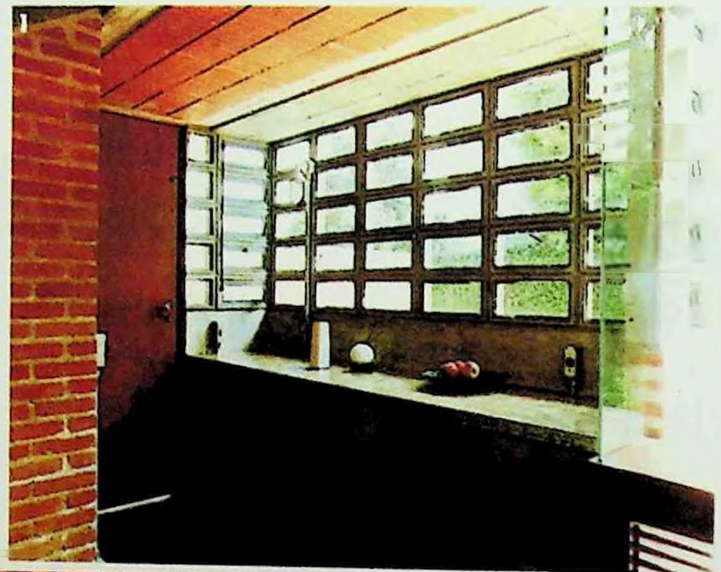


Tijolo, concreto, madeira e vidro se alternam num interessante jogo de formas que sublinha a linguagem contemporânea desta casa simples e luminosa. Erguida num terreno de 526 m²

1. *A fachada frontal é marcada por linhas rigorosas e pelo vão livre, sob a ala íntima, que funciona como abrigo para carros.*

2. *Neste ângulo, as fachadas posterior e lateral, com destaque para o espelho d'água e a bancada para refeições ao ar livre.*



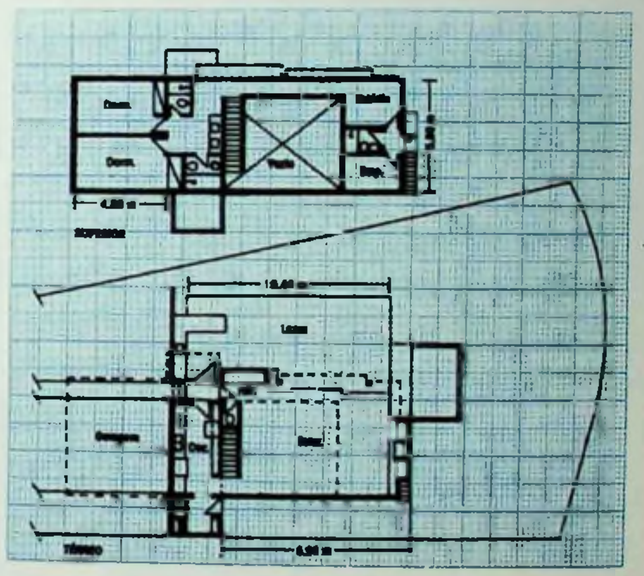


em São Paulo, SP, a construção econômica de 186 m² se caracteriza pela facilidade de manutenção.

Desenvolvida em dois pavimentos, a residência tem espaços internos integrados e circulação original. Uma faixa de concreto no piso, ladeando a garagem, indica a entrada múltipla: à esquerda para o lazer; à direita para a cozinha, anexa à lavanderia e ao jantar; em frente para um pequeno hall delimitado por bancada com armários de um lado e, de outro, pelo lavabo, encaixado sob a escada.

O living tem iluminação natural e ventilação generosas: uma de suas paredes é constituída exclusivamente de esquadrias de mogno com amplos panos de vidro na parte superior e venezianas reguláveis por portas de correr na inferior. Este mesmo tratamento se prolonga pela parede comportando nichos com prateleiras e portas de correr, para embutir o som e a TV, ladeando a lareira. Além disso, há a ampla abertura composta de elementos vazados pré-fabricados de concreto, com vidros basculantes em locais estratégicos. Esse recurso se repete no corredor do piso superior, dando para o vão do living.

Apenas os móveis definem o estar e o jantar, especialmente privilegiado pelo pé-direito duplo. Ali, a escada em concreto aparente leva à área de circulação da ala íntima, voltada para a fachada frontal. Do outro lado estão as dependências de empregada e um estúdio, ambos com acesso também por escada externa junto à chaminé da lareira.



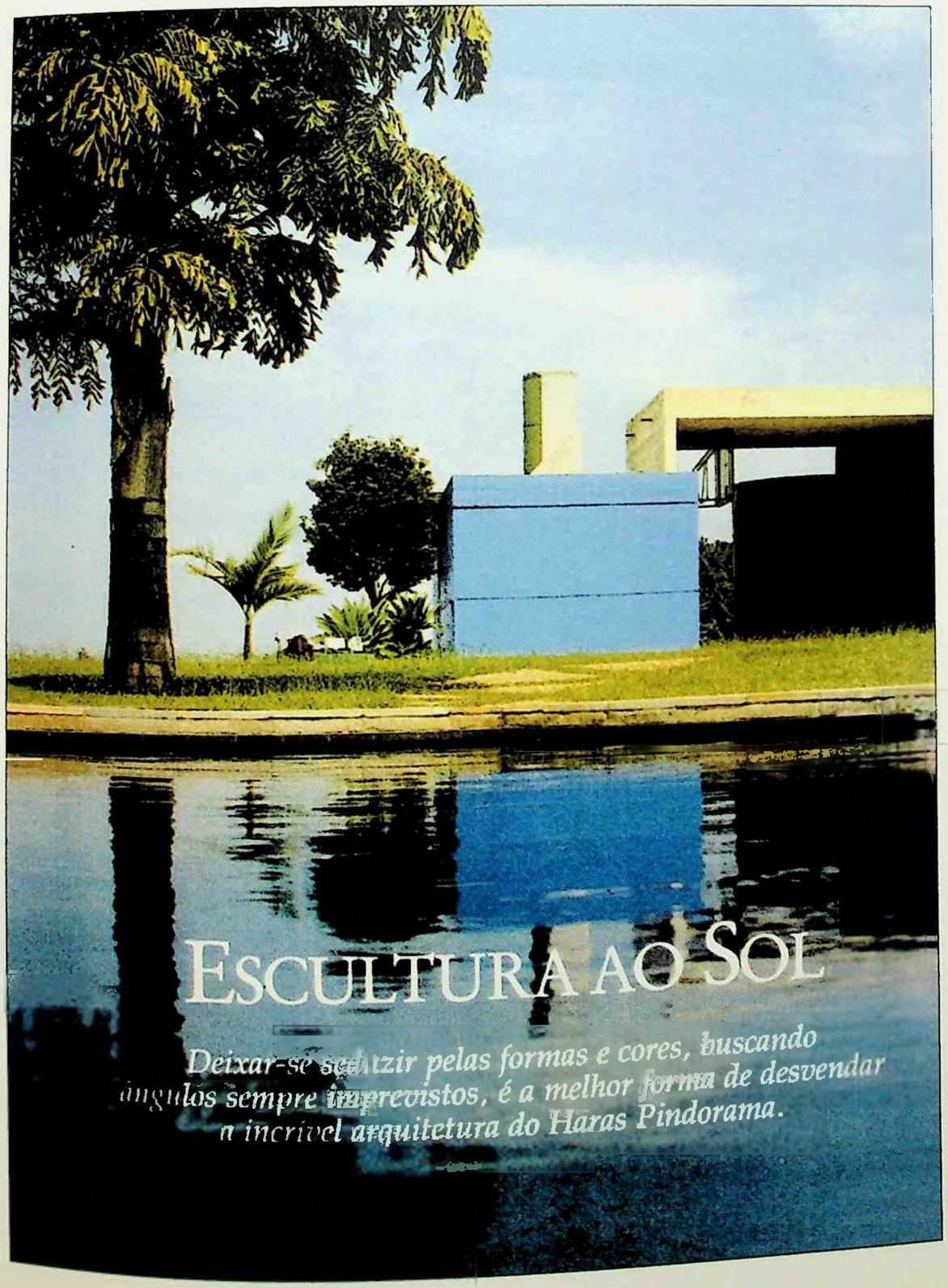
1. *Entrada social: um dente no hall permitiu a instalação de uma bancada com armário, servindo de apoio ao jantar.*

2. *No living com pé-direito duplo, a escada em concreto e a tubulação aparente de cobre se sobressaem no tijolo aparente.*

3. *O estar com lareira, totalmente integrado ao jantar, nichos com prateleiras e portas de correr camuflam som e TV.*

Arquitetura: *Marcos Acayaba*

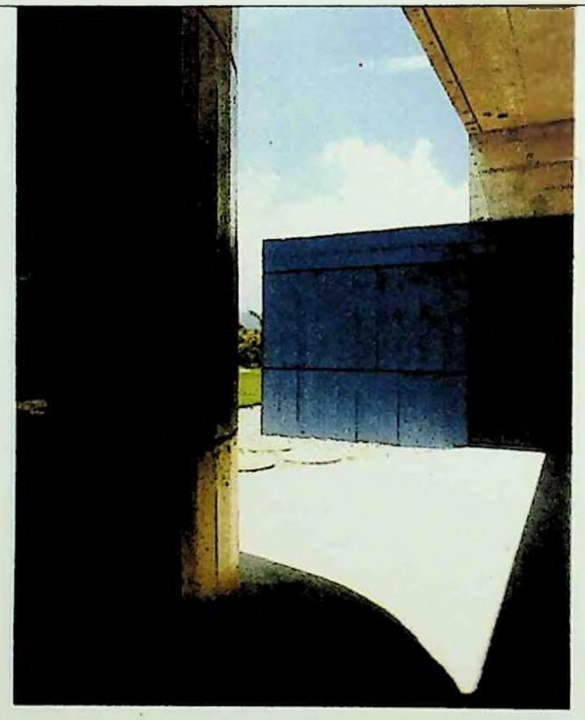
ESCULTURA ao sol. *Casa de Fazenda*, São Paulo, n.1, p.68-75, 1990.

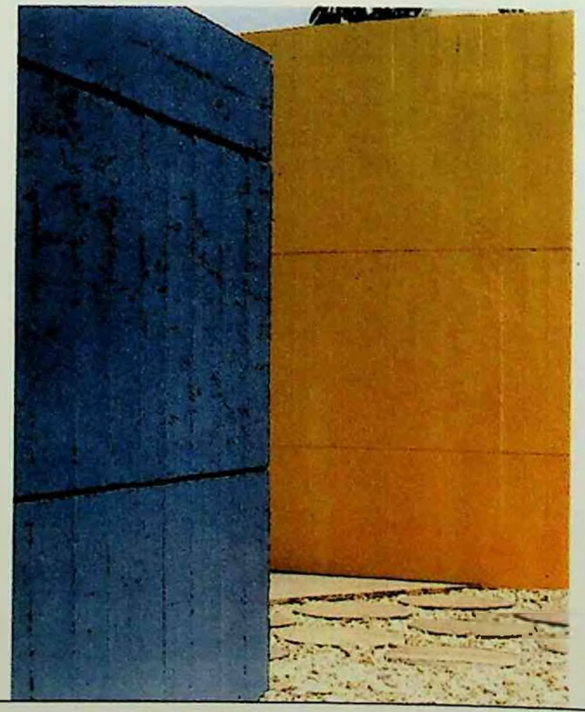


ESCULTURA AO SOL

Deixar-se seduzir pelas formas e cores, buscando ângulos sempre imprevistos, é a melhor forma de desvendar a incrível arquitetura do Haras Pindorama.

ESCULTURA ao sol. *Casa de Fazenda*, São Paulo, n.1, p.68-75, 1990.





Na paisagem calma da região de Cabreúva, no interior de São Paulo, o Haras Pindorama é uma visão inesperada. As imagens vão atraindo o visitante, até transportá-lo a um mundo de geometria e cores instigantes, que parece pertencer ao futuro.

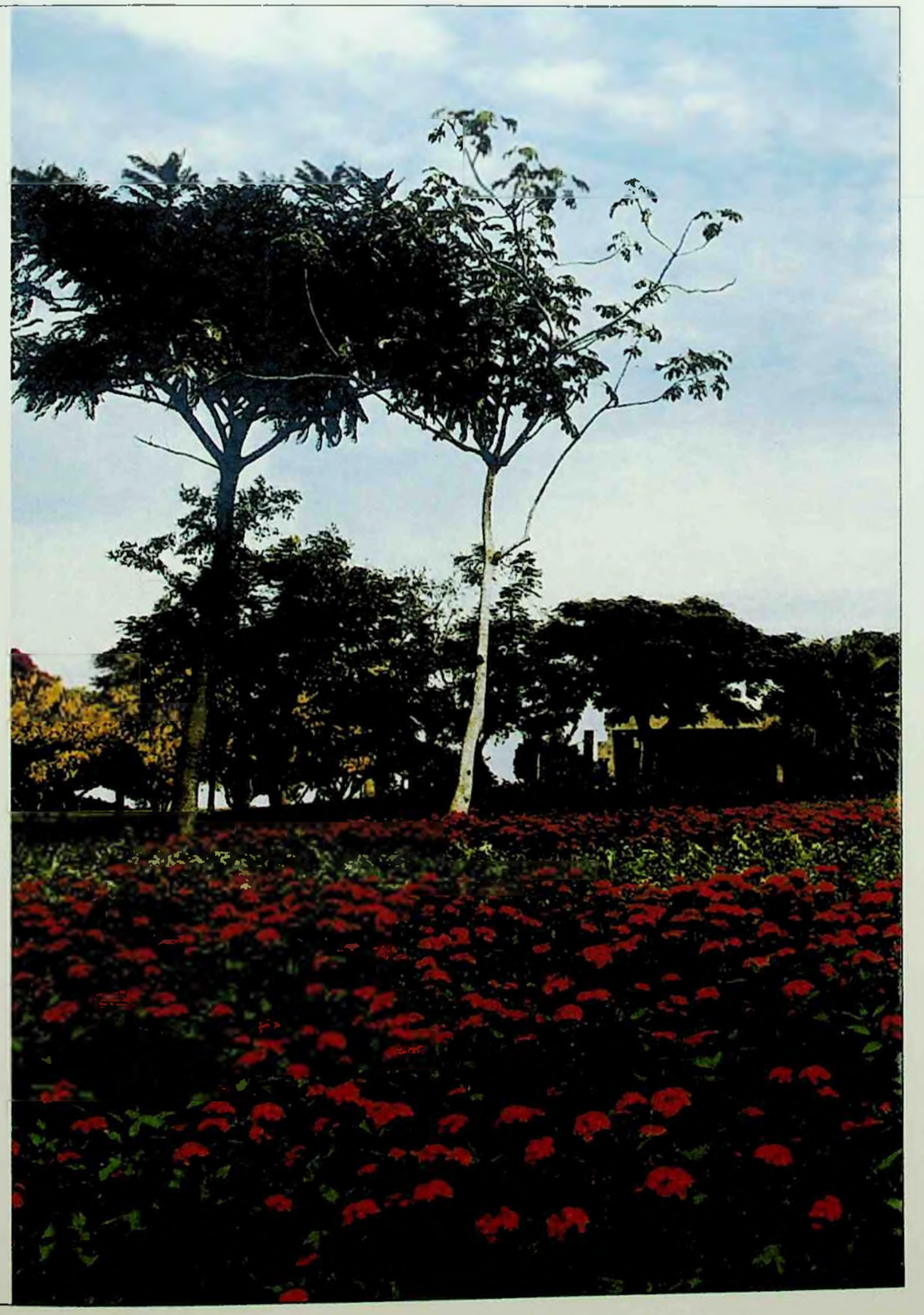
Esta sensação envolve especialmente o multifacetado pavilhão de lazer, um dos blocos que compõem o conjunto arquitetônico, ao lado da sede e das edificações que abrigam a criação de cavalos puro-sangue. Com ele, o arquiteto Marcos Acayaba conquistou o Cubo de Bronze, na I Bienal Internacional de Arquitetura, realizada em 1985, em Buenos Aires.

Os espaços se agregam livremente, em volumes que abrigam as atividades de lazer: na superelipse amarela, snooker; na vermelha, vídeo e som; sauna no prisma azul e carteado na parábola vazada, orientando a definição de um paralelepípedo de proporção áurea, próprio para basquete, tênis de mesa, ginástica.

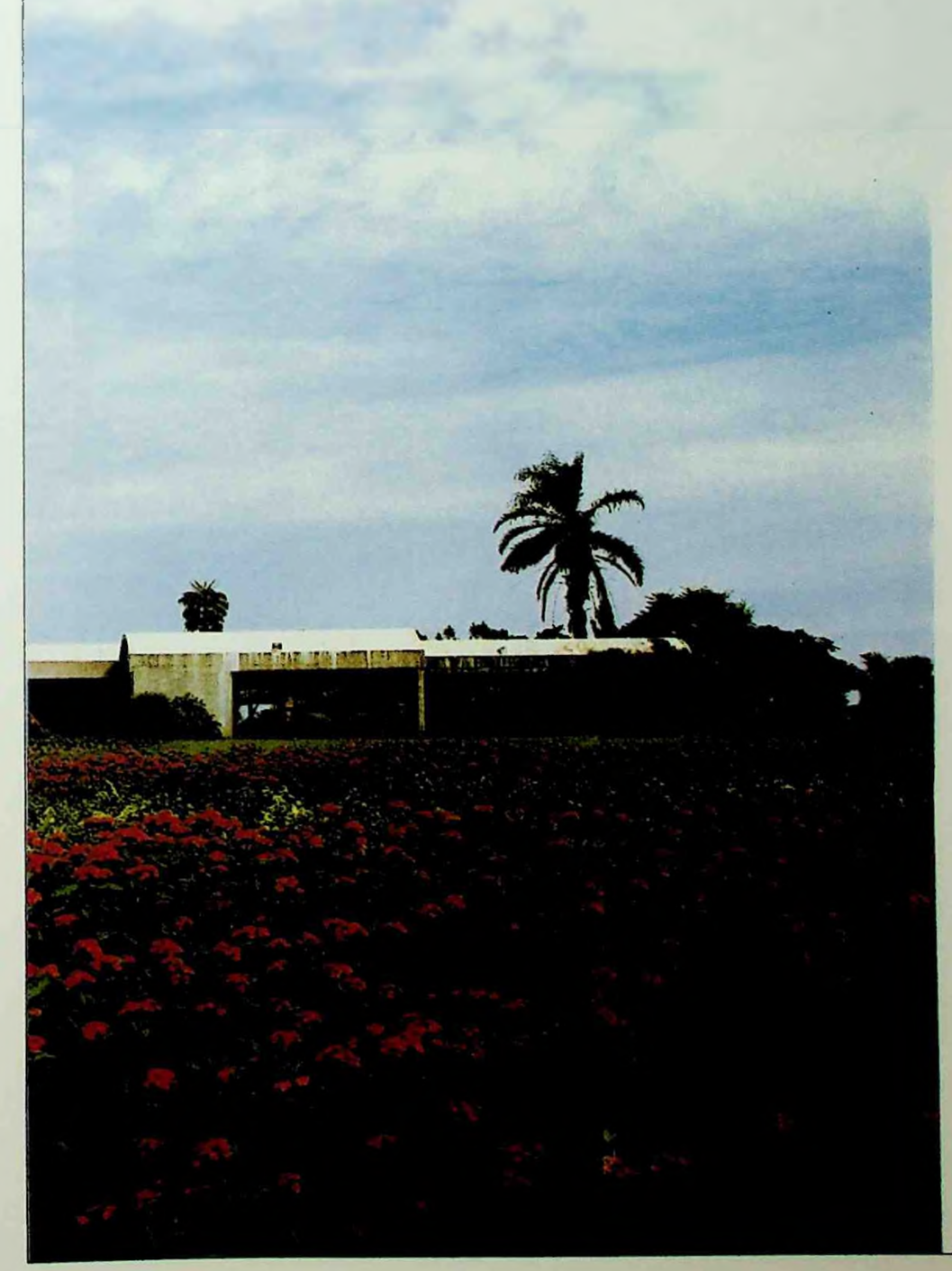
Nada ali também é acidental ou supérfluo. Detalhes como os dutos de iluminação zenital foram criteriosamente projetados com inclinação de 45 graus para o norte, buscando a incidência do sol no inverno e de luz difusa no verão. Ao todo, são 150 m² de convivência integrada, num conjunto plasticamente harmonioso, apoiado sobre base de cascalho para drenar melhor a água da chuva e refletir a luminosidade das cores primárias ao sol.

Mas Pindorama não é só ousadia. É também a funcionalidade da concepção que Marcos Acayaba adotou para a sede.

À esquerda, o jogo de formas, realçado pelas cores primárias, cria ângulos inesperados ao visitante. No entanto, cada linha foi minuciosamente estudada para não romper com a harmonia do conjunto. Até mesmo o cactus, à direita, é presença escultural.

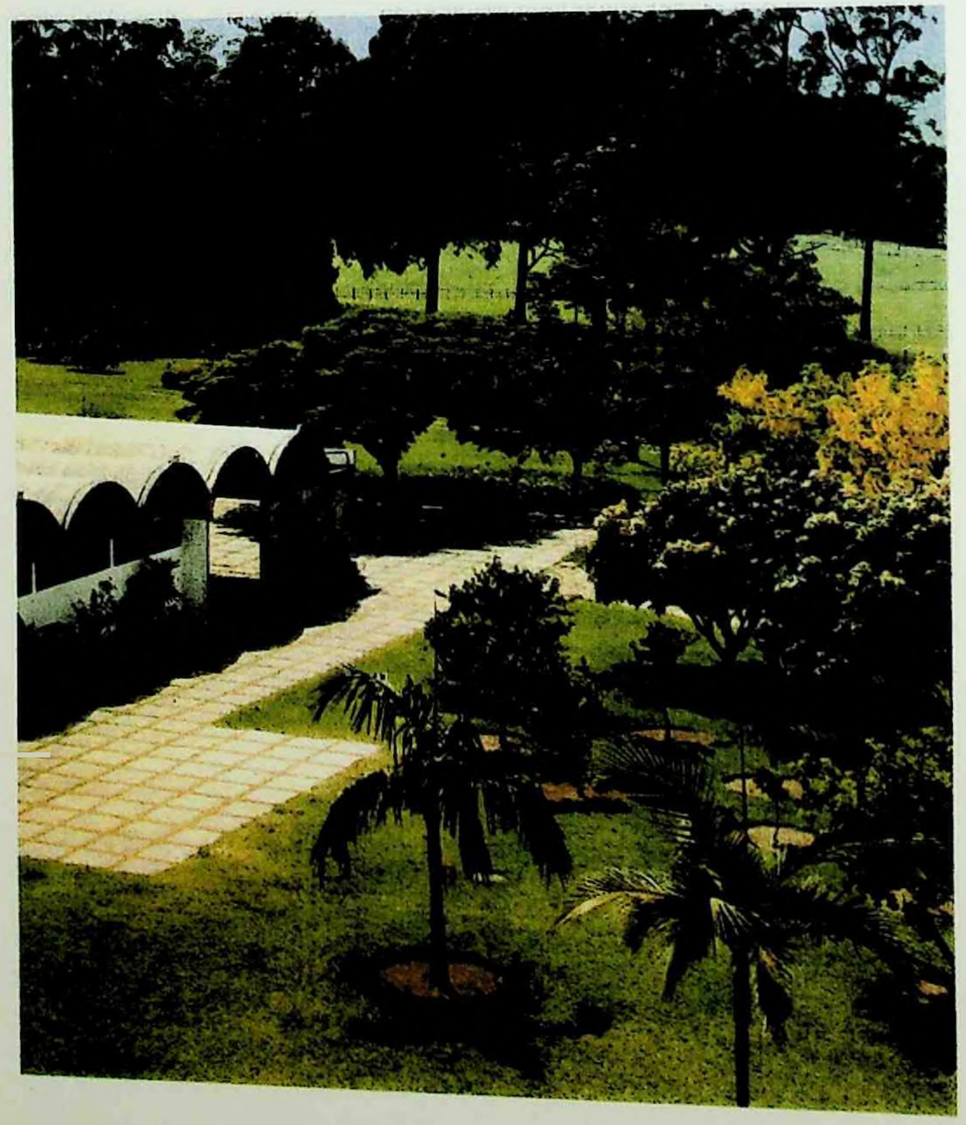


Em concreto e vidro, um abrigo contra os ventos.



ESCULTURA ao sol. *Casa de Fazenda*, São Paulo, n.1, p.68-75, 1990.

Transparente, aberta aos encantos da paisagem

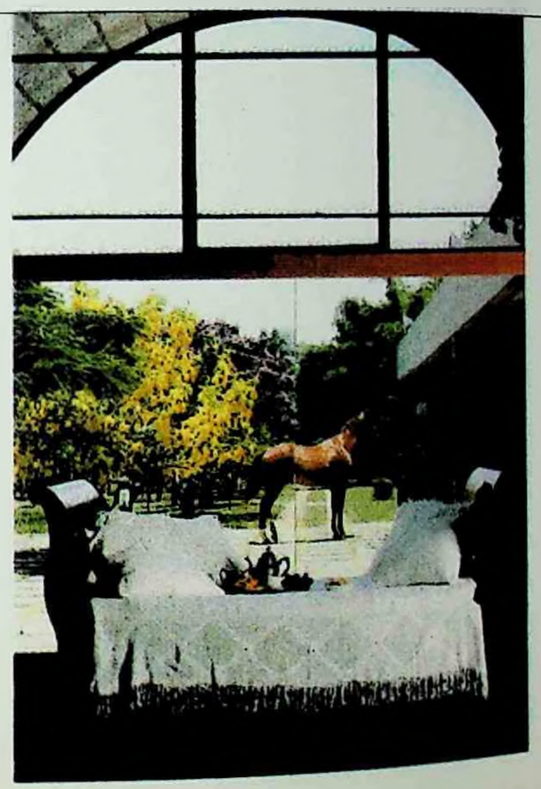


A construção horizontal respeita um sistema bem mais rigoroso, composto por seis módulos abobadados de blocos de concreto, que ora se prolongam por toda a extensão da casa, ora se interrompem para deixar passar uma luz clara e difusa, que inunda o interior.

Todos os ambientes fluem com muita naturalidade em torno de dois pátios centrais, protegidos dos fortes ventos da região. E a sensação de leveza que se experimenta, ao se passear pelos quase 700 m² de área coberta da sede, é fruto dos imensos panos de vidro e da pouca espessura da parede, que tornam a construção absolutamente transparente, aberta aos encantos da paisagem. De qualquer ponto se avista a elegância dos cavalos, distribuídos pelos 14 piquetes (áreas cercadas, próprias para a pastagem), formando um traçado assimétrico. Como moldura, o imenso gramado, pontilhado pela floração das acácias-mimosas, flamboyants, quaresmeiras, lantanas e primaveras. Assim, se por fora há sempre novas facetas da fachada a se explorar, por dentro, é a paisagem que se torna múltipla e inesperada.

A "amarração" de toda a estrutura, do living aos seis dormitórios, é feita com tirantes de ferro maciço, alguns assumindo funções específicas, como os do estar, que sustentam redes e plantas, ou o do corredor, que vira porta-bandeira, insinuando livre trânsito entre a fronteira da ala social com a íntima.

Às próximas gerações dos Malzoni cabe preservar as características de uma época, na qual tornou-se imperiosa a funcionalidade.



Na foto maior, a construção marcadamente horizontal, pela cobertura em abóbadas, se destaca dentro da paisagem. À direita, grandes panos de vidro transformam o exterior no grande ponto de atração para quem está dentro da casa.

Casa no Jardim Vitória-Régia

Projeto
Marcos Acayaba

Obra
Residência Hélio Olga de Souza Jr.

Local
São Paulo, SP

Fotos
Jorge Hirata

Ao comprar um lote de 900 m², com 100% de declividade para o fundo, a intenção do proprietário foi, além da casa, realizar uma experiência em industrialização da estrutura e das vedações em madeira, elaborar e testar um protótipo para casas a serem implantadas em pranchetas.

O projeto da casa tem sido sempre a ocasião para que o arquiteto ensaie novas hipóteses, seja na implantação, na estrutura, na construção, seja no espaço e a consequente expressão plástica.

A familiaridade com o programa da casa libera o arquiteto de preocupações funcionais e abre espaço para a experiência. O resultado representa, por vezes, uma contribuição à cultura, é tomado como modelo e como tal aplicado, até mesmo em edifícios de maior escala e caráter público.

A Villa Rotonda (1550), de Andrea Palladio, foi, por mais de três séculos, reproduzida por toda a Europa e até nos Estados Unidos: Monticello (1769) de Thomas Jefferson.

A Villa Savoye (1929), de Le Corbusier, tem o mesmo papel durante quatro décadas do nosso século.

Foi a expressão plástica dessas casas que as fez conhecidas, já que simbolizavam o ideal contemporâneo, as tornou universais, modelo (aquilo que pode ser copiado ou reproduzido).

Tanto na Villa Rotonda, com o apuro de sua construção geométrica e de sua proporção clássica e a clareza na organização dos espaços, quanto na Villa Savoye, onde Le Corbusier melhor pôde explicitar os seus cinco pontos da arquitetura moderna, a expressão plástica, nova e sugestiva nada mais é que o resultado aparente da verdade interior, essencial, a revelação do método adotado na experiência que transparece legível, preciso como teorema, didático, então modelo, matriz.

Marcos Acayaba

Tamanho e projeto possibilitaram o uso da madeira e do aço dentro de suas melhores características, tornando a construção viável economicamente.

Toda a estrutura foi pré-fabricada. A montagem, feita em 45 dias, baseou-se na própria treliça principal para elevação das peças, evitando escoramentos (desenho 1).

A madeira foi usada à compressão e flexocompressão (barras horizontais e verticais) e aço à tração (tirantes a 45 graus) e nas conexões.

A estrutura é composta pelas treliças principais, que absorvem sobretudo esforços verticais, e secundárias mais sujeitas à ação do vento.

A treliça principal apresenta dois problemas importantes: ela é internamente hiperestática e as barras horizontais dos pisos estão sujeitas às cargas não desprezíveis ao longo de seu comprimento.

O cálculo foi feito conforme o esquema a seguir descrito (desenho 2).

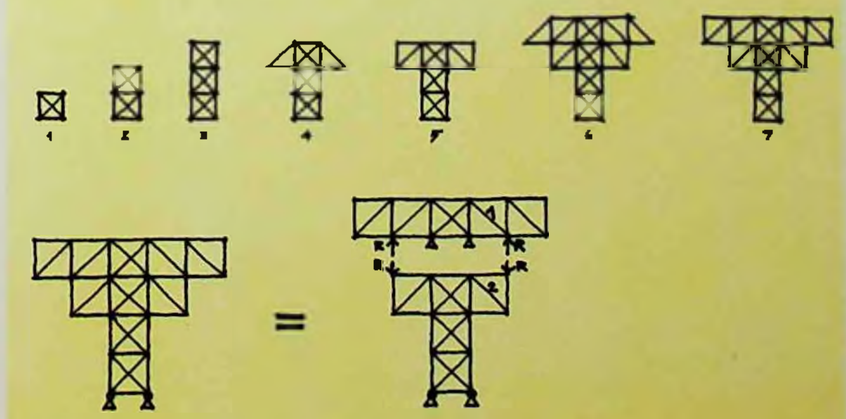
Como a deformação da barra de madeira AB é desprezível e os tirantes 1 e 2 têm a mesma seção, sua deformação será igual, e portanto T1 = T2. Com isso obtemos R, resolvemos a treliça e verificamos as barras sujeitas à flexocompressão.

A maior dificuldade nas treliças secundárias foi transferir para elas as cargas existentes ao longo dos andares superiores. Isto é assegurado pelo piso, composto de um assoalho contínuo sobre bases fixadas às barras através de apoios metálicos.

A execução da obra confirmou a viabilidade da construção em madeira e aço em terrenos difíceis.

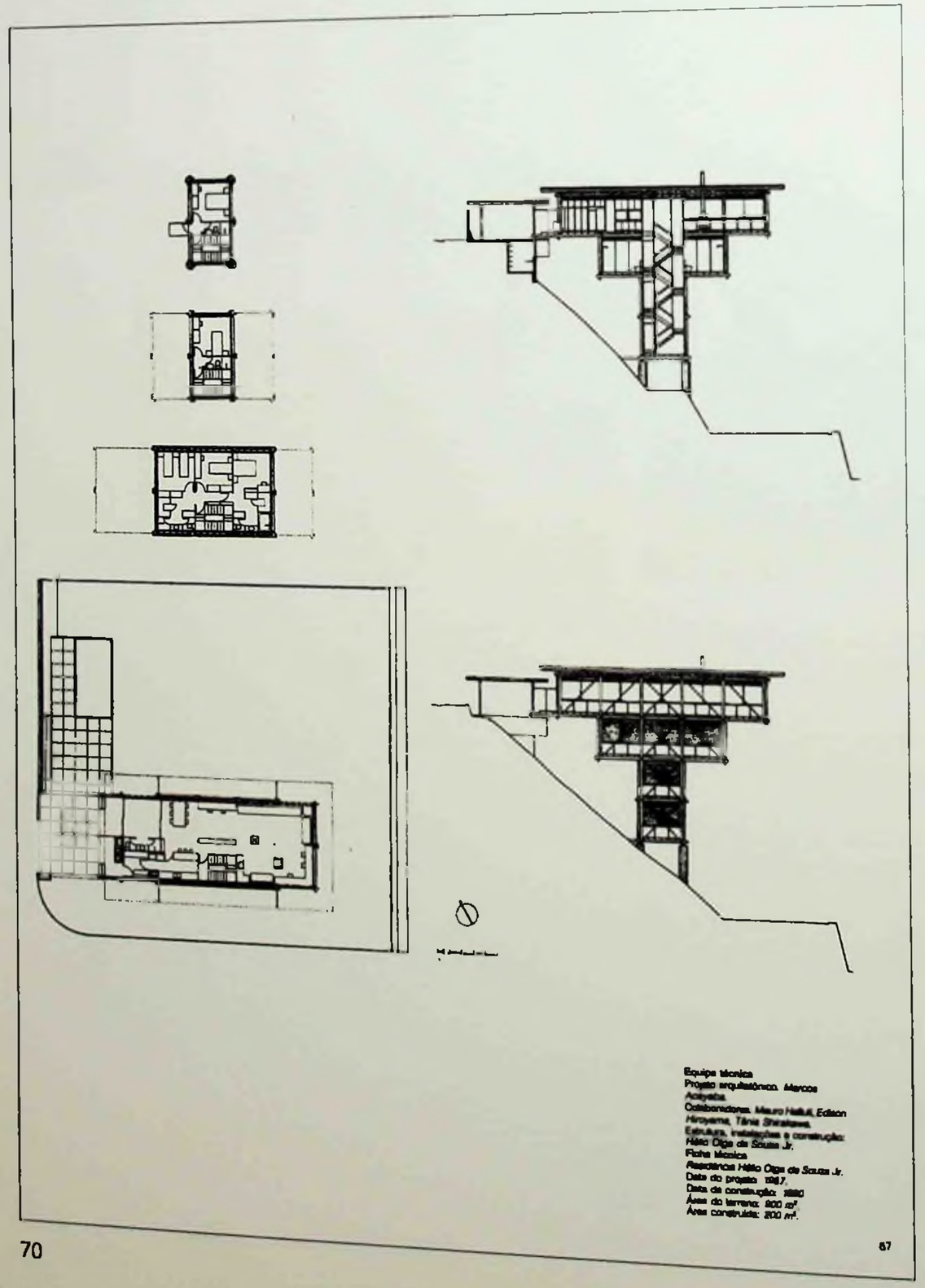
Hélio Olga de Souza Jr.

(engenheiro civil, projetista e fabricante de estruturas de madeira)



O módulo estrutural (3,30 x 3,30 m) permitiu que, com 2,50 m de pé-direito em toda a casa, sobressem, para cada piso e na cobertura, 65 cm livres da estrutura para a passagem das instalações (telefonia), e da ventilação cruzada: ar fresco que pode ser encaminhado aos ambientes através de aberturas no seu piso e a correspondente exaustão do ar quente no teto.

CASA no Jardim Vitória-Régia. *Projeto*, São Paulo, n.134, p.65-7, maio 1990.



Equipe técnica
Projeto arquitetônico: *Marcos Acayaba*.
Colaboradores: *Mauro Halluli, Edison Hiroyama, Tânia Shirakawa*.
Estrutura, instalações e construção: *Hélio Olga de Souza Jr.*
Ficha técnica
Residência Hélio Olga de Souza Jr.
Data do projeto: 1987.
Data da construção: 1990
Área do terreno: 900 m².
Área construída: 200 m².

REFLETINDO CÉU E DO MAR

O equilíbrio do paisagismo e a dinâmica volumetria em concreto se integram perfeitamente. A pintura em azul dá leveza a todo o conjunto.

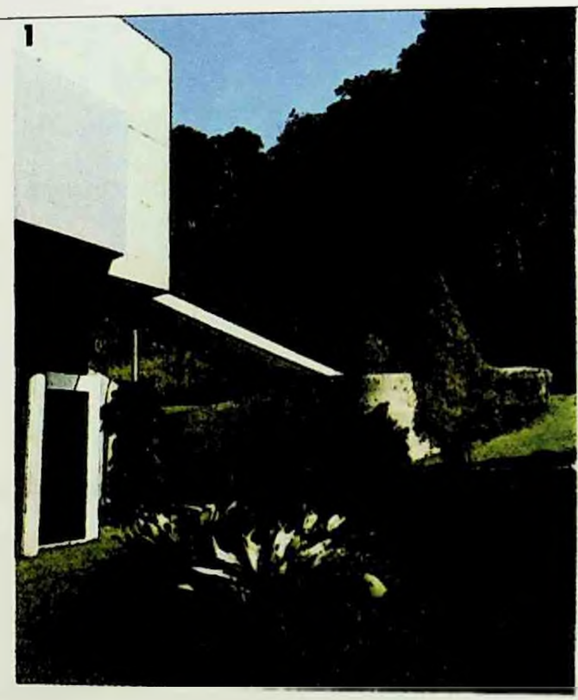
O AZUL DO

Leveza e total integração com os elementos que a cercam. Eis a receita de uma casa em concreto, extremamente audaciosa e contemporânea, que se rendeu às tentações da natureza. Os tons do revestimento em pastilhas, as águas da piscina e do espelho d'água, o céu e o mar se envolvem num incrível jogo de sedução.

REPORTAGEM: MARIA CRISTINA; FOTOS: WENDEL; FOTOS: RICARDO BREDA

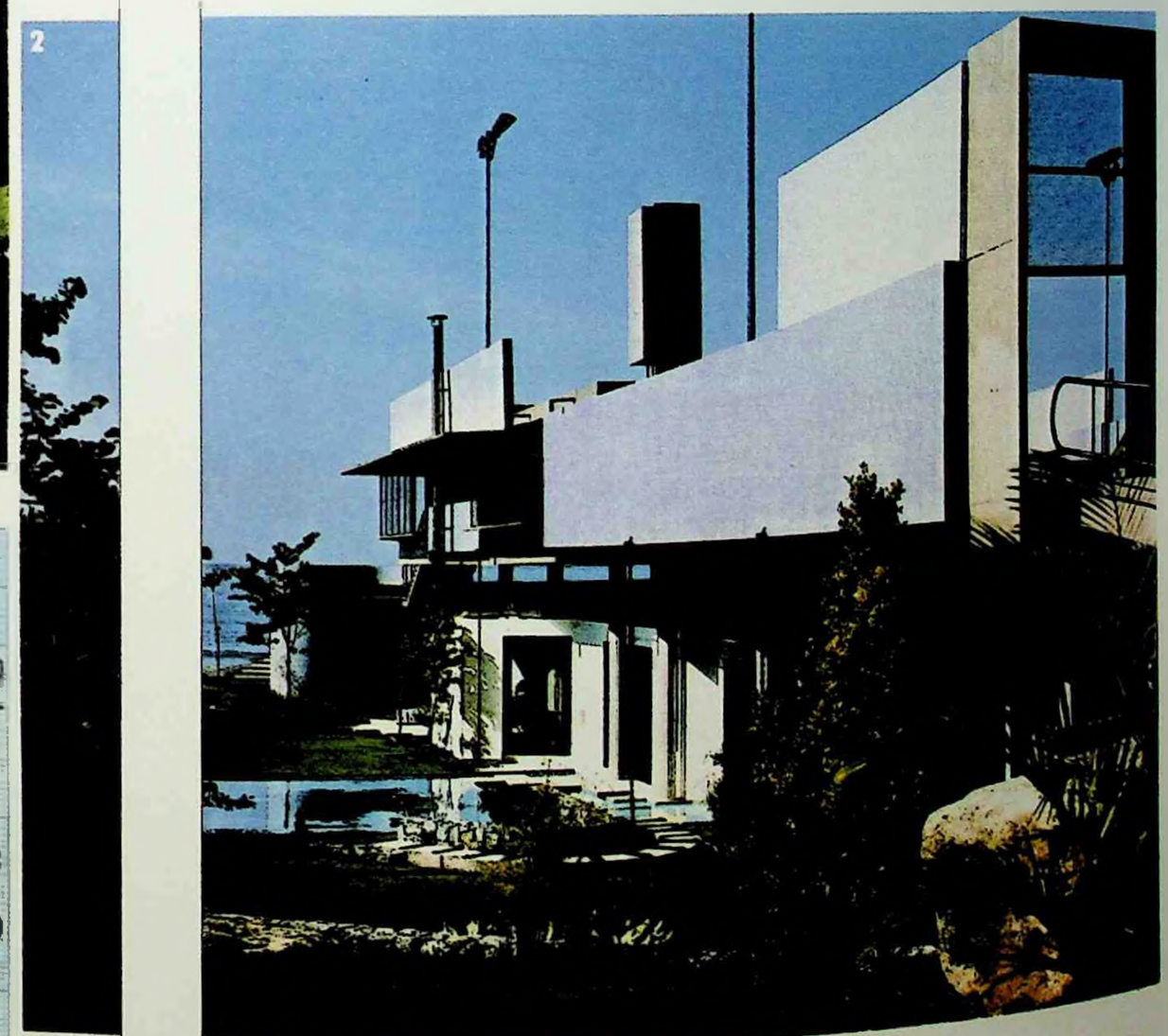
REFLETINDO o azul do céu e do mar. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.8, p.40-53, ago 1990.

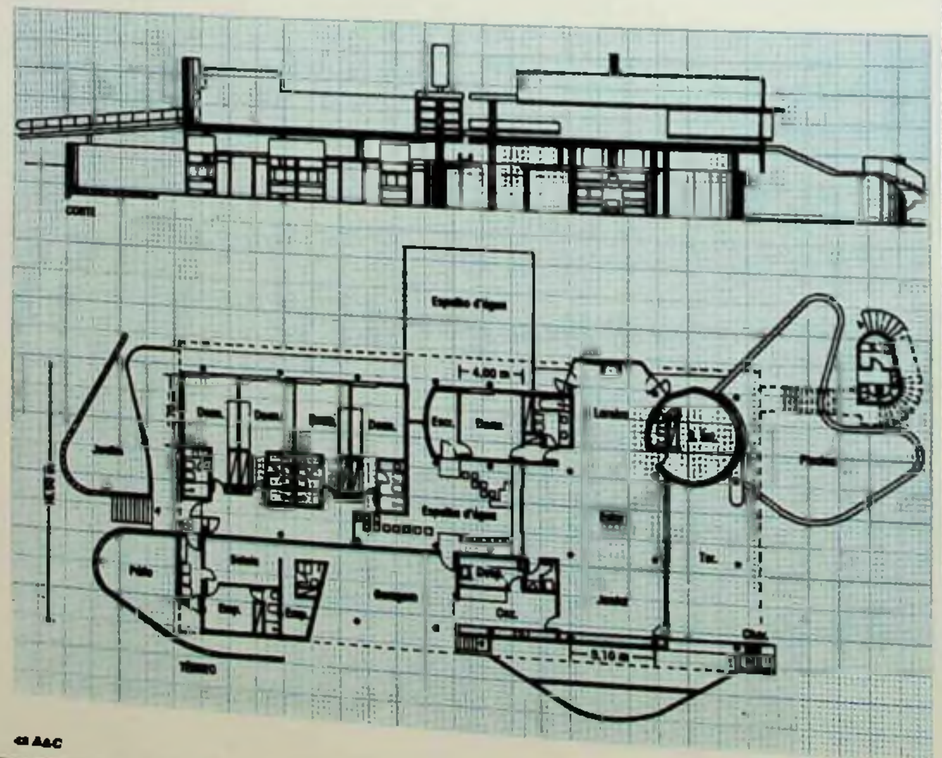
Uma proposta ousada, onde a arquitetura entra em perfeita sintonia com a natureza. Como pano de fundo surge o azul do céu, do mar e da própria construção, num jogo colorido de sedução mútua. Assim é esta casa térrea estruturada em concreto revestido por pastilhas. Cada um dos seus 650 m² reserva uma surpresa de planos, volumes e transparências de vidros e telas metálicas. Tudo para se deixar invadir pelo verde que emoldura a obra e recobre os

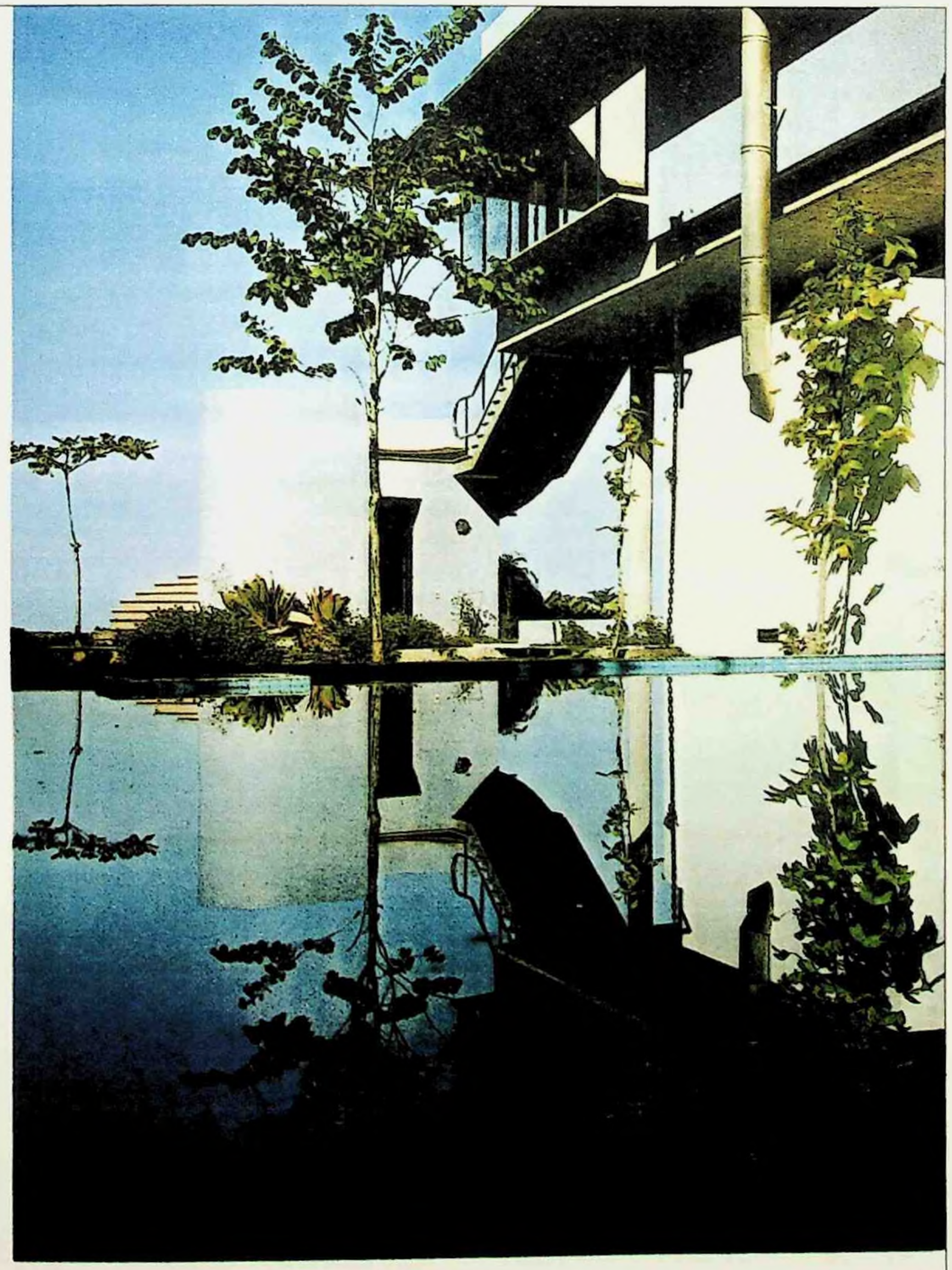


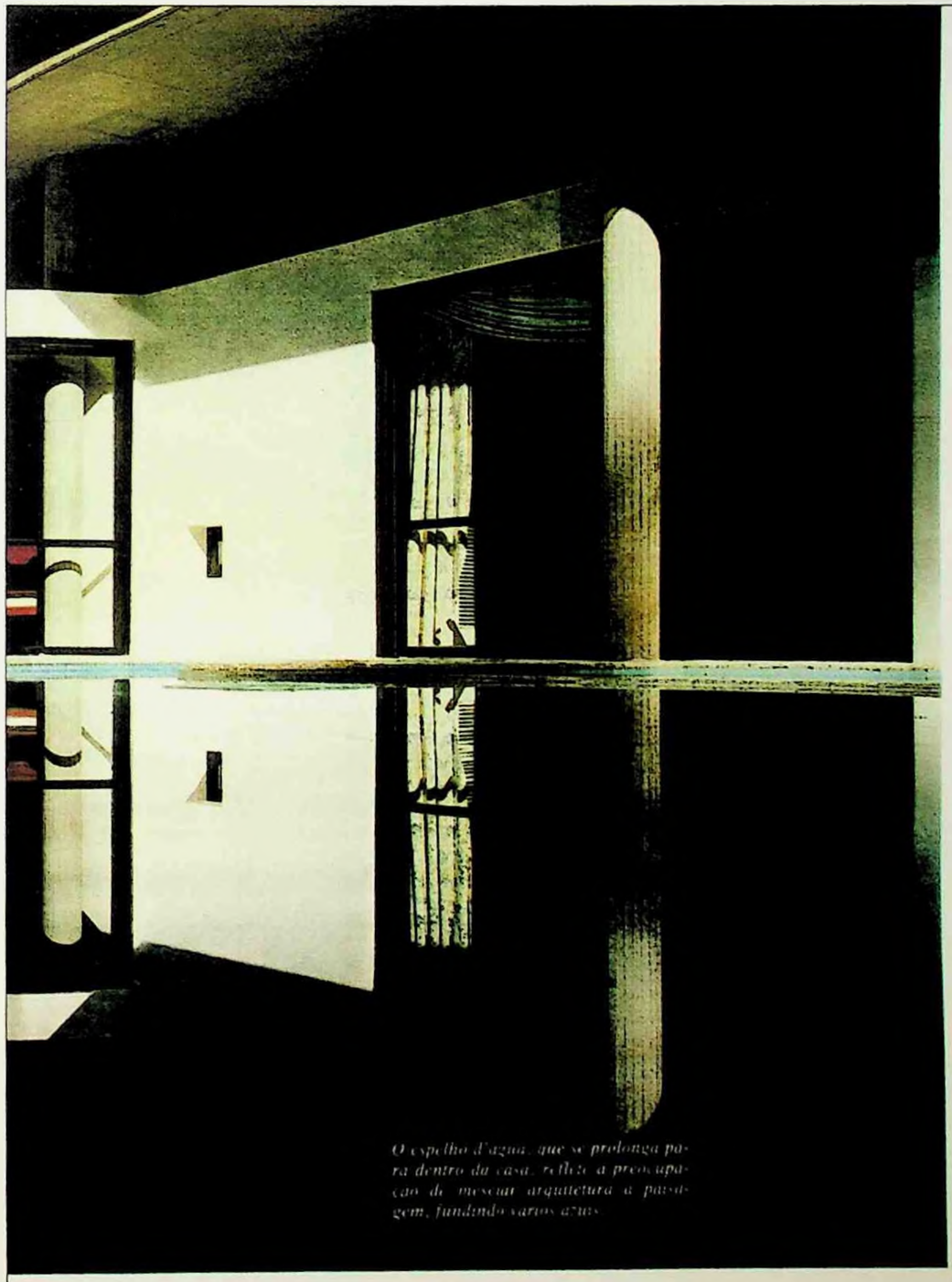
1. *Aqui, destaque para o muro de pedras que protege uma das entradas e para a rampa de acesso à quadra na cobertura.*

2. *Vários planos formam as paredes em torno da cobertura, dinamizando a fachada lateral protagonizada pelo espelho d'água.*



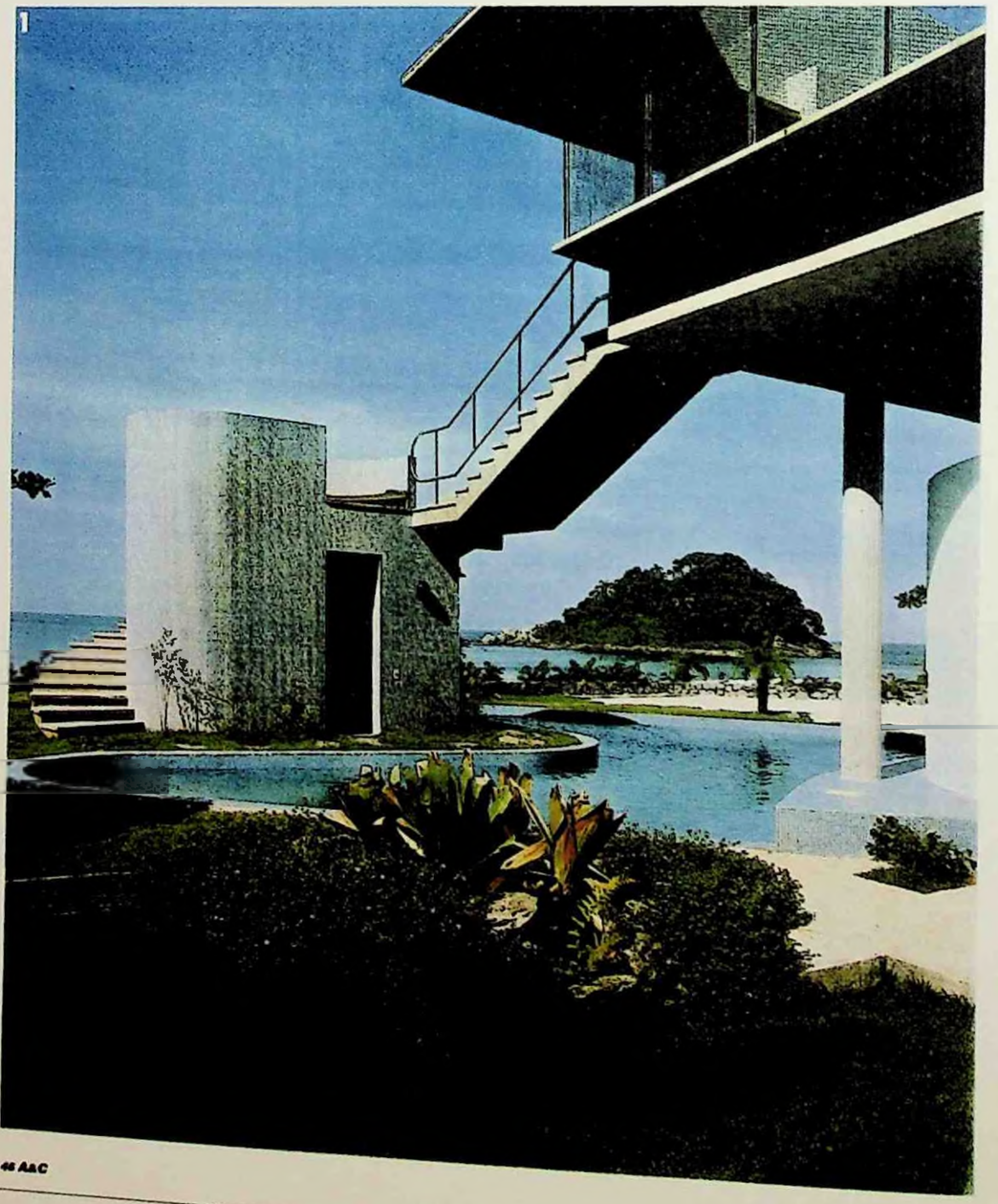






O espelho d'água, que se prolonga para dentro da casa, reflete a preocupação de mesclar arquitetura à paisagem, fundindo vários azuis.

REFLETINDO o azul do céu e do mar. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.8, p.40-53, ago 1990.



46 A&C

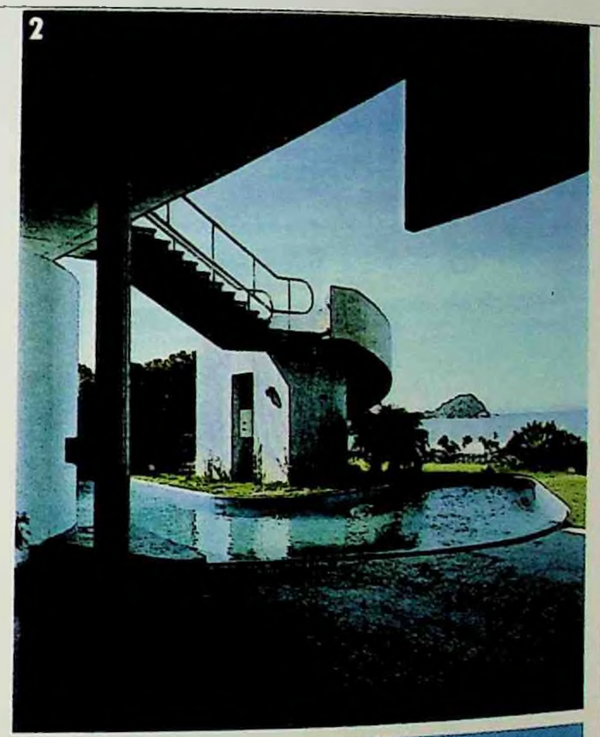
2 [illegible] m² do terreno com leve declive em direção à praia, no Guarujá, SP.

O primeiro impacto está na fachada: o volume inclinado da rampa que sobe à cobertura de laje dá de encontro com uma grande parede arredondada. Nas laterais, o contraponto de paredes segmentadas, vazadas e sobrepostas.

1. *O apoio à piscina é contornado pela escada de acesso à quadra de esportes. Na concepção, vazios dão visão total do mar.*

2. *O terraço do living, aberto ao lazer, é formado pela projeção da laje. A bandeira em concreto barra a ação dos ventos.*

3. *A cobertura do volume da sauna, em pastilhas azuis, funciona como mirante. Na escada em concreto, corrimãos de alumínio.*



Marcado por cubos de pastilhas, o espelho d'água é uma prolongação da atmosfera exterior. Passarelas em fragmentos de mármore definem a circulação.

Um cinematográfico espelho d'água se prolonga do exterior para o interior, onde abre caminhos compostos por cubos formando passarelas e centraliza toda a circulação.

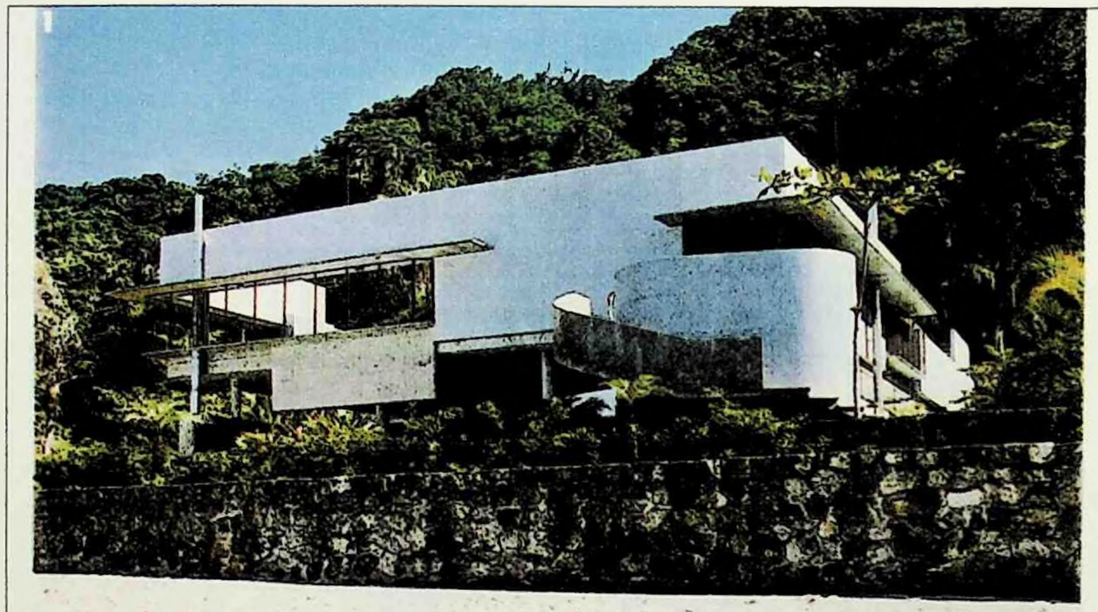
O living, uma grande caixa de vidro, abre-se à área de lazer e ao mar nos fundos. Integrando estar, jantar, lareira e jogos num único espaço, ele se une à sala íntima circular. Ela é o elo de ligação entre o social e a piscina de formas irregulares, servida por uma ala de apoio de contornos esculturais — cuja cobertura atua como mirante.

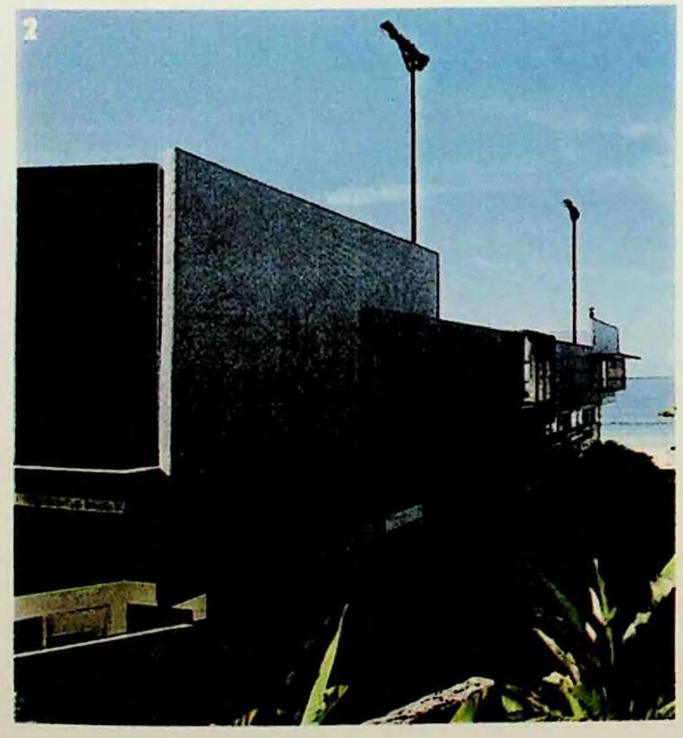
O lavabo se encaixa no bloco destinado à cozinha com despensa. Do lado oposto, anexo à lareira, surge isolada a suíte do casal com escritório, com aces-

1. *Os panos de vidro e o alto pé-direito são a tônica do living, onde estar, lareira, jantar e jogos se integram.*

2. *Um requadro de mármore branco no piso demarca o espaço exato do jantar, onde a mesa tem base de mármore e tampo de cristal.*

3. *Conforto e descontração definem a suíte principal, com bancada em concreto que também compõe o nicho superior.*





sos pelo living e pelo espelho d'água.

Outras quatro suítes se distribuem pelo corredor da ala íntima, enquanto as dependências de caseiro e a lavanderia compõem um bloco de serviço.

A cobertura é palco de outra surpresa: a quadra de tênis, que adotou o azul para o piso. Ela apresenta dois acessos: pela frente, em rampa; nos fundos, pela escada que contorna o apoio ao lazer.

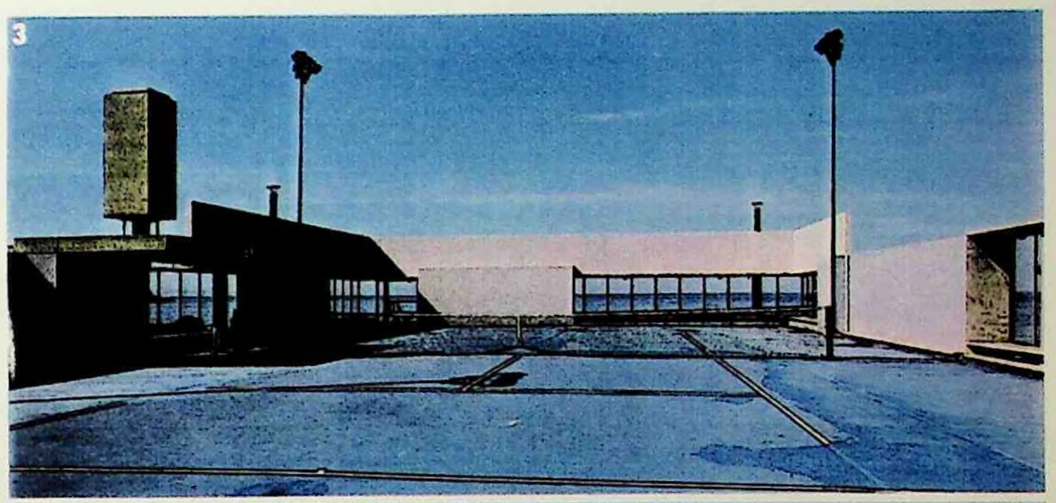
1. *Vista da praia, a casa se mostra ao mesmo tempo imponente e despojada, diante da beleza natural da região.*

2. *Nesta lateral, o acesso à garagem e o caminho para a praia, contornando a jardineira que acrescenta verde ao living.*

3. *Servida por iluminação de postes, a quadra executada pela Lisonda na cor azul tem vista do mar através de telas metálicas.*

4. *Nos fundos, um canto dedicado à churrasqueira no terraço que serve ao mesmo tempo ao living e à área da piscina.*

Arquitetura: *Marcos Acayaba*
Decoração: *Clarisse Read e Antonio Henrique de Noronha*

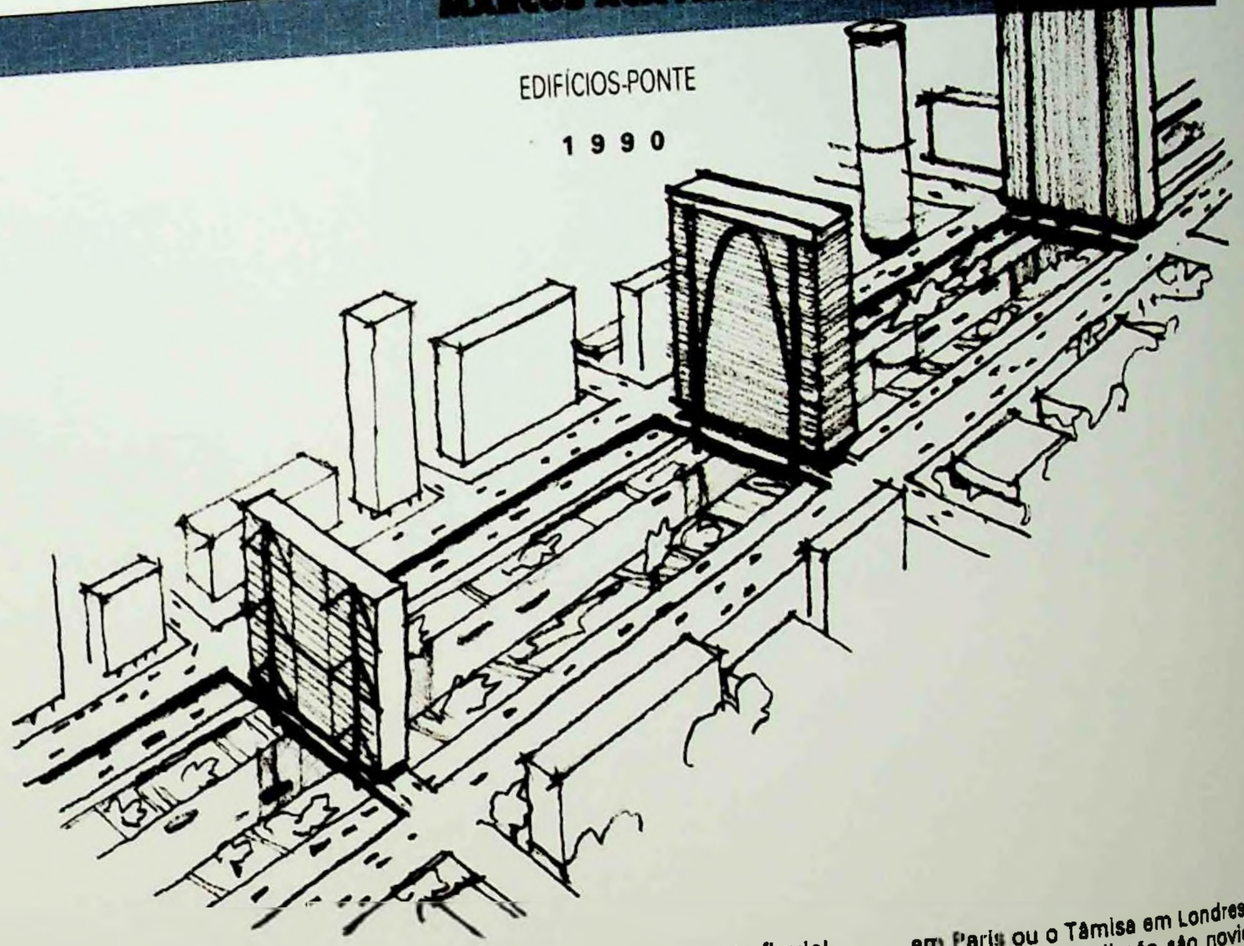


EDIFÍCIOS-PONTE. In: *Projeto Tietê. Documento IAB/SP*. São Paulo, Pini, dez.1990. p.31.

MARCOS ACATABA

EDIFÍCIOS-PONTE

1990

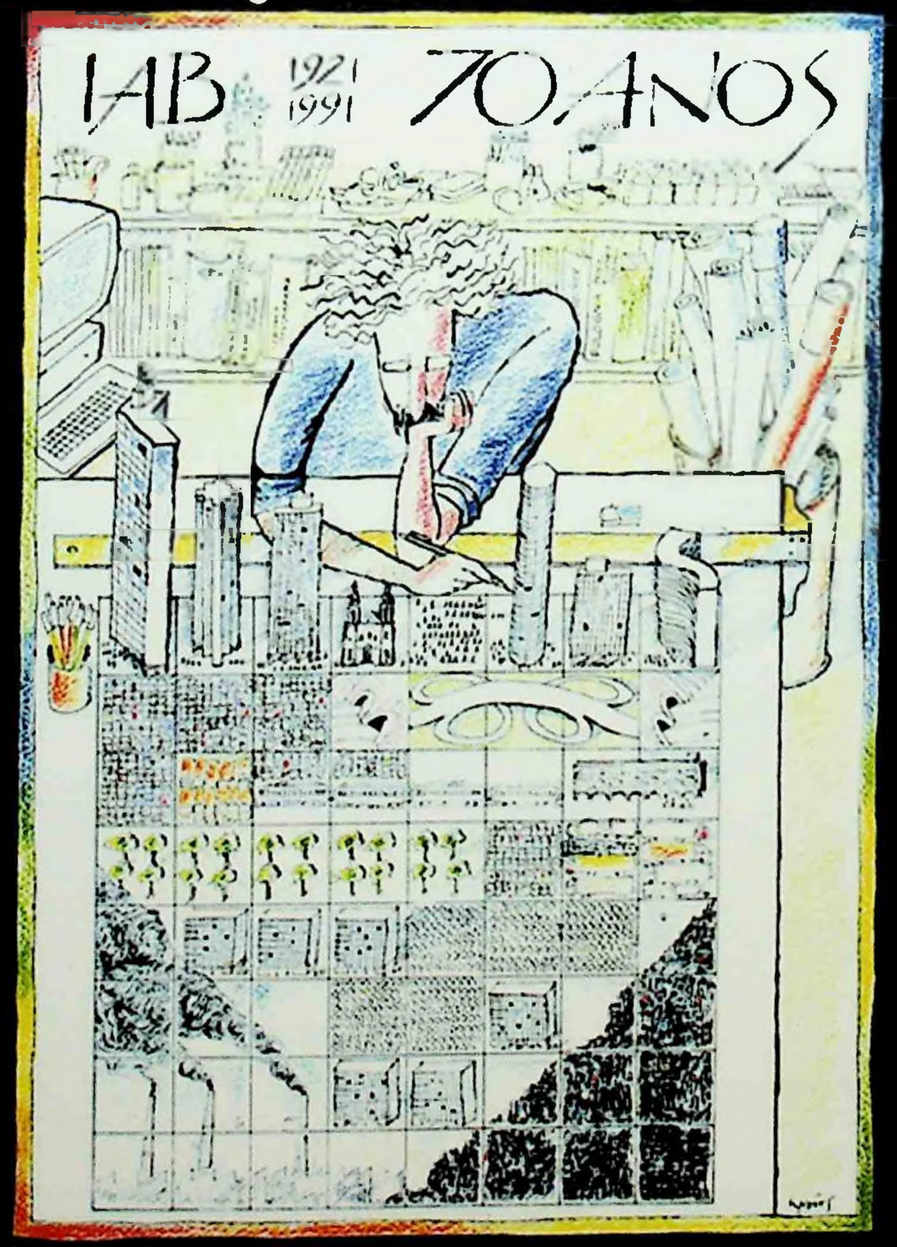


A construção do Anel Rodoviário levará para fora da área urbana o tráfego pesado que hoje cruza São Paulo. Rodovias metropolitanas, as marginais Tietê e Pinheiros vêm desempenhando o papel desse anel. São ainda a porta de entrada para milhares de habitantes de cidades próximas. São Paulo se projeta na escala da imensa metrópole que, em breve, chegará a Campinas, Sorocaba, São José dos Campos e Santos. Com a recuperação dos rios e a transformação do seu caráter rodoviário, as marginais, que hoje de avenida só têm o nome, cumprirão o papel de espinha-dorsal, de eixo metropolitano capaz de concentrar atividades urbanas diversas, servidas por via expressa, avenida, metrô e transporte fluvial.

Por outro lado, é urgente corrigir a ruptura que os rios com suas marginais constituem na estrutura urbana de São Paulo: as pontes existentes estão sempre congestionadas e o poder público é incapaz de executar outras. "Edifícios-Ponte" é uma idéia para suprir essa carência e começar a realizar o eixo metropolitano de alta densidade, urbanizar os rios e costurar o tecido urbano.

Sem nostalgia, devemos abrir mão do retorno à paisagem original dos rios, seus meandros e extensas áreas verdes vizinhas. Nossos rios, de há muito retificados, só poderão reviver com papel determinante na paisagem urbanaconstruída como o Sena em Paris ou o Tâmisa em Londres.

"Edifícios-Ponte" não são novidade. Ponte-Vecchio em Florença, Rialto em Veneza há séculos contêm áreas comerciais importantes. Em São Paulo abrigariam em mezanino áreas comerciais, estacionamentos e acima escritórios e/ou apartamentos de acordo com a necessidade do local. Seus projetos estariam previstos no Plano de Urbanização Linear das faixas dos rios. Em troca do direito de construir, cada empreendimento seria responsável pela execução e manutenção do seu setor de influência (mais ou menos 300 m), com a previsão de via expressa rebaixada, avenida de trânsito local e tratamento paisagístico das margens dos rios.



Edição especial Projeto

Os Vencedores

Resultado da 28.ª Premiação Anual do IAB/RJ

Sete prêmios e três menções

Vencedores

Categoria espaço da produção do trabalho:
Ernani Freire

Categoria espaço da interação social:
Bruno Fernandes
Alder Catunda Timbó
Octávio Reis
Pedro da Luz Moreira
Roberto A. Nascimento

Categoria espaço da moradia:
Pedro Paulo Domingues

Categoria pesquisa, ensaio, crítica:
Vicente del Rio
Gerônimo Leitão
Rachel Sisson
Alex Nicolaeff

Menções

Categoria espaço da interação social:
James Lawrence Vianna
Marco Antônio F. da Silva

Categoria espaço da moradia:
Wanda Vilhena Freire e Luiz Felipe M. Coelho de Souza

Resultado da Premiação Nacional

edição comemorativa dos setenta anos do IAB

Cinco prêmios e três menções

Vencedores

Categoria espaços interiores:
Janer Lagarreta Paixão Coelho

Categoria espaço da moradia:
Marcos de Azevedo Acayaba

Categoria espaço da produção do trabalho:
Ernani Freire

Categoria pesquisa, ensaio e crítica:

Urbs Nostra, de José Carlos de Figueiredo Ferraz

Antônio Prado - Cidade Histórica
Júlio Posenato
Maturino Luz
Paulo César Filho
Nestor Torelly Martins
Fernando Dadbad Waqui

Menções

Categoria valorização, conservação, restauração do acervo arquitetônico, histórico ou paisagístico:
Miriam dos Santos Melin

Categoria espaço da produção do trabalho:
Sylvio Emrich de Podestá

Categoria espaço da moradia:
Isay Weinfeld e Márcio Kogan

Resultado da premiação O Arquiteto de Amanhã

Vencedores

Categoria arquitetura:
Eduardo Pereira Horta

Categoria urbanismo:
Carlos José T.F. da Silva
Fábio William Doubs
Glauco Lima Lobato
Maria Fernanda Cebrian

Categoria teoria e história da arquitetura:
Paola Berenstein Jacques
Guilherme Penna da Rocha

O corpo de jurados

Júri da 28ª Premiação Anual do IAB/RJ - 1990

Joel Campolina (MG, convidado pelo IAB/RJ)
Jorge Czajkowski (RJ, indicado pelo IAB/RJ)
Luiz Paulo Fernandez Conde (indicado pelos concorrentes)
Mário Barata (para trabalho escrito)
Joaquim Redig de Campos (para design)

Júri da Premiação Nacional de Arquitetura

Joaquim Guedes (SP)
Joel Campolina (MG)
Jorge Czajkowski (RJ)
Luiz Paulo Conde (indicado pelos concorrentes)
Mário Barata
Joaquim Redig de Campos

Júri da premiação O Arquiteto de Amanhã

Antônio Pedral
Bruno Fernandes
Paulo Casé

OS VENCEDORES da premiação nacional 91. *Arquitetura-IAB 70 anos*, Rio de Janeiro, p.13-25, 1991.

Ata do Júri da 28ª Premiação Anual e da Premiação Nacional

O júri da 28ª Premiação Anual do IAB/RJ 1990 foi composto pelos arquitetos Jorge Czajkowski, Joel Campolina, Luiz Paulo Fernandez Conde - indicado pelos participantes -, pelo designer Joaquim Redig de Campos e ainda pelo historiador de arte Mário Barata. Para a Premiação Nacional de Arquitetura, o júri foi composto pelo mesmo júri da 28ª Premiação Anual do IAB/RJ, acrescido do arquiteto Joaquim Guedes e do arquiteto Luiz Paulo Fernandez Conde - indicado pelos participantes. O júri enfrentou dificuldades diversas.

1. Decorrentes do caráter nacional e regional da Premiação, enquanto, contraditoriamente, as inscrições são de iniciativa pessoal dos interessados, que, sendo poucos, não representam os universos de produção abrangidos pelo conclave.
2. Viu-se diante de trabalhos que, embora se destaquem pelo seu interesse econômico-social, escapam, em alguns casos, ao âmbito específico da Premiação.
3. Viu-se diante, ainda, de trabalhos que despertam interesse por alguns de seus aspectos, mas não apresentam informações necessárias à sua perfeita compreensão.

O júri não se aparta dos colegas que avalia. Ao contrário, coloca-se como parceiro nas vicissitudes da saga do fazer arquitetura e ensino, hoje.

Assim, é com respeito e reconhecimento por todos os participantes e obras apresentadas que estabelece premiações e distinções, considerando não apenas o quanto podem ser importantes para os ganhadores, como o peso que terão como referência a estudantes e profissionais.

Assume o júri, desde logo, uma posição clara:

1. A pluralidade de resultados é inerente à condição da arquitetura como obra de arte.
2. Os modernos são indesejáveis.
3. A arquitetura e o urbanismo são artes sociais. Desenham respostas a necessidades atuais em termos de organização e edificação de espaços, para atividades particularizadas nos diversos programas e projetos da sociedade real.
4. A vanguarda e a atualidade dos projetos passam pela compreensão dos anseios gerais e específicos expressos pelos setores da sociedade envolvidos em cada trabalho e pelo domínio e aproveitamento inteligente e sensível das tecnologias adequadas, caso a caso.

Não tendo sido possível decisão unânime em todas as premiações, o júri delibera da seguinte forma:

1. por consenso, quando proposta de um ou mais de seus membros não tem objeções;
2. por maioria, quando proposta de um dos membros tem, pelo menos, mais um voto.

O júri sente-se honrado pelo convite do Departamento do Rio de Janeiro do Instituto de Arquitetos do Brasil e espera satisfazer desse modo os requisitos da tarefa difícil que recebeu.

Aproveita a oportunidade para cumprimentar os concorrentes pela sua contribuição ao brilho desta Premiação, bem como, em particular, pelo alto nível dos trabalhos apresentados.

28ª PREMIAÇÃO ANUAL DO IAB/RJ - 1990

■ **Prêmio Arquiteto Hélio Uchôa**

Categoria A: espaço da morada - habitação unifamiliar

Casa na Lagoa

Autor: *Pedro Paulo Domingues*

Parecer do júri

O júri decidiu, por maioria, conceder o prêmio à Casa na Lagoa.

O conjunto reflete idéias de transformação e permanência que expressam o momento que vivemos. Os espaços e percursos internos são variados e articulados com clareza.

■ **Prêmio Arquiteto Affonso Eduardo Reidy**

Categoria B: espaço da interação social - edificações para fins de saúde

Hospital Cardoso Fontes Geral de Jacarepaguá

Autores: *Bruno Fernandes, Alder Catunda Timbó, Octávio Henrique Reis, Pedro da Luz Moreira, Roberto de Almeida Nascimento*

Parecer do júri

O júri decidiu, por maioria, conceder o prêmio ao Hospital Cardoso Fontes Geral de Jacarepaguá.

A obra em questão é um reflexo de tendências da arquitetura internacional. Adotando uma matriz de concepção clássica/racional, aceitando as restrições de um sistema construtivo de pré-fabricação, os arquitetos - com rigor e contenção - conseguem um resultado expressivo.

■ **Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade**

Categoria E: valorização, conservação, restauração do acervo arquitetônico, histórico ou paisagístico

Revitalização de uma Casa à Rua Cosme Velho, 800 - Rio de Janeiro

Autor: *Ernani Freire*

Colaboradores: *Ana Luiza Nobre, João Miranda, Guilherme Lima*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder o prêmio à Revitalização de uma Casa à Rua Cosme Velho, 800 - Rio de Janeiro.

Esta obra é um exemplo bem-sucedido da interpretação correta dos limites entre o restauro e a revitalização do acervo construído.

O arquiteto revelou grande sensibilidade na decisão entre o que conservar e onde e como inovar, inserindo um desenho contemporâneo nos espaços internos e estabelecendo um diálogo entre estes e as fachadas originalmente neoclássicas mas reformadas, quando do acréscimo do sobrado de feição eclética.

□ **Menção honrosa**

Categoria A: espaço da morada - habitação unifamiliar

Residência Nelson Campos

Autores: *Wanda Vilhena Freire, Luiz Felipe M. Coelho de Souza*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder menção honrosa à Residência Nelson Campos.

Em terreno urbano de pequenas dimensões, o arquiteto implantou uma casa compacta com espaços generosos e fachada valorizada por expressiva volumetria.

□ **Menção honrosa**

Categoria B: espaço da interação social - edificações para fins educacionais

Creche Comunitária

Autor: *Marco Antônio Ferreira da Silva*

Colaboradora: *Carla Belletti Lio*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder menção honrosa à Creche Comunitária.

Este trabalho vem demonstrar a potencialidade do exercício profissional na direção de obras de interesse social.

Os arquitetos, com mínimo de recursos, conseguem um resultado de qualidade, valorizando os aspectos relevantes do programa.

□ **Menção honrosa**

Categoria B: espaço da interação social - edificações para fins recreativos

Pousada Multiuso/Sesc Friburgo

Autor: *James Lawrence P. Vianna*

Parecer do júri

O júri decidiu, por maioria, conceder menção honrosa à Pousada Multiuso/Sesc Friburgo.

Usando uma linguagem adequada e com referências aos materiais locais, o arquiteto desenvolve com sensibilidade e criatividade uma seqüência de desafios de grande interesse.

■ Categoria desenho industrial e comunicação visual aplicada aos espaços arquitetônicos

Parecer do júri

A mínima participação desta categoria no evento deste ano - apenas três concorrentes - não seria surpresa, se considerarmos as dificuldades da indústria brasileira em produzir e comercializar, a partir do processo recessivo imposto à nossa economia em 1990. No entanto, ela certamente contribuiu para que este ano não houvesse projetos premiados.

A decisão de não conceder prêmios se baseou menos em problemas específicos apresentados pelos produtos concorrentes - instabilidade da escrivaninha e do móvel multiuso (banquinho), dificuldade de desmontagem deste e pouca clareza do projeto do tijolo (não se sabe, por exemplo, como seria a passagem da tubulação vertical para a horizontal, dentro dele) - do que na ausência de propostas originais.

O produto que mais se aproximou desse fator foi o tijolo, mas não se pôde premiá-lo pela carência de informação e de experimentação a respeito. Vale ainda observar a qualidade formal (proporções e uso de linhas curvas) e funcional (mobilidade da estante lateral) da escrivaninha.

O júri examinou ainda onze trabalhos escritos, destacando para classificação final, em vista de prêmios e menções honrosas, na categoria L: pesquisa, ensaio e crítica, os trabalhos apresentados por Vicente del Rio, Alex Nicolaeff, Rachel Sisson e Gerônimo Leitão.

Três linhas de estudo são evidenciadas, nesta categoria, em 1990:

a) a de trabalho de formulação didática para o ensino de arquitetura;

b) a de pesquisas monográficas histórico-artísticas;

c) a de pesquisa das "relações entre o Estado e o capital imobiliário no processo da produção do espaço urbano".

Bastante próximo desta última linha de estudo, mas diferente, e ademais localizado sobretudo em relação a temas de São Paulo e de Brasília, é o livro de J.C. de Figueiredo Ferraz, inscrito na Premiação IAB/RJ. Em relação a este trabalho, fundamentando-se o júri nos itens 4.3.2 e 4.3.4 dos regulamentos da Premiação do IAB/RJ e Premiação Nacional, considera indicado alocar o livro, apresentado por esse conhecido engenheiro, na seleção relativa à Premiação Nacional, aprovado isso por consenso do júri.

Na primeira linha ou subcategoria destacou-se o livro do arquiteto Vicente del Rio, *Introdução ao Desenho Urbano no Processo de Planejamento* (edição Pini, Projeto Cultural Brasssinter S.A.), com 198 páginas, incluindo numerosas ilustrações. Analisando e orientando soluções para importantes problemas urbanos, o livro é de significativo interesse pedagógico. Foi-lhe concedido prêmio atribuído por maioria. O livro revela um esforço metódico que deve ser realçado. A edição é de 1990.

Na linha histórico-artística foram destacados para prêmio os trabalhos de Alex Nicolaeff e de Rachel Sisson. Do primeiro autor é o "Dédalo de Influências - Igrejas Rococós em Minas Gerais e na Baviera", trabalho inédito com 38 páginas datilografadas. A ele é concedido um dos prêmios do IAB/RJ, nesta subcategoria. Trata-se de estudo diverso de outros, mais particularizados, do mesmo autor, no âmbito da Igreja de São Francisco de Assis de Ouro Preto, e se apresenta com a inclusão de alguns desenhos feitos pelo arquiteto segundo ilustrações existentes na bibliografia especializada. Inicialmente faz um retrospecto com registro de precedentes nos estudos da matéria, relacionando Robert C. Smith, Paulo F. Santos, John B. Bury, Germain Bazin, Silvio C. Vasconcelos, Yves Briand e Augusto C. da Silva Telles, de maneira extremamente sucinta. Mas o esforço comparativo efetuado no trabalho é meritório. Recebeu o prêmio com o consenso do júri.

A pesquisa "Escolas Públicas do Primeiro Grau - Inventário, Tipologia e História" também alcançou, por consenso, o prêmio IAB/RJ, nesta linha de estudos historiográficos. O trabalho da conhecida arquiteta confirma o nível de seus estudos, estruturados aqui em um conjunto que soube ordenar, com base em afinidades históricas, tipológicas e distributivas. O artigo resumindo a pesquisa saiu publicado na *Arquitetura Revista* da FAU/UFRJ, volume 8, 1990, com dezessete páginas.

O trabalho "O Plano Piloto da Barra da Tijuca e da Baixada de Jacarepaguá - 1970/1988 - Um Estudo das Relações Existentes entre o Estado e o Capital Imobiliário no Processo de Produção do Espaço Urbano", de Gerônimo Leitão, é uma dissertação apresentada no mestrado de geografia da UFRJ, já aprovada, confirmando um esforço meritório de estudo, com 202 páginas datilografadas. Seu tema é de alto interesse e o júri, por consenso, atribuiu menção honrosa ao trabalho.

Finalmente, havendo examinado todos os trabalhos escritos, inclusive alguns decorrentes de teses ou de textos apresentados em cursos de nível diverso, pareceu ao júri necessário sugerir ao IAB Nacional e IAB/RJ que seja adotado e esclarecido pelo regulamento das premiações, a partir de 1991, que não serão aceitos para exame, nas premiações dos IABs, teses, dissertações ou trabalhos de finalização de cursos diversos já apresentados em nível universitário. Observa-se que nos regulamentos atuais já se excluem trabalhos apresentados em concursos, que, mesmo sendo competições de ordem diferente dos exames universitários, implicam também julgamento anterior ao julgamento das premiações do IAB.

PREMIAÇÃO NACIONAL DE ARQUITETURA - 1990

■ **Prêmio**

Categoria I: espaço da morada - habitação unifamiliar

Residência Hélio Olga de Souza Jr. - São Paulo

Autor: *Marcos de Azevedo Acayaba*

Colaboradores: *Mauro Halluli, Edson Hiroyama, Tânia Shirakawa*

Parecer do júri

O júri decidiu, por maioria, conceder o prêmio à Residência Hélio Olga de Souza Jr.

Trabalho polêmico, parte do júri o considera dentro dos limites da construção de madeira pré-fabricada, adaptando-se às condições do terreno de grande declividade e explorando com interesse as potencialidades do sistema adotado. Parte o vê como obra de qualidades radicais, de construção rigorosa, na medida exigida pelo progresso, realizado com criatividade, habilidade e segurança.

■ **Prêmio**

Categoria IV: valorização, conservação, restauração do acervo arquitetônico, histórico ou paisagístico

Revitalização de uma Casa à Rua Cosme Velho, 800 - Rio de Janeiro

Autor: *Ernani Freire*

Colaboradores: *Ana Luiza Nobre, João Miranda, Guilherme Lima*

Parecer do júri

O júri, por consenso, resolveu conceder à obra de revitalização de residência à rua Cosme Velho, já premiada na 28ª Premiação Anual do IAB/RJ, o Prêmio Nacional de Arquitetura em sua categoria.

Esta obra é um exemplo bem-sucedido da interpretação correta dos limites entre o restauro e a revitalização do acervo construído.

O arquiteto revelou grande sensibilidade na decisão entre o que conservar e onde e como inovar, inserindo um desenho contemporâneo nos espaços internos e estabelecendo um diálogo entre estes e as fachadas originalmente neoclássicas mas reformadas, quando do acréscimo do sobrado de feição eclética.

■ **Prêmio**

Categoria VII: espaços interiores - ambiente do trabalho

Loja de Congelados - Porto Alegre

Autor: *Janer Lagemann Paoilo Coelho*

Colaboradores: *Ester Mayer, José Dias*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder o prêmio à Loja de Congelados.

Em espaço diminuto e com notável economia de meios, o arquiteto conseguiu elaborar uma obra de forte personalidade arquitetônica e grande apelo visual.

□ **Menção honrosa**

Categoria I: espaço da morada - habitação unifamiliar

Residência Goldfarb - São Paulo

Autores: *Issy Wainfeld, Márcio Kogan*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder menção honrosa à Residência Goldfarb.

Interessante exercício de articulação de planos e texturas, a Residência Goldfarb configura uma visão nostálgica da casa burguesa.

□ **Menção honrosa**

Categoria III: espaço da produção e do trabalho - edificações para fins comerciais

Still Atelier Fotográfico - Belo Horizonte

Autor: *Sylvio Emrich de Podestá*

Parecer do júri

O júri decidiu, por maioria, conceder menção honrosa ao Still Atelier Fotográfico.

Neste projeto, a temática do programa funcional permitiu a pesquisa de articulações volumétricas e cromáticas que caracterizam a linguagem do arquiteto.

□ **Menção honrosa**

Categoria V: valorização, conservação, restauração do acervo arquitetônico, histórico ou paisagístico

Projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina - Fortaleza Santa Cruz de Anhatomirim - Santa Catarina

Autora: *Miriam dos Santos Malin*

Assessoria técnica: *SPHAN/Pró-Memória 12ª DR*

Parecer do júri

O júri decidiu, por consenso, conceder menção honrosa ao Projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina - Fortaleza Santa Cruz de Anhatomirim.

O processo de restauração, paulatino e cuidadoso, desenvolvido por técnicos locais, resultou possível da associação entre a Universidade Federal de Santa Catarina, a Fundação Banco do Brasil e a SPHAN/Pró-Memória, apontando claramente um caminho a ser perseguido para a viabilização, em larga escala, da preservação do patrimônio histórico no país.

O júri, de acordo com os itens 4.3.4 e 4.3.2 do regulamento da Premiação Nacional, pôde estabelecer um critério preliminar de subcategorias para análise e apreciação valorativa dos trabalhos escritos no contexto dos apresentados em 1990. As linhas para exame e premiação foram assim:

1. Linha de pesquisa histórico-artística com contribuição documental e/ou de definição sobre aspecto(s) da arquitetura de regiões diretamente de imigração estrangeira, no Brasil.
2. Linha de pensamento e atuação de arquitetos, engenheiros, urbanistas e cientistas políticos, no tocante a questões urbanas ou de regiões metropolitanas, administrativas e/ou tecnológicas, nacionais ou locais, ligadas diretamente à arquitetura e ao urbanismo.
3. Linha de estudos de arquitetura em geral com caráter de ensaio, crítica e reportagem.

Foram examinados e julgados seis trabalhos, chegando à fase de julgamento os livros:

a) do arquiteto Júlio Posenato, como organizador do livro *Antônio Prado - Cidade Histórica* (edição de 1989) e especificamente como autor de seu capítulo 7º, "A Arquitetura Rural de Antônio Prado/Textos e Fotos" (pesquisa realizada especialmente para esta obra);

b) do engenheiro J.C. de Figueiredo Ferraz, *Urbs Nostra*, com 692 páginas, sem ano de impressão, mas incluindo artigos de até novembro de 1989; o exame prévio da obra, na [illegible] da Premiação Anual do IAB/RJ, conduziu a considerá-la [illegible] julgadora a alocá-la entre os concorrentes à Premiação Nacional do IAB, conforme os dois regulamentos [illegible], sendo ainda em interpretação desta pela atual diretoria do IAB/RJ comunicada ao júri.

O júri agradece o interesse manifestado pelos outros candidatos neste item (trabalhos escritos), que não se colocaram entre os classificados no julgamento final, fato de forma comparativa e/ou dentro da tradição dos concursos do IAB.

a.1) O júri justifica a atribuição do Prêmio Nacional a Júlio Posenato, pelo valoroso caráter documental de seu capítulo 7º, e da organização do livro.

Este último poderá vir a ser modelar para outras [illegible] do país, pelo conhecimento que transmite e pelo esforço realizado, enquadrando-se ao lado de precedentes de algumas publicações sobre cidades e municípios, feitas em nosso país. No caso de *Antônio Prado*, ressalta-se o recente [illegible] da cidade e a [illegible] do museu municipal dedicado à imigração italiana na região. A fim de [illegible] a apreciação deste tipo de livro, o júri se congratula também com os co-autores que tiveram trabalhos publicados na citada obra.

a.2) O júri justifica a atribuição do Prêmio Nacional a J.C. de Figueiredo Ferraz, pela seriedade do trabalho na abordagem de aspectos técnicos e administrativos, das questões estudadas nos textos reunidos na obra, expondo [illegible] como ideólogo do desenvolvimento urbano e como cientista político, até a examinar, em 1978, os perigos da situação [illegible] de dependência do país, considerando os "tabus da nossa urbanização", afirmando que o futuro poderá levar o Brasil a ser "reduzido apenas a uma área continental desfigurada, amorfa e desnacionalizada" (página 333 da obra). [illegible] Isso não significa consenso em torno das teses, mas destaque a um esforço de reflexão sobre a realidade brasileira [illegible] insulado entre políticos, feito de forma corajosa, responsável e lúcida.

Não só São Paulo, cidade da qual foi prefeito na década de 80, comparece no livro, destacando-se o texto "Brasília - Concepção, Realidade, Destino" (artigo de 1986), que lembra o fato de o autor ter sido coordenador e relator da Carta de Brasília.

Os Vencedores da Premiação Nacional

■ Categoria espaço da produção do trabalho

Revitalização de uma Casa

Vencedor: *Ernani Freire*, prêmio da 28ª Premiação Anual do IAB/RJ.

Ver projeto nas páginas 16 e 17

■ Categoria espaços interiores - edificação para fins comerciais

Loja de Congelados

Autor: *Janer Lagarreta Paixão Coelho*. Trabalhos nas áreas de projeto, execução, *design* e programação visual. Projetos do restaurante Picanha na Tábua, Porto Alegre, prédio comercial Lielo, em Manaus, e espaço inédito Encol, em Brasília. Colaboradores: *Ester Meyer, José Dias*.

Loja de Congelados

O primeiro contato visual do observador com as instalações da Bien Servi se dá através de uma coluna e muro, ambos de alto impacto visual, definidores dos espaços. Coluna e muro, executados artesanalmente em ásperos tijolos comuns, constituem os elementos geradores da composição. A força expressiva do tijolo é responsável pela imagem que predomina.

As superfícies verticais são caracterizadas por base e coroamento marcantes. A base, por meio de adições e subtrações volumétricas, viabiliza o programa funcional implícito. Quando interpretada isoladamente e complementada por planos de vidro, esta base configura a vitrine/fachada principal. Já o coroamento, detalhado com rigor formal, se desloca do exterior para o interior com natural continuidade visual.

As superfícies horizontais se associam diferentemente às verticais. Enquanto o piso de cimento alisado tratado se contrapõe por neutralidade, o forro de gesso branco, volumetricamente trabalhado, o faz por contraste.

Situações especiais viabilizam uma leitura mais instigante do conjunto: a madeira, presente na porta principal, com procedimentos similares aos do tijolo; os espelhos que ampliam e propiciam novos ângulos; o granito gerador da mesa central com tampo de forma orgânica.

A obra representa uma maneira de enfrentar o canteiro e reflete a postura ética precisa, através da qual o arquiteto sente, pensa e faz arquitetura.

■ Categoria espaço da moradia - unifamiliar

Residência Hélio Olga de Souza Jr.

Autor: *Marcos de Azevedo Acayaba*. Pós-graduação na FAU/USP, 1975, especialização em preservação e reapropriação do patrimônio ambiental na FAU/USP, 1978. Professor de projeto do edifício na FAU/USP, 1972/76. Desde 1978 trabalha em seu escritório, Marcos Acayaba Arquitetos, com diversos tipos de projeto: Galeria de Arte São Paulo, 1980. Projetos do pavilhão da Fazenda Pindorama, Cabreúva, SP, 1984, agência bancária Banespa, Capivari, SP, 1985. Prêmio Cubo de Bronze DA 85, na Bienal Internacional de Buenos Aires, 1985. Colaboradores: *Mauro Halluli, Edson Hiroyama, Tânia Shirakawa*.

Residência Hélio Olga de Souza Jr.

Hélio Olga Jr., engenheiro civil, projetista e fabricante de estruturas de madeira, comprou um lote de 900 m^2, com 100% de declividade para o fundo, na intenção de ali, ao construir sua casa, realizar uma experiência em industrialização da estrutura e das vedações, elaborar e testar um protótipo para casas a serem implantadas em pirambeiras. Para isso, propôs para o projeto um programa bem comum: sala, cozinha, serviço, três quartos, quarto de hóspedes e empregada, abrigo para dois carros e piscina, num total de 200 m^2 de área construída.

A área social e o serviço, que deveriam estar junto à rua, foram organizados num L voltados para a vista, a nordeste, com a casa protegendo a piscina do vento sul. O resto do programa ocupa a estrutura que foi buscar seu ap[...] no terreno, 11 m abaixo.

A partir de seis tubulões, três treliças principais (biarticuladas), com módulos quadrados de 3,30 m, desenvolvem-se simetricamente através de balanços que se sucedem a cada andar. A figura final, com cinco, três, um mais um módulos, corresponde às necessidades de área do programa: 100 m^2 para sala, 60 m^2 para os três quartos e 20 m^2 para os demais, incluindo a escada.

O módulo estrutural, 3,30 x 3,30 m, permitiu que, com 2,50 m de pé-direito em toda a casa, sobrassem para cada piso e na cobertura 65 cm livres da estrutura, para a passagem das instalações (visitáveis) e da ventilação cruzada: ar fresco que pode ser encaminhado aos ambientes através de aberturas no seu piso e a correspondente exaustão do ar quente no teto.

■ Categoria pesquisa, ensaio e crítica

Urbs Nostra

Autor: *José Carlos de Figueiredo Ferraz*. Formado em engenharia civil pela USP em 1946, ex-secretário de Obras da prefeitura de São Paulo; prefeito de São Paulo de 1971 a 1973, entre inúmeras atividades no setor privado e acadêmicas. É professor titular do Instituto Militar de Engenharia e do curso de pós-graduação sobre tirantes da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

O trabalho *Urbs Nostra*, de 692 páginas, reúne uma coletânea de artigos do autor. Os textos não são apenas sobre São Paulo, apesar do título, e o júri destacou o texto "Brasília – Concepção, Realidade, Destino", de 1986, por se referir a mais uma atividade do autor, a de coordenador e relator da Carta de Brasília. Veja aqui a introdução à coletânea feita pelo próprio autor:

"No reunir, sob a forma de livro, uma série de trabalhos meus escritos ao longo dos últimos anos, tenho o propósito de transmitir ao leitor todo um modo de pensar a respeito de dois temas, aparentemente díspares, mas intimamente vinculados, atinentes a problemas urbanos e a questões de desenvolvimento que, neste século, têm sido a tônica permanente das atenções - melhor dizendo -, das preocupações da sociedade moderna.

Não obstante serem trabalhos discretos, constituindo de per si uma unidade literária, e colimando sempre um assunto específico, formam eles, no seu conjunto, uma tese, um ponto de vista, que espero retratar com fidelidade com a simples seqüência de sua colocação cronológica. Se bem abordem eles situações regionais, tópicas, em que o núcleo metropolitano de São Paulo é o centro maior das atenções do autor, eles refletem uma realidade nacional e mesmo internacional.

Na qualidade de ex-prefeito da maior cidade sul-americana, do gigante urbano que é a metrópole paulistana, e de ex secretário de Estado desta importante unidade federativa brasileira, coadjuvada pela experiência colhida no exercício profissional ininterrupto no campo da engenharia, convivi, lidei, tratei com problemas da maior amplitude e senti profundamente o pulsar deste organismo urbano que, paradoxalmente, no seu crescer vertiginoso, entrou num processo de autopunição, induzindo a pobreza por via da riqueza, destruindo aos poucos sua estrutura social, inviabilizando o bom desempenho dos seus governantes e impondo o sacrifício, a angústia e mesmo o desespero aos seus habitantes.

Esta série de trabalhos assim agrupados retrata uma realidade perigosa, um processo de desenvolvimento nacional esdrúxulo, distorcido, com flagrantes disparidades regionais, do que decorrem enormes movimentos migratórios em direção aos grandes centros, notadamente São Paulo, para assumir a configuração disforme de verdadeira encefalite urbana.

Não se dirá que o fenômeno da inchação das metrópoles brasileiras é a conseqüência inexorável do êxodo rural. Inexorável, sim, é o êxodo determinado pelo fato de o homem não mais encontrar a satisfação de seus reclamos básicos nos locais de origem, impelido também que é pela mecanização agrícola, forçando-o a migrar. Isto é um fenômeno que vem ocorrendo desde o século passado, e prossegue ainda hoje com a maior intensidade. Normal é também o fato de uma parcela crescente da população se abrigar nas grandes cidades, um processo mundial inconteste. O inadmissível é que esta concentração se dê, de forma crescente e incontida, em alguns poucos pólos, como é o caso brasileiro e dos países subdesenvolvidos, ao contrário do mundo desenvolvido, onde esta distribuição é mais equitativa e, de há muito, encontrou a estabilização.

Não se invoque, outrossim, que tal fato resulta do sistema capitalista em que vivemos, pois tanto nos países de economia de mercado como nos de economia socialista, dirigida, o tamanho das cidades grandes atingiu um porte-limite, mantido a qualquer custo. Portanto, em ambos os casos, o Estado interveio, quer de uma forma suasória, através de incentivos e estímulos vários, quer de forma absolutista, imperativa.

A acumulação de carências, de caráter físico e social, nos principais centros urbanos brasileiros, notadamente no caso da metrópole paulistana, não supridas pelo crescimento bem menor dos recursos necessários - boa parte para um grotesco consumo administrativo -, bloqueia a tarefa dos governantes que se sucedem, desesperados, deparando sempre com uma situação alarmante. E tal situação afigura-se tão grave que a terapia não pode e não deve se cingir apenas à busca desesperada de recursos, pois, se disponíveis estes, a realização das grandes obras necessárias induziria à criação de maior volume de emprego e, conseqüentemente, aumentaria o caudal migratório, fechando-se o círculo vicioso. Haja vista o déficit habitacional: cerca de metade da população paulistana é alojada precariamente em cortiços e favelas. Tentar eliminar-se esta situação é como que fazer buraco n'água.

A solução, pois, dos problemas das grandes concentrações urbanas brasileiras está fora delas. Cumpre, por todos os meios, deflagrar o processo da desconcentração industrial, incentivando por todo o país o crescer de pólos outros, para lograr uma distribuição eqüitativa do potencial produtivo e, com isto, uma equilibrada e justa ocupação demográfica do território nacional.

A este respeito, a Constituinte perdeu a grande oportunidade de disciplinar o problema urbano, extraindo indevidamente do poder federal atribuições normativas e executivas que, de forma alguma, poderiam escapar-lhe do comando; e delegando aos Estados e municípios a tarefa de realizarem, independentemente, seus próprios planejamentos, quando, na verdade, a organização nacional do espaço demográfico cabe predominantemente à União, em que pesam os dispositivos constitucionais vagos e amorfos.

Embora o tema esteja virtualmente sob a égide federal, os instrumentos de ação não são apontados, e a esfera de competência pouco definida, bastante obscura. O mais sugestivo dos casos é o das áreas metropolitanas, instituídas e controladas pelos Estados, quando, no que tange ao seu porte e dimensionamento, escapa às suas ações diretas e deve extrapolar para a área federal, o que é mais justificável.

Espero, ao fazer esta publicação, sensibilizar o poder público, até agora insensível ou, mesmo, incapacitado, para que novos rumos sejam impressos ao desenvolvimento do país, atenuando assim as disparidades regionais, e salvar a tempo as metrópoles brasileiras, vítimas prematuras de um gigantismo incompatível com as suas funções sociais e econômicas."

OS VENCEDORES da premiação nacional 91. *Arquitetura-IAB 70 anos*, Rio de Janeiro, p.13-25, 1991.

Antônio Prado - Cidade Histórica

Autores: *Júlio Posenato, Maturino Luz, Paulo César Filho, Nestor Torelly Martins, Fernando Dedbad Wagué.*

Júlio Posenato- Formado pela Faculdade do Rio Grande do Sul (UFRGS), em 1972, professor de pós graduação em história do Unisinos, pesquisador, conferencista, autor de inúmeros trabalhos sobre arquitetura e artigos em jornais. O júri justificou o prêmio a Júlio Posenato pelo valor documental do capítulo VII, uma pesquisa sobre a arquitetura rural de Antônio Prado. O júri considerou o trabalho de Júlio Posenato modelar para muitos outros municípios do país. Veja aqui um trecho do texto de Júlio Posenato.

A ocupação do território

O parcelamento do solo rural da Colônia Antônio Prado seguiu o mesmo sistema adotado em toda a região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Assim, foram traçadas "linhas" - estradas paralelas tanto quanto possível -, praticamente todas na direção leste-oeste, para as quais entestavam, em ambos os lados, os lotes coloniais.

Em cada um desses lotes, que mediam quase sempre 25 ha, foi instalado um imigrante com sua família. No início, praticamente sem quaisquer benfeitorias, exceto uma choupana e uma pequena clareira, para os mais afortunados. A maioria recebeu, na verdade, uma gleba de mata virgem, sem estradas de acesso e em ambiente de topografia muito acidentada - terras que foram recusadas pelas outras etnias que formavam o Rio Grande do Sul.

Quando o imigrante recebia seu lote, al tudo havia por fazer. Devido à premência em desenvolver a atividade produtiva, inicialmente as construções só puderam receber um mínimo de cuidados indispensáveis.

As construções provisórias, que ocorreram em três períodos de melhoramentos sucessivos, foram substituídas pelas edificações permanentes, na medida em que o ritmo de vida, já sedimentado, superava o desconforto dos anos pioneiros e chegava, enfim, a abastança.

Embora para a Colônia Antônio Prado fossem encaminhadas também famílias de imigrantes poloneses e suecos, a avassaladora maioria dos que chegavam era constituída de italianos. Em alguns anos, os poloneses e suecos migraram, ficando os italianos hegemônicos no território rural da Colônia. Isolados, mantiveram a cultura própria de sua região de origem, especialmente vêneta, acomodando-a à geografia e clima do novo meio.

A arquitetura da imigração italiana

A arquitetura da imigração italiana no Rio Grande do Sul compreende o acervo dos espaços organizados erigidos de maneira tradicional e sob características peculiares, tanto por imigrantes italianos quanto por seus descendentes, naquele Estado do Brasil.

Este ciclo arquitetônico consiste na melhor arquitetura popular do Brasil por sua superioridade, no conjunto de escala, qualidade construtiva e expressão plástica, ante as demais manifestações populares - não de elites - brasileiras.

Esta arquitetura se caracteriza pelo emprego generoso do trabalho humano livre, pela diversidade de soluções, por uma linguagem arquitetônica própria e uso dos materiais do entorno. E três fatores fundamentam essa arquitetura: materiais disponíveis no próprio local, a herança cultural (habilidade trazida da Itália) e a ideologia do trabalho/fascínio da posse da terra.

No decurso de um século em que se manifestou este ciclo, houve quatro períodos, correspondentes aos momentos psicológicos e econômicos daquela sociedade: construções provisórias (os primeiros anos); primitivo (despojado e artesanal); apogeu (as edificações de maior porte, com materiais obtidos artesanalmente ou em pequenas indústrias), em dois critérios: expressão austera (dominante) e linguagem decorativa; e tardio (regressão no porte, materiais industrializados). Além de sua arquitetura peculiar, os imigrantes e seus descendentes construíram também segundo outros padrões da época, sobretudo nas áreas urbanas.

AS MENÇÕES NACIONAIS

■ Categoria espaço da moradia - unifamiliar

Residência Goldfarb (SP)

Autores: Jaty Weinfeld, Márcio Kogan, Jaty Weinfeld é formado em 1975 pela Faculdade de Arquitetura da Universidade Mackenzie, de São Paulo, onde foi professor de teoria de arquitetura e de expressão cinética, autor de artigos em revistas internacionais. Com o arquiteto Márcio Kogan, também de São Paulo, assinou os projetos do edifício de apartamentos Metrópolis, sinagoga em Higienópolis e um edifício de escritórios, todos em São Paulo. Dividem ainda uma longa produção de cinema, curtas e médias metragens com premiações internacionais.

Residência Goldfarb

Esta residência foi concebida para uma família composta de casal e três filhos. Por ser uma casa bastante movimentada socialmente, possui toda a parte social voltada para os fundos do terreno, onde estão situados o jardim, a piscina, a churrasqueira. Seus espaços são amplos, mas principalmente bem proporcionados.

A casa é basicamente uma caixa e em cada fachada há volumes, formas e texturas sempre diferentes umas das outras, porém projetadas de forma harmoniosa. O espaço foi pensado de maneira a proporcionar para a pessoa que o percorra situações inesperadas e diferentes emoções a cada passo.

Todos os espaços da casa são amplamente ventilados e iluminados, tomando-se o cuidado para que determinados ambientes possuam vistas diferentes para o jardim, de modo a evitar a monotonia da relação interior/exterior.

A casa é totalmente branca sobre branca. Foram utilizados vários materiais de acabamento, cada um com uma textura diferente: a massa raspada, o seixo rolado, o mármore, o chapisco, a laca e outros detalhes, como, por exemplo, ranhuras horizontais feitas especialmente no local.

Executado com perfeição, a partir de mais de uma centena de pranchas rigorosamente detalhadas, o que há de se ressaltar neste projeto é a certeza de que sua arquitetura emociona e, principalmente, a de que os proprietários se sentem felizes em habitar a casa.

■ Categoria espaço da produção e do trabalho

Still Atelier Fotográfico

Autor: *Sylvio Emrich de Podestá.* Com escritório próprio desde 1974, vem executando projetos de arquitetura, paisagismo, urbanismo etc. Projetos da Universidade Agrária de Goiás (Feurvi), Centro de Apoio Turístico, Belo Horizonte, Grupo Escolar Vale Verde, Timóteo, MG. Primeiro lugar em habitação popular em concurso na Sehab, São Paulo, primeiro lugar em concurso de grupo escolar em estrutura metálica, Carpo, Belo Horizonte, MG, premiações IAB/MG, IAB/RJ, Sidebrás, Demetrô, Casa do Jornalista de Minas.

Still Atelier Fotográfico

Poucos profissionais trabalham em local adequado à sua atividade.

A Still, invertendo essa constância, está de projeto e breve de casa nova.

O Studio pp paralelepípedo branco fecha-se para permitir a luz trabalhada nos eventos e objetos, vistos do plano e da ponte mirante em diagonal.

Luz natural nos espaços acoplados ao sólido dominante. Por ser dominante, permite leveza de curvas, planos e contrastes de cores fortes sobre textura de reboco.

Descanso e terraço. Churrasqueira.

A rua tem nome de Lua, n.º 201.

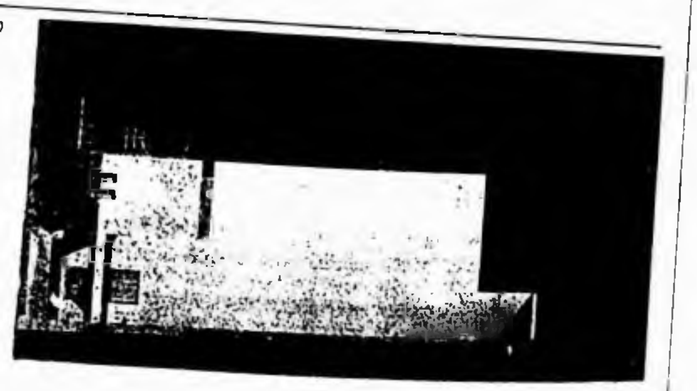
■ Categoria valorização, conservação, restauração do acervo arquitetônico, histórico ou paisagístico.

Projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina Santa Cruz de Anhatomirim

Autora: *Miriam dos Santos Melin* (SC). Arquiteta da empresa Desenho Alternativo, 1985/88, diretora da empresa Critério - Arquitetura e Urbanismo, 1987; consultora da Zeta - Engenharia e Planejamento, 1987. Entre seus principais projetos estão: Moradia Universitária - 12 315 m², Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, SC; Complexo Turístico Costão do Santinho - 737 554 m², urbanização, Florianópolis, SC; Projeto Américo do Sol - 1 215 727 m², urbanização, Florianópolis, SC; Porto de Imbituba, urbanização e paisagismo - 750 000 m², restauração de edificações - 1 854 m², Imbituba, SC; Centro de Segurança, 1 438 m², Centrais Elétricas do Sul do Brasil S.A., ltd, SC; Fortalezas Santa Cruz de Anhatomirim, restauração de edificações - 408 m²/complementação da infra estrutura básica, de Anhatomirim, Santa Catarina.

Fortalezas da Ilha de Santa Catarina

A ilha de Anhatomirim, com 6,9 km², abriga a Fortaleza de Santa Cruz, um dos três fortes que



O Projeto Fortalezas da Ilha de Santa Catarina - 250 Anos na História Brasileira, coordenado pela Universidade Federal de Santa Catarina e financiado pela Fundação Banco do Brasil, retoma o processo de restauração da Fortaleza de Santa Cruz de Anhatomirim, iniciado em 1979 e posteriormente paralisado.

A partir de 1989 foram então elaborados e executados os projetos de restauração dos edifícios do Armazém da Praia, da Casa da Farinha, da Nova Casa do Comandante (em fase conclusiva), da cobertura do Quartel da Tropa, da Nova Casa do Gerador, bem como da complementação da infra-estrutura básica da ilha.

O processo de restauração adotado em 1989 não teve como objetivo a recomposição da feição original dos edifícios. A concepção adotada foi a do processo restaurativo com ruínas, que preserva o estado de ruínas encontrado, identificando os elementos da nova intervenção através do uso de materiais novos e aparentes. Sua nova imagem é o testemunho de sua história e de seu abandono.

Prêmio para casa na encosta

IAB divulga sua lista de melhores projetos do ano passado

SAIU no final dessa semana a premiação do Instituto dos Arquitetos do Brasil, um dos prêmios de maior prestígio do gênero, em termos nacionais. O principal premiado, na categoria Espaço de Moradia, foi o projeto *Residência Hélio Olga de Souza Jr.*, do arquiteto paulista Marco Azevedo Acayaba, que teve como colaboradores os arquitetos Mauro Halluli, Edison Hiroyama e Tania Shirakawa. É uma casa de quatro andares, sobre pilotis, construída em uma encosta. A obra foi considerada pelo júri "um trabalho polêmico", mas que conseguiu uma adaptação adequada às condições do terreno de grande declividade. Segundo a justificativa do júri, a construção "foi realizada com criatividade, habilidade e segurança". O Prêmio Arquiteto Hélio Uchôa, também para a categoria Espaço de Moradia, coube ao carioca Pedro Paulo Domingues, com o projeto *Casa na Lagoa*. "A casa apresenta espaços e percursos internos variados e articulados com clareza, refletindo as transformações e impermanências do momento que vivemos", justificaram os jurados.

O júri da XXVIII Premiação Anual do IAB/RJ — 1990, composto pelos arquitetos Jorge Czajkowski, Joel Campolina, Luiz Fernandez Conde, pelo designer Joaquim Redig de Campos e ainda pelo historiador de Arte Mario Barata, acrescido dos nomes dos arquitetos Joaquim Guedes e Luiz Paulo Fernandez Conde, para a Premiação Nacional, premiou ainda o arquiteto Ernani Freire e seus colaboradores Ana Luiza Nobre, João Miranda e Guilherme Lima, na categoria Valorização, Conservação, Restauração do Acervo Arquitetônico Histórico, pelo trabalho *Revitalização de uma casa no Cosme Velho*. "Esta obra é um exemplo bem sucedido da interpretação correta dos limites entre o restauro e a revitalização do acervo construído", diz a justificativa. Na opinião do júri, o arquiteto revelou grande sensibilidade na decisão "entre o que conservar e onde e como inovar, inserindo um desenho contemporâneo nos espaços internos e ao mesmo tempo estabelecendo um diálogo entre estes e as fachadas neoclássicas da casa". A casa é um prédio tombado do Largo do Boticário, onde os arquitetos mantiveram a fachada e modernizaram seu interior.

Na categoria Espaços Interiores — Ambiente de Trabalho, foi premiado o arquiteto gaúcho Janer Lagarreta Paixão e seus colaboradores Ester Mayer e José Dias pelo projeto *Loja de congelados*. "Em espaço diminuto e com notável economia de meios, Lagarreta conseguiu elaborar uma obra de forte personalidade arquitetônica e grande apelo visual", disseram os jurados.

Todos os trabalhos premiados estarão em exposição a partir do dia 21, no IAB/RJ (Rua do Pinheiro, 10 — Flamengo) e a entrega dos prêmios será realizada no dia 25, lá mesmo, na sede do IAB/RJ.

Prêmio Nacional de Arquitetura para exótica residência paulista

Loja de congelados gaúcha

Interior do projeto Casa na Lagoa

Casa tombada do Largo do Boticário

CASA em pirâmide vira atração em SP. *O Estado de São Paulo*, São Paulo, 23 jan. 1991. Cidades, p.18.

Casa em pirâmide vira atração em SP

Originalidade do projeto ganha prêmio em concurso de moradias do Instituto dos Arquitetos do Brasil

As pessoas que passam pela Rua Rua Professor Benedito Montenegro, no elegante bairro do Morumbi, na Zona Sul de São Paulo, têm a impressão que uma grande casa de quatro andares está prestes a desabar. Passado o susto, todos ficam admirando a sua beleza. A casa se assemelha a uma pirâmide invertida: é estreita na base de 3,30 metros por 3,30 metros apoiada sobre seis pilares incrustados na encosta íngreme. Depois, andar por andar as medidas se alargam. O quarto pavimento ocupa uma área cinco vezes maior do que a base. Com cerca de 14 metros de altura, ela fica em um terreno de declive bastante acentuado.

A originalidade do projeto ganhou o concurso "Premiação Nacional de Arquitetura Moderna", na categoria "Espaço da Moradia". O projeto é do arquiteto paulista Marcos Acayaba.

As obras começaram há um ano e, para montar a estrutura da casa, três homens trabalharam por 45 dias. Segundo o engenheiro civil Hélio Olga de Souza Júnior, que é o projetista responsável pelas estruturas, instalações e construção, também seu proprietário, a obra segue em ritmo lento. "Nem todos os meses tenho dinheiro para o trabalho", afirmou.

A casa, pré-fabricada em madeira, foi produzida com exclusividade para esse projeto. "Pela dificuldade de se construir num terreno em declive, essa foi a única forma de tornar a obra viável", disse Souza.

Para o arquiteto Acayaba, as peças pré-fabricadas de madeira são ideais para a produção da casa. "Além de a obra ser feita rapidamente, evita escoramentos", disse ele. O terreno do engenheiro tem 900 metros quadrados e a área construída é de 200 metros quadrados.

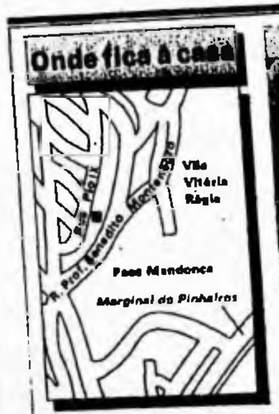
Para a estrutura, o piso e o forro da construção estão sendo utilizados vários tipos de madeira. "Vamos usar apenas material leve", explicou Souza. Os pilares penetram 18 metros no solo, reforçados por ferragens e concreto. Ainda não é conhecido o custo total da obra, mas o engenheiro Hélio calcula US$ 350 por metro quadrado.

"Com um custo bastante reduzido, é possível se adquirir um terreno em área íngreme e construir uma casa economicamente viável", disse o proprietário.

Acayaba afirmou que o projeto oferece uma solução de uso de terreno com declive acentuado. O arquiteto vai participar de um estudo para a construção de um protótipo de casa popular nos moldes da casa premiada.

O concurso foi feito pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), que comemorou 70 anos. A premiação dos vencedores das 11 categorias será feita depois de amanhã, na sede do IAB, no Rio de Janeiro.

Projeto do arquiteto Marcos Acayaba: obras em ritmo lento



Julio Abramovay/AE

Acayaba: aval para projetos

Arquiteto se sente reconhecido

Para o arquiteto Marcos Acayaba, o prêmio em uma das categorias do concurso promovido pelo Instituto de Arquitetos do Brasil foi o reconhecimento de seu trabalho. "É um aval que me foi dado para continuar meus projetos", disse Acayaba.

O arquiteto paulista, de 48 anos, mora na Cidade Jardim, em uma residência projetada por ele mesmo. Ele viu a primeira execução de um projeto seu em 1965. Formado na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU) da USP, até 1976 Acayaba foi professor na própria escola. Hoje, é proprietário de um escritório de arquitetura e sente saudade das aulas e dos alunos.

Ele atualmente trabalha em vários projetos, de prédios comerciais e residenciais a casas. Também está fazendo um projeto para o Teatro Municipal de Bauru, no interior de São Paulo.

Para Acayaba, o maior arquiteto de todos os tempos é o norte-americano Frank Lloyd Wright. Ele também gosta do trabalho de Le Corbusier e Mies. Desde os dez anos de idade tem uma admiração especial pelos trabalhos de Oscar Niemeyer nas décadas de 40 e 50. Acayaba lembrou a importância do professor Vilanova Artigas, da FAU, na sua formação profissional. Para ele, o melhor arquiteto brasileiro da atualidade é Paulo Mendes da Rocha.

ARQUITETURA

Ousadia em concreto

Projetos cheios de inovações ganham prêmios

Mesmo rasgada por edifícios, espigões e construções faraônicas, São Paulo ainda reserva espaços para casas — e algumas delas já estão dando à cidade um ar de século XXI. Os paulistanos passaram a conviver com uma arquitetura mais ousada e arrojada. Há mesmo de tudo: desde as bolas de Eduardo Longo até as curvas sinuosas de Ruy Ohtake. Mas o melhor fica por conta das novidades. Recentemente, dois desses projetos ultra-avançados — ambos em São Paulo — foram premiados por suas propostas criativas no concurso nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil, um dos mais importantes do gênero. As duas casas trazem a riqueza de uma arquitetura diferenciada, demonstrando formas opostas de aproveitamento do terreno.

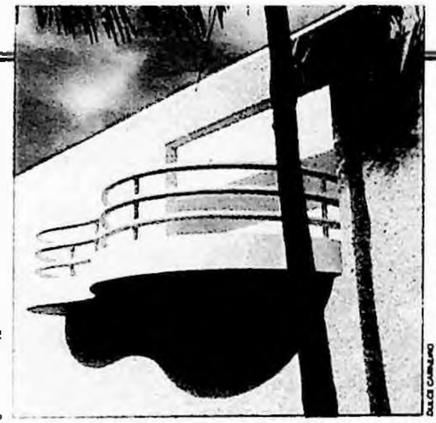
A grande vencedora, que até já virou atração do bairro do Morumbi, é uma casa de madeira pré-fabricada, concebida pelo arquiteto paulista Marcos Acayaba, 46 anos, premiado em 1985 na I Bienal Internacional de Buenos Aires, na Argentina, com o projeto Pavilhão Pindorama. Era uma construção que anexava à casa-sede de uma fazenda particular em Cabreúva, a 78 quilômetros da capital, uma área de lazer com salão de jogos, sala de vídeo e som, de carteado e vestiários. Na casa do Morumbi, que pode ser vista da Marginal Pinheiros, perto do Hipermercado Paes Mendonça, Acayaba buscou uma solução inusitada para um terreno de 900 metros quadrados com 100% de declividade, ideal apenas para a construção de um toboggã. É verdade que a área foi comprada por um preço baixíssimo pelo engenheiro Hélio Olga de Souza Junior, já que era considerada imprestável pelo seu dono anterior. Só que aí veio o toque de genialidade. A missão de Acayaba foi projetar ali uma casa para que Hélio pudesse morar com sua família — ele, a mulher e um filho. Buscando um formato criativo, seguro e que obedecesse à forma natural do terreno, Acayaba ergueu a casa sobre seis pilares de ferro e concreto fixados em poços de 80 centímetros de diâmetro. O formato da casa lembra um jogo de cubos empilhados de cabeça para baixo. "Nós queríamos um protótipo para ser aplicado em terrenos de encosta ou pirambeira a um custo acessível para a classe média", explica Acayaba. O projeto foi realizado com madeira e aço, o que tornava a construção economicamente viável. Com quatro andares — interligados por uma escada de madeira —, garagem e piscina, a casa foi erguida em 45 dias. Hoje, embora ainda esteja em fase de acabamento, ela é visitada diariamente por moradores e curiosos locais.

FOTOS: ROBERTO LOPES

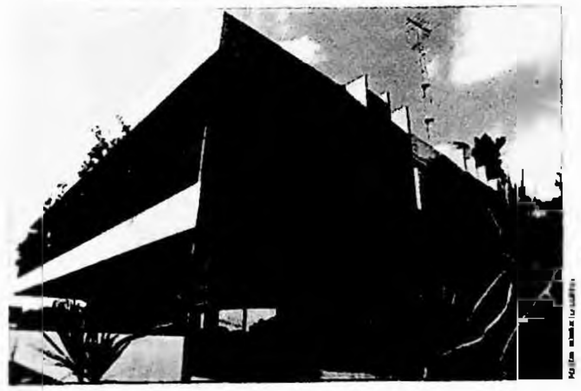
A casa de madeira pré-fabricada *(acima)* foi a vencedora do concurso nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil. O autor da idéia, Marco Azevedo Acayaba *(ao lado)*, procurou respeitar a forma natural do terreno, totalmente em declive

Já a segunda colocada do concurso nacional descobriu diferentes texturas em branco e procurou seguir uma linha cinematográfica, projetando em cada cômodo um ambiente diferente. Planejada por Isay Weinfeld e Marcio Kogan, ela tem uma proposta completamente oposta à de Acayaba. Num terreno plano de 2 300 metros quadrados, na Zona Sul de São Paulo, a casa de Isay é, digamos, introvertida. Devido à falta de uma bela paisagem, ela é toda voltada para a beleza interior. Cineastas — são autores de *Fogo e Paixão*, filme nacional de 1988, com Carlos Moreno —, os arquitetos buscaram um certo ar de ficção no desenho da casa. De formato exterior, até convencional, ela foi feita totalmente em branco, casando diferentes texturas: em pintura lisa, massa raspada, chapiscos de diferentes granulações e mármore. "Queríamos que o inesperado emocionasse e os ambientes trouxessem uma sensação diferente", explica Isay. Assim, cada ambiente guarda uma surpresa diferente para o visitante — paredes falsas, terraços ondulados e embutidos, janelas redondas e até um hall que acaba em duas escadas de mármore com 5 metros cada uma. Além disso, os pequenos detalhes, como o interruptor de luz ou o formato da janela, saíram da prancheta dos arquitetos. A piscina, que recebeu a forma de um lago de 1,80 metro, vai ganhando profundidade, como se fosse uma praia.

Ao lado dessas duas novidades, muitos outros trabalhos arquitetônicos já se destacaram na paisagem urbana paulistana. Embora mais presente nos grandes edifícios e complexos industriais, as curvas sinuosas de Ruy Ohtake também podem ser apreciadas em bairros residenciais de São Paulo. Este arquiteto paulista de 52 anos, filho da famosa artista plástica Tomie Ohtake, tem projetos muito ousados e diferenciados, como o The Waves, um parque aquático com piscinas de diferentes formatos, algumas com toboggã e outras com ondas artificiais, recentemente erguido próximo ao Centro Empresarial de São Paulo e ainda não inaugurado. Ruy Ohtake também deixou sua assinatura em várias casas de São Paulo. Um bom exemplo foi a residência que projetou para o médico Nadir Zacharias. Depois de conhecer seu trabalho, Nadir também quis habitar algo que saísse de sua prancheta. Num terreno de encosta de 1 200 metros quadrados no Jardim Guedala, de novo no bairro do Morumbi, Ohtake projetou a casa, abrindo-a para a vista onde se encontrava. Em função disso, apoiou-a em seis pilares e distribuiu muitos vidros, em vez de paredes. Apesar de ele não a desenhar em formas curvas, a rigidez da forma é quebrada com o corte sinuoso do vidro temperado, uma clareira circular no telhado e a forma amebóide da piscina. "Nadir gostou da proposta, mas quando ela ficou pronta é que ele teve a maior surpresa", conta Ohtake. Morando na casa desde 1987, com a mulher e quatro filhos, Nadir deixou crescer muitas plantas no local, pois acredita que a harmonia entre o verde e o concreto transmite tranqüilidade. "Todos os terraços, com vidros, e esta maravilhosa vista me dão uma deliciosa sensação de liberdade", afirma.



Projetada pelos arquitetos e cineastas Isay Weinfeld e Marcio Kogan, a casa na Zona Sul da cidade apresenta diferentes texturas em branco, criando um ar cinematográfico. Ela tem uma piscina em formato de lago. Seus terraços ondulados, as janelas redondas, um hall com duas escadas de mármore e paredes falsas surpreendem a cada ambiente



Ruy Ohtake desenhou esta casa para seu amigo, o médico Nadir Zacharias, no Jardim Guedala. Toda em vidro e concreto, Ohtake — que também assina o parque aquático The Waves — abriu a casa para a vista do local. A harmonia do verde das plantas com o concreto dão um ar de tranqüilidade a seu dono

É verdade que existem ainda projetos bem mais radicais. Como a casa em forma de bola da Rua Amauri, no Jardim Paulista, impossível de não ser percebida. A idéia foi do arquiteto Eduardo Longo, 48 anos. Longo, que a construiu para ele mesmo, mora e trabalha lá. Graças a ela, passou a aparecer no ranking dos arquitetos mais arrojados do país. Esse formato esférico, no entanto, não é uma unanimidade nacional. Há seis anos, Longo construiu uma casa bola no Morumbi a pedido dos pais. De cor vermelha, a casa buscava uma referência com a cor de terra, que lembrava a nacionalidade italiana da família. Mesmo assim, seus pais não se adaptaram ao local e a casa foi vendida. Bem ao lado dela, o irmão do arquiteto, George Longo, comprou também um terreno em declive para erguer uma casa bola. Com a base já pronta, George desistiu de morar dentro de uma circunferência e encomendou um novo projeto para o irmão. Apoiada nas quatro colunas que suportariam a bola, foi erguida uma casa caixa de estrutura metálica em cores que mimetizam a paisagem. "A idéia foi usar o verde das montanhas e o azul do céu e fazê-la toda voltada para a pista do Jockey Club de São Paulo", explica Longo. ■

Famoso pela casa esférica que construiu no Jardim Paulista, onde mora e também tem o seu escritório, Eduardo Longo ergueu uma casa em forma de bola no Morumbi *(ao lado)* para seus pais. Com vidros transparentes e de cor vermelha, a casa buscava uma referência com a cor de terra, que também lembrava a origem italiana da família e da riqueza conquistada com a cultura do café. Mas eles não se adaptaram ao local e a casa acabou sendo vendida. A partir daí, Longo entrou na lista dos arquitetos mais arrojados do país

A polêmica de Sevilha e os premiados no concurso do pavilhão do Brasil

Em entrevista para Suzana Barelli, os vencedores do concurso para o pavilhão do Brasil na Expo 92 de Sevilha explicam a proposta e esclarecem algumas críticas.

O projeto vencedor do concurso nacional de anteprojetos de arquitetura para o pavilhão do Brasil na Expo 92 - um conjunto totalmente em concreto, com 4 300 m² de área construída - foi, desde a divulgação de seu resultado e após o cancelamento de sua construção pelo Itamarati, alvo de várias críticas, que questionavam até mesmo a pertinência da escolha do júri. Entre os pontos criticados estão a qualificação do projeto como uma grande caixa de concreto e a falta de ousadia, ou vanguarda, da proposta.

Mas, para a equipe vencedora, liderada por Ângelo Bucci, Álvaro Puntoni e José Oswaldo Vilela, a oportunidade de participar do concurso para a exposição universal em Sevilha permite mostrar sua forma de pensar a arquitetura. Segundo eles, é preciso enfatizar que há um discurso no projeto, que valoriza as áreas coletivas, a liberdade e a democracia dos espaços. "A alegria de ter ganho", diz Ângelo, "é a oportunidade de afirmar um espaço de discussão que muitas pessoas tentam oprimir." Os vencedores lembram a importância do concurso enquanto valor de simpósio, que abre espaços para debates e confrontos.

Quanto à primeira crítica, aquela que considera que o projeto vencedor não aponta novos caminhos e até retroage à década de 1960, a equipe diz que a arquitetura, assim como toda forma de conhecimento, é cumulativa. "Criticar uma arquitetura da década de 60 é um erro, é traçar um caminho completamente aistórico, ao não entender o que são arquitetura e conhecimento", diz Pedro Puntoni, o historiador da equipe, para quem é aistórico desconsiderar as produções anteriores, a cultura e o processo cumulativo do saber. E acrescenta: "O pavilhão não é exatamente uma forma de projetar dos anos 60; é o caminho que escolhemos para trabalhar, como provam todos os projetos que já realizamos".

Álvaro lembra que a produção da década de 60 vem da realizada nos anos 30, que marcou o início da arquitetura moderna; portanto, a arquitetura é histórica e precisa-se aprender com ela.

E, como se quería reforçar a datas, Edgar Dente, também membro da equipe, diz que, já na década de 30, Lúcio Costa definiu a dimensão do que fazer em projetos para exposição. "Lúcio fala que um pavilhão precisa ser uma coisa simples, uma casa brasileira onde as pessoas entrem livremente", lembra.

Quanto a ser um projeto de vanguarda, que indique os rumos da arquitetura brasileira, a equipe acredita que seu trabalho representa um entre os diversos caminhos possíveis de projetar no Brasil. Para Dente, é necessário perguntar, inicialmente, qual a possibilidade de um pavilhão em Sevilha traçar rumos e paradigmas da arquitetura brasileira. E Álvaro acrescenta: "As pessoas reclamam que o projeto não abre caminhos, mas qual foi o caminho que Osaca abriu para a arquitetura?"

O pavilhão representa um paradigma à arquitetura brasileira quanto à forma de construir e às experiências de organizar espaços de convívio e programas de projetos. "São os elementos presentes no trabalho que provam que nós, arquitetos contemporâneos, sabemos construir esses espaços, solucionar projetos, sem sermos protécnicos ou copiarmos colunas gregas para dizer que projetamos de maneira moderna", explica Dente.

O trabalho desenvolvido, dizem os arquitetos, preocupa-se mais com o conteúdo - fazer edificações simples, sem muita pompa, porém bem resolvidas enquanto projeto e com tecnologia avançada - do que com a forma. Aqui aparecem, inclusive, várias críticas dos vencedores quanto aos pós-modernistas, como a de que estes arquitetos, ao tentarem sempre fazer coisas diferentes para se mostrar novos, estão cotidianamente negando a história.

A escolha do sistema construtivo enquadra-se na idéia de que o pavilhão deve ter como orientação necessária a cultura brasileira. O concreto, afirmam, possibilita demonstrar a capacidade tecnológica da equipe de maneira discreta e inteligente, além de ser um material bastante utilizado

Sevilha, um sonho inacabado para a arquitetura brasileira

Texto
Miguel Pereira

O Concurso Nacional de Anteprojetos para a Escolha do Pavilhão do Brasil na Feira Universal de Sevilha 92 certamente afirma-se como o mais importante concurso nacional organizado pelo Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), nos últimos dez anos. As 253 equipes inscritas no certame constituem uma resposta preliminar ao desafio proposto pelo Ministério das Relações Exteriores. A expectativa do governo brasileiro era marcar significativamente a presença de nosso país, de sua imagem de nação em busca de desenvolvimento e de modernidade, através de uma expressão cultural tão forte quanto o prestígio da arquitetura brasileira no exterior. O talento de mais de 1 000 arquitetos foi convocado e posto em marcha em busca da melhor solução.

Esses arquitetos acreditaram, afinal, que a chamada oitava economia do mundo poderia ter uma cara para sorrir lá fora. A árdua tarefa de buscar a melhor resposta definiu um complexo duelo entre a imaginação e a realidade. Um compromisso cultural posto à prova. Um saber acumulado, através de mais de quinhentos concursos públicos já organizados pelo IAB, na esteira de seus setenta anos de existência, foi colocado à disposição do patrocinador, na certeza de assim poder se honrar mais uma vez a tradição brasileira em feiras universais. Assim foi em Nova York, 1939, com o projeto de Lúcio Costa (concurso público); assim foi em Bruxelas, 1958, com o projeto de Sérgio Bernardes (prêmio O Mais Belo Pavilhão da Feira); assim foi em Osaca, 1970, com o projeto de Paulo Mendes da Rocha (concurso público).

Nas asas dessa enorme expectativa, a arquitetura tomou a forma da esperança, do sonho e da realidade. E a porfia chega ao seu desfecho, através do veredicto de onze cabeças. Um júri soberano, declinando os nomes das equipes vencedoras. Logo depois, a palavra oficial sentencia (ver nota do Itamarati): "Por determinação presidencial, o governo brasileiro não mais se fará representar na Expo 92 com pavilhão individual. A crise internacional e o momento de austeridade interna desaconselham a confirmação ... da participação do Brasil ..."

Sobra para o Brasil, assim, o destino do pavilhão coletivo latino-americano da Plaza de América, imagem inexorável de um gigante brasileiro ainda adormecido.

Para nós, arquitetos brasileiros, sobra a angústia de termos ficado a um passo da felicidade, com um sonho inacabado, amargando o destino do projeto vencedor a caminho do leito perverso dos arquivos.

No plano da prática profissional, o misto é o mínimo admissível, é o líquido e certo: a indenização do projeto vencedor, e o grande debate que já começa a acontecer em várias de nossas grandes cidades, avaliando, à luz dos resultados do concurso, o processo de desenvolvimento da arquitetura brasileira.

NOTA OFICIAL DO ITAMARATI

Íntegra da nota enviada ao presidente nacional do IAB, Miguel Pereira

"Com referência ao Concurso Nacional de Anteprojetos de Arquitetura para a Escolha do Pavilhão do Brasil na Expo 92/Sevilha, lamento informar vossa excelência de que por decisão presidencial o governo brasileiro não mais se fará representar na Expo 92 com pavilhão individual.

A crise internacional e o momento de austeridade interna desaconselham a confirmação, junto às autoridades competentes espanholas, da participação do Brasil com pavilhão próprio.

Nessas condições, e para manter expressiva presença cultural brasileira em evento da magnitude da Exposição Universal de Sevilha, foi decidida a participação no pavilhão coletivo latino-americano da Plaza de América.

O Itamarati, naturalmente, honrará seus compromissos para com o arquiteto vencedor do concurso, já tendo iniciado os contatos necessários para fins de atribuição do prêmio de direito.

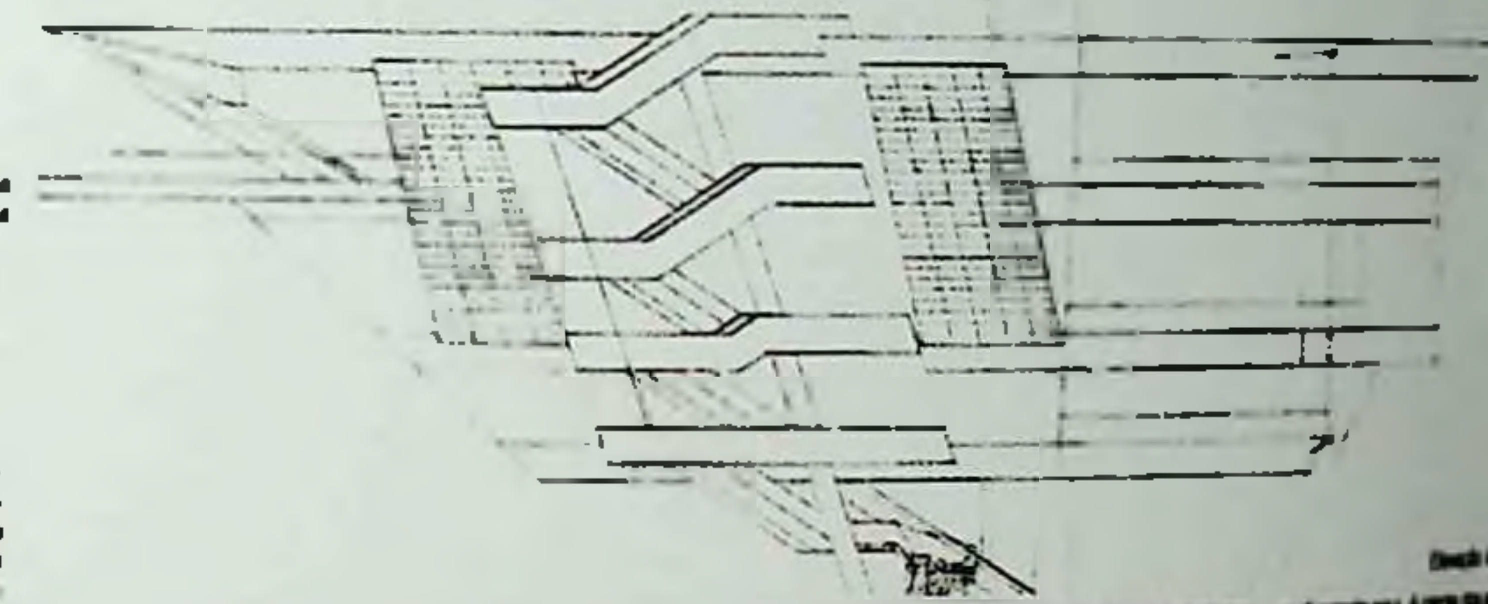
Nesta oportunidade, não posso deixar de reiterar, em nome do Ministro das Relações Exteriores e em meu próprio nome, os agradecimentos pela indispensável colaboração e pela coordenação do concurso nacional, que obteve tão ampla repercussão no meio dos arquitetos brasileiros. Queira também vossa excelência transmitir ao arquiteto-consultor, dr. Antônio Carlos Moraes de Castro, e à arquiteta-consultora adjunta, dra. Zilah Quezado Magalhães, os agradecimentos do Itamarati pelo alto grau de profissionalismo e atenção com que desempenharam suas árduas tarefas durante a realização do concurso.

Aproveito a oportunidade para renovar os protestos de alta estima e mais distinta consideração, com que me subscrevo, de vossa excelência,

Luiz Jorge Rangel de Castro
Chefe do Departamento de Promoção Comercial do Ministério das Relações Exteriores

62

■ MENÇÃO HONROSA



Equipe técnica
Arquitetura: *Marcos Acayaba*
Colaboradores: *Mauro Halluli, Adriana Aun, Sueli Mizobe, Luciene Dachsbarne, Roberto Tobo, Carmela Gross, Jorge Hirata*
Estrutura: *Hélio Olga de Souza Jr.*

Ficha técnica
Área construída: *3 060 m²*

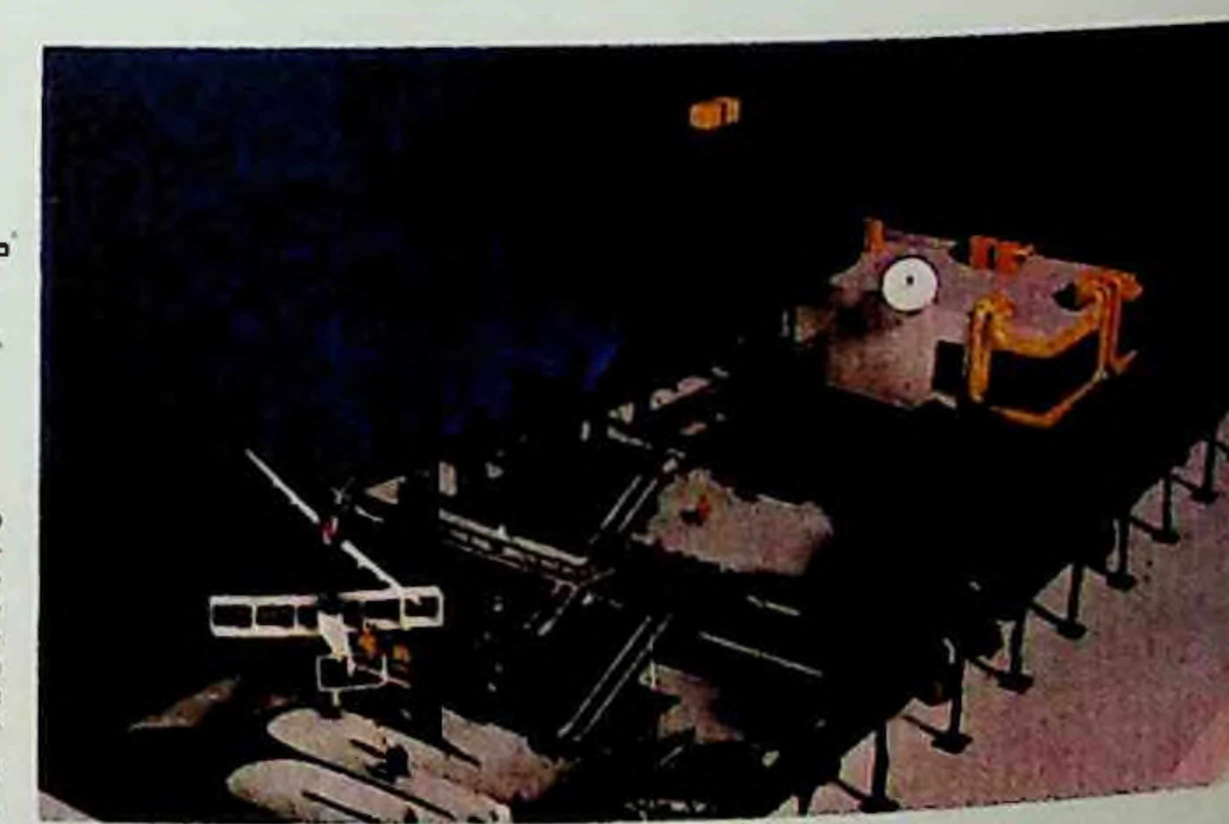
Praça rebaixada sombreada pelo pavilhão alçado, lição estrutural nas bandeiras de triângulos superpostos e crescentes. No topo a tenda e o bar da caipirinha, abaixo o salão das exposições, depois o auditório, um tempo no restaurante e então de novo o Caminho dos Descobrimentos.

Nossos visitantes, de onde quer que venham, vão percorrer o Jardim Mineral Brasileiro: rochas, minerais em estado bruto e trabalhado: aço, alumínio etc. Quem vier do Palenque ou de Portugal desce pela rampa, do Caminho dos Descobrimentos, pela escadaria (anfiteatro aberto), e todos se abrigam na praça (átrio, foyer) climatizada por espelhos de água. A escada rolante os levará ao último andar: exposições. Logo que as tenham visto poderão subir à cobertura e matar a sede no bar da caipirinha. Ao inverso, o percurso do nosso pavilhão se fará sempre descendo-se pela escadaria externa, enorme *museu* protegido por chapa estampada e reduzida em veneziana. Já visitantes especiais, convidados, autoridades servir-se-ão dos elevadores instalados no grande pilar central.

Optamos pela construção em aço usando a tecnologia de nossa indústria naval ou de metalurgia pesada. Fora fundações e a laje que cobre a praça rebaixada, tudo poderá ser [illegible]

[illegible]

■ MENÇÃO HONROSA

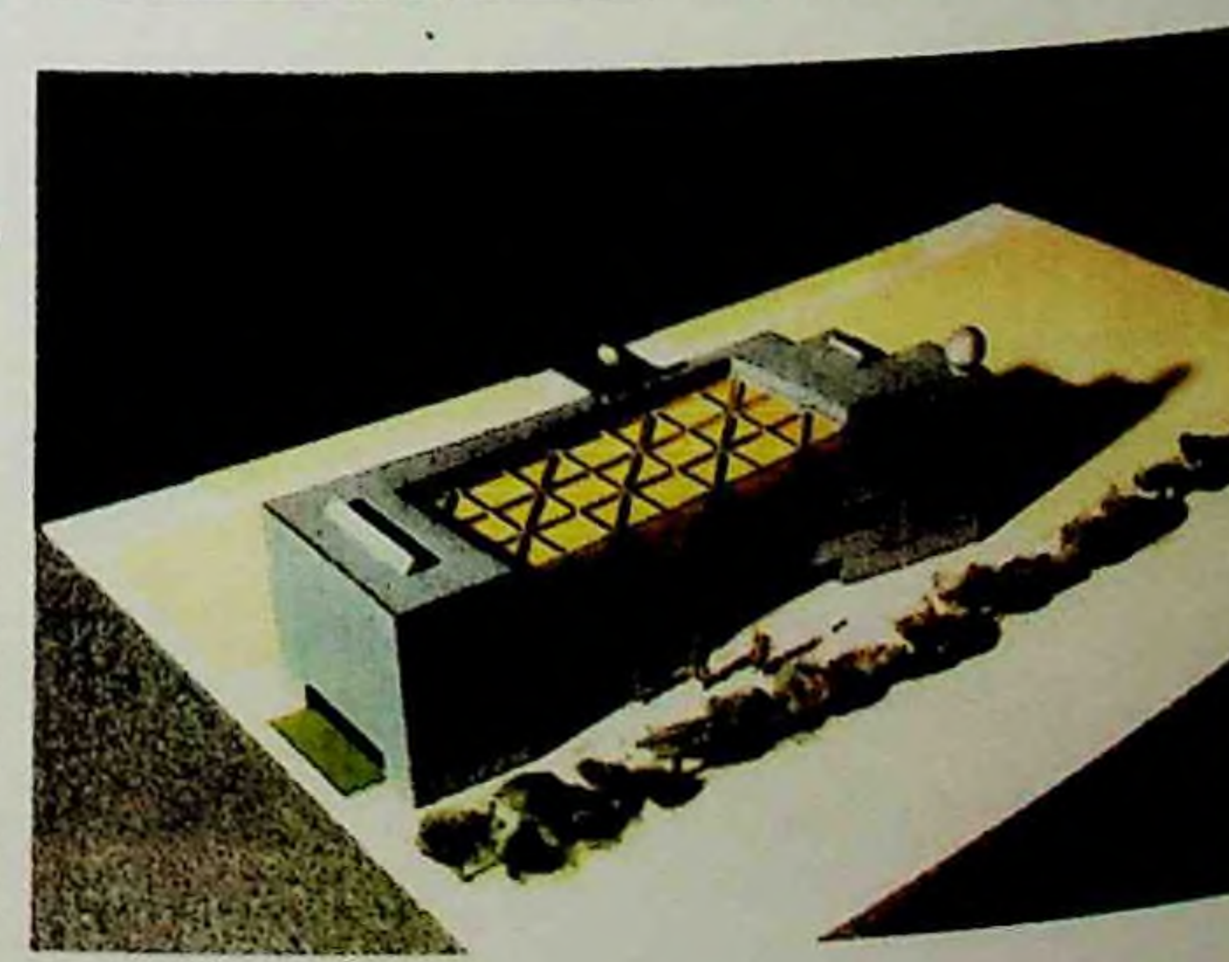


Equipe técnica
Arquitetura: *Letícia Zamorano, Ricardo Sá, Rosana Catanho*
Colaboradores: *Fábio Rangel, Flávio Freire Machado, Ermenegildo Pecorara*
Maquete: *Fernando Vitor Sobrinho*
Fotos: *Cícero P. R.*

Ficha técnica
Área construída: *5 137,69 m²*

Nosso objetivo não é mostrar ao mundo a versão "colônia" do Brasil, criando paralelismos com modelos culturais, ou apresentar um prédio datado e passivo. Viemos mostrar o Brasil para que vejam no que a colônia se transformou depois de quinhentos anos. Fez-nos-emos representar por um edifício em pé, que se mostra de uma forma ousada e diferente. Conquistaremos fron- [illegible]

■ MENÇÃO HONROSA

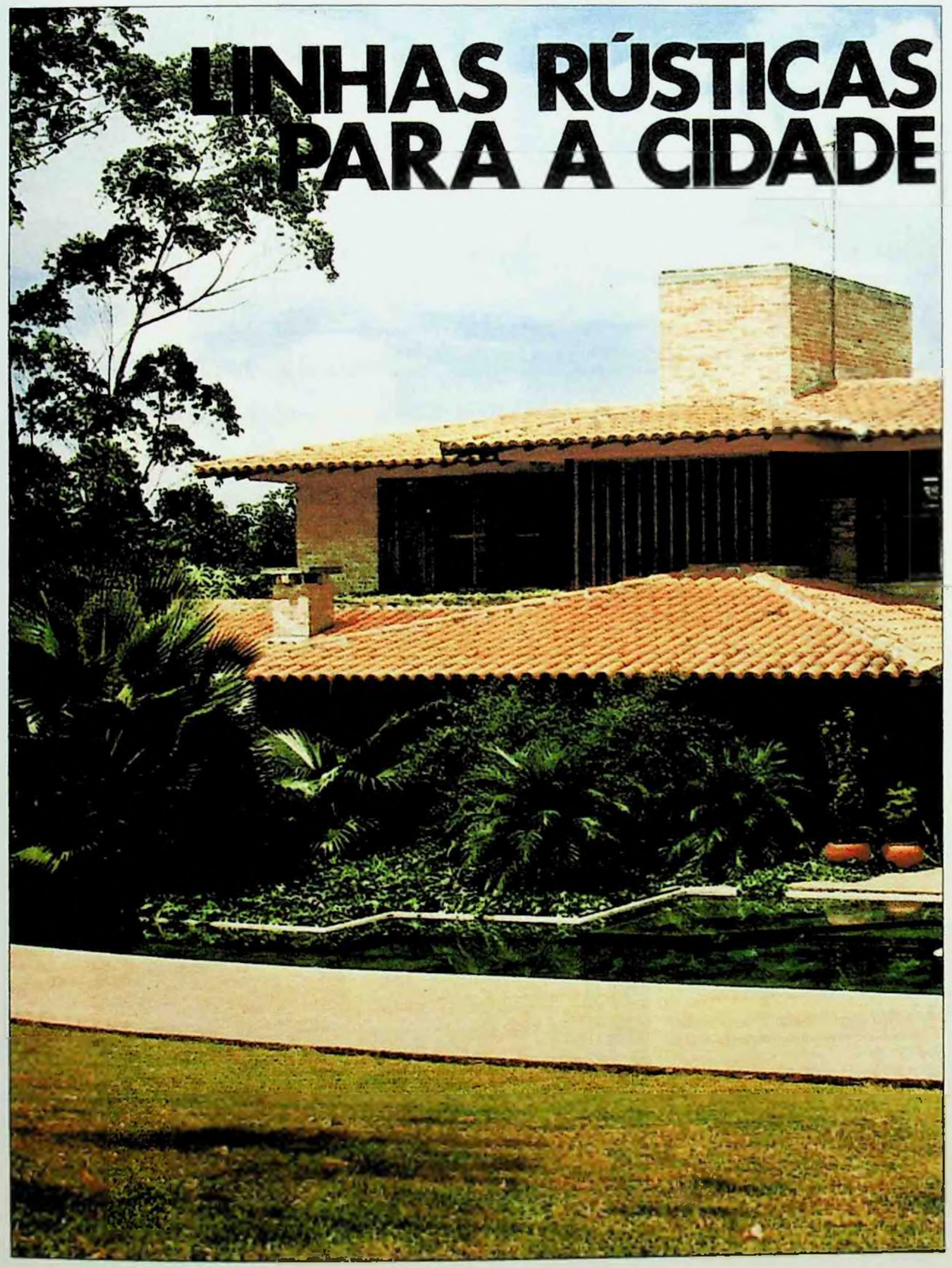


Equipe técnica
Arquitetura: *José Campolina*
Colaboradores: *Ronaldo Corrêa dos Santos Magalhães, Maria Beatriz Pedreira Alves*
Consultores: *Roberto Fortes (estrutura), Carlos Roberto Lacerda (elétrica e hidráulica), Péricles Silva (ar-condicionado e acústica)*

Ficha técnica
Área construída: *4 735 m²*

O pavilhão constitui um edifício-palco. Seu primeiro cenário é um espaço-praça (protegido da insolação desfavorável) que se abre generosamente para o calçadão do Caminho dos Descobrimentos, e dele participa. Nesse ambiente, incluem-se referências imediatas ao cotidiano brasileiro: o coreto (em ferro batido e trabalhado), o espelho de água com chafariz, o piso de paralelepípedos, o restaurante típico, passistas de samba e bandas de música etc. São contrapontos à presença da ampla trama estrutu- [illegible]

LINHAS RÚSTICAS PARA A CIDADE

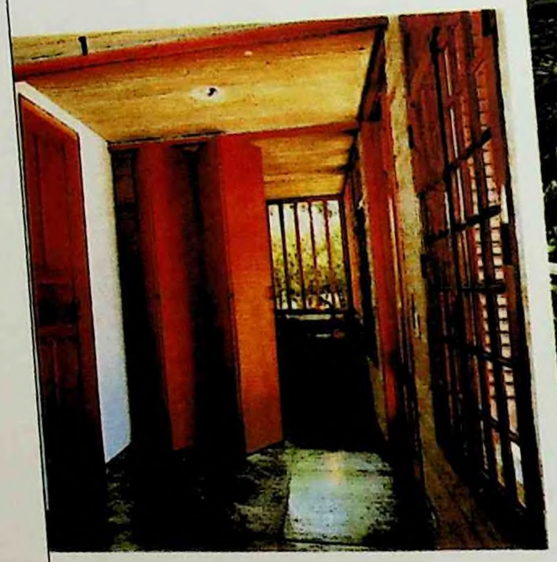


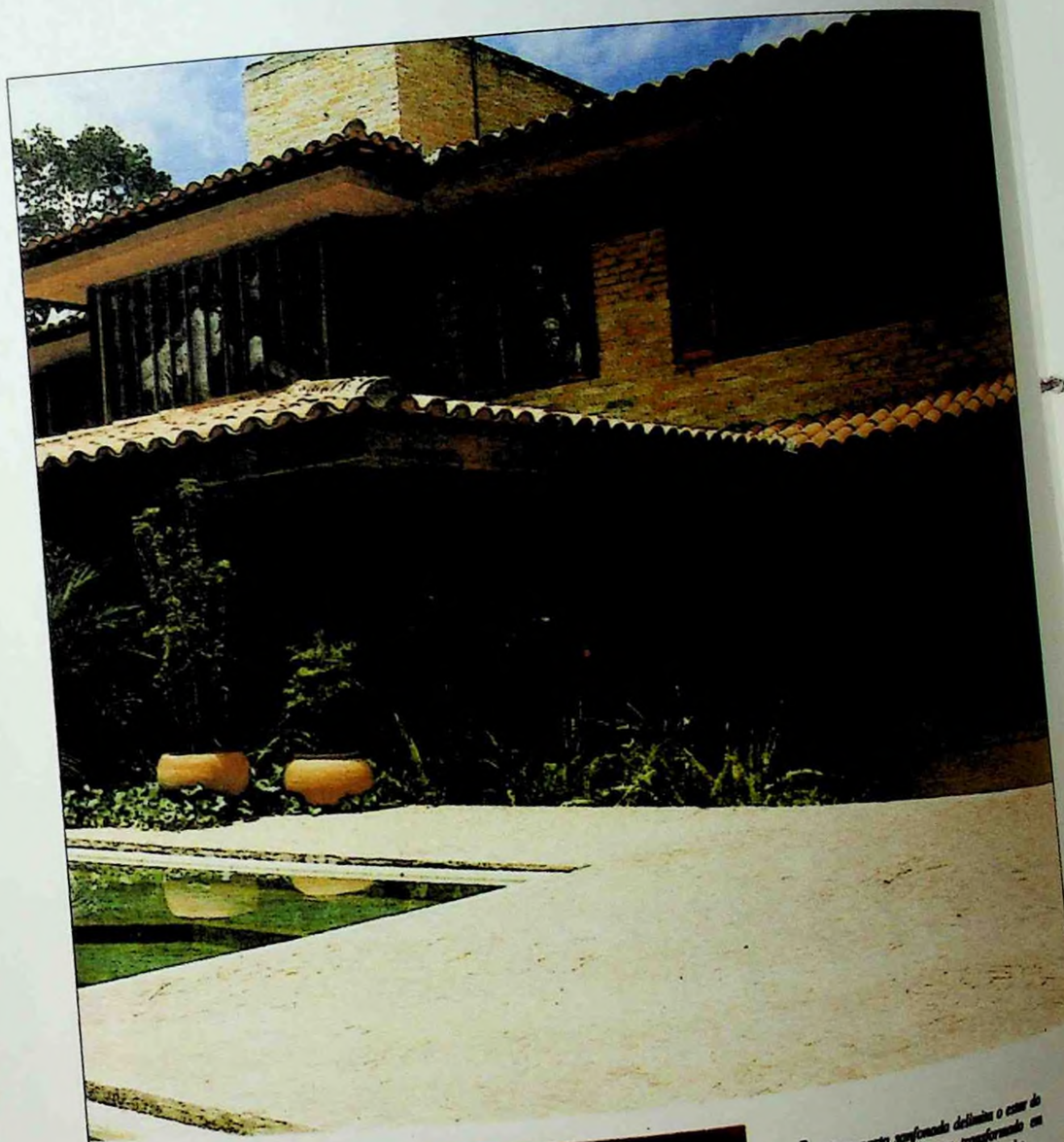
Implantada na divisa ao sul do terreno, a casa foi favorecida pela insolação; sua fachada principal volta-se para o jardim, onde a piscina de formato irregular é emoldurada pelo paisagismo. Contrastando com o verde, os materiais de demolição acentuam suas linhas simples.

REPORTAGEM: ELIANA MEDINA PEREIRA / FOTOS: RICARDO BREDA

Os materiais de demolição utilizados nesta proposta imprimem um clima de rusticidade à fachada, valorizada pela implantação da piscina e do jardim.

LINHAS rústicas para a cidade. *Arquitetura & Construção*, São Paulo, n.5, p.70-5, jun. 1991.





Um clima de aconchego. Esse foi o objetivo alcançado neste projeto, que une a rusticidade dos materiais de demolição — adquiridos anteriormente pelos proprietários — a uma bem elaborada composição paisagística, onde jardins e piscina voltam-se para a fachada principal. O aclive suave do lote de 1 550 m² favoreceu a proposta, implantada de forma compacta com 310 m², em dois pavimentos.

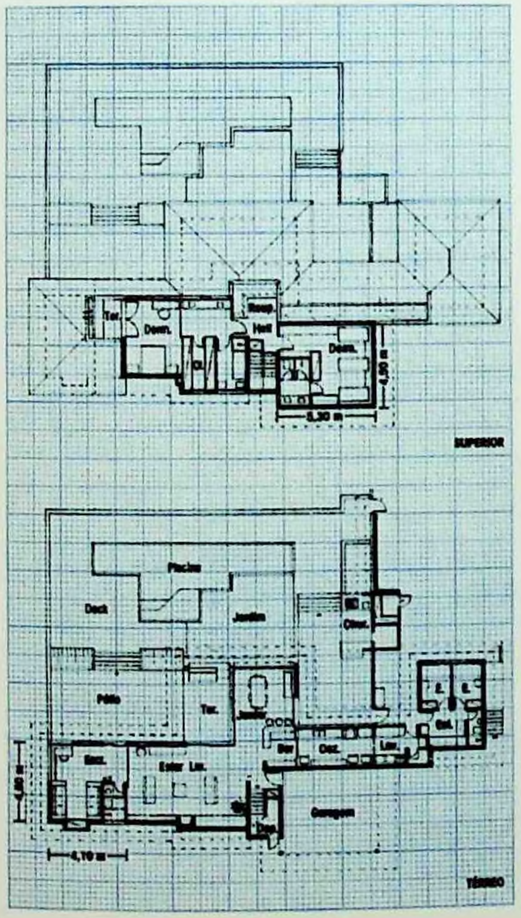
O tijolo de demolição reveste paredes internas e externas; para as esquadrias, janelas antigas foram recicladas. Um discreto jogo na cobertura dinamizou as linhas da fachada: o uso de vidro nas generosas aberturas integra visualmente a casa ao jardim, privilegiado pela piscina de formato irregular que atua como espelho d'água, emoldurado pela vegetação.

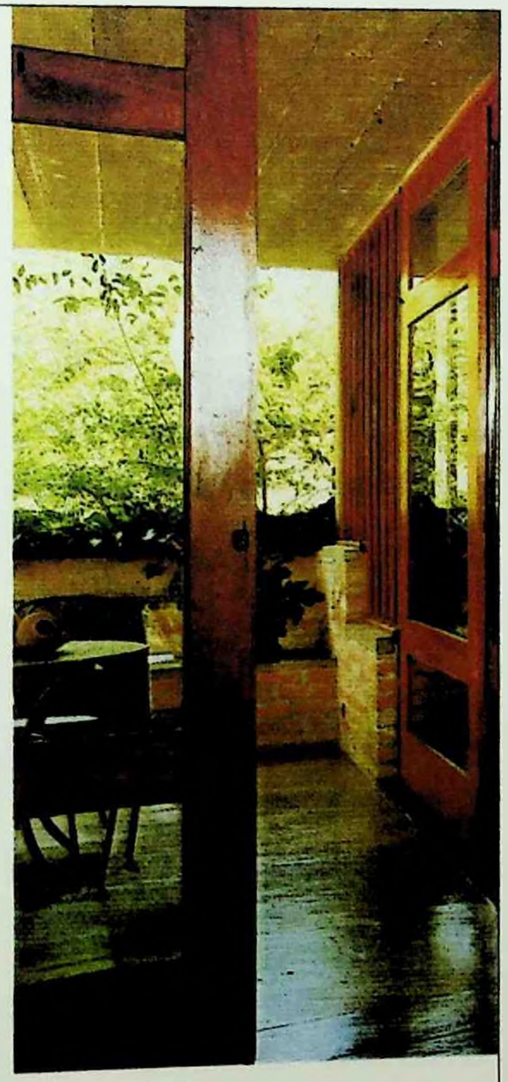
No térreo, jantar e estar com lareira interligam-se ao escritório — conversível em quarto de hóspedes — e ao bar, próximo à escada. Definindo o serviço, com cozinha, lavanderia e dependên-

1. *Uma porta sanfonada delimita o estar do escritório, que pode ser transformado em quarto de hóspedes, apoiado pelo lavabo.*

2. *A fachada rústica com tijolos de demolição integra-se ao paisagismo, onde a piscina atua como espelho d'água.*

3. *A alvenaria se incumbiu de abrigar armários e coifa na cozinha conjugada ao bar e à lavanderia. Impera a praticidade.*

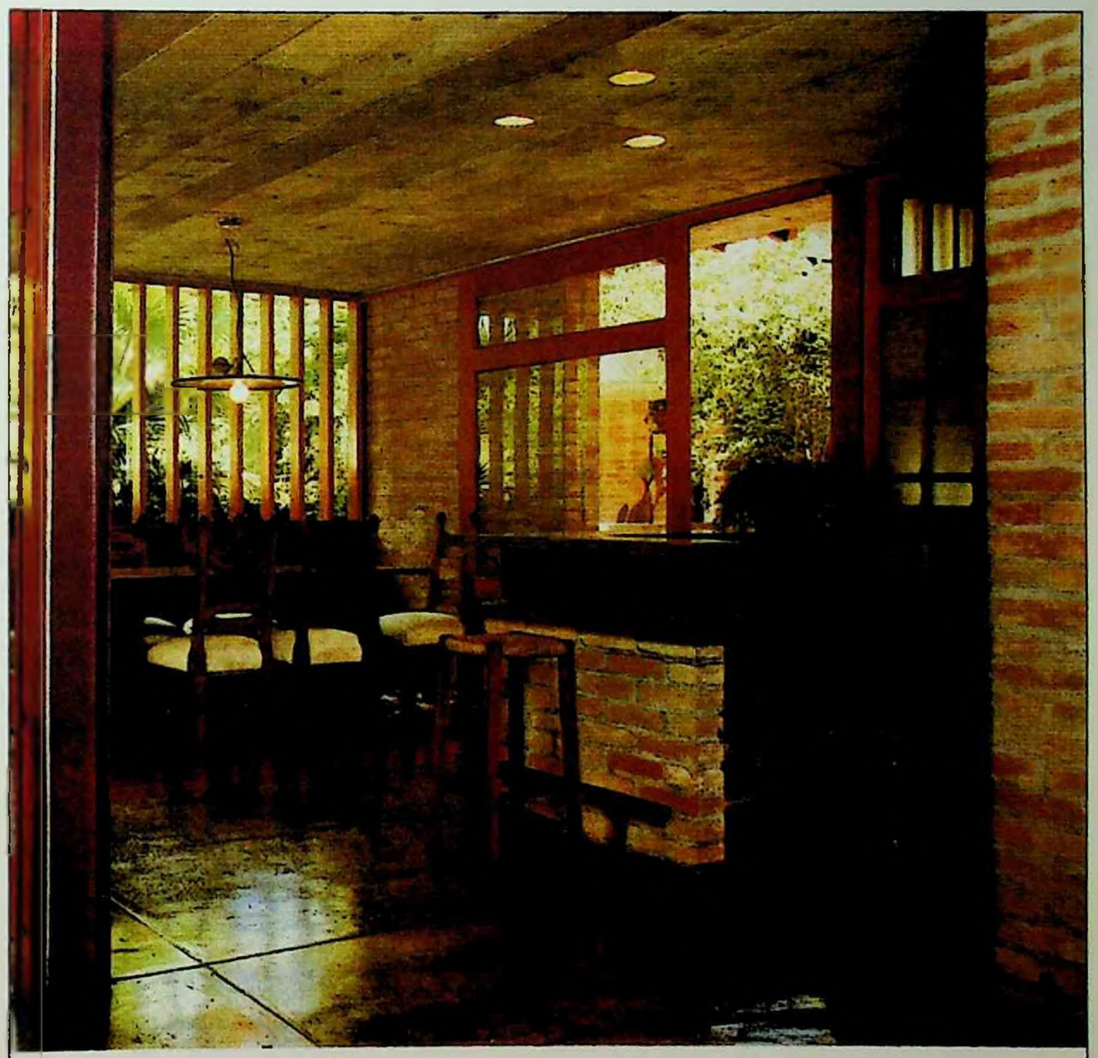




cias de empregada, o bar sugere o hall de acesso ao superior, onde a escada atua como eixo central.

É no segundo pavimento que a privacidade dos proprietários foi resguardada, onde as duas suítes foram providas de sala íntima, com ótima vista para o lazer. Acompanhando o clima despojado da proposta, o revestimento interno mescla madeira e cimento queimado.

Arquitetura: *Marcos Acayaba*
Construção: *Eng.º Sigismundo Monaco*



1. *A presença marcante do vidro — em divisórias ou no fechamento da alvenaria — integra todos os ambientes sociais.*

2. *Esquadrias de madeira fazem as prateleiras do bar, separadas da cozinha pelo painel de vidro jateado.*

Prédio-ponte pode valorizar Marginais

A ponte aliviaria o trânsito, e acima dela haveria andares para lazer e escritórios

TÃO GOMES PINTÃO
Especial para o Estado

A ocupação das áreas das Avenidas Marginais vai ser discutida neste semestre em pelo menos dois seminários promovidos por construtoras e imobiliárias. A motivação é óbvia: a valorização desse espaço urbano, especialmente na Marginal do Rio Pinheiros.

Segundo a Consultoria Bramberg, um metro quadrado para prédio de escritório está custando entre US$ 600 e US$ 2.500 (entre Cr$ 216.000 e Cr$ 882.000, pelo câmbio paralelo) na região do Rio Pinheiros, no trecho que vai da Avenida dos Bandeirantes à Ponte do Morumbi. Existem ali cerca de 600 mil metros quadrados de escritórios de construção recente, ou seja, com menos de sete anos.

Não é apenas a poluição que impede a cidade de usar seus rios. Antes de chegar à poluição deles é preciso atravessar quatro ou cinco pistas ocupadas por um tráfego onde se misturam carros de passeio e imensas carretas. São ao todo 700 mil veículos/dia. Entre o asfalto e aquilo que um dia foi um rio (e pode voltar a ser) sobrou uma nesga de terra. A recuperação e a urbanização dessa faixa de 44 quilômetros estrangulados pelas avenidas deve ser, na opinião de planejadores urbanos, condição para o projeto de recuperação do Tietê. Dificilmente o Estado e a sociedade estarão dispostos a investir bilhões de dólares para recuperar um rio inacessível, onde as pessoas não podem molhar a mão. É preciso inventar um espaço entre a avenida e o rio para que alguma coisa respire ali.

COMO EM FLORENÇA

Considerações como essa estão por trás da idéia do arquiteto Marcos Acayaba de construir prédios-ponte nas Marginais, apresentada no bojo de um grupo de estudos que se reuniu no ano passado para discutir habitação em São Paulo. O grupo era patrocinado pela Construtora Método e coordenado pela marchande Regina Boni. Das reuniões desse grupo resultou um livro que será lançado oficialmente em agosto. Segundo Acayaba, o prédio-ponte será um dos caminhos para tirar as Marginais e os rios da sua situação de quintal malcuidado e colocá-los na frente da cidade.

A concepção do prédio-ponte não é nova. Remonta à Idade Média, quando as pontes tinham função ativa. Serviam como ruas comerciais ou residenciais. Ponte Vecchio em Florença, Le Pont Neuf em Paris e Rialto em Veneza abrigaram os mercados mais importantes dessas cidades. Em 1960 foi apresentada a maquete de uma verdadeira cidade-ponte sobre o Rio Hudson, em Nova York, compreendendo a ponte propriamente dita, na forma de estrutura tubular, e mais uma variedade de equipamentos que poderiam abrigar 100 mil pessoas.

No caso de São Paulo, a ponte em si ajudaria no problema do trânsito, gravíssimo na região das Marginais. Acima dela, um mezanino poderia funcionar como rua de comércio ou lazer. Para o alto, apartamentos ou escritórios, dependendo da vocação do local.

O conjunto faria parte de um projeto de urbanização da área em volta. Acayaba imagina que uma construtora, ou um consórcio de empresas, poderia se interessar pela construção e comercialização do edifício-ponte e em troca responsabilizar-se pelos 500 metros antes e depois da ponte.

UTOPIA E NOSTALGIA

Os números para uma obra desse vulto são muito altos, mas a própria valorização detectada na região da Marginal do Pinheiros poderá tornar viável um projeto desse tipo. Afinal, os terrenos onde os prédios se apoiariam já pertencem ao poder público, um parceiro inevitável da operação.

Não é a primeira vez que surge um projeto, ou pelo menos uma idéia, para as áreas das Marginais. Na gestão Jânio Quadros, o arquiteto Oscar Niemeyer chegou a desenhar uma nova Marginal do Tietê, afastada do rio e correndo entre jardins. Uma coisa no estilo aterro do Flamengo, no Rio. A idéia era muito mais utópica do que a do prédio-ponte. Niemeyer considerava possível, por exemplo, desapropriar tudo o que existe entre o Tietê e o Memorial da América Latina. Imaginava desapropriar metade do Bairro do Pari.

Acayaba acha que o projeto Niemeyer tinha um vício básico: nostalgia. Nostalgia do verde, nostalgia até da praia, duas instituições que não têm muito a ver com o espírito desta cidade. O que ele propõe com os seus prédios é a integração na direção inversa. A transformação das faixas das Marginais numa coluna vertebral da metrópole. Um eixo metropolitano ativo.

A interdependência entre a urbanização da área e o projeto de recuperação do Tietê salta aos olhos. A União Pró-Tietê começou sendo utópica à sua maneira, mas já obteve alguns resultados palpáveis. Seus coordenadores contabilizam na coluna "haver" pelo menos US$ 350 mil para a montagem de uma infra-estrutura que viabilize o programa. Boa parte desse dinheiro, ao que se sabe, está assegurada pelo Unibanco, da família Moreira Salles. E os Moreira Salles estão vivendo o problema das Marginais e dos rios de muito perto já há algum tempo.

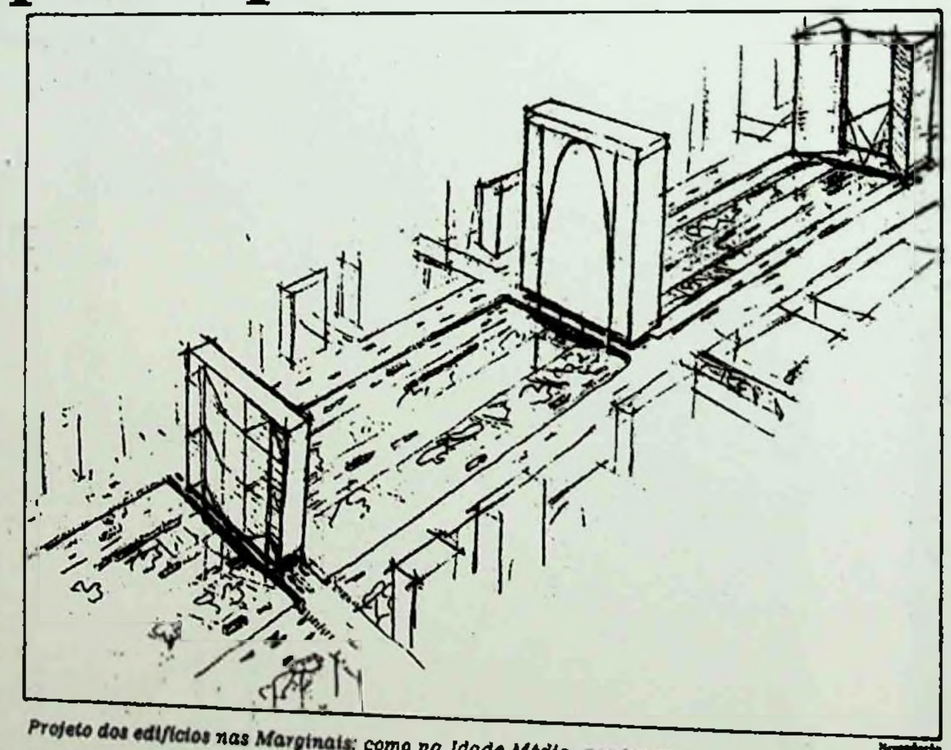
ABSTRAÇÕES

Há dois anos, o banqueiro Pedro Moreira Salles estudou a possibilidade de arborizar as margens do Pinheiros no trecho entre a Avenida Rebouças e a Ponte do Morumbi. Nesse trecho o Unibanco tem sua sede, no edifício apelidado Idi Amin, junto ao Shopping Eldorado, e está construindo um grande centro empresarial perto da Avenida Morumbi, no outro extremo do trecho. O Unibanco chegou a encomendar estudos para um técnico da Fazenda Cambuí, onde o Moreira Salles mantêm um laboratório ecológico.

Essa proximidade com o problema não é apenas um detalhe sem importância. Uma das dificuldades da questão ecológica, no Brasil, é a distância entre a chamada conscientização e a prática. Até agora, na maioria das campanhas "verdes" o objeto do interesse vinha sendo colocado a centenas ou milhares de quilômetros. A Juréia e o micoleão são abstrações para a maioria das pessoas da cidade.

A campanha pró-Tietê tem o valor adicional de mostrar a quem mora em São Paulo que o meio ambiente não fica necessariamente no Pantanal ou no Golfo Pérsico. Na realidade, começa ali mesmo no rio, na Marginal. Enfim, na nossa porta. O Tietê, e por decorrência o Pinheiros, não podem mais ser vistos como um escoadouro que corre no fundo de casa. Não basta controlar a poluição convencional. Trata-se de uma mudança de atitude por parte da cidade.

Na última limpeza do Tamanduateí (na gestão Jânio Quadros, claro) foram encontrados três chassis de Kombi



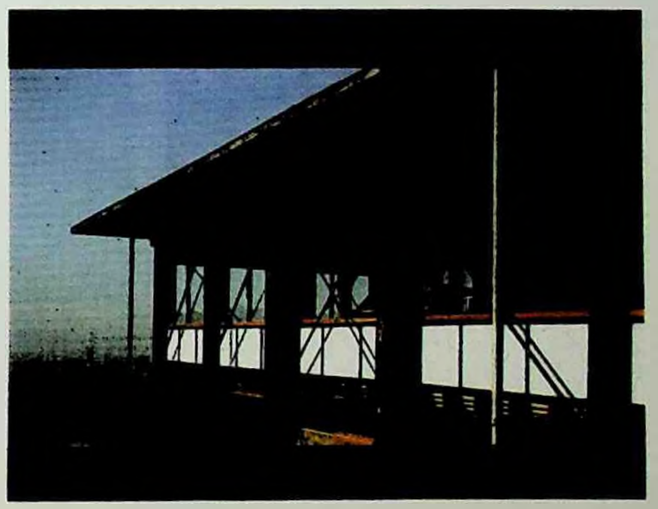
Projeto dos edifícios nas Marginais: como na Idade Média, pontes se tornariam fontes de lucro

Reprodução

ESTRUTURA EM MADEIRA

TRÊS PARTIDOS

Na tentativa de extrair da matéria seu "espírito imortal", Marcos Acayaba lida com a mesma fluência diversos materiais. As três casas aqui apresentadas constituem um dos caminhos que se fundamenta na investigação do potencial plástico e estrutural da madeira. Ensaios, e não modelos, cada projeto uma resposta única a programa e lugar específicos, confirmam possibilidades tecnológicas do material, ainda pouco exploradas no Brasil.



RESIDENCIAS

"Creio na beleza. Na manifestação visível do espírito elevado de um artefato qualquer: objeto ou edifício onde toda a matéria incorporada tem existência espiritual plena porque trabalha, onde nada sobra, nada falta." Este pensamento de Marcos Acayaba, expresso em tom religioso, auxilia à compreensão da sua arquitetura.

Ao longo da sua atividade profissional delineou-se um perfil que desafia classificações. Do curso de estrutura em concreto da Fauusp, onde se formou em 68, veio o domínio sobre sistemas estruturais. Concreto, madeira, aço são, para ele, matérias em trabalho permanente, com infinitas possibilidades tecnológicas. "Escola é tirania — argumenta — utilizo qualquer material ou desenho, numa atitude meio antropofágica."

Apesar do pluralismo, transparece em cada trabalho uma expressão única, reconhecível. Na opinião de Marc Émery, editor da revista Architecture d'Aujourd'hui, trata-se de uma "escritura" própria, singular, que diz respeito ao material mas não faz dele sua linguagem.

Talvez esta liberdade ofereça uma alternativa ao dogmatismo que caracterizou a arquitetura brasileira nos últimos tempos. Ou, pelo menos, sirva para ampliar o interesse por materiais e técnicas menosprezados no Brasil.

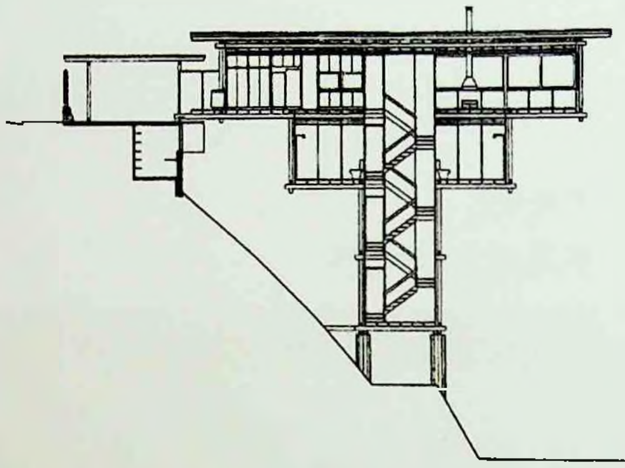
"Enquanto o concreto, sob o discurso do formalismo, foi eleito material plástico por excelência, praticamente se esqueceu da madeira, que resiste muito melhor à flexão e cresce, aqui, três vezes mais rápido que na Europa, por exemplo." Acayaba observa que a madeira não é material predatório, pois se repõe. É errado identificá-la com trabalho artesanal, comenta, citando a Alemanha e a Finlândia como países tradicionalmente ligados à construção em madeira, com alta tecnologia. Lembra, também, soluções brilhantes de pré-fabricação como as "uzonian houses" projetadas por F. L. Wright em meio à recessão dos anos 30/40.

O interesse pela madeira foi despertado pela mesma fonte que encantou arquitetos como Mies, Taut, Wright, entre outros: o Japão. Estudando a filosofia zen, descobriu, por exemplo, como a equivalência entre espaço e tempo se transporta para a arquitetura, insinuando sempre a perspectiva de transformação. "Certos princípios como leveza, transparência e essencialidade foram adaptados à industrialização construtiva, e isso me fascinou — conta. Hoje, no Japão, compram-se peças de estrutura e em um dia monta-se uma casa. Isso é racionalização."

Atualmente, o arquiteto admite certa preferência pelo trabalho com a madeira, principalmente em residências. Na maioria dos projetos, tem utilizado o angelim, madeira compacta encontrada no Pará, cuja resistência dispensa tratamento. "São projetos disciplinados, enxutos, onde a estrutura está sempre exposta e a verdade estrutural é muito tranqüila."

ESTRUTURA em madeira: três partidos. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.36, p.27-33, jun./jul. 1991.

RES. HÉLIO OLGA, SÃO PAULO, SP



O projeto surgiu amparado nas primeiras experiências com madeira, resultado da intenção do proprietário (engenheiro civil, calculista e fabricante de estruturas em madeira) em testar um protótipo industrializado e comprovar sua viabilidade de execução em terrenos muito acidentados.

Em função da orientação, o corpo principal da casa, ao contrário da implantação mais comum em terrenos de declividade extrema como esse (27 m de declive em 30 m de extensão), se desenvolve perpendicularmente às curvas de nível.

Programa e estrutura foram trabalhados em paralelo, até chegar à solução estrutural simétrica (20 módulos de 3,30 m x 3,30 m), equilibrada em termos de peso, que evita desperdícios e incorpora como conteúdo requisitos do próprio programa, como os dormitórios inferiores.

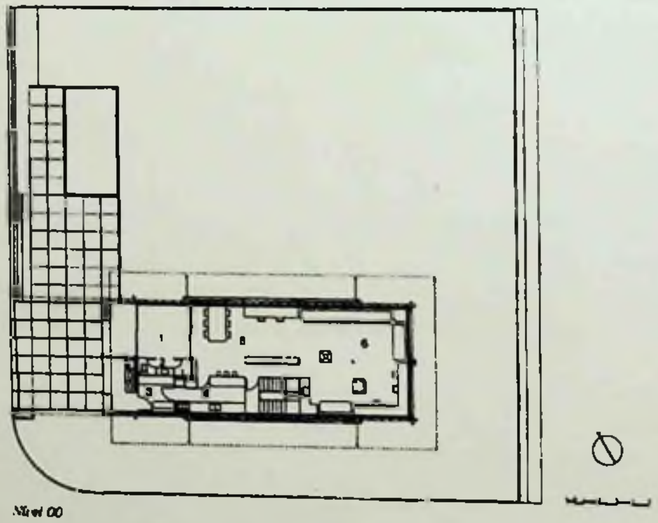
Seis tubulões de concreto armado, com 18 m de profundidade, afloram do solo e apóiam em nível a estrutura, mantendo intacto o perfil original do terreno.

Basicamente, a estrutura compõe-se de três pórticos treliçados formados por pilares e vigas de madeira angelim — simples nas extremidades e duplos no centro — travados nos nós de encontro por tarugos em aço galvanizado onde estão rosqueados vergalhões de atirantamento transversal. As peças externas têm seção igual a 14 cm x 19 cm, enquanto as internas têm 14 cm x 14 cm.

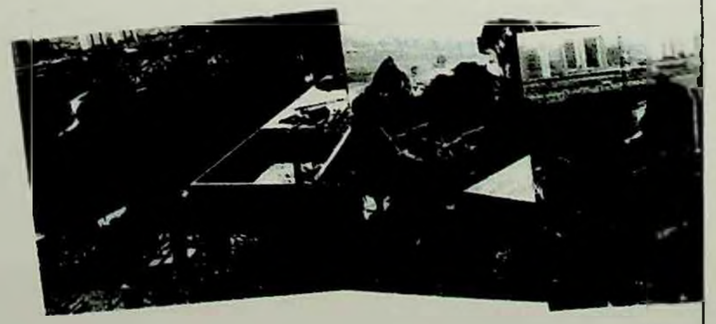
Também o piso — assoalho de madeira sucupira sobre barrotes — cumpre papel estrutural, no travamento contra deformações de torção, transferindo às treliças secundárias as cargas dos pavimentos superiores. O bloco de acesso, paralelo à rua, onde estão garagem, depósitos e piscina, em estrutura de concreto convencional, responde pelo travamento contra ventos laterais.

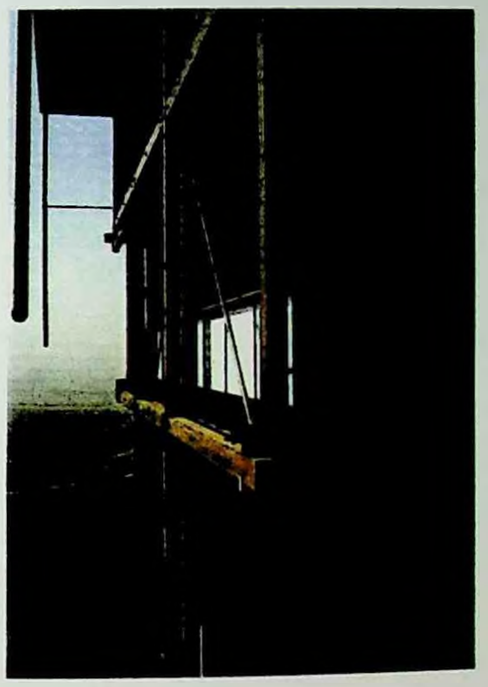
A escada, contida num módulo de 3,30 m, é atirantada na viga do telhado, superdimensionada em função da necessidade de amarração da folha de alumínio da cobertura, cuja curvatura é feita por terças de altura variável.

Toda a estrutura, pré-fabricada e sem encaixe, foi montada por três pessoas em 45 dias, a partir do balanceamento da treliça principal, sem necessidade de escoramento. Esse sistema dispensa canteiro de obras e minimiza o percentual de desperdício na obra, reduzindo pela metade o custo final em relação à construção convencional em terrenos do mesmo tipo.

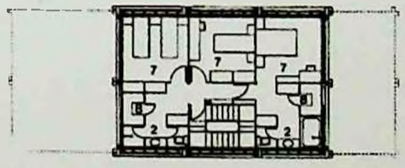


Nível 00

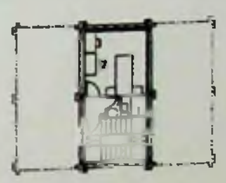




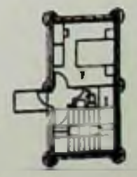
1. Acesso
2. WC/banho
3. Lavanderia
4. Cozinha
5. Jantar
6. Estar
7. Dormitórios
8. Closet



Nível -3, 30



Nível -6, 60



Nível -9, 90

Equipe Técnica

Autor: arq. Marcos Acayaba
Colaboradores: arqs. Mauro Halluly, Edson Hiroyama e Tânia Shirakawa
Autor de projetos complementares: eng. Hélio Olga de Souza Jr. (estrutura e instalações)

Ficha Técnica

Localização: Jardim Vitória Régia, São Paulo, SP
Área do terreno: 900 m²
Área construída: 200 m²
Ano do projeto: 1987
Conclusão da obra: 1991
Construção: Ita Comercial e Construtora
Principais fornecedores: Wall (painel de fechamento); Alcan (telha)

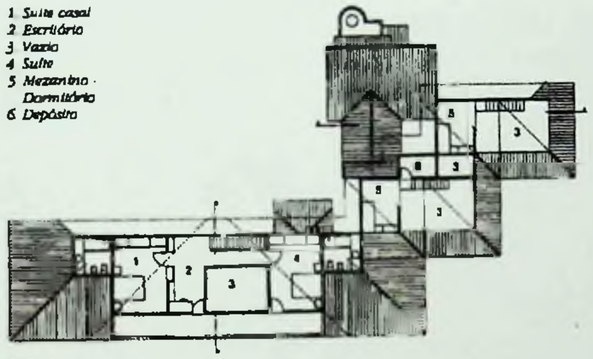
RES. ANDREA CALABI, GUARUJÁ, SP

Um belo terreno sombreado por árvores sobre um morro e a vista invejável de três praias definiram o partido da residência Calabi. A idéia era fundir espaços internos e externos, aproximar a natureza, aproveitando ao máximo a geografia local. Por isso a implantação surpreendente do mirante no extremo do terreno, conectado por uma ponte ao corpo da casa.

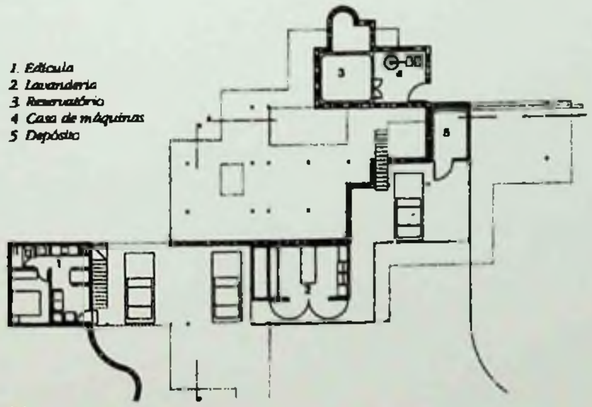
Construída em dois níveis sobre pilotis, com 650 m², a casa incorpora a fluidez dos espaços, de inspiração nitidamente japonesa. O jogo de telhados articulados se destaca, mas é neutralizado pelo tom avermelhado da telha e do revestimento das paredes em afresco de massa de pó-de-tijolo.

Toda matéria trabalha. E, quando uma encontra outra, o detalhe aborda todos os componentes acentuando as características de cada um. Por exemplo, a articulação da alvenaria de fechamento em tijolo com as peças estruturais em angelim é resolvida com um sarrafo de madeira, em toda extensão da junta, para evitar formação de trincas decorrentes do trabalho das fibras da madeira.

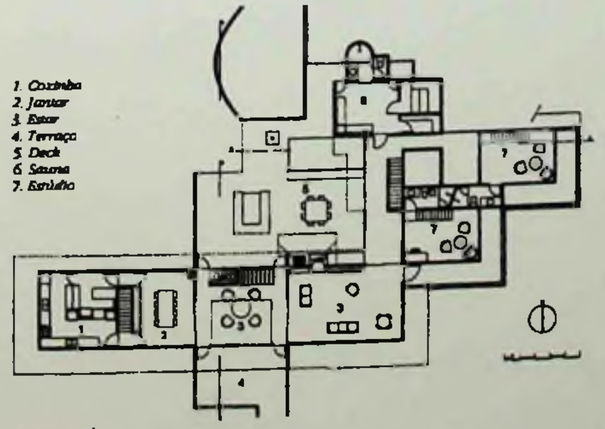
A menção ao detalhe se estende às esquadrias, desenhadas em escala 1:1 no escritório. Cada abertura foi estudada em função da iluminação e ventilação dos ambientes, e oferece sempre alternativas de fechamento com vidro, veneziana ou tela.



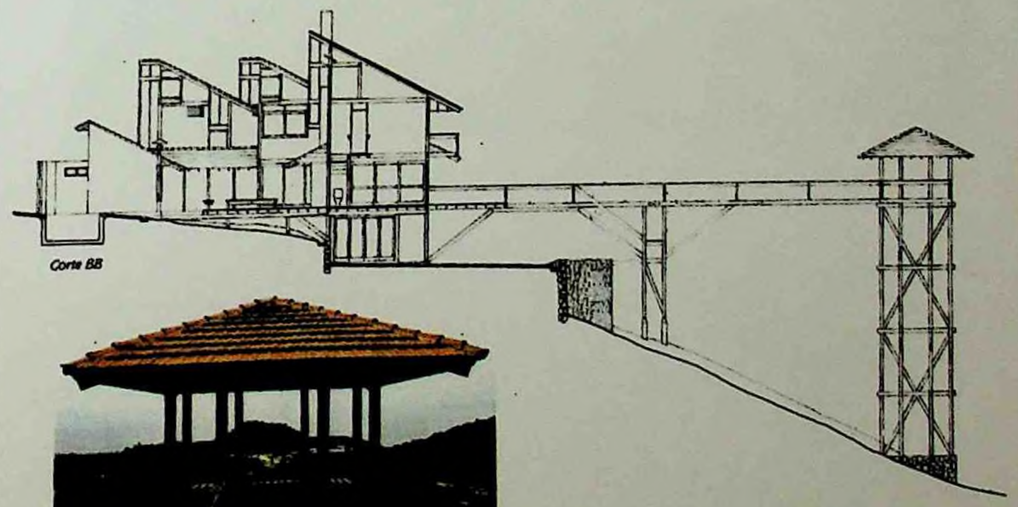
2º Pavimento



Pilotis



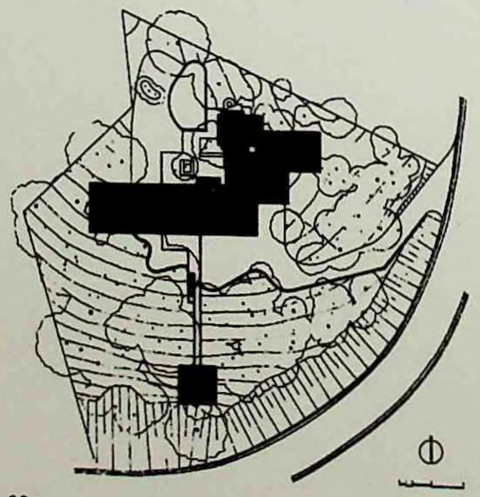
Pavimento térreo



Corte BB

ESTRUTURA em madeira: três partidos. *AU-Arquitetura & Urbanismo*, São Paulo, n.36, p.27-33, jun./jul. 1991.

Fotos: Jorge Hirata



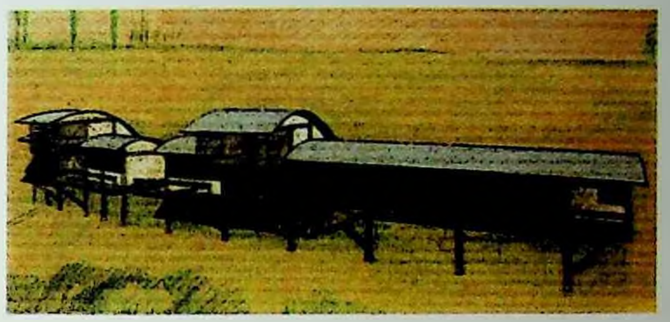
Equipe Técnica

Autor: arq. Marcos Acayaba
Colaboradores: arqs. Mauro Halluly, Adriana Aun e Suely Mizobe
Autores de projetos complementares: eng. Hélio Olga de Souza Jr. (estrutura); Sondretec (instalações)

Ficha Técnica

Localização: Iporanga, Guarujá, SP
Área do terreno: 2.800 m²
Área construída: 665,7 m²
Ano do projeto: 1989
Conclusão da obra: 1991
Construção: Construtora Fairbanks e Plink

RES. FERNANDO ALBINO, CAMPOS DO JORDÃO, SP



O terreno de 25 mil m² apresenta desnível de 70 m e inclinação de quase 100%, em mata natural.

O projeto procura conservar as características naturais do lugar, e também explorar ao máximo a vista que se abre à cidade da cota mais elevada do terreno. Considerando que qualquer acesso através de via carroçável provocaria grandes interferências no sítio, foi projetado um funicular em estrutura metálica para ligação entre o nível mais baixo — onde estão garagem, dependência de caseiro e cocheira — e o nível superior, onde estão a casa e a área anexa de lazer.

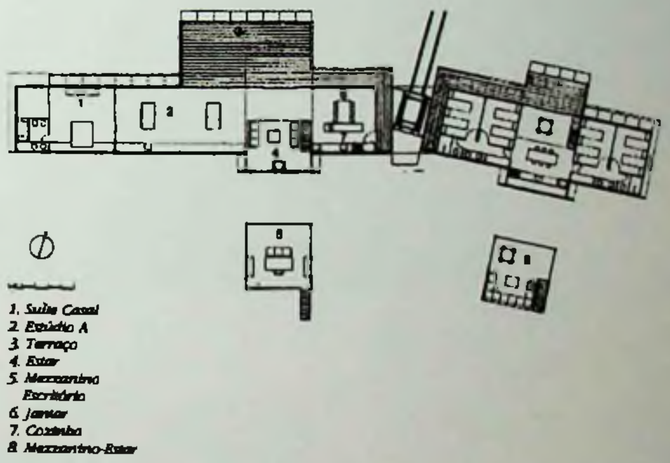
A casa se implanta ao longo das curvas de nível, com orientação para o norte e para a paisagem. A partir da chegada do funicular, desenvolve-se segundo modulação de 1,20 m x 1,20 m em duas alas nitidamente distintas para acomodar com autonomia casal e filhos. Em cada setor, parte da cobertura se eleva para cobrir mezaninos solicitados pelo cliente como espaços de maior recolhimento e contemplação.

Ao longo da fachada principal, estendem-se *decks* balanceados por mãos-francesas e peitoris como suporte de coletores solares para aquecimento da água e dos ambientes — a cidade fica na serra da Mantiqueira, numa região muito fria.

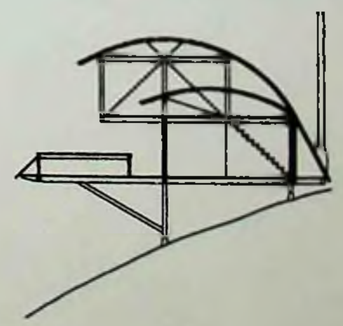
A cobertura em telha trapezoidal de alumínio trabalha como uma "capota", protegendo a face sul sobre a qual incidem ventos carregados de umidade. Para conformar a curvatura é usado sistema semelhante a arco e flecha: cambotas de madeira tracionadas, apoiadas sobre as vigas longitudinais da fachada, a cada 2,40 m, nas quais se fixam o compensado e a lã de vidro que compõem o isolamento térmico sob a telha. Os arcos da cobertura, assim como todos os elementos estruturais, têm transporte e montagem facilitados porque chegam à obra como peças de um jogo de armar, cortadas e numeradas.

A fundação é direta, com sapatas e blocos de concreto sustentando pilares de madeira (14 cm x 14 cm) que elevam a casa do solo como uma plataforma lançada ao espaço.

ANA LUIZA NOBRE



1. *Suíte Casal*
2. *Estúdio A*
3. *Terraço*
4. *Estar*
5. *Mezzanino Escritório*
6. *Jantar*
7. *Cozinha*
8. *Mezzanino-Estar*



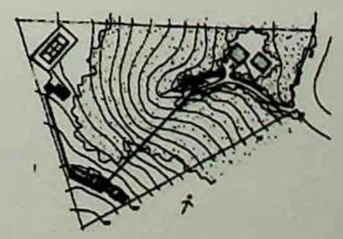


Foto: Wanderley Ballard

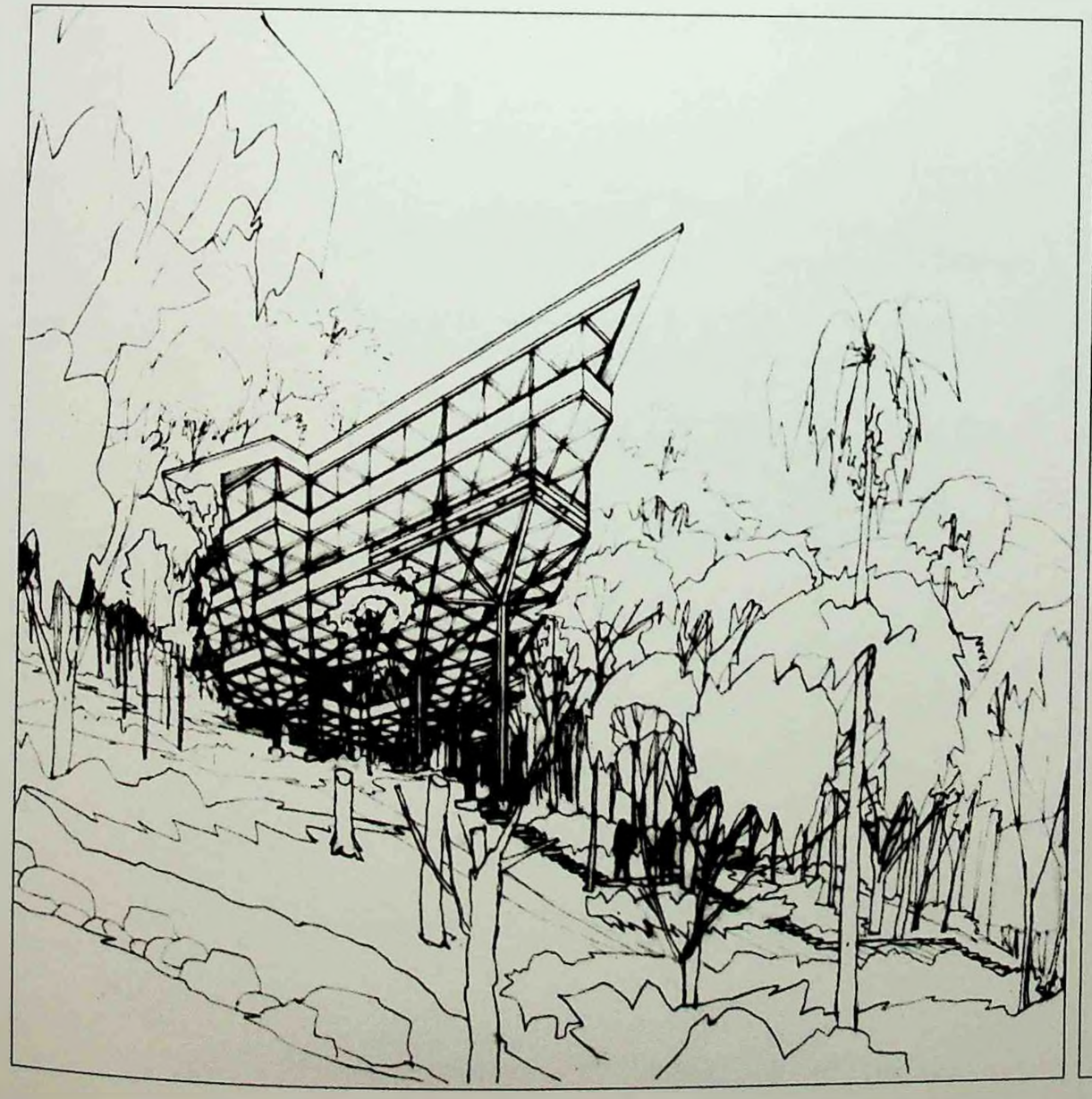
Equipe Técnica

Autor: Marcos Acayaba
Colaboradores: arqs. Mauro Halluly, Tânia Shirakawa
Autores de projetos complementares: eng. Hélio Olga de Souza Jr. (estrutura); Sondretec (instalações); eng. Frederico Cepa (piano inclinado)

Ficha Técnica

Localização: Jardim Toriba, Campos do Jordão, SP
Área do terreno: 25 mil m²
Área construída: 282,5 m²
Ano do projeto: 1990

EDITORIA Caramelo. ACAYABA. (Entrevista c/ Arq. Marcos Acayaba). *Caramelo*, FAU USP, São Paulo, n.3, p.6-13, out. 1991.



E N T R E V I S T A

ACAYABA

Editoria Caramelo

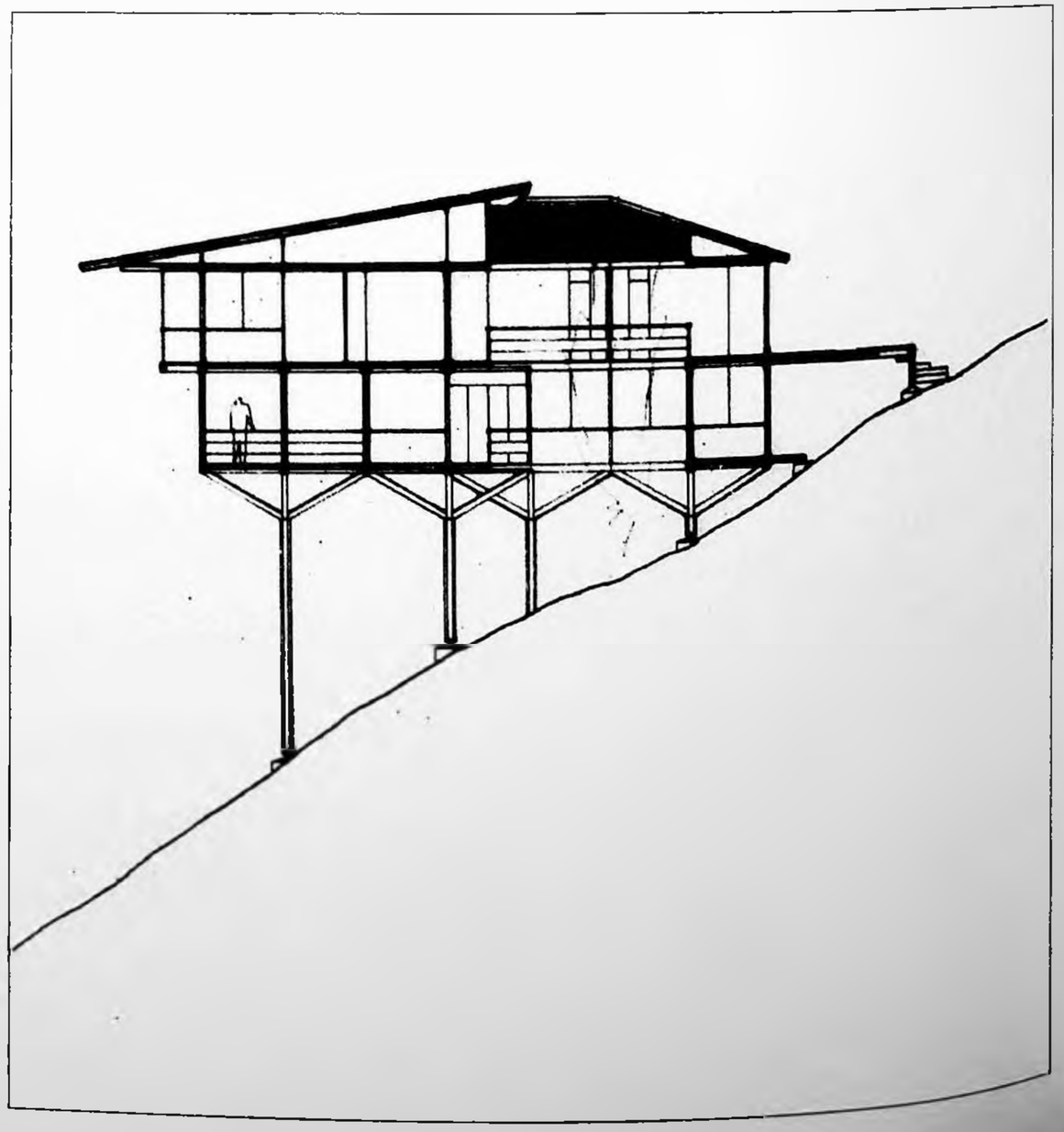
Não é novidade que a arquitetura brasileira vem enfrentando um período de crise. Não se trata, no entanto, de responsabilizar unicamente os arquitetos por essa situação, que no fundo reflete as condições do país nesses últimos vinte anos. No entanto, é preocupante a queda qualitativa, a baixa qualidade do ensino, a falta de seriedade da crítica e o descaso com a questão da linguagem arquitetônica. A nível de desenho o que tem sido produzido de legítimo e original é pouco significativo. O que houve foi uma inconsequente importação de formas e teorias inadequadas à nossa realidade, ou uma certa vulgarização dos modelos da arquitetura moderna brasileira.

No entanto, existem exceções: arquitetos que, sem abrir mão de certas conquistas da arquitetura brasileira, continuaram a produzir obras significativas. Destacamos aqui o arquiteto paulista Marcos Acayaba. Em sua obra a liberdade técnica e formal resulta de uma experimentação consciente, numa linguagem nova, contemporânea. É o que se vê claramente em seu projeto para o Pavilhão de Sevilha e em suas recentes casas em madeira industrializada.

Nesta entrevista, Marcos Acayaba fala de seu período de estudante e professor da FAU e da importância dos mestres Frank Lloyd Wright e Vilanova Artigas em sua formação. Apresenta ainda seu último projeto, uma casa no Guarujá.

ACAYABA: Esses clientes chegaram pra mim e colocaram a seguinte coisa: "Queremos uma casa que preserve as árvores do terreno: há uma mata natural maravilhosa. Sabemos que para preservar vamos ter que fazer alguma coisa que não toque o terreno, uma coisa solta". A casa fica elevada onde está garantida a vista para o mar, ficando a piscina embaixo, já mais próxima da praia. Eles vieram com um programa enxuto, correto. Eu acho que você não faz arquitetura sem um bom programa. Difícil. Pode fazer uma coisa razoável, bem composta, bonitinha, mas não é arquitetura. O cliente é fundamental. Para resolver o programa nessa topografia, preservar as árvores e conseguir o máximo de vista, eu tinha decidido trabalhar com uma malha triangular de 1,25m. A hipótese era trabalhar com esses painéis pré fabricados, que têm 1,20m, mais os montantes, no caso, acaba dando 1,25m. Essa estrutura teve várias versões até chegar nestas árvores com pilares centrais a cada hexágono da planta. Desses pilares centrais saem mãos francesas, que têm a virtude de concentrar as cargas num mínimo de fundação. A idéia desde o início foi produzir tudo isso numa fábrica, levando pronto, com todos os encaixes cortados para montar tudo no local. A única coisa que vai ser feita lá são as fundações. Esta aqui é a arquitetura de componentes e montagem, de estruturas pré-fabricadas, onde você não pode deixar o detalhe para mais adiante. Por isso fui direto na escala 1:50 e no tecnígrafo.

EDITORIA Caramelo. ACAYABA. (Entrevista c/ Arq. Marcos Acayaba). *Caramelo*, FAU USP, São Paulo, n.3, p.6-13, out. 1991.



O projeto mesmo é simples. São dois andares com planta praticamente simétrica. Tem esse vazio no meio, que é um espaço por onde passam árvores. A suíte do casal é toda aberta pra frente. Tem dois pares de dormitórios com banheiro aberto e o lavatório no terraço. O andar de baixo volta-se para o terraço. Você tem uma cozinha, despensa com portas de correr e lavabo. Uma salinha de estar, onde depois eles me pediram uma lareira que vai dar prá colocar tranquilamente. A cobertura é de alumínio por causa das árvores. Se as folhas caíssem sobre as telhas de barro seria um problema. E também por causa do peso. Essa casa deve ficar muito leve. Todos os pisos são de madeira, só nas áreas molhadas entra fibra de vidro. A estrutura é toda de madeira.

A perspectiva dá uma boa idéia do que é essa construção. Essa é uma perspectiva exata, geométrica, sem margem de engano nas proporções. Quando eu era estudante da FAU fazia perspectiva para arquitetos e professores, como profissional. Na época eu fazia direto, sem montar, olhando a planta. Ficavam boas, eu procurava me aproximar da realidade. Agora, quando já arquiteto profissional, comecei a fazer perspectiva para mim mesmo, o que interessava era fazer uma definição do produto (claro que a apresentação para o cliente também era importante). Eu queria aferir e até poder corrigir e controlar coisas. Desde então tenho feito perspectivas exatas.

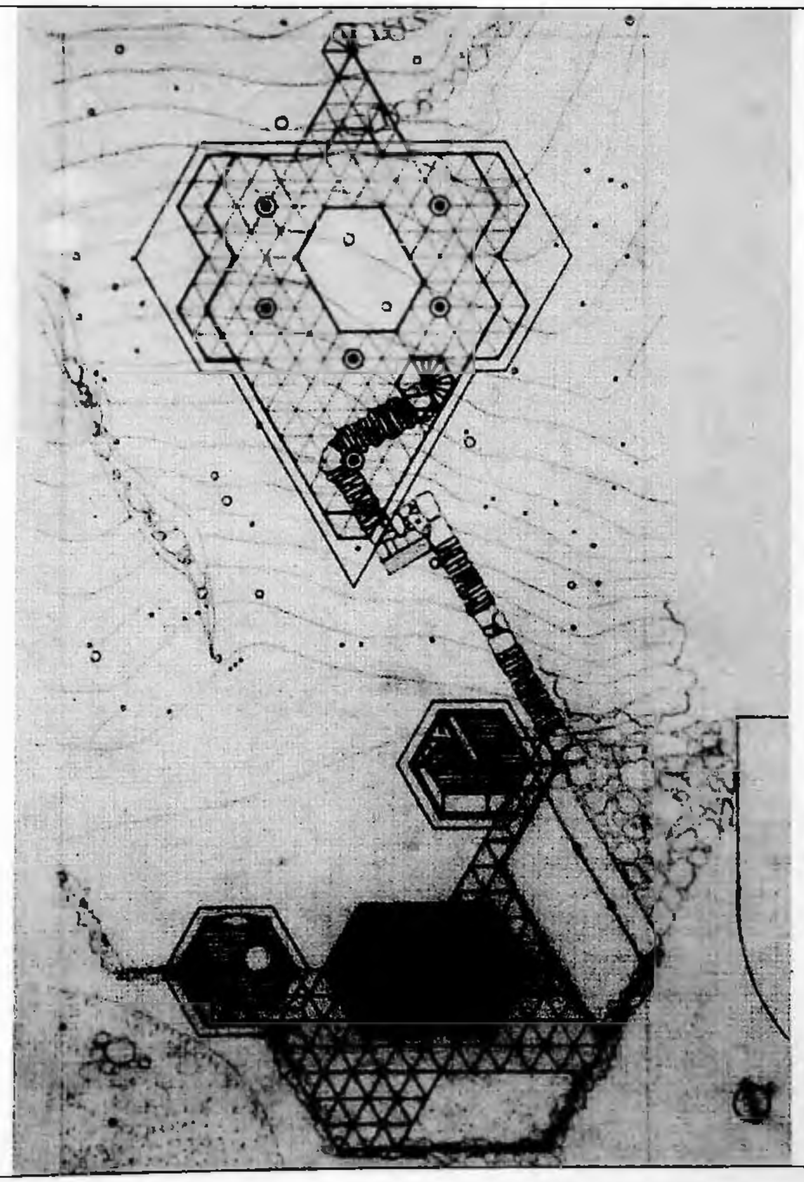
CARAMELO: Parece que o projeto desta casa dá continuidade a uma série de outras, em que você utiliza a madeira industrializada como elemento básico. Porém neste você introduz um módulo triangular, lembrando alguns exemplos do Wright, talvez a Hanna House. Mas não surgem aí certas complicações, não só a nível de desenho como de execução?

ACAYABA: O Wright, na Hanna, fez um módulo hexagonal. Depois ele abandonou esse módulo e passou a usar o módulo triangular, o triângulo equilátero, que é muito melhor, muito mais flexível. Mas não tem problema nenhum de execução e dá um rendimento muito grande. É um terreno pequeno, difícil, uma implantação muito complicada. Eu tenho 200 metros quadrados nessa casa. Confortável, tem bastante coisa aí. Quer dizer, essa geometria tem um potencial bom de rendimento de espaço, de circulação, que flui melhor, mais fácil de arrumar e muito natural como estrutura. Você pode imaginar que esse mesmo princípio de estrutura numa geometria ortogonal seria muito mais difícil. Os balanços seriam maiores, o problema de travamento na horizontal também. Essa figura já é "auto-travada". O triângulo é indeformável (aquela casa do Morumbi tem tirantes na horizontal, cabos em todos os pisos, para não deformar na horizontal).

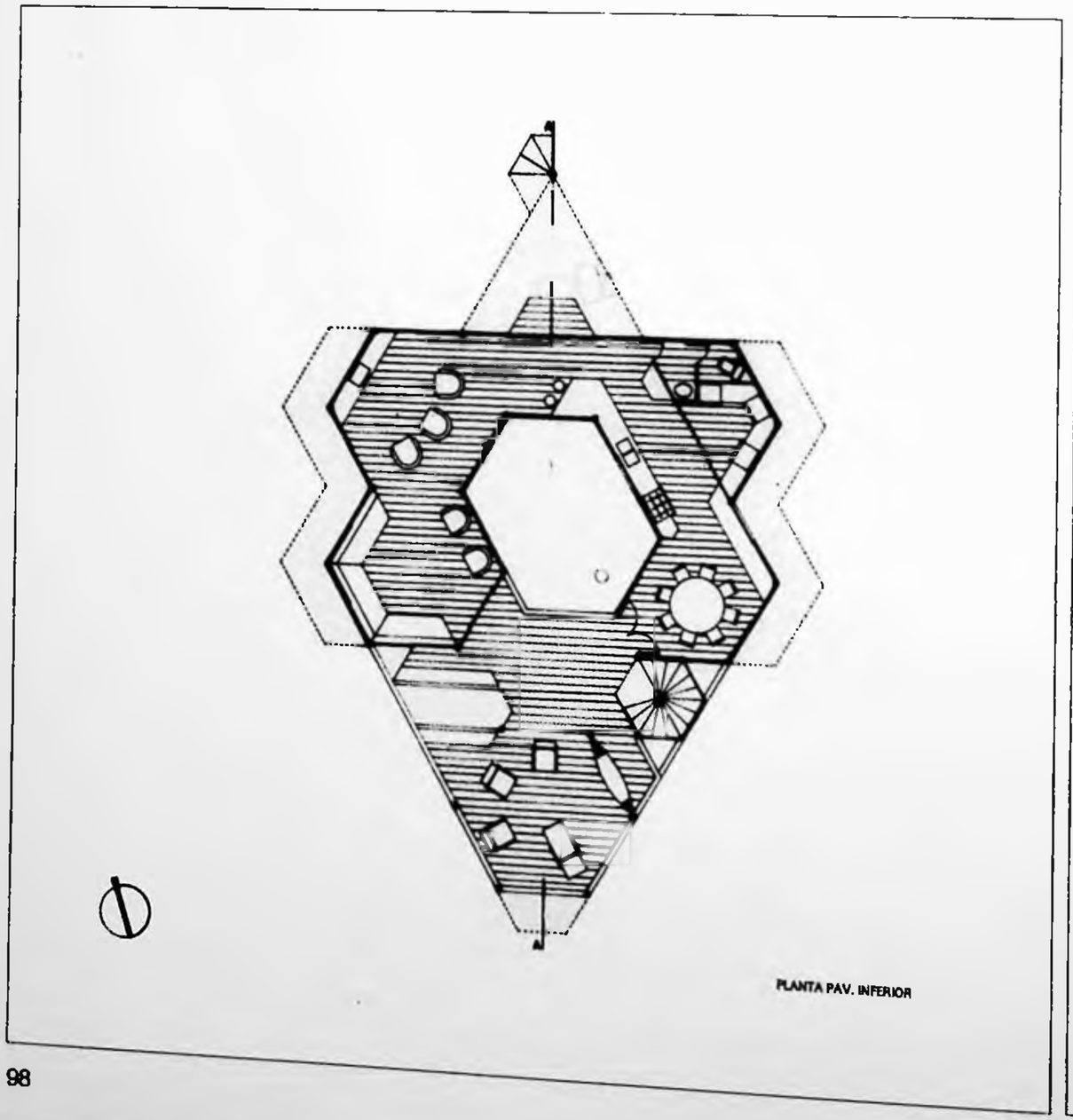
Agora, a aproximação com o Wright é antiga. Na época da escola, era engraçado, ninguém estudava Wright, ele estava no "index", sabe? Era só Le Corbusier. Mies Van der Rohe também era visto com reserva. Só Le Corbusier. Gozado, nem na biblioteca tinha muito livro do Wright. Tinha um que era muito visto, o das perspectivas dele. E eu pensava: "- Mas porque é que esse cara não é bom?". Eu ouvi uma vez o Artigas fazer uma argumentação contra as posições do Wright no urbanismo, que acabava com ele: "-... é um reacionário, porque a cidade que ele propõe é a anti-cidade."

CARAMELO: A volta ao feudalismo.

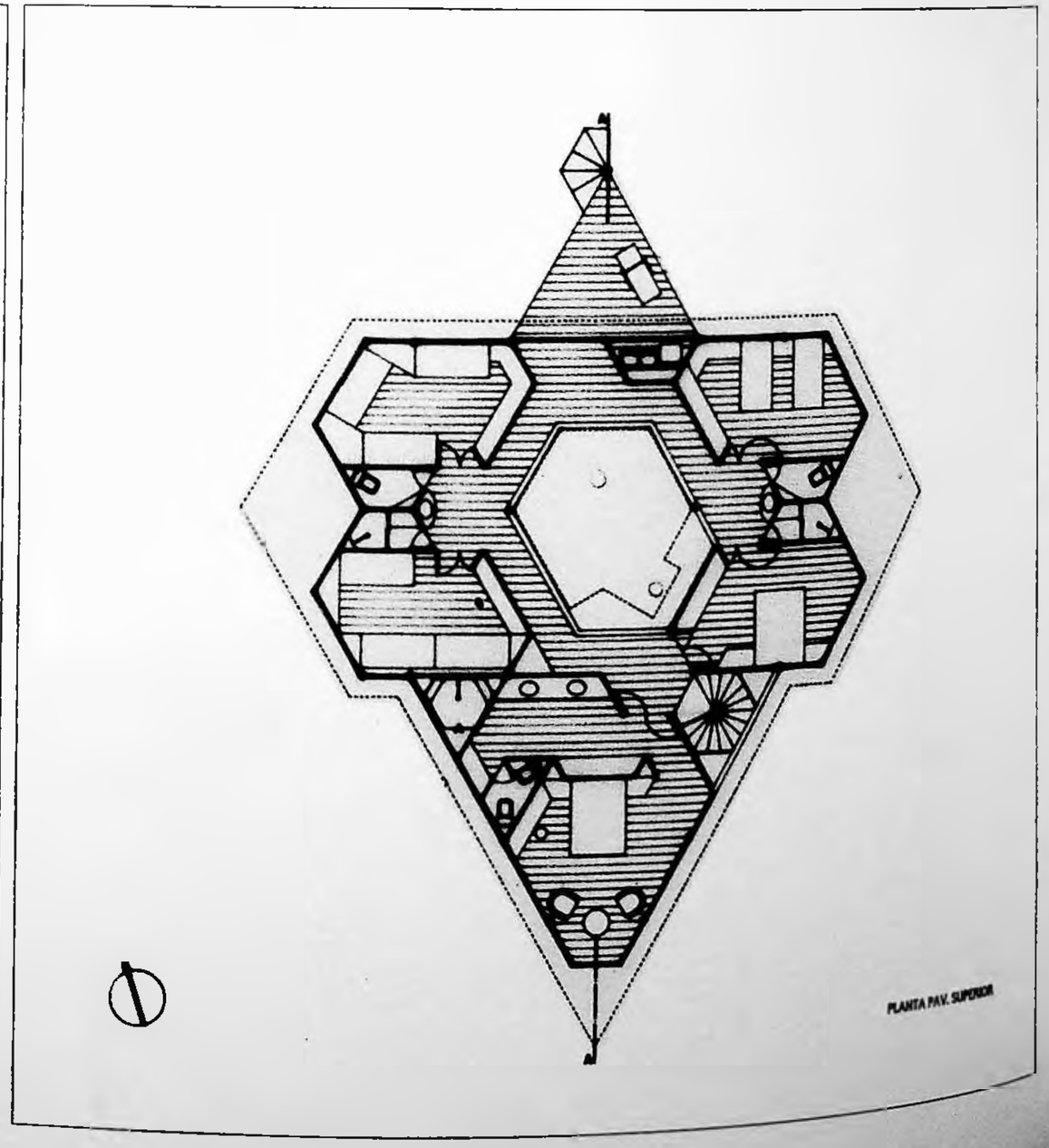
ACAYABA: Exatamente. Por causa disso, o Wright estava fora de questão. Mas, engraçado, a gente adorava a obra do Artigas, e ele, diretamente no começo fez arquitetura wrightiana para valer, no modelo das Prairie Houses: telhados, balanços, aquela coisa toda. Com o tempo, a gente amadurecendo, chega à conclusão que o Artigas nunca deixou de ser wrightiano. A gente percebia. Desde a "Garagem de Barcos", que é puro Frank Lloyd Wright. O Wright nunca desenhou aquilo, mas tem o embasamento dele. O jeito de implantar um volume de estrutura lógica sobre um elemento natural mais pesado é Wright, certo? A FAU mesmo, tem muito de Wright: iluminação zenital, tipo de circulação, continuidade de espaço, aquela coisa toda. E mesmo o caráter simbólico dos elementos de estrutura. O Wright nunca deixou de fazer uma coisa que à primeira vista parece decoração, mas que na verdade não é. É um elemento estrutural necessário, desenhado de tal forma que funciona com a lógica estrutural, mas que tem caráter simbólico também.



IMPLANTAÇÃO



PLANTA PAV. INFERIOR



PLANTA PAV. SUPERIOR

Como os pilares das fachadas da FAU.
Agora, o arquiteto Wright é maravilhoso. Do começo ao fim da obra, ele é fundamental. Ele mudou a arquitetura moderna. Não, ele mudou os arquitetos que vieram a ser modernos. Eles deram uma virada na hora que viram uma exposição do Wright, em 1912. O Wright é engraçado, como ele nunca teve estilo, ele fez de tudo, usou todo tipo de tecnologia, de material, de linguagem. Wright não é um arquiteto de fazer modelos para serem copiados. Ele tem um método. Por não ter estilo ele nunca teve imitadores bem sucedidos. É muito difícil imitar, copiar o Wright. Têm raros exemplos de wrightianos bem sucedidos. O Artigas é um último exemplo, porque tem aquela questão de método, ele nunca fez (só no começo) a linguagem do Wright.

CARAMELO: Você mencionou que durante o seu período de estudante na FAU, a obra de Wright era vista com muita reserva, apesar de identificar a influência desta obra na arquitetura do próprio Artigas. Você acha que essa reserva resultava de problemas políticos?

ACAYABA: Não, não eram políticos. É um problema teórico e ideológico no urbanismo, na maneira de ver a cidade. O Wright tinha uma posição e o Artigas era contra isso.

CARAMELO: Nesse período em que você estudou na FAU havia um clima de discussões e de polarização em torno de algumas idéias. Gostaríamos de saber como você analisa esse período, e o reflexo disso na formação arquitetônica não só sua como de toda sua geração.

ACAYABA: Na FAU, todo mundo era de um lado só, não havia polarização lá dentro. Mas era um momento político muito difícil, complicado, muita repressão. Mas na FAU, num momento como esse, havia menos de meia dúzia de reacionários. É claro que mesmo na FAU isso existia. Entre professores em maior número, entre alunos, em menor número. O resto, estava num espectro político que ia do centro até a extrema esquerda. Estava todo mundo do mesmo lado, contra a ditadura.

CARAMELO: Estávamos nos referindo a uma polarização dentro da própria esquerda. No começo da década de 70, aparecem aquelas revistas de estudantes, a "Desenho" e depois a "Ou_". Você não acha que isso é um reflexo do que estava acontecendo nesse período?

ACAYABA: Teve um momento que foi 68, ou melhor 67. Ele se refletiu dentro da escola em 68, mas em 67 teve o que se chamou "racha do partido". Duas posições se separaram, inconciliáveis, e membros dos dois lados existiam também dentro da escola, passando a ter posições opostas. Dando nomes aos bois era o Artigas de um lado e o Sérgio Ferro do outro. O que eram essas posições? Vocês sabem, mas é o seguinte: o Sérgio Ferro representava o grupo que decidiu partir naquele momento pra luta armada. Antes de mudar o regime e a sociedade, não interessava fazer arquitetura. Fazer pra quê? Fazer arquitetura seria compactuar com o regime. Enquanto o outro lado viu a coisa mais a médio e a longo prazo, dizendo que não, que nós tínhamos que resguardar certas conquistas e continuar trabalhando. Foi uma loucura total, porque o pessoal partiu pra luta armada_ uma luta perdida de antemão. Com isso a gente perdeu um monte de gente importante, foi uma tristeza, e acabou.

CARAMELO: Mas a você estava se formando nesta época_

ACAYABA: É, eu estava no quinto ano em 68, mas em 70 eu comecei a dar aula, e estava no auge de tudo isso. Então tinha pelo menos metade da turma que se negava a fazer qualquer coisa. Era um vazio completo. Tinha muito pouca gente que frequentava a escola. Eu acho que já está mudando. Eu sei porque vejo o trabalho dos alunos. A escola já não é mais aquela dos anos 70, certo? Mas nos anos 60 era uma maravilha, a figura central era o Artigas mesmo, grande figura_
Eu nunca contei isso pra registro, mas tive uma sorte fantástica. O segundo ano foi o primeiro em que a gente teve projeto pra fazer. O tema era uma biblioteca infantil. Num mês eu estava com a maquete pronta. Era um projeto criativo, muito bem feito

(era uma grande laje quadrada com quatro pilares em tronco de pirâmide em torno do pátio central). Botei a maquete em cima de uma das mapotecas que dividiam o segundo do quinto ano. O Artigas se interessou por aquela maquete. Começou a olhar, deu uma volta e parou do meu lado (eu sabia que ele era um bom arquiteto, mas não realizava, ainda, quem era o Artigas): "Escuta, essa maquete aqui está muito boa, viu?" Começou a discutir comigo e foi assim até o fim do ano, discutindo questões de design, design de arquitetura, de todas as coisas. O Artigas com os alunos dele do quinto ano, tratava de outras temas, num nível mais amplo, mais geral. Comigo ele tinha outra conversa: "Você está fazendo esses 4 pilares_ eu já fiz coisa assim, é assim que se costuma fazer, ainda mais essa forma que você está fazendo. Poxa, mas pra que isso daí? Isto é uma biblioteca infantil, fico imaginando_ Até gostaria de fazer, não fiz ainda, mas numa situação como essa, um elemento como este pilar tem outro peso, simbólico. Imagine um tótem no lugar desse pilar. Fazer um tótem_ Que beleza! Aqui você faz outro tótem! Então as crianças vão dar um nome pra este, um nome pra aquele_" (Bom, esse velho está louco !_). Então, tímido eu disse: "Não, eu gosto assim mesmo, acho que tá muito bom desse jeito.". "Bom, tudo bem, você acha. Eu gostaria de fazer uma coisa assim.". Logo depois, ele fez aquela casa que tem uns troncos de árvores segurando a laje e, por acaso, o engenheiro que fez aquela obra foi o mesmo que construiu minha casa. Ele me contava: "O Artigas era um sujeito fantástico. Além de botar aqueles troncos de árvores, sabe que tinha um tronco que ele chamava de Joãozinho_ Ele dava nome aos troncos!" Você vê, essa coisa do desenho, do caráter semântico, dos símbolos , o Artigas colocava tudo isso claramente. Eu não tinha nível pra entender tudo, mas eu tive esse professor desse jeito por sorte, porque depois só fui ter aula com ele no quinto ano, quando ele foi cassado. Artigas era determinante na escola. Volta e meia a gente procurava criar uma situação pra fazê-lo falar (uma situação qualquer), e o Artigas falando era uma coisa maravilhosa. Ele tinha veemência, uma alma, uma coisa fantástica. E quando o Artigas ia falar, as pessoas ficavam sabendo, ia todo mundo do Mackenzie, juntava muita gente. Era incrível.

CARAMELO: Estávamos falando das diferenças da FAU na década de 60 e 70. Sabemos que os anos 60 no Brasil se caracterizaram pela definição de correntes artísticas e culturais muito marcantes, o que não ocorreu nas décadas seguintes. Que avaliação você faz da produção arquitetônica nos últimos 20 anos.

ACAYABA: A década de 60 era a da arquitetura de teses. Havia uma perspectiva de desen- volvimento do país, que vinha dos anos 50. No fundo, o arquiteto trabalha com programas, e quem faz os programas é a sociedade. Os programas eram adequados e corretos à nossa realidade. E os arquitetos respondiam a esses programs assim formulados com uma estética progressista, onde havia muita experimentação a nível de racio- nalização da construção, racionalização dos próprios espaços, havia essa preocupação da célula familiar, por exemplo. Na década de 60 se fez muitas casas, e cada casa era um ensaio, modelo da organização da família perante a sociedade, a cidade. Um ótimo exemplo é a casa do Paulo Mendes da Rocha, que tem esse trabalho com o espaço da família. Nos anos 70, os programas mudaram completamente. Pegaram de cara o período do milagre brasileiro. Houve um rápido enriquecimento de muitas pessoas, muito novo rico. Então, na área de casas, houveram produções onde essas teses foram um pouco esquecidas e o que se fez foram as grandes estruturas. O que restou foi a perspectiva de ensaiar na casa o edifício público. Os desenhos desse momento, em geral, foram exagerados e não acrescentaram quase nada. Ainda nos anos 70, 80, houve casos de gente fazendo uma arquitetura singela, mais próxima dos anos 60, e que está valendo ainda hoje. Tem muita coisa horrível, principalmente nessa área de arquitetura bancária. Agora, não deixou de serem feitas coisas boas, mas no todo não se avançou. Mesmo tendo todo o meu trabalho profissional sido feito nesse período 70/80, volta e meia eu me vejo voltando aos projetos dos anos 60.
Às vezes arquitetos estrangeiros que me procuram, e a gente mostra as coisas que tem por aí, em são

EDITORIA Caramelo. ACAYABA. (Entrevista c/ Arq. Marcos Acayaba). *Caramelo*, FAU USP, São Paulo, n.3, p.6-13, out. 1991.

Paulo, e o pessoal se interessa muito por essa arquitetura dos anos 60. Foi um momento, em São Paulo, muito fértil, muito importante. Não é que não sabemos mais fazer, que deixamos de fazer, não é isso. Vê como são bons os prédios de apartamentos dos anos 50/60. Os apartamentos que nós podemos fazer hoje, de cara já saem perdendo. É a tal história: produto que é anunciado nas placas assim: 4 suítes, 4 vagas na garagem, churrasqueira, sala íntima, numa planta de 200 metros quadrados. É muito difícil conseguir qualidade de espaço numa hora dessas. O produto final reflete isso aí. Essa é a situação da nossa sociedade. Essa é uma coisa muito óbvia: a arquitetura corresponde, no caso de uma casa, ao cliente, e no todo corresponde à sociedade. É uma sociedade que não consegue acabar a construção de um museu, como aquele do Paulo (Museu da Escultura), que está lá daquele jeito. No fundo parece uma bandeja pedindo esmola: "Por favor, nossas constribuições.". É isso que tem naquelas placas. A coisa não anda, é uma loucura!

CARAMELO: Queríamos voltar numa pergunta que se relaciona com este projeto que você mostrou. Sua obra demonstra uma grande perseguição técnica, que percebemos através da pluralidade de materiais que você usa nos seus projetos. Queríamos que você falasse sobre isso. Que significado isso tem na sua obra?

ACAYABA: Isso é tão simples! Cada caso pede um material. Eu me coloco numa posição de sempre enfrentar cada caso como se fosse o primeiro. Na hora que começo a pensar, chego no terreno, olho, converso com o cliente, essa coisa toda. No caso desta casa, um canteiro de obras de concreto, por exemplo (formas, cimbramento, o concreto sendo levado em altura), arrasaria essa mata. Então, aqui eu acho que a solução certa é usar madeira, por que faço isso na fábrica. É leve e fácil de transportar. É questão de estratégia. É como se fosse uma equação, nada é de ordem subjetiva. Até poderia ser, de repente eu quero madeira porque é um ser vivo. Pode até ser, também, isso é uma hipótese da minha cabeça. Outro dado é a questão de paisagem do terreno, a geografia toda, que interfere na escolha do material. Outra coisa é o programa.

Todo material é bom, no lugar certo, trabalhando certo. É a questão de você considerar o material como um ser do seu universo, que participa do mesmo tempo, do mesmo mundo que você. Temos que considerá-lo com o maior respeito, não colocá-lo numa situação ridícula. Essa é minha visão. Acho que o material só tem vida plena quando trabalha. O material que estou usando, com toda a consideração, tem que trabalhar plenamente. Uma maneira de você pensar a beleza, é isso. Aquele lugar onde nada sobra e nada falta. Agora, tem material que eu não usei ainda, tomara que eu tenha chance de usar.

CARAMELO: Em relação ao uso do concreto armado, parece que havia uma crença de que esse material viabilizaria o discurso de uma arquitetura comprometida com as questões sociais. Mas hoje esse discurso não começa a se inviabilizar?

ACAYABA: Não acho, não. Acho que o erro foi pensar que o concreto era a única solução. Não é culpa do concreto.

CARAMELO: Mas havia essa questão social implícita na tecnologia. Não era comum o arquiteto optar por outros materiais, prevalecia o uso do concreto armado.

ACAYABA: Esse exagero chegou a tal ponto da coisa virar moda. Concreto aparente passou a ser moda. Era "chic". Isso que vocês estão levantando talvez seja em função do tratamento de um material único. Concreto como o material único da construção. Que é uma solução. Mas a origem disso vai mais longe: é aquela visão modernista dos anos 20, que seria a arquitetura semelhante ao produto feito pela máquina. Como caixas extrudadas, cuspidas por uma imensa máquina. O Corbusier ia por aí. O Wright era o oposto, a arquitetura da máquina é a do componente industrializado pequeno. Não importa. A arquitetura da caixa de concreto é magnífica. Uma beleza. Acho até que é a que mais me emociona. Porque você vai ter espaço, forma, volume puro e tudo com uma unidade de material. Um material tão bonito, tão verdadeiro, expressivo.

Ficha Técnica

Projeto:Marcos Acayaba
Proprietário:Ricardo Baeta
Local:Guarujá - São Paulo
Data:1991

Fernando Hugo Rodrigues

TRAÇO maior: o XIII Congresso Brasileiro de Arquitetos reúne 4,6 mil pessoas, premia profissionais expoentes e dá um show de atividades paralelas. *Construção São Paulo*, São Paulo, n.2285, p.17-9, 25 nov. 1991.

ARQUITETURA

Traço maior

O XIII Congresso Brasileiro de Arquitetos reúne 4,6 mil pessoas, premia profissionais expoentes e dá um show de atividades paralelas

JOSUÉ LIMA

Depois de um jejum de seis anos — o anterior foi em Belo Horizonte-MG, em 1985 —, o XIII Congresso Brasileiro de Arquitetos Lúcio Costa reuniu no Parque de Exposições do Anhembi, em São Paulo, de 28 de outubro a 2 de novembro, 4.600 participantes, sob o tema maior "Arquitetura, Cidade e Natureza". Na solenidade de abertura, o IAB-Instituto de Arquitetos do Brasil entregou o título de arquiteto honorário a Roberto Burle Marx e a José Zanine Caldas.

Além dos debates, o congresso organizou uma série de exposições no Masp-Museu de Arte de São Paulo, MIS-Museu da Imagem e do Som, na FAU/USP e no Memorial da América Latina, entre outras. Um dos eventos paralelos, o Projeto Tietê — uma exposição com fotos e maquetes sobre como foi, como é e como poderá ser a bacia do no Tietê — inaugurou um novo espaço para a cidade de São Paulo, o Museu Brasileiro da Escultura. Foi organizada também uma bateria de cursos, que foram ministrados no Mackenzie, um ciclo sobre arquitetura no cinema e uma série de projeções sobre a produção arquitetônica paulistana. Um passeio monitorado levou convidados estrangeiros e de outros Estados para conhecer a arquitetura contemporânea de São Paulo, como o Memorial da América Latina, do arquiteto Oscar Niemeyer, o Museu Brasileiro da Escultura, do arquiteto Paulo Mendes da Rocha, a estação do largo 13, do arquiteto João Walter Toscano. No percurso, visitaram o Terra Brasilis, de Jorge Königsberger e Gianfranco Vannucchi; a Phillips, de autoria do escritório Aflalo e Gasperini; o River Park, de Botti e Rubin, e vários projetos de Carlos Bratke na avenida Luís Carlos Berrini. Houve, ainda, lançamento de livros, noites de autógrafos e apresentação de teses. O congresso contou com o apoio oficial da Prefeitura de São Paulo, que organizou uma série de atividades, como painéis de debate sobre Plano Diretor, Código de Edificações, Habitação e Operações Urbanas.

Premiações — Como o próprio nome do congresso frisou, o grande homenageado do evento foi o arquiteto Lúcio Costa, parceiro de Oscar Niemeyer no projeto de Brasília. O mestre do modernismo reencontrou São Paulo depois de 54 anos. Ele conheceu a cidade em 1937, "repleta de casas urbanas com grandes beirais, hoje edifícios altos e estreitos. A diferença é tão brutal que é difícil acreditar que se trata da mesma cidade", ponderou. Só mesmo um congresso que levou o seu nome poderia motivá-lo a deixar o Leblon, no Rio, e vir a São Paulo fazer a abertura do evento. E como mestre reconhecido, Lúcio Costa comentou: "Quando se fala em urbanismo, só existe uma certeza: a realidade nunca corresponde ao que foi concebido. As cidades devem crescer sem intervenções urbanísticas. Não adianta planejar; é preciso ter mais confiança na espontaneidade".

Lúcio Costa não foi a única estrela da arquitetura a ser homenageada. Na sessão de encerramento do congresso foi revelado ao público o resultado da eleição direta que escolheu os três arquitetos mais representativos nos 70 anos do IAB. Escolhidos por votação em cupons encartados nas revistas Construção e AU e em volantes distribuídos durante o evento, receberam o Prêmio Pini/IAB os arquitetos Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi e Vilanova Artigas, além do próprio Lúcio Costa, também indicado. Foram recebidos votos de todo o Brasil e foram quatro os ganhadores porque, praticamente houve empate entre eles.

O arquiteto paulistano Marcos Acayaba foi escolhido para receber o Prêmio Fundação Vilanova Artigas-Asfaltadora Brasileira, como reconhecimento publicr

Lúcio Costa, o homenageado do evento

Retorno a São Paulo depois de 54 anos

pelo conjunto de suas obras. Formado pela FAU/USP, em 1969, Acayaba já recebeu vários prêmios. Materializado numa placa de prata e em um valor equivalente a 3 mil dólares, o prêmio, na sua opinião, é um estímulo "que dá força para suportar tarefas mais complicadas que vêm por aí". O arquiteto indica o caráter de sua obra, associado à busca de pesquisas tecnológicas, sociológicas e artísticas. "Não costumo repetir experiências. Cada caso requer uma série de novas pesquisas", afirmou Acayaba, que afinal devolveu o prêmio em dinheiro à fundação.

Criada em 1986, a Fundação Vilanova Artigas faz pesquisas e divulga a arquitetura brasileira, ao mesmo tempo em que resguarda o acervo do arquiteto paranaense falecido em 1985, João Vilanova Artigas. Uma exposição sobre o acervo de Artigas já circulou por várias cidades brasileiras, esteve na Bienal de Arquitetura de Buenos Aires e se prepara para ir a Cuba. As pesquisas da Fundação sobre a arquitetura brasileira já renderam algumas publicações, entre elas a que foi lançada durante o XIII Congresso Brasileiro de Arquitetos: "Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro", coeditada pela Editora Pini. Outros livros que resultaram de pesquisas são "Caminhos da Arquitetura" e "A Função Social do Arquiteto", de autoria de Artigas, e "Depoimentos de uma Geração", com artigos e textos dos principais arquitetos do Brasil.

Paisagista Burle Marx

Prêmio de arquiteto honorário do IAB

Tietê — Ratificando o movimento crescente pela recuperação do mais importante rio de São Paulo, o congresso promoveu a exposição Projeto Tietê no Museu Brasileiro da Escultura. O evento paralelo confirmou mais uma vez o interesse da sociedade pelo tema, já que uma recente pesquisa constatou que o destino do rio preocupa 90% da população da capital paulista. A mostra foi dividida em três etapas: "Paisagem Perdida", composta de fotos antigas, quando o rio era um espaço de lazer; "Paisagem Atual", um levantamento do rio nos dias atuais com fotos aéreas, e "Paisagem Projetada", na qual se pode ver a contribuição recente dos arquitetos interessados em transformar o rio e seu entorno num elemento vivo. Esta última etapa foi apresentada por meio de diversos projetos, principalmente a partir da década de 60.

Na exposição, o alinhavo histórico situou a primeira preocupação com o Tietê já em 1930, quando Prestes Maia criou o Plano das Avenidas, imaginando um rio navegável e, ao lado das vias projetadas, conjuntos monumentais, quadras esportivas e linhas de estrada de ferro. O que restou de prático do projeto foram as marginais e a Ponte Grande, hoje batizada de Ponte das Bandeiras.

Em outro momento, 1967, o arquiteto Jorge Wilheim, hoje presidente da Emplasa-Empresa Metropolitana de Planejamento, se aventura pelas águas turvas do rio e elabora um plano de reurbanização do Vale do Tietê, com a implantação de áreas verdes e a criação de vias, chamadas Trans-Tietê. O projeto de Wilheim ficou só na maquete. Foi mostrado na exposição com o título "Reurbanização do Vale do rio Tietê".

Dez anos depois do projeto de Wilheim, Ruy Ohtake elaborou o plano de criação do Parque Ecológico do Tietê, projeto que teve um aproveitamento de 20 por cento. Em 1986, Oscar Niemeyer imaginou uma área verde com 10 milhões de metros quadrados, compreendendo parques e jardins, locais para a prática de esportes, habitações, escritórios, centro cívico e cultural. Para a execução do Parque do Tietê, Niemeyer previa muitas desapropriações e demolições. Não é preciso dizer: ficou no papel.

O arquiteto Décio Tozzi elaborou em 1988 o Projeto do Rio Novo, que previa a retirada das marginais, substituídas por enorme calçadão, com área gramada e árvores de sombra, ciclovia e quadras de esporte. Paulo Mendes da Rocha, autor do projeto do Museu Brasileiro da Escultura, também se aventurou pelo rio. Seu projeto, chamado Cidade no Tietê, prevê a navegabilidade do rio, integrando-o ao transporte ferroviário. O projeto Edifício-Ponte, do arquiteto Marcos Acayaba, propõe a retirada do tráfego pesado das marginais, cria um espaço totalmente reurbanizado. Cada empreendimento, em troca do direito de construir, seria responsável pela execução e manutenção do seu setor de influência, que teria via expressa rebaixada, avenida de trânsito local e tratamento paisagístico das margens do rio.

Arquiteto Marcos Acayaba

Obras premiadas pela Fundação Artigas

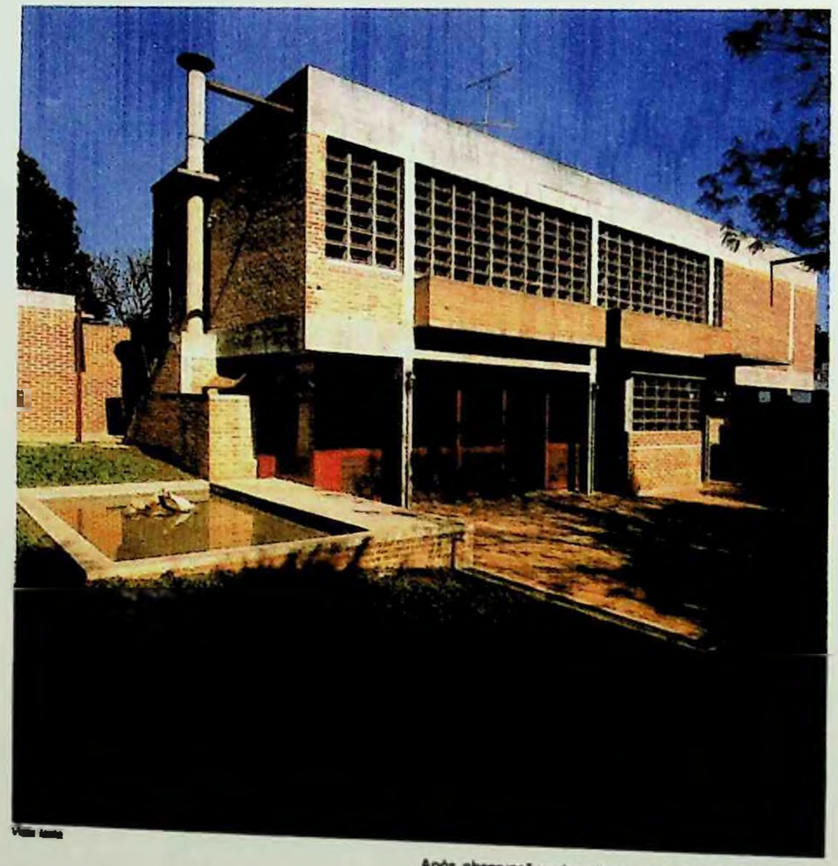
Por fim, além dos projetos, fizeram parte das propostas contidas na exposição Projeto Tietê a recuperação de trechos do rio, a despoluição, a articulação entre as cidades nascidas ao longo das ferrovias e a bacia do rio, as usinas hidrelétricas, as eclusas e a agroindústria.

Função da arquitetura — Como era previsto, o congresso não deixou de tratar, no âmbito das conferências, a função social e a própria formação dos profissionais de arquitetura. Dos painéis participaram convidados brasileiros e estrangeiros, que expuseram, entre outros tópicos, a falta de horizontes nas relações internacionais, sobretudo entre o Primeiro e o Terceiro Mundo, a eterna discussão sobre o papel do arquiteto na sociedade, na qual se contrapõem, dentro da arquitetura, as visões da arte e da técnica, e, ainda, o destino do Movimento Moderno, defendido particularmente por Lina Bo Bardi, para quem a base da arquitetura moderna é a importância de o profissional se ligar às necessidades humanas. "A beleza tem de existir, mas, antes, a arquitetura deve servir à comunidade", concluiu Lina. □

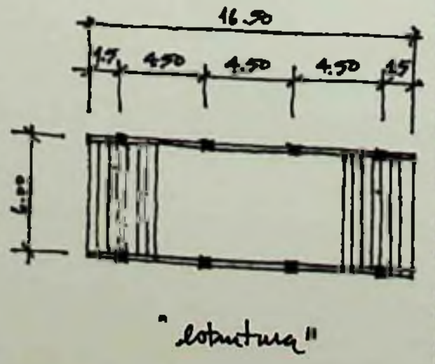
RESIDÊNCIA Hugo Kovadloff. *Projeto*, São Paulo, n.147, p.54-7, nov. 1991.

Residência Hugo Kovadloff

Projeto
Marcos Acayaba
Local
São Paulo, SP
Fotos
Eduardo Castanho



Vista lenta



"estrutura"

Após observações dos clientes sobre o primeiro estudo, além de minhas intervenções e propostas para a casa e das condições "geográficas" (topografia, orientação, paisagem e subsolo) do terreno, resultou este segundo estudo, em maio de 1985.

1. Estrutura econômica - O subsolo de fundo de vale e com lençol de água pouco profundo vai obrigar o uso de estacas de 10 m de comprimento. As mais econômicas são as pré-moldadas de concreto. Seu transporte e as manobras necessárias para colocá-las em pé para cravar fazem que, com esse comprimento, tenham uma secão de 20 x 20 cm. Esta corresponde a uma resistência para 20 t. Por outro lado, a área prevista no programa dos clientes obriga que tenhamos ao menos oito estacas dessas para suportar sua carga. Assim, procurei equacionar esse dado com a vontade de resolver a obra com vãos sensatos (6 m no máximo) e elegi o esquema estrutural.

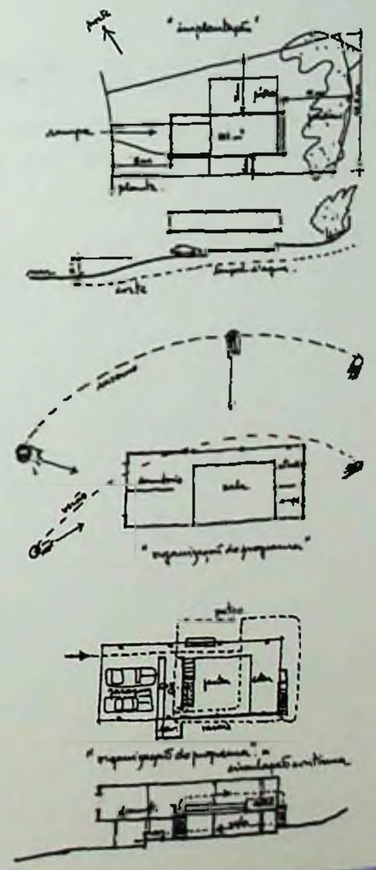
Serão oito pilares de concreto de 20 x 20 cm, que correspondem às oito estacas necessárias e sustentam duas vigas longitudinais com 4,5 m de vão e 1,5 m de balanço. Sobre estas apóiam-se lajes nervuradas com 6 m de vão fundidas sobre tijolos cerâmicos (caixões perdidos). Tudo parece bem razoável e econômico.

2. Implantação adequada no terreno - O retângulo resultante da estrutura (16,5 x 6 m), se implantado no lado sul do terreno (respeitado o recuo lateral obrigatório de 2 m), deixa para o norte espaço mais que suficiente para a insolação e conveniente para a vida ao ar livre, e para leste área para um generoso jardim arborizado. Para oeste, a rua dá a distância necessária para a rampa que vai levar os carros junto à cota do piso térreo, elevado 2 m acima da calçada (providência necessária em face das enchentes eventuais e do alto nível do lençol de água subterrâneo). Como os clientes queriam desde o início, a área ocupada vai ser pequena (106 m²) e corresponde a apenas 1/5 do terreno.

3. Organização lógica do programa - A área de uso coletivo (estar, jantar e estúdio) deve se orientar para nordeste, o sol da manhã, para que durante todo o dia esteja bem iluminada e se mantenha aquecida até parte da noite no inverno, quando o sol passa mais baixo nessa face. Já os dormitórios (contíguos como pediram) se voltados para noroeste pegarão o sol da tarde e guardarão o calor noite afora. Serão, entretanto, necessárias precauções contra o sol poente de verão na proteção das janelas.

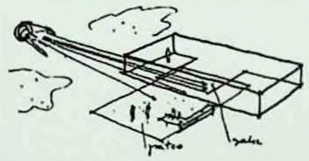
A área de serviço (cozinha e lavanderia) deve ocupar posição contígua à garagem para facilitar o transporte das compras que chegam, a visão e o atendimento ao portão. Igualmente contígua deve ser sua relação com a sala de jantar e a escada que sobe para o piso superior. Assim, a área de serviço vai ficar entre a garagem aberta, na frente, e a sala, no fundo, e será linear (mais eficiente), indo de lado a lado da casa, recebendo o sol de nordeste, com vista para a rua e constituindo um canal para a ventilação cruzada sul/norte. Pelo recuo lateral sul (com varais junto à lavanderia) a empregada chegará à escadinha externa que sobe para as suas dependências no piso superior. Estas abrem também para o interior, para o estúdio/dormitório de hóspedes. Assim, ainda que independente agora, a área da empregada poderá mais tarde ter outra ocupação: fazer parte de uma ala com acesso próprio e completa (dormitórios, banheiro e estúdio) para o filho dos clientes, quando crescer. Desde já fica estabelecida uma circulação contínua (superior/inferior, interior/exterior, social/serviço) através das duas escadas, o que tanto é prático no uso diário da casa como estimulante para uma criança que gosta de correr.

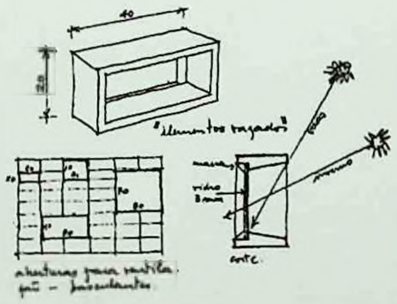
As áreas que correspondem às funções do pavimento térreo - garagem (30 m²), cozinha (15 m²) e sala (55 m²) -, somadas (105 m²), excedem a soma (75 m²) das áreas do

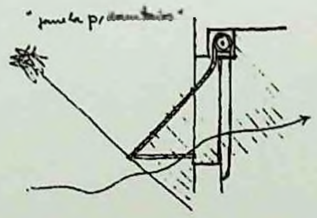


Face noroeste: entrada da residência.

Face sudeste







piso superior - dormitórios (35 m²), banheiros e circulação (20 m²), estúdio (10 m²) e dependências de empregada (10 m²). A diferença de 30 m² corresponde a um vazio para o pavimento superior, pé-direito duplo para a sala, a integração entre as funções dos dois pavimentos e, fundamentalmente, o espaço por meio do qual o sol de norte e nordeste vai banhar praticamente toda a casa. Esta vai, portanto, abrir-se francamente para o lado nordeste, deixando que se constitua uma grande sala com piso ampliado - a soma do espaço interior com um pátio devidamente equipado com churrasqueira, pia e mesa para refeições ao ar livre.

4. Obra simples e econômica - A construção poderá ser bem despojada. A estrutura de concreto e as alvenarias de tijolos de barro não serão revestidas nem reboçadas, mas sim totalmente pintadas segundo cores diversas que poderemos ensaiar em maquete. As instalações hidráulicas (salvo o banheiro da empregada) estarão concentradas numa prumada (caixa-d'água na cobertura, banheiros no piso superior e cozinha e lavanderia no térreo). As instalações elétricas, já que não haverá revestimentos, deverão ficar aparentes.

As aberturas, ainda que sejam relativamente amplas, não serão onerosas: para a quase totalidade da face nordeste, elementos vazados pré-fabricados de concreto para colocação de vidros simples (3 mm), além de permitirem, pelo seu desenho, apenas a entrada do sol de inverno, são o elemento plástico necessário à correta constituição do espaço interno desejado.

Esses elementos vazados terão na obra uma utilização quase genérica, a ventilação sendo resolvida através de basculantes neles inseridos.

As janelas dos dormitórios devem ser do tipo de venezianas de enrolar, daquelas que podem também, quando empurradas, ficar inclinadas para fora, arejar e, ao mesmo tempo, sombrear, o que será necessário no verão.

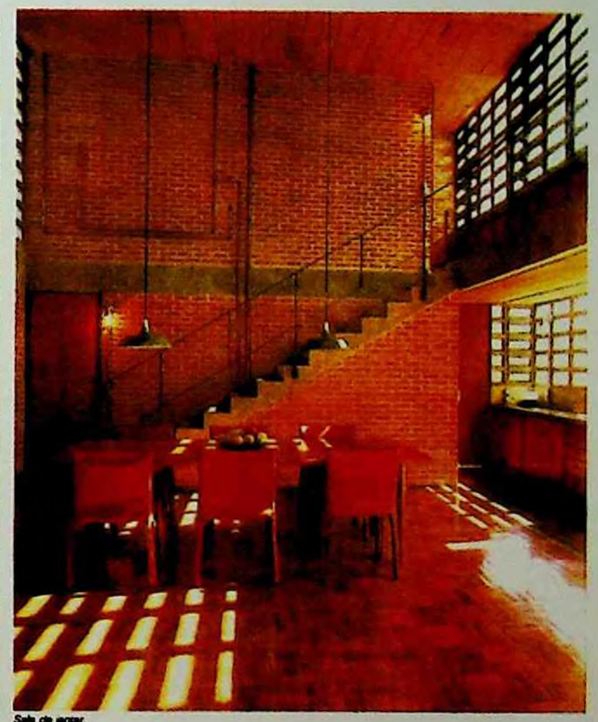
Existem algumas dúvidas quanto ao piso do andar superior (carpete?, tacos?), mas banheiros e cozinha podem ser de cimento queimado, com pigmentos coloridos (e até mesmo suas paredes).

Como qualquer outra, a casa não deixará de corresponder a seus donos. Neste momento, como desde o início, ela se apresenta simples, verdadeira, luminosa, alegre e acolhedora.

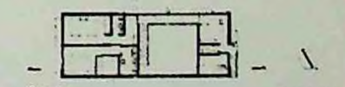
Pátio com equipamentos para refeições ao ar livre

Pormenor da entrada do estar.

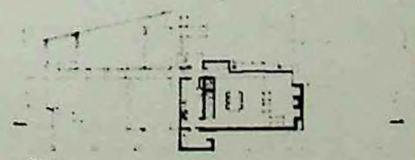
Sala de estar.



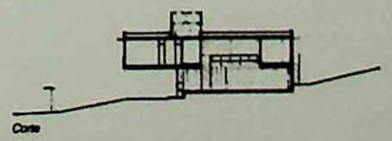
Sala de jantar.



Superior



Térreo



Corte

Estar visto da passarela que conduz ao escritório.

Equipe técnica
Arquitetura: Marcos Acayaba.
Colaboradores: Ioshinori Iiguchi, Tânia Shirakawa.
Estrutura: Alailto G.A. Neto, Antônio Martins.
Instalações: Elip.
Construção: Canpla.
Fotos: Eduardo Castanho.

Ficha técnica
Residência Hugo Kovadloff.
Local: São Paulo, SP.
Data do projeto: 1985.
Data da construção: 1987.
Área do terreno: 520 m².
Área construída: 167 m².